



Universidade Federal de  
São Carlos



Centro de Educação e Ciências  
Humanas

Programa de Pós-Graduação  
em Antropologia Social

WAGNER XAVIER DE CAMARGO

**FUTEBÓIS EM MOVIMENTO:  
SEXUALIDADES, SUBJETIVIDADES E TENSIONAMENTOS  
NO CIRCUITO ESPORTIVO DA CHAMPIONS LIGAY**

Campinas  
2024

WAGNER XAVIER DE CAMARGO

**FUTEBÓIS EM MOVIMENTO:  
SEXUALIDADES, SUBJETIVIDADES E TENSIONAMENTOS  
NO CIRCUITO ESPORTIVO DA CHAMPIONS LIGAY**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Antropologia.

Linha de pesquisa: Antropologia das práticas esportivas: dimensões da ludicidade em contextos comparados.

Orientador:  
Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

Campinas  
2024

Camargo, Wagner Xavier de

Futebóis em movimento: sexualidades, subjetividades e tensionamentos no circuito esportivo da Champions LiGay / Wagner Xavier de Camargo -- 2024. 233f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Luiz Henrique de Toledo

Banca Examinadora: Silvana Vilodre Goellner, Lucas Maroto Moreira, Leda Maria da Costa, Osmar Moreira de Souza Júnior

Bibliografia

1. Futebóis. 2. Coletivos LGBTQIA+. 3. Antropologia social. I. Camargo, Wagner Xavier de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

---

## Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato Wagner Xavier de Camargo, realizada em 06/03/2024.

---

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (orientador)

---

Prof. Dra. Silvana Vilodre Goellner (membra externa)  
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

---

Prof. Dr. Lucas Maroto Moreira (membro externo)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

---

Profa. Dra. Leda Maria da Costa (membra externa)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Prof. Dr. Osmar Moreira Souza Jr (membro interno)  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

## Poema e Dedicatória

sinfonia dissonante, teia invisível

poema em metástase

caos silencioso

um intruso silente, um eco persistente

uma explosão celular, um suplício

enigma da vida

Você, dançando no escuro,

é uma poesia da resistência, um sopro de esperança,

contra o poeta da fragilidade humana

*“A beleza de muitos fractais é ainda mais extraordinária por ter sido completamente inesperada: eles deveriam ser diagramas matemáticos desenhados para ilustrar um ponto acadêmico, e poderíamos ter esperado que fossem monótonos e áridos. Pelo contrário, parece que ninguém fica indiferente aos fractais. Na verdade, muitos consideram seu primeiro encontro com a geometria fractal como uma experiência totalmente nova, tanto do ponto de vista estético quanto científico”*

Benoît Mandelbrot, em *A beleza dos fractais*, 1986, p. 151.

Para minha mãe!

## Agradecimentos e contextos

Fazer qualquer pesquisa de longa duração requer um tanto de tesão. Gostar de estar imerso na pesquisa, de situações inusitadas ou talvez problemáticas, de desenrolar nós teóricos, mas também empíricos, envolve um bocado de energia. Depois disso, equacionar tudo a fim de escrever uma tese de doutoramento demanda disciplina, vontade, tempo. Talvez essa última seja a variável-chave deste trabalho.

Nestes seis anos em que esta investigação se desenrolou muita coisa mudou na temporalidade cronológica da pesquisa e, igualmente, da minha vida: o projeto de pesquisa mudou, um campo empírico se abriu; o mundo se transformou com a pandemia; meus interlocutores cambiaram (de clubes esportivos e mesmo de situações em suas vidas pessoais) e eu mesmo passei por transformações de 2018 até o momento em que finalizo esta tese. O tempo, sorrateiro e ardiloso, cobrou seu preço.

Mudou também o objeto, de um *futebol gay* e assimilacionista ao futebol *LGBTQIA+*, guarda-chuva genérico, talvez ainda em fase de precisão. Mas ele mudou sob o “tempo fractal” dos múltiplos futebolis, que mais adiante rearticularei conceitualmente.

Aliás, esta tese não é minha primeira tese. É a segunda. Todavia, ela tem sua personalidade própria. A primeira, mesmo já com mais de uma década de vida, logo aparecerá nos diálogos aqui encampados. Esta segunda, nasce agora; e foi sendo escrita num contexto de vida bastante distinto (se comparar com o contexto da primeira tese): sem financiamento, sem dedicação exclusiva, demandando de mim sobrevivência e atenção aos familiares ao redor.

As incursões etnográficas que sustentam a base deste trabalho foram também desenvolvidas sem financiamentos. Institucionalmente, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pela ajuda de custo pontual que possibilitou a realização de uma etapa da pesquisa de campo em Belo Horizonte, em 2019, num dos torneios de futebol pesquisado. Todo o restante da pesquisa, incluindo as viagens para outros eventos esportivos, foi realizado com recursos próprios ajuntados ao longo dos anos e uma dose de contribuição de terceiros.

Importante dizer que grande parte deste processo investigativo teve como pano de fundo minha luta pela sobrevivência diária, num Brasilão de Bolsonaro, com restrições a concursos públicos e com contratos temporários e precários de trabalho, sobretudo no meio acadêmico. A

precarização que vivi (vivemos) nas universidades desde a eleição do abominável ex-presidente não se restringiu à falta de insumos básicos para o cotidiano ou falta de verbas para pesquisas. A restrição e o impedimento de concursos e contratos de trabalhos decentes provocaram fuga de cérebros e, quando não, tempos sombrios para pessoas como eu – quem teria, supostamente, privilégios instituídos por ser homem, branco, cisgênero e afins.

Este contexto desolador me provoca a ingressar no segundo doutorado, em Antropologia Social, e a prestar vestibular para uma segunda graduação, em Educação Física, também em 2018. Como me faltava uma coisa e outra, tanto para concursos na área de Antropologia, como nos do campo de Educação Física, eis que apostei nas duas frentes. É bem verdade que achei que não conseguiria ambas, pois universidades públicas não são fáceis para ingressar. Entretanto, com as respostas positivas, diria que minha vida ficou, ligeiramente, tumultuada. Além disso, em meados de 2021 minha mãe descobriu um câncer metastático e os cuidados com ela acabaram recaindo sobre mim, único filho “solteiro”, que “só estuda” e que não tinha família consolidada.

Estes são os bastidores nos quais produzi esta segunda tese. Algumas pessoas me ajudaram muito e precisam ser mencionadas aqui. Agradeço a todas elas, que nestes últimos 6 anos me ofereceram uma “força” para continuar (muitas vezes sem nem entender o que era um doutorado), ouviram minhas histórias e aventuras nos campos de futebol *society* ou ainda, fizeram pequenos gestos que me facilitaram a vida. Em primeiro lugar, agradeço a uma pessoa se tornou pivô de um incentivo diário: Luan Alves, meu namorado-marido-amigo, e que pulou de cabeça em alguns debates, em algumas referências, me fazendo pensar como explicar para alguém de fora do campo de pesquisa tudo o que via e registrava. Agradeço seu apoio, sua curiosidade, suas perguntas inquietantes e, por vezes, “exquisóticas” (em seus termos), quando falávamos sobre o tema, e mesmo sua ajuda com algumas pesquisas exploratórias.

Listo agradecimentos também às/aos amigas/os que acompanharam os dilemas constantes, sempre em conversas incentivadoras ou mesmo engraçadas: Michelle Carreirão, Cláudia Kessler, Olívia Ribeiro, Helena Altmann, Benedito Leal Filho (Neno), João Franco, Flávio Amaral, Fábio Zoboli, Doiane Caetano, Sabrina Oliveira, Bernardo Gonzales, Rafael e Juliana (respectivamente, meu irmão e irmã).

Outra pessoa a quem agradeço é ao prof. Luiz Henrique de Toledo (o querido Kike), meu orientador, um enigmático pensador e sambista dos bons, que sempre tinha uma questão para responder outra questão. Foi ele quem, lá pelos idos de 2016, sugeriu-me fazer um doutorado

em Antropologia, já que eu não parava de me meter em etnografias em contextos esportivos e não era aceito em editais de concurso com vaga em Antropologia (meu primeiro doutorado foi realizado em Ciências Humanas).

Ainda do PPGAS, menciono às professoras e professores que, cada uma/um a seu tempo e a seu jeito, me fizeram (re)pensar a antropologia, sua história, seus métodos e limites. Agradeço a Catarina Morawska Vianna, pelo incentivo sempre constante desde que nos conhecemos, a Felipe Vander Velden, pelos convites a bancas e pelas trocas de ideias, a Marcos Lanna, por me explicar mais de Lévi-Strauss do que já havia estudado em minha vida, a Clarisse Cohn, por sua escuta nos diálogos, a Igor José Machado, pelos certos conselhos antropológicos, a Piero Leirner, pela observação atenta, e a Jorge Luiz Villela, pelos toques importantes sobre o projeto inicial de doutorado.

Sou, igualmente, grato a colegas de mestrado, doutorado e pós-doutorado em Antropologia Social da UFSCar, participantes do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELUS), e com quem, neste período, debati leituras e troquei ideias: a Gabriela, ao Thales, ao André, ao Zé Eduardo, a Luzinele, ao Carlos Eduardo (Caê), ao Gabriel, ao João Sanson, a Marianna, a Marília, ao Phelipe, ao Mateus e ao Roberto. Que os anos vindouros sejam de muitas parcerias entre nós.

Quero também externar minha felicidade por conseguir reunir esta banca, formada por pesquisadoras e pesquisadores, especialistas em futebol/futebóis, Antropologia, Estudos de Gênero e Educação Física: Osmar Souza Jr., Leda Costa, Lucas Moreira e Silvana Goellner. Em especial, agradeço a Silvana, uma querida amiga de longa data e uma deusa dos estudos futebolísticos que olham para gênero e mulheres. Também expando meus agradecimentos a antropólogas que participaram da qualificação do trabalho, Catarina Vianna e Silvana Nascimento.

Gratidão, por fim, aos muitos interlocutores desta pesquisa e aos coletivos esportivos ditos LGBTQIAPN+ (e a sigla só cresce) que me abriram suas vidas, narraram fatos, contaram histórias, propuseram reflexões críticas e mesmo ideias sobre os futebóis que jogavam e que gostariam que o mundo conhecesse.

A Maria Conceição Xavier de Camargo, agradeço por ter me dado vida e amor.

## RESUMO

A pesquisa se desenvolveu a partir de etnografias na *Champions LiGay*, um evento que promove um circuito de competições esportivas baseadas no futebol *society* praticado por homens gays, bi e transexuais. Foram feitas observações, interações e entrevistas com jogadores amadores em campeonatos da liga durante seis anos (2018 a 2023), no intuito de construir uma etnografia de longa duração. Observou-se durante este tempo a institucionalização de um “futebol gay” e sua transformação em “futebol LGBT”, com muitas polêmicas em tal processo. Como fio condutor, este estudo identificou tensionamentos entre os sujeitos sobre os temas amadorismo *vs* profissionalismo, homossexualidade *vs* heterossexualidade e inclusão *vs* exclusão. Por meio desta constatação, percebeu-se que a noção dos “múltiplos futebóis” está relacionada a uma aparente “coexistência pacífica” de uma diversidade sexual e de gênero, num contexto futebolístico dito “alternativo”. Portanto, partiu-se de uma análise empírica das ações e representações atuais de jogadores amadores para pensar sobre as dissonâncias de gênero neste cenário instituído e emprestou-se a noção de fractais para propor um redimensionamento conceitual da categoria “múltiplos futebóis”. Ao fim e ao cabo, conclui-se que o profissionalismo impera como elemento norteador das práticas esportivas, a heterossexualidade opera como uma “prótese gay” e a propalada “inclusão” é apenas a coexistência tolerada entre grupos. A pesquisa ainda coloca em perspectiva a ideia de propósito político, de modo a questionar o futuro destes futebóis.

**Palavras-chave:** múltiplos futebóis; gêneros; sexualidades; etnografia; antropologia

## ABSTRACT

The research unfolded through ethnographies at Champions LiGay, an event that promotes a circuit of sports competitions based on society football played by gay, bisexual, and transgender males. Observations, interactions, and interviews were conducted with amateur players in the Champions LiGay over six years (2018 to 2023), aiming to construct a long-term ethnography. Over this period, the institutionalization of “gay football” and its transformation into “LGBT football” were observed, accompanied by many controversies in this process. As a guiding thread, this study identified tensions among subjects regarding the themes of amateurism *vs* professionalism, homosexuality *vs* heterosexuality, and inclusion *vs* exclusion. Through this realization, it was observed that the notion of “multiple futebóis” is related to an apparent “peaceful coexistence” of sexual and gender diversity in an ostensibly “alternative” football context. Therefore, the empirical analysis of current actions and representations of amateur players served as a starting point to reflect on gender dissonances in this established scenario. The concept of fractals was borrowed to propose a conceptual resizing of the category “multiple futebóis”. In the end, it is concluded that professionalism prevails as a guiding element in sports practices, heterosexuality operates as a “gay prosthesis”, and the proclaimed “inclusion” is merely tolerated coexistence among groups. The research also puts into perspective the idea of political purpose, questioning the future of these ‘futebóis’.

**Keywords:** multiple futebóis; gender; sexuality; ethnography; anthropology

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: ‘Genealogia’ de coletivos LGBTQIA+ no contexto do futebol <i>society</i> .....	26
Figura 2: Clube Futeboys, foto divulgação.....	30
Figura 3: Bernardo Villas Bôas.....	33
Figuras 4 e 5: Equipe Futeboys, em treino.....	35
Figura 6: BeesCats em concentração no campo antes de jogo decisivo na 5ª <i>LiGay</i> .....	54
Figura 7: Algumas competições canceladas pela <i>LiGay</i> .....	55
Figura 8: Folder do evento no Museu do Futebol (2017).....	60
Figura 9: Equipe Beescats, em apresentação 1ª. <i>Champions LiGay</i> 2017.....	67
Figura 10: Barvarah Pah, <i>Drag Queen</i> do BeesCats, na 1ª. <i>Champions LiGay</i> 2017.....	68
Figura 11: Divisão de Grupos, 1ª. <i>Champions LiGay</i> .....	70
Figura 12: Equipe Bharbixas, em desfile na 1ª. <i>Champions LiGay</i> 2017.....	71
Figura 13: Tenda-lounge <i>Scruff</i> , fotografada vazia ao final do dia.....	75
Figura 14: Performance da equipe Futeboys. Instagram Futeboys (04/11/2018).....	75
Figura 15: Performance da equipe Unicorns. Instagram <i>LiGay</i> (02/11/2018).....	76
Figura 16: Banner com nome do evento e patrocinadores, na entrada.....	76
Figura 17: Comemoração dos Sereyos, após vitória nas quartas-de-final.....	81
Figura 18: Bharbixas (esq.) e Bulls F.C. (dir.) em cerimônia de premiação.....	84
Figura 19: Bandeira do arco-íris, nas arquibancadas da arena, antes do início da 5ª <i>Champions LiGay</i> ...85	
Figura 20: Divisão de Grupos, 5ª. <i>Champions LiGay</i> .....	87
Figura 21: Entrada da Bandeira do Bharbixas, 5ª. <i>Champions LiGay</i> .....	89
Figuras 22 e 23: Apresentação time Bharbixas, 5ª. <i>Champions LiGay</i> .....	89
Figura 24: Jogo entre Bárbaros (SP) e Alcateia (MG), arbitragem feminina.....	91
Figura 25: Chapeiro da comunidade improvisando ao lado da cancha.....	92
Figura 26: Grupo “Mães pela Diversidade”, de Belo Horizonte.....	95
Figura 27: Equipe Ximangos (RS). No detalhe, ao centro, jogadore trans.....	96
Figura 28: Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C. (20/03/2020).....	105
Figura 29: Postagem do Instagram da equipe Bravus (18/03/2020).....	106
Figura 30: Postagem do Instagram da equipe Pampacats (17/03/2020).....	106
Figura 31: Postagem do Instagram da equipe Barbies (19/03/2020).....	107
Figura 32: Postagem do Instagram da equipe Diversus F.C. (18/03/2020).....	107
Figura 33: Postagem do Instagram da equipe Real Centro F.C. (19/03/2020).....	108
Figura 34: Postagem do Instagram da equipe Capivara (17/03/2020).....	108
Figura 35: Postagem do Instagram da equipe Bharbixas (12/05/2020).....	109
Figura 36: Postagem do Instagram da equipe Beescats (06/06/2020).....	109
Figura 37: Instagram da equipe Futeboys (04/05/2020).....	110

Figura 38: Instagram da equipe Bárbaros (27/06/2020).....	111
Figura 39: Postagem do Instagram da equipe Unicorns (14/07/2020).....	111
Figura 40: Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C. (17/03/2020).....	112
Figura 41: Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C. (02/07/2020).....	113
Figura 42: Postagem do Instagram da equipe Alcateia E.C. (28/04/2020).....	113
Figura 43: Postagem do Instagram da equipe Ximangos, retorno aos treinos (17/10/2020).....	114
Figura 44: Postagem do Instagram da equipe Bharbixas, retorno aos treinos (11/09/2020).....	115
Figura 45: Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C., retorno aos treinos (15/10/2020).....	115
Figura 46: Postagem do Instagram da equipe BeesCats (30/07/2020).....	116
Figura 47: Postagem do Instagram da equipe BeesCats (23/08/2020).....	117
Figura 48: Postagem do Instagram da equipe BeesCats (01/02/2021).....	118
Figura 49: Folder do congresso técnico da 7ª <i>Champions LiGay</i> , 2023.....	126
Figura 50: Patrocinadores, apoios e organização da <i>LiGay</i> 2023.....	127
Figura 51: Quadra principal do evento, com banner da <i>LiGay</i> .....	129
Figura 52: Guarda-sóis, cadeiras e mesas em frente ao bar de apoio.....	130
Figura 53: Sequências capturadas do perfilamento das equipes, da esquerda para a direita (gol a gol)..	131
Figura 54: Divisão de grupos, Instagram <i>LiGay</i> (nov./2023).....	132
Figura 55: Anotações próprias, no <i>whatsapp</i> (nov./2023).....	134
Figura 56: Pesquisadores em campo.....	134
Figura 57: Vista aérea sobre bar e quadras. Público rarefeito (nov./2023).....	135
Figura 58: Instagram Ytally, 18/09/2023.....	136
Figura 59: Instagram Ytally, 22/11/2023.....	137
Figura 60: Mapeamento de ‘times LGBTQIA+’ de futebol pelo Brasil.....	141
Figura 61: <i>Headline</i> atualizada do clube BeesCats, em 28/01/2024.....	164
Figura 62: <i>Headline</i> atualizada do clube ManoTauros, em 28/01/2024.....	164
Figura 63: <i>Post</i> da equipe Bulls F.C. sobre a participação de jogadores heterossexuais.....	166
Figura 64: Nota do Bulls sobre episódio de racismo, Instagram Bulls (09/04/2023).....	177
Figura 65: Árvore de Pitágoras.....	181
Figura 66: Triângulo de Sierpinski.....	183
Figura 67: Modelo extraído de Camargo & Isaacs (2012, p. 6).....	184
Figura 68: Modelo explicativo extraído de Vieira (2023, p. 60).....	184
Figura 69: Triângulo de Sierpinski segmentado.....	185
Figura 70: Primeira visualização do modelo de Gaston Julia.....	187
Figura 71: A proposta de Julia aplicada ao modelo de Mandelbrot.....	188
Figura 72: Performance Unicorns, <i>Champions LiGay</i> Brasília.....	196
Figura 73: Formação do time Unicorns, <i>Champions LiGay</i> Porto Alegre.....	196
Figura 74: Jogo de <i>gaymada</i> na pista de atletismo do Ibirapuera, junho 2017.....	204

Figura 75: Proposta de senso nacional de clubes LGBTQIA+ (título).....	208
Figura 76: Proposta de senso nacional de clubes LGBTQIA+ (questões).....	209
Figura 77: Resultados para técnicos/atletas, pista de aquecimento, categoria mulheres (Women), por idade. Gay Games 2010.....	212
Figura 78: Atleta do fisiculturismo. Gay Games 2014.....	216
Figura 79: Desenho esquemático Cabo de Guerra, Jogos Mundiais Povos Indígenas-2015.....	217
Figura 80: Estação de trabalho, ginásio de voleibol em Colônia, Gay Games- 2010.....	218
Figura 81: Anotações em celular ajuda na fluidez do registro etnográfico.....	219

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Equipes participantes da 1ª. <i>Champions LiGay</i> (25/11/2017).....	70
Tabela 2: Equipes participantes da 3ª. <i>Champions LiGay</i> .....	78
Tabela 3: Total de clubes/equipes mapeadas em novembro de 2018 .....	79
Tabela 4: Equipes participantes da 5ª. <i>Champions LiGay</i> .....	86
Tabela 5: Campeonatos Nacionais da <i>Champions LiGay</i> (2017-2019) .....	98
Tabela 6: Etapas Regionais da <i>Champions LiGay</i> (2022).....	123
Tabela 7: Equipes participantes da 7ª. <i>Champions LiGay</i> .....	132
Tabela 8: Campeonatos Nacionais da <i>Champions LiGay</i> (2022-2023) .....	138
Tabela 9: Etapas Regionais da <i>Champions LiGay</i> (2023).....	140

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Participantes da pesquisa (2017-2023) .....	29
---	----

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CDG Brasil	Comitê Desportivo LGBT
IUAES	International Union of Anthropological and Ethnological Sciences
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais e demais
LIGAY	Liga Nacional de Futebol Society (LGNF)
MBB	Meninos Bons de Bola
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
RAM	Reunião de Antropologia do Mercosul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

<b>Prolegômenos .....</b>	<b>17</b>
<b>Apresentação:</b>	
Três formas de narrar e pensar o processo etnográfico .....	53
<b>Parte A: o campo .....</b>	<b>56</b>
2017: A pesquisa antes da pesquisa e uma observação despretensiosa .....	57
2018-2019: A institucionalização do <i>futebol gay</i> e a estruturação da LiGay .....	71
De repente, no CT do Palmeiras: “cadê os gays?” .....	72
“A bandeira do arco-íris que se vê da lua” .....	84
Balanço etnográfico (2017/2018-2019) .....	98
2020-2021: Pandemia, tempo de metamorfoses .....	101
Balanço etnográfico (2020-2021) .....	120
2022-2023: O <i>futebol LGBTQIAPN+</i> e a consolidação da LiGay	
como federação multiesportiva .....	124
Balanço etnográfico (2022-2023) .....	139
<b>Parte B: os temas .....</b>	<b>144</b>
Amadorismo <i>versus</i> profissionalismo .....	145
Homossexualidade <i>versus</i> heterossexualidade .....	155
Inclusão <i>versus</i> exclusão .....	168
<b>Parte C: os múltiplos futebolis .....</b>	<b>180</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>191</b>
<b>Epílogo:</b>	
Etnografias do movimento em movimento em competições esportivas .....	211
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>223</b>

## Prolegômenos

### I

Esta tese busca dentro da Antropologia das Práticas Esportivas uma possibilidade de interpretação crítica do esporte e de fenômenos a ele relacionados na contemporaneidade. Outros campos de estudos, como o da Sociologia, da Educação Física e dos Estudos de Gênero serão importantes para compor a proposta aqui anunciada.

Há tempos que o esporte figura como importante no mundo social e tem chamado atenção de estudiosas/os. Basta observar os megaeventos, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol de homens, e seu apelo global (via canais de comunicação e redes sociais), para se ter uma noção do impacto disso na cultura, na política, na economia. Mas vale também olhar para práticas esportivas localizadas, como o ciclismo em parques, o torneio de bolas de gude na escola ou mesmo os jogos *online* (e-sports), para se aperceber como a vida mundana das pessoas é atingida por tais dimensões.

Para antropólogos/as, o esporte é um campo que oferece a chance de percepção da sociedade com lentes diferentes e de entendimento da(s) cultura(s) por outros prismas. A partir de estudos e pesquisas que tomam como foco as práticas esportivas e de seus agentes em ação pode-se melhor compreender a formação de identidades coletivas, as manifestações clubísticas, as relações de poder estabelecidas entre gêneros em arenas competitivas, entre outros.

Quando a antropologia entra “em jogo”, literalmente falando, tem-se a chance de notar o detalhe, aquilo que poucas pessoas observam e quase ninguém se importa, como o discurso étnico no meio de um jogo de futebol, a presença de “minorias sexuais” entre torcedores nas arquibancadas ou mesmo os simbolismos evocados por práticas militantes em espaços como os Jogos Olímpicos. Isso tudo pode passar despercebido, mas o olhar antropológico mostra que esta ciência não quer a presunção da universalidade, muito menos de tentar garantir um “padrão” ou tendência de entendimento para grandes grupos de pessoas. Seu trabalho metodológico é cuidadoso e microssocial, que busca interpretar, como diria Clifford Geertz (2011), a sutileza da diferença entre o tique nervoso involuntário e a piscadela maliciosa.

Por isso, às vezes penso que muitos de meus/minhas interlocutores/as são tão antropólogos/as quanto eu. Conseguem desenvolver um *feeling* antropológico sobre fatos ou ocorrências pontuais que, quando partilhados, acabam fazendo sentido e acrescentando peças

ao quebra-cabeça etnográfico que estou montando. E assim se pode dizer que certa “formação” em antropologia está à disposição, mesmo em lugares não formais de ensino: ela vem entranhada nas caixinhas teóricas que o antropólogo traz na cabeça, mas acaba sendo redesenhada por gente com quem se tem contato, com quem batemos uma bola, com quem entrevistamos, com quem transamos ou tomamos banho, em lugares de “encontros etnográficos” (STRATHERN, 2014).

A pesquisa que trago aqui busca os imbricados processos de diferenciação e subjetivação que têm dimensões diversas a partir das sexualidades (notadamente homossexualidade) e de práticas do futebol. Ela acontece em encontros etnográficos com homens cisgêneros autodeclarados *homo* ou *bissexuais*<sup>1</sup>, em espaços esportivos, notadamente em quadras sintéticas de futebol *society*. Estes futebolistas amadores, com quem conversei e a quem entrevistei, fazem parte de um grupo maior de pessoas LGBTQIA+, que têm reivindicado “lugar de fala” sobre suas experiências, vidas e histórias (RIBEIRO, 2019).<sup>2</sup> Tais pessoas subalternizadas não apenas buscam visibilidade, como representatividade em “práticas de empoderamento” a partir da realização destes seus futebóis (SARDENBERG, 2012).

Importante que se diga que tratarei da dimensão competitiva das práticas desses homens, dado que, mesmo estando num nível de amadorismo visível, colocam-se em confrontos ferrenhos dentro das quadras de *society* ou futsal, afastando quaisquer referências a ser uma “atividade de lazer”. Este elemento, o da competitividade acirrada, é o que vai diferenciá-los em relação a outros grupos, notadamente de outros *homens gays* e mesmo *homens trans*, os quais buscam recreação e práticas esportivas para a saúde.

Estes jogadores trouxeram-me questões pertinentes, muitas delas bastante atuais e candentes, como racismos invisíveis, discriminações por gênero e orientação sexual, abusos sexuais silenciosos em espaços de socialização no esporte, dentre outras. Aqui acionarei o Futebol convencional (teórico, midiático, jornalístico, clubístico, global e com letra maiúscula),

---

<sup>1</sup> As categorias identitárias fixas prevalecem no campo etnográfico, o que é motivo de tensões e conflitos a todo instante. Em que pese entendê-las sob rasura, conforme enfatiza Judith Butler (2003), e registrá-las aqui em *itálico* como expressões êmicas, prefiro entender que são “homens cisgênero que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens cisgênero” ou, eventualmente, “com mulheres cis” e que jogam bola (CAMARGO, 2020a). Compreender as dinâmicas dos contextos e das situações que envolvem tais identificações é o que mais importa. Nas Ciências Sociais há alguns outros trabalhos que já fizeram isso, com outras identificações: BRAZ (2007; 2012), FACCHINI (2008) e FRANÇA (2012).

<sup>2</sup> Vale destacar que a feminista negra Djamila Ribeiro (2019) define “lugar de fala” como a posição social a partir da qual uma pessoa fala e deve ser ouvida na sociedade. Ela argumenta que essa posição é influenciada por diversos aspectos, como gênero, raça, classe social, orientação sexual, e demais, e destaca a importância de reconhecer e respeitar os diferentes “lugares de fala”, entendendo que cada sujeito possui experiências e perspectivas únicas resultantes de sua posição social.

importante referência e contraponto para eles, a fim de tratar desse “futebol dissonante”<sup>3</sup>, na medida em que ele faz parte da vida destes sujeitos e de suas visões e idealizações acerca de suas práticas corporais e esportivas. Mas, apesar da referência e comparação, quero focar nesta expressão que expõem ao jogar.

Portanto, como antropólogo que estuda práticas esportivas marginais dentro da marginalidade que o tema se encontra em relação a outros, venho desenvolvendo etnografias no contexto do futebol *society*, também chamado de futebol de sete (Fut7), que nos últimos anos têm se tornado um fenômeno importante na comunidade LGBT no país.<sup>4</sup>

Tal fenômeno vem ganhando contornos de acordo com as transformações sociais pelas quais a sociedade brasileira tem passado. E, mais do que isso, ele está ligado a uma demanda por direitos, que vem se consolidando desde o início do século XXI. O “sujeito de direito” (AGUIÃO, 2018) em relação às questões de sexualidade/gênero, começou a tomar forma no plano governamental brasileiro a partir de ações como a criação do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, de 2001, do programa federal Brasil sem Homofobia, de 2004, da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, de 2008. Segundo a antropóloga Silvia Aguião (2018), para entender a produção do “sujeito de direito” há que levar em conta, necessariamente, as relações produtivas que entrecruzam as esferas do Estado, dos movimentos sociais dedicados à causa LGBTI+ e a produção acadêmica.

Se o “pessoal é político”, vivemos um momento histórico em que sujeitos de direito demandam de instituições sociais participação e revisão sobre suas políticas esportivas, vinculadas, inclusive, à “inclusão” de mais pessoas – deixarei entre aspas essa palavra porque ela será tensionada adiante por meio dos discursos de atletas. Particularmente, no tocante às relações entre esporte e política, presenciamos fortes movimentos coletivos contestatórios no último decênio: assim foi em 2013, com os protestos na Copa das Confederações, em 2014, com o movimento “não vai ter Copa”, que se engajou em cancelar o evento (DAMO, 2014a) e, igualmente, nos protestos prévios aos Jogos Olímpicos/Paralímpicos Rio-2016 contra suas realizações.

---

<sup>3</sup> A ideia de dissonância está estritamente relacionada ao Futebol convencional. Em que pese haver uma convergência da estética corporal e mesmo dos estilos de jogo com o Futebol midiático que conhecemos (discutirei criticamente ao longo das etnografias), este futebol dissonante acaba “vibrando” em outra frequência, seja por algumas expressões que escapam (como jogadores se tratarem no feminino ao comemorarem um gol), seja por suas performances esportivas enquanto jogam bola.

<sup>4</sup> Vale destacar que, além do acrônimo LGBT estar em permanente mudança (hoje podemos agregar muitas letras como LGBTQIAPN+), foco na expressão futebolística de *gays e bissexuais* e não dos futebóis trans ou futebóis de mulheres lésbicas. A ressalva é importante porque, nos últimos anos, tem havido uma pulverização rápida dentro destes coletivos a fim de encamparem suas expressões esportivas. Apesar de nomeação anterior referente aos “múltiplos futebóis” (TOLEDO; CAMARGO, 2019; CAMARGO, 2020a), avanço nesta conceituação adiante.

De acordo com uma apreensão mais ordinária e menos sociológica, isso ocorreu em função da “década esportiva”, período alocado, principalmente, entre os Jogos Pan-americanos, ocorridos no Rio de Janeiro em 2007, e os Jogos Rio-2016 mencionados anteriormente. As emoções atreladas aos eventos esportivos e a vinculação às questões políticas e socioeconômicas oriundas de diversos estratos sociais provocaram uma combinação explosiva de manifestações e protestos. Contudo, para as sociologias e antropologias dedicadas às análises sobre o fenômeno esportivo, não se trata apenas de megaeventos e suas condições de existência ou realização, muito menos de um recorte temporal da “década” em si, mas “[...] das manifestações do fenômeno esportivo em uma perspectiva ampliada e plural, que supera o recorte temporal desta definição, abarcando dinâmicas de notável ressonância no campo político, econômico, midiático, educacional, etc.” (SPAGGIARI; MACHADO; GIGLIO, 2016, p. 11).

A ampliação de questões que se relacionaram com o esporte e sua profusão carregam em si novas possibilidades de compreensão de demandas que surgem em cena. É o que pontuarei nesta tese, na medida em que apresento considerações antropológicas de gêneros e futebóis em disputa, em competições esportivas singulares.

## II

Em termos de contexto, esta tese apresenta etnografias realizadas em eventos futebolísticos amadores no Brasil, organizados no período de 2017 a 2023 por pessoas que se reconhecem como LGBTQIA+. O surgimento de coletivos futeboleiros e a intensificação das demandas políticas de ocupação do futebol por expressões de gênero provocou a criação, por parte de *homens gays* cisgêneros em 2017, da LiGay Nacional de Futebol Society (ou LGNF), uma liga brasileira de clubes. Portanto, a partir de um campo etnográfico estabelecido nos eventos planejados e executados por tal liga, este trabalho buscou analisar essas novas práticas esportivas e os modos como jogadores *homo/bissexuais/transsexuais* subjetivam, de forma diversa, o futebol que anunciam.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Apesar de ter conversado com algumas mulheres presentes no processo ou mesmo jogadores trans, a pesquisa se centrou nos homens *homo* e *bissexuais*. Elas estiveram mais presentes na 3a. *Champions LiGay* (em Belo Horizonte, 2019) e jogadores trans começaram um contato maior com a LiGay a partir de 2022. Isso aparecerá nas etnografias, à frente.

Esse futebol chamado de “alternativo”, no cômputo das questões relacionadas a gênero e sexualidade, começou como *futebol gay*, assim chamado ostensivamente por muitos no primeiro campeonato nacional da *Champions LiGay*, no Rio de Janeiro, em fins de 2017. O evento foi nomeado em alusão à *Champions League* europeia, famosa competição futebolística entre clubes europeus, fundada há mais de 70 anos. Membros das equipes Unicorns e Futeboys, da capital paulista, e dos BeesCats, da capital carioca, tiveram a ideia de criação deste campeonato a partir da realização da Taça Hornet, também ocorrida em 2017. Esta Taça se caracterizou como um “piloto” de evento nacional para o então nascente *futebol gay* (CAMARGO, 2021) – e foi criticado por jogadores *trans*, como veremos.

Este futebol *society* praticado por tais pessoas tem se caracterizado como um “fato social” estudado por autoras/es brasileiras/os nos últimos anos, particularmente a partir de 2017 – é o que detalharei/analisarei na parte das etnografias. Trabalhar tal fenômeno como fato social implica, para lembrar Émile Durkheim (1987), que é exterior e independente do sujeito cognoscente, conferindo regras estritas e específicas ao método sociológico para seu tratamento.

Para a construção do argumento neste texto, importante registrar como a própria entidade esportiva se define em seu portal na internet:

A Ligay é a maior associação esportiva LGBTQIA+ do Brasil e uma das maiores do mundo, com equipes filiadas em todos os estados do Brasil e cerca de 5 mil atletas amadores. Atualmente a Ligay congrega equipes que praticam majoritariamente o futebol 7 e voleibol, porém incentivamos que as equipes sejam poliesportivas, incluindo modalidades como: jiu-jitsu, futebol de salão, futebol de campo, handebol, corrida, e outros esportes. Somos uma entidade sem fins lucrativos, a fim de promover eventos culturais, esportivos e educacionais, com intuito de **promover a inclusão da diversidade** e a erradicação de toda forma de preconceito.

(LiGay, página institucional, grifos meus)<sup>6</sup>

A concepção de uma associação esportiva nacional referenciada pela liga surgiu apartada de um movimento que se desenhava nos anos 2010, como mostrarei na parte A desta tese. Em princípio, ela definiu o futebol como carro-chefe do trabalho, na medida em que pululavam times de futebol *society* ou futsal em várias cidades e estados. É a partir da gestão

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://plataforma.sporti.com.br/institucional/organizacao/LIGAY>. Acesso em 11 nov. 2023.

esportiva pós-pandemia que ela ganha caráter multiesportivo. Ademais, a LiGay se coloca como “inclusiva”, promovendo uma política de inclusão social da diversidade sexual e de gêneros no esporte, propósito não unânime para alguns sujeitos.

De outra parte, os esportistas que participam da liga por meio de seus clubes são amadores e buscam espaço para suas expressões corporais e sexuais, dentro daquilo que convencionam chamar de “mundo do Futebol”. Muitos tiveram histórias de exclusão e preconceito em suas trajetórias escolares, particularmente com relação à disciplina Educação Física. Alguns deles foram ex-atletas de futebol de campo e futsal nas mais diversas posições (goleiros, meio-campistas, atacantes, etc.), que alcançaram certos níveis de rendimento em equipes de pequeno ou médio porte, porém acabaram sendo afastados por uma estrutura machista, discriminatória e, sobretudo, homofóbica.

Desta maneira, esse futebol então é jogado por sujeitos que dizem lutar politicamente contra preconceitos no esporte, particularmente aqueles que os atingem nas questões relativas às orientações sexuais. A proposta anunciada dessa expressão futebolística é a de celebrar a “diversidade sexual” entre as “identidades” de gênero, combatendo ao mesmo tempo a homofobia (a bifobia e a transfobia entraram como pautas posteriores), e demonstrando que o esporte não é monoliticamente heterossexual ou baseado nas lógicas estruturantes da heteronormatividade e da cisgeneridade.

Uma característica importante no contexto da criação destes clubes esportivos é o interesse em alcançar certo tipo de socialização entre pares, ou entre iguais. Se posso assim designar, a “tradição clubística” que envolve esta ação remonta ao fim do século XIX no Brasil e esteve intimamente associada ao desenvolvimento do esporte, notadamente do futebol e da ginástica para as classes burguesas e dos clubes de várzea para a classe trabalhadora (SILVA, 2015; QUITZAU, 2011).

Inclusive, hoje em dia o clube esportivo ainda é um espaço voltado para práticas de lazer, esportivas, culturas ou de outra natureza. E os clubes de futebol *society* investigados não são exceção. No início desta pesquisa eu pensava que serviam talvez prioritariamente para encontros afetivo-sexuais entre *homens gays* e *bissexuais* – como constatei na investigação do circuito esportivo no Norte global (CAMARGO, 2012). Mas penso que, no caso brasileiro, isso pode fazer parte da equação, porém numa escala bem menor: o futebol, como estandarte da conquista de um espaço até então negado, vai na frente.

O clube se caracteriza por ser um local em que se desenrolam relações associativas em dois níveis: primárias, ou relações interpessoais de pessoas que se conhecem e mantêm intimidade; e secundárias, relações contraídas (e posteriormente mantidas) em ocasiões como

eventos, campeonatos, festas, confraternizações e outros encontros (CAPI; MARCELLINO, 2009). Eu agregaria um terceiro nível, o simbólico, que vai se constituindo com o passar dos anos – isto é, o que aquele clube vai significando para o sujeito que dele participa, de acordo com suas ações e perante outros clubes.

Aqui vale uma definição de clubismo, oriunda dos estudos antropológicos do futebol:

O clubismo é produto das operações simbólicas de demarcação de fronteiras, de classificações, divisões e segmentações diversas. Trata-se, em última instância, de um sistema que opera, nos dias atuais, a partir de uma lógica relativamente autônoma, circunscrita ao universo esportivo, conquanto sua força seja notável. Trata-se de uma categoria simbólica que opera socialmente e, portanto, concretamente, impondo-se em relação a outras demarcações de fronteiras, tal é o caso das categorias de classe, religião, gênero, partido político, entre outras (DAMO, 2007, p. 66).

Como Arlei Damo (2007) explica no contexto do futebol espetáculo, o clubismo e a noção de pertencimento relativa ao torcer envolve um engajamento emocional, algo muito semelhante ao que encontrei em campo, apesar de se tratar de uma expressão futebolística diferente. Os sujeitos entrevistados também desenvolviam em seus futebóis noções semelhantes às que tinham com seus clubes/times “do coração”: ser do time A era, necessariamente, ser contra o time B e, se houvesse outro time da cidade no campeonato, num possível *derby*, haveria que se ganhar dele para mostrar superioridade do local.

Além disso, nos clubes investigados, não raro eram as menções a “família”, isto é, um grupo de socialização secundária, mas que apresentava característica de vínculos próximos e afetuosos. Como afirmou um jogador, no meio de uma entrevista e às lágrimas: “*eles me acolheram, são minha família, nunca minha família me tratou assim*”.

Claro que o sentimento aí envolvido é o de gratidão pelo acolhimento de alguém que tinha deixado a sexualidade heteronormativa, fato que a família “de origem” não suportou. É interessante que o sentimento de pertencimento ao clube desse sujeito que agora se vê dentro de um coletivo que o engloba e o transcende (DAMO, 2007).

Os clubes esportivos de (e para) pessoas LGBTQIA+ começaram com o futebol como modalidade principal e, nos anos posteriores, alguns vão incentivar outras práticas esportivas (como vôlei, judô, ginástica funcional, esgrima, etc.).<sup>7</sup> Eles surgem em 2015 e 2016 ainda

---

<sup>7</sup> Esta tese se restringirá a observar somente o futebol e suas práticas competitivas.

timidamente e, a partir de 2017, há uma explosão de criação de grupos por várias partes do país. O time do Unicorns, da capital paulista, é um dos primeiros e, pela repercussão midiática que recebem, acabam influenciando outros – e, segundo um dos idealizadores com quem conversei, o clube também transferiu *know how* de como estruturar uma entidade esportiva.<sup>8</sup>

De acordo com Flávio Amaral e Victor Bueno (2018), a midiaticização do então *futebol gay* foi chave nas considerações para que demais iniciativas se espalhassem pelo território nacional. Mais especificamente, tais autores se reportam ao Programa *Encontro com Fátima Bernardes*, na rede Globo de televisão, que contou com a participação do Unicorns, em meados de abril de 2017. Anos mais tarde, Vieira (2023) vai afirmar que também foi o estopim para a criação do primeiro time mineiro e belo-horizontino, o Bharbixas.

Tal advento gera duas ondas como consequência: a) algumas equipes já existentes de futsal ou futebol *society* de jogadores *homo* e *bissexuais* vão “sair do armário”, por assim dizer; b) outras equipes, que haviam sido fundadas/criadas pouco tempo antes deste movimento sudestino também aparecerão.

No primeiro caso temos dois exemplos, quais sejam, Real Centro<sup>9</sup>, fundado em 1990 na capital paulista, e Magia Esporte Clube, criado em 2005, em Porto Alegre. Ambas não estavam com atividades regulares, mas acabaram redimensionando seus trabalhos em função do aparecimento e popularização dos clubes mencionados acima. No segundo caso estão Barcemonas, instituída em 2010 no Belém do Pará, e Ball Cat’s, fundada em 2014, em Manaus.<sup>10</sup>

Segundo dados oficiais da LiGay, no ano de 2018 havia 35 equipes mapeadas, com ainda grande concentração no eixo Sul-Sudeste. Em 2023, por sua vez, a Liga contabilizava um total de 82 clubes em atividade, porém nem todos eles estavam “federados”, ou vinculados oficialmente e contribuindo com anuidades da federação. Oficialmente, a LiGay divulga em seu site a vinculação de 47 clubes participantes de seu quadro efetivo.

A seguir apresento uma “genealogia” de grupos LGBTQIA+ no contexto do futebol de quadra (futsal e *society*), em formato de linha do tempo. Real Centro e Magia não são precursoras da pulverização de equipes e o “marco histórico” é considerado o ano de 2015, com

<sup>8</sup> Conversa com Bruno Host, na 3ª *Champions LiGay*, em São Paulo, novembro de 2018.

<sup>9</sup> Vale destacar que algumas equipes com quem falei contam uma história maior de ativismo contra o futebol hegemônico, como a Real Centro, de São Paulo. Porém, como me disse o informante, “da longa trajetória de militância, só agora o Real sai do armário”, em referência a participar de um evento com outros grupos do “futebol LGBTQIAP+” (Diário de campo, Evento Pacaembu, agosto 2017).

<sup>10</sup> Eu e Flávio Amaral vamos escrever sobre trajetória de fundação do Ball Cat’s, a partir de uma série de entrevistas com seu idealizador e outros contribuintes (AMARAL; CAMARGO, 2022).

o aparecimento de Unicorns e algumas outras equipes paulistas.<sup>11</sup> Entre 2016 e 2017 teremos uma explosão de times de futebol em todo o país. No esquema estão os clubes que divulgam, via redes sociais, suas atividades.

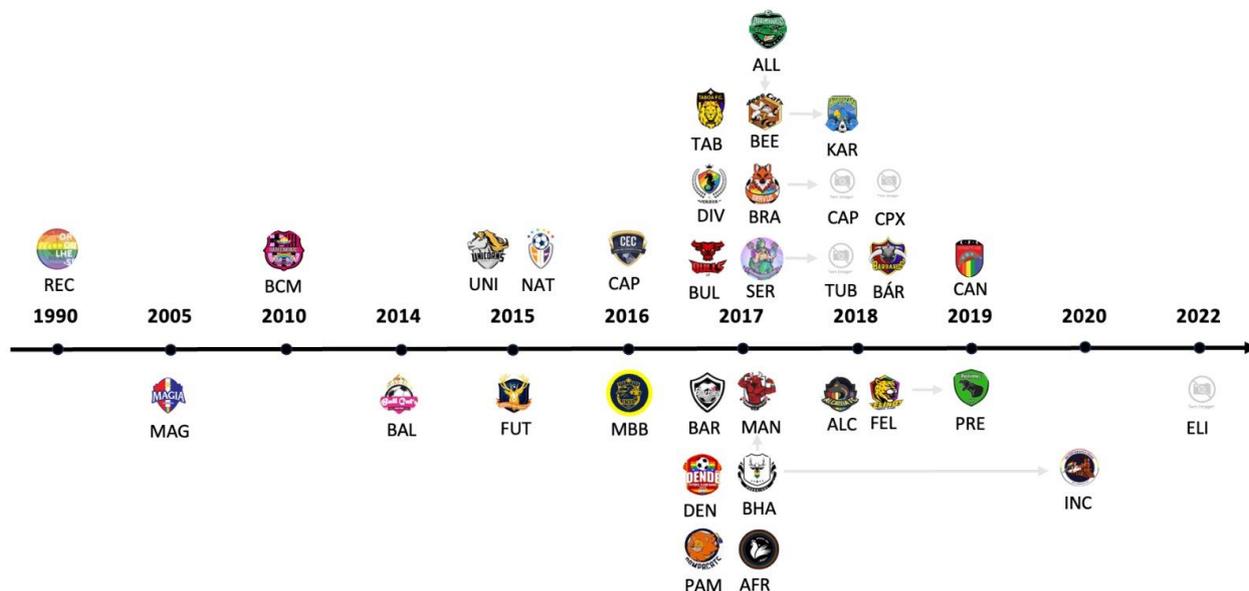


Figura 1: ‘Genealogia’ de coletivos LGBTQIA+ no contexto do futebol *society* (Elaboração de Luan Alves)

Em realidade, este é um esquema visual que pretende mostrar o espalhamento dos clubes ao longo do tempo. Não é uma genealogia clássica, que se constrói por geração e na vertical, e apenas mostra as siglas dos nomes das equipes. Ela contém alguns problemas: o primeiro diz respeito à falta de outras equipes oriundas do movimento do *futebol gay* e mesmo dos agrupamentos *trans*, sendo que na ilustração há apenas o Meninos Bons de Bola (MBB), assinalada com um círculo amarelo em volta. O segundo problema está relacionado à identificação de quem “incentiva” a criação e de quem “sofre” fragmentação. Tentei assinalar algumas influências por meio das flechas que estão desenhadas. Por exemplo, temos que o Unicorns (2015) incentivou deliberadamente ou estimulou a criação de vários outros grupos no Sudeste e no país e, além disso, sabe-se que o time dos Barbixas sofreu uma fragmentação que deu origem ao Inconfidentes Pride, em 2020. O terceiro nível de problemática está em saber, exatamente, a partir de que *input* equipes como o Cangayceiros e outras de localidades no Nordeste, Norte e Centro-Oeste surgiram.

<sup>11</sup> Há uma história que ouvi no campo, que conta uma possível influência de um modelo de time de futebol inglês para homossexuais, numa cidade da Inglaterra. O conhecimento deste time teria chegado ao Brasil e inspirado particularmente os primeiros grupos em São Paulo. No entanto, não consegui averiguar esta informação com mais fontes.

Como destaquei em outro momento (CAMARGO, 2021), desde que apareceram os primeiros times, as camisas (e posteriormente os uniformes completos, incluindo calções e meias) eram distintas por suas cores chamativas, além de brasões ou escudos que lembravam símbolos da luta LGBTQIA+. As combinações de cores frequentemente estavam associadas a equipes do futebol convencional e podiam ser consideradas mais “tradicionais” (como verde e branco, vermelho e preto, branco e preto) ou “inusitadas” (como amarelo e preto, azul claro, lilás e branco). Os brasões guardam semelhança com os das equipes convencionais de futebol de campo e, na maioria das vezes, apresentam um animal que representa o grupo.

Diego de Jesus sintetizou uma explicação resumidora para sobre os primeiros agrupamentos, no sentido de perceber as referências cruzadas destes coletivos quando propuseram a criação de seus clubes:

Como o veado, a abelha (‘bee’ em inglês, termo também usado em referência aos homossexuais), o gato (‘cat’, em inglês) e o jacaré (‘alligator’, em inglês) – ou de seres mitológicos – como o unicórnio ou a sereia (termo usado no masculino em referência a um homem bonito) –, frequentemente associados ao universo gay (JESUS, 2019, p. 334-335).

Pouco se sabe sobre a “origem” dos nomes das equipes em todo o país – particularmente se tomarmos grupos que são mais interiorizados e que não publicam, via redes sociais, seus treinos e suas trajetórias ou histórias. Em uma reportagem bem humorada, André Machado, quando perguntado sobre a origem do nome de sua equipe (o BeesCats Soccer Boys), assim respondeu à apresentadora do site Desimpedidos<sup>12</sup>, em gravação durante a 3ª. *Champions LiGay*:

**Entrevistadora:** A minha maior curiosidade: quem escolheu o nome? Porque é só nome criativo.

**André Machado:** Tá, eu faço piada com tudo...

**E.:** [gargalhadas]

**A.M.:** Eu pensei... o Beescats aqui tem uma piadinha [mostra a camisa com o nome]. O Beescats, então que é biscates, e o “soccer boys” é o “só quero boys”...

<sup>12</sup> Programa Desimpedidos “Champions LiGay. A cobertura da liga de Futebol Gay Brasileira!”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rbIvKrDznq0>. Acesso em 20 mar 2023.

E.: [gargalhadas]. E o uniforminho de abelhas, por causa do Beescats?

A.M.: Sim, somos as abelhinhas.

E.: Maravilhoso!

### III

Tenho dado linhas gerais de orientação e contexto da pesquisa, faço agora referência às minhas fontes de informação: conversei com muitos sujeitos LGBTQIA+ em eventos, nos vários momentos em que estava em campo, os quais trato por **informantes casuais**. Isso porque opero no sentido da ideia de que a “circulação” dá o tom e o contorno da etnografia, como tentei mostrar nas pesquisas no Norte global, em que circulei entre práticas esportivas e sexuais, nos mais variados espaços em que acompanhava os sujeitos (CAMARGO, 2012).

Além disso, entrevistei, no privado e em diversos momentos, sete outras pessoas, que se enquadram (e são enquadradas) no espectro de jogadores ou dirigentes, a quem tratarei como **interlocutoras privilegiadas**. Vale dizer que acompanhei boa parte de suas trajetórias entre os anos de 2017 e 2023 e sigo em contato com parte deles. Alguns foram mais presentes em posicionamentos e opiniões nos anos iniciais 2017-2019 (basicamente até o início da pandemia); alguns seguem ativos se posicionando sobre o futebol que jogam até hoje; outros deixaram de se manifestar por terem mudado suas vidas depois da pandemia e não se envolverem mais com as práticas futebolísticas ou de militância.

Todos eles concordaram com a publicação de seus nomes no trabalho, incluindo um jogador transmasculino, cujo nome social eu gostaria muito de manter por entender que a invisibilidade sempre o atingiu. No entanto, em conversa com ele por *whatsapp* em janeiro de 2024 e numa decisão conjunta, vou também deixar sua identificação oculta por questões éticas, como farei com os demais entrevistados (em que pese já tenha publicado artigos anteriores com seus nomes de registro civil). Para todos, mantereí códigos identificatórios, a fim de não os comprometer junto a seus clubes acerca de suas opiniões e posicionamentos. Os números representam a posição em que eu os entrevistei. Com maior ou menor empenho e presença, todos colaboraram com o trabalho aqui apresentado.

A seguir, sistematizo informações sobre eles num quadro esquemático.

**Quadro 1: Participantes da pesquisa (2017-2023)**

Entrevistados	Descrição
Jogador 1	Homem bissexual, branco; não mais vinculado às equipes carioca e paulista de que fez parte; inativo em 2023.
Jogador 2	Pessoa transmasculina <sup>13</sup> , pardo; ex-membro de uma equipe paulista e membro de outra em atividade; esportivamente ativo em 2023.
Jogador 3	Homem gay, branco; membro de uma equipe paulista; inativo em 2023.
Jogador 4	Homem gay, branco; vinculado a uma equipe mineira; esportivamente ativo em 2023.
Jogador 5	Homem gay, branco; vinculado a uma equipe carioca; inativo em 2023.
Jogador 6	Homem gay, negro; vinculado a uma equipe paulista; ainda ativo em 2023.
Jogador 7	Homem gay, branco; ex-jogador e gestor vinculado a uma equipe gaúcha; inativo em 2023.

Dos nomes listados, todos participaram deste movimento fundacional do *futebol gay* e da ampliação da pauta LGBT nos esportes. Um entrevistado se mudou Brasil por ter se decepcionado com a realidade social da época do governo de Bolsonaro (durante a pandemia do coronavírus); cinco deles discordam das políticas atuais de comando da LiGay e três não participam mais dela; e o jogador transmasculino é ativista da *causa trans*, estando sempre em diálogo com a LiGay, mas também com as equipes *trans* que, em fins de 2023, queriam criar uma liga própria de futsal ou *society*. Além disso, cinco desses homens são racializados (ou se designam brancos) e dois se consideram negros ou pardos. Em termos de formação, são profissionais liberais ou autônomos, com maioria tendo cursado faculdade, privada ou pública. No tocante aos estratos econômicos, cinco deles se enquadram no que se entente por “classe média” e dois na “classe média baixa”, com rendimentos mais inferiores. A média etária deles era de 32 anos na época que começamos nosso contato, em 2017.

As reivindicações destes sujeitos são várias: desde poderem se expressar esportivamente ocupando lugares que lhes foram negados desde muito cedo a conseguirem ascender ao “mercado da bola”, que se não diz respeito àquele dos grandes clubes do futebol brasileiro,

<sup>13</sup> Segundo me explicou, uma pessoa transmasculina não se identifica completamente com o gênero masculino, mas pode manter elementos dele. Além disso, também pode ostentar características de gênero feminino, como seios e outros caracteres primários.

refere-se a poder jogar em ligas comuns de atletas considerados “heterossexuais”. A polarização entre homossexualidade e heterossexualidade vai definir disputas dentro destes futebolis diversos. Vou tratar disso especificamente em minha leitura temática da etnografia na parte B desta tese.

Em território brasileiro este futebol será jogado no formato *society* (ou Fut7), em espaços privados, com quadras de grama sintética, localizados em ambientes urbanos de cidades médias e grandes no Brasil. A primeira edição ocorreu no dia 25 de novembro de 2017 e teve como mote organizacional o lema: “futebol é coisa para mano, mana e mona” (FURTADO, 2017). Tal chamada fazia referência à uma prática que podia ser jogada por homens *homo/bi/heterossexuais*, por mulheres nas mesmas orientações, e por outras pessoas que se colocam em outro espectro, tanto da sexualidade, quanto de gênero, ou de ambos. No entanto, a LiGay não se preocupou, nesse primeiro momento de criação deste campeonato, com a inserção de equipes de mulheres ou de *pessoas trans* dentre as opções possíveis. Tampouco vai pensar para inseri-las mais tarde.

Tal *futebol gay* começou embranquecido, muscularmente testosteronado e “bonito” – vou deixar este adjetivo em suspensão porque se trata de um julgamento de valor que identifiquei no campo etnográfico a partir de referenciais de beleza e estética definidos pelos próprios sujeitos. A equipe Futeboys, de São Paulo, era considerada por muitos como o “padrão” deste futebol nascente:



Figura 2: Clube Futeboys, foto divulgação<sup>14</sup>

Muito corroborou essa ideia a figura de alguns jogadores, como Bernardo Villas Bôas, jogador do clube Futeboys em seu início, que passou a ser tomado como uma espécie de

<sup>14</sup> “Quem são os 12 times LGBT que participarão da 2ª. Champions Ligay”. Disponível em <https://www.verminososporfutebol.com.br/papo-serio/quem-sao-os-12-times-lgbt-que-participarao-da-2a-champions-ligay/>. Acesso em 19 jan 2019.

“embaixador” deste *futebol gay*. Nas várias entrevistas e reportagens de TVs ou a canais no Youtube, Bernardo fala contra a masculinidade tóxica, os preconceitos acerca da efeminação, a virilidade embutida no esporte e como seria importante jogar “sendo você mesmo” como *homem gay*.

Se falar deste lugar de “beleza padrão” contribuiu possivelmente para a diminuição da própria homofobia interna (que assumiu ter) e para uma midiaticização do discurso, acabou fazendo isso do lugar de privilégio que tem como um homem branco, loiro, alto, com barba cerrada e músculos delimitados, de classe alta e bem instruído. Valeria, então, perguntar: teria o mesmo acesso e “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019) outro jogador, não tão bonito ou sem essas características todas, a tais entrevistadoras/es e canais de comunicação? De quem e para quem Bernardo fala, quando levanta sua voz para propor uma desconstrução da hipermasculinidade? Que ideal de *homem gay* ele tem como ideal?

Em realidade, penso que no “time dos fundadores” não havia consenso sobre que tipo de prática e para quem este futebol serviria. Quanto tudo vem à tona, uma enxurrada de canais de *streaming* na internet (e mesmo pessoas comuns) estavam interessados em saber detalhes do que isso significava. O impulso primeiro era falar de um “*futebol gay* contra a homofobia”, possivelmente pela exclusão histórica de homossexuais e, de mesmo modo, pelo sufocamento que sofriam com posicionamentos abertos e declarados de um governo de extrema direita naquele momento no Brasil. Mas, dado o agravamento das situações relacionadas a mortes de transexuais e mulheres pelo país afora, o discurso vai mudando para o *futebol LGBT* (e mais tarde esta sigla vai se complexificar). Porém, minha hipótese é a de que há uma **coexistência** das nomeações sobre este futebol até hoje: isto é, os sujeitos que participam do fenômeno não o subjetivam da mesma forma e cada qual busca enxergá-lo sob óticas e lugares diferentes, particularmente as suas/os seus. Aprofundarei isso ao longo da tese.

Como Bernardo Villas Bôas fazia parte de um dos clubes fundadores da *Champions LiGay*, vale checar suas manifestações públicas na internet. Em carta em inglês, publicada no *El Champ*, em fins de 2018, ele assim se expressa:

Depois de um longo dia de trabalho, você finalmente encontra seu parceiro. Os dois se encontram na rua, decidem dar uma volta juntos e pegar algo para comer. Vocês estão se divertindo, foi um dia longo, vocês adoram conversar um com o outro e passar um tempo juntos. Em um momento descuidado e espontâneo, você dá um beijo nele. É então que, do outro lado da rua, alguém grita: ‘Ei, viados, Bolsonaro está chegando. Estejam preparados’.

O que parece uma cena chocante de talvez muito tempo atrás, na verdade é um exemplo real de muitas situações que se tornaram muito comuns para a comunidade LGBTQI no Brasil ao longo do último ano. O país está enfrentando atualmente uma crise política e econômica desafiadora, marcada por enormes escândalos de corrupção, crescente desigualdade social e o surgimento de um forte pensamento conservador. O Brasil já tem a maior taxa de homicídios de LGBTQI do mundo, mas os crimes de ódio contra pessoas *queer* continuam aumentando, e o país parece estar retrocedendo em muitos aspectos em relação à tolerância e aceitação de minorias.

O presidente recentemente eleito, Jair Messias Bolsonaro, é abertamente homofóbico e já fez inúmeras declarações sobre como acredita que pessoas LGBTQI não deveriam ter os mesmos direitos legais que o restante da sociedade, chegando ao ponto de aconselhar publicamente os pais a baterem em seus filhos gays para ‘torná-los heterossexuais’ novamente. Seus comentários severos também são direcionados a mulheres, pessoas de cor e imigrantes. Em geral, ele representa a agenda conservadora extrema que varreu muitos outros países no final dos anos 2010 e que mudou drasticamente o ambiente político e social no Brasil. Um triste retrocesso dos dias em que o Brasil sediou a Copa do Mundo e as Olimpíadas, quando todos os olhos do mundo estavam sobre o país e ele florescia em otimismo.

[...]

A Liga Nacional de Futebol Gay, chamada de Ligay, está indo para sua quinta edição, com 28 times de todo o país e mais de 200 atletas. Já é um evento enorme, realizado duas vezes por ano em duas cidades diferentes do país. Torcedores de futebol, amigos, familiares e ativistas *queer* se reúnem para aproveitar não apenas a competição em si, que se mostrou de uma qualidade incrível, mas também para celebrar a representação tão difícil de encontrar da comunidade LGBTQI no futebol brasileiro. Para aqueles que gostam de eventos esportivos – não é um evento de futebol comum: **incluímos pessoas de todas as origens sociais, orientações sexuais e identidades**; arrecadamos dinheiro e doações para fundações LGBTQI em todo o país; os jogos são comentados por *Drag Queens* e os times abrem o evento com performances de dança que dariam até preocupação aos artistas do Coachella”

(VILLAS BÔAS, 2018, tradução livre, grifos meus)

É bem provável que o que ocorreu com Bernardo também se passou com outros jogadores. Afinal, diante de posicionamentos públicos (orais ou escritos), vamos sofisticando

os argumentos e tentando conferir importância ao que fazemos, muitas vezes redimensionando (ou supervalorizando) nossas ações sociais.

Em sua conta do Facebook, ele diz que foi importante falar em alguns fóruns de debates sobre isso, como as conferências com linguagem TEX:

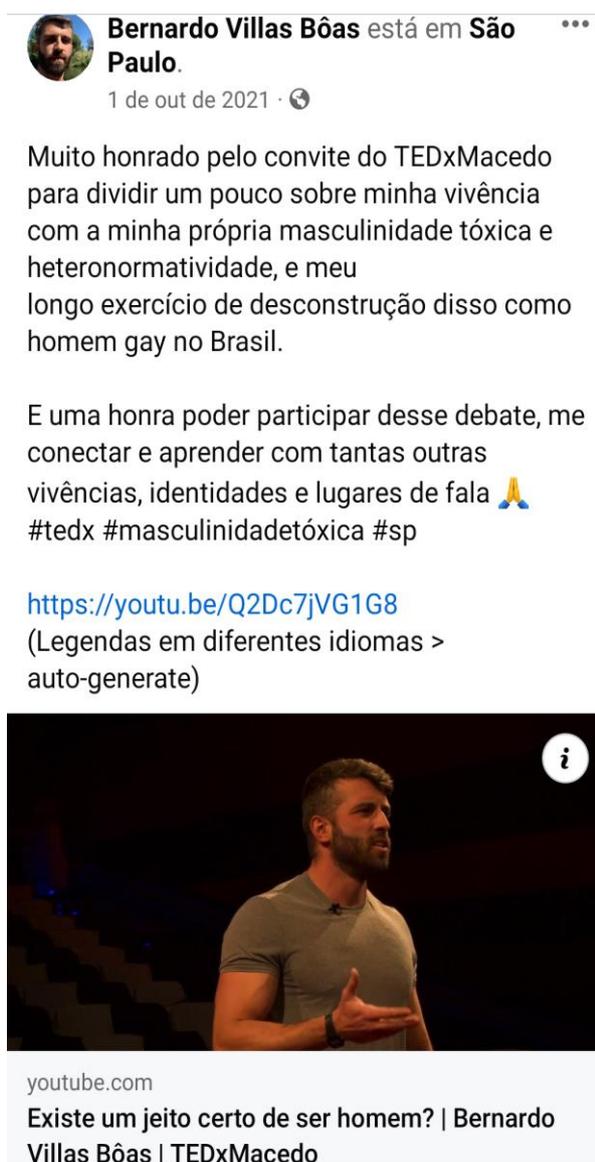


Figura 3: Bernardo Villas Bôas. Fonte: Facebook pessoal.

Bem sucedidos, educados, brancos, de classes sociais abastadas. Este é o perfil dos *homens gays* que criam os primeiros clubes de “esporte LGBT” no Brasil. Isso vai mudar ao longo do tempo bem rapidamente, como se verá. *Futebol gay* ou *futebol LGBT*, a prática do *society* de sujeitos LGBTQIA+ vai ganhando adeptos e clubes em várias cidades e Estados. Os clubes fundadores da LiGay vão entrar em modo “tutorial”, distribuindo *know how* e

conhecimento de como montar um trabalho esportivo, com o futebol ou outras modalidades, para vários outros grupos interessados. De uma prática corriqueira e localizada entre amigos, ela vai se transformar num fenômeno em todo o país, digno de ser encarado como potencial forma de sucesso profissional na modalidade, como explicarei adiante.

#### IV

Dito isto, e adentrando mais especificamente nas dimensões de gênero e numa compreensão mais acurada sobre esses “futebóis”, faço duas observações. A primeira remonta às performances esportivas destes sujeitos, que trazem formas distintas de “performar” o futebol. Em termos mais teóricos, são performances atléticas, mas também *performatividade de gênero*. Judith Butler (2003, p. 48,) nos ajuda neste sentido, quando relaciona tal noção com o conceito de identidade de gênero: “(...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados”. Assim, gênero não teria *status* ontológico e a identidade de gênero, uma ilusão inventada e mantida pela repetição de gestos, teria natureza essencialmente discursiva para a autora, particularmente em sua existência cotidiana.<sup>15</sup>

Portanto, de acordo com ela, tais gestos e atuações produzidos na superfície do corpo, “(...) entendidos em termos mais gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por um lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentada por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2003, 194, grifos da autora).

Nesse sentido, quando chutam forte a bola, abraçam-se na comemoração de um gol, cospem no chão, ajeitam o pênis entre colegas e, cada vez mais, quando “jogam como héteros”, estes jogadores buscam uma “coerência de gênero”, fabricando um ideal de identidade que se acopla a uma ideia fantasística de macho futebolista – e mais adiante mostro corpos divergentes em termos de sexualidade, que também acabam reproduzindo isso em um nível mais competitivo. Deste modo, esses atos performativos repetidos dentro de uma estrutura rígida criam uma “ideia” de gênero, uma ilusão fomentada discursivamente como forma de regular a

---

<sup>15</sup> Em produção posterior, Butler (2009) vai esclarecer os mal entendimentos e críticas acerca do conceito. Performatividade ou atos performativos seriam produtos da linguagem, que não apenas descrevem uma realidade existente, mas também a constituem, conferindo um poder vinculativo à ação realizada. Enquanto a performance diz respeito a ações e comportamentos de um sujeito no mundo, incluindo aspectos visíveis (como gestos, roupas e linguagem). Uma série de performances repetidas desembocam numa ideia fantasiosa de “identidade de gênero” que, com o tempo acaba ganhando *status* de algo estável.

sexualidade e a masculinidade socialmente instituída, além de legitimar a heterossexualidade. Afinal, “(...) tornar-se um gênero é um laborioso processo de tornar-se *naturalizado*” (idem, p. 107, grifos da autora).

Há um dado de campo que mostra que esta explicação serve para o jogador que investe cada vez mais numa performance masculinista, mas igualmente para àquele outro que, em oposição, demarca uma posição contrária, afeminando-se ao extremo. Ou ainda para o mesmo jogador que faz uma coisa e outra em momentos diferentes. Então, esses “atos imitativos” engendram uma noção de paródia:

A noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é *da própria ideia* de um original; assim como a noção psicanalítica da identificação com o gênero é constituída pela fantasia de uma fantasia, pela transfiguração de um Outro que é desde sempre uma ‘imagem’ nesse duplo sentido, a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual molda-se o gênero é uma imitação sem origem. (BUTLER, 2003, p. 197, grifos da autora).



Figuras 4 e 5: Equipe Futeboys, em treino  
Fonte: Instagram Futeboys (20/04/2019)

Portanto, Butler explica que a replicação constante de constructos heterossexuais dentro da das culturas sexuais *homo* e *hetero* demarcam o caráter construído do “heterossexual

original”.<sup>16</sup> E o *gay* seria para o homem heterossexual não o que uma cópia é para o original, mas o que uma cópia é para outra cópia. Por isso, “(...) o original nada mais é do que uma paródia da *ideia* do natural e do original” (BUTLER, 2003, p. 57, grifos da autora).

No início deste *futebol gay*, por assim dizer, havia muito mais práticas parodísticas inseridas nos atos performativos dos jogadores, ou seja, gestos e posturas zombeteiras do que seria um jogador de futebol no meio LGBT, ou do que ele deveria fazer em campo. Falo tanto dos desfiles “lacrados” das entradas das equipes, como das atitudes pessoais ao longo da competição. Na 1ª *Champions LiGay* em 2017 havia certa tensão no ar sobre isso (opondo masculinidade *versus* afeminação), que exporei na parte etnográfica a adiante. Isso vai se resolvendo com o passar do tempo, particularmente no aperfeiçoamento técnico de formas de jogar mais racionais e diretivas.

De qualquer forma, o que quis chamar atenção nesta observação é para o fato de que, como efeito de uma performatividade de ser jogador de futebol “macho” e eficaz, que opera de forma sutil e é imposta de modo político, “(...) o gênero é um ‘ato’, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do ‘natural’ que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantasístico” (BUTLER, 2003, p. 211).<sup>17</sup>

Por fim, um ponto nevrálgico nesta consideração: o que levaria tais jogadores a executarem uma performatividade de machos futebolistas não estaria apenas nos atos e gestos que a cisgeneridade/heteronormatividade impõem a eles, mas também outros fatores internos, a exemplo dos psicanalíticos (KIMMEL, 2016). Como o pesquisador destaca:

Os sentimentos dos homens não são sentimentos de um poderoso, mas daquele que veem a si próprios como impotentes e sem poder. Esses são os sentimentos que vêm inevitavelmente da descontinuidade entre o social e o psicológico, entre a análise agregada que revela que os homens estão em poder como um grupo e o fato psicológico de que eles não se sentem poderosos enquanto indivíduos. São os sentimentos de homens que foram criados para acreditar

---

<sup>16</sup> A tradução do livro de Butler é de 2003 no Brasil, mas sua obra foi publicada nos Estados Unidos em 1990. De qualquer forma, não contempla as críticas mais atuais de transfeministas contra uma sociedade cisheteronormativa. Tomando essa ideia, portanto, posso afirmar também que nessa acepção de “heterossexual original” estaria agregado o *status* de “cisgênero autêntico”.

<sup>17</sup> Importante destacar que as possibilidades de subversão na performatividade são sempre atos políticos: “(...) somente *no interior* das práticas de significação repetitiva que se torna possível a subversão da identidade” (BUTLER, 2003, p. 209, grifos da autora).

em si habilitados a sentir aquele poder, mas não o sentem (KIMMEL, 2016, p. 119).

A seguir, a segunda observação tem a ver com o lugar de referência deste futebol “alternativo” ou “marginal”, que nomeei acima como dissonante. Em realidade, se o considerar no conjunto das propostas atuais de expressões futebolísticas, podemos falar de “futebóis”, no plural. Essa noção vem de Damo (2007), para quem outras matrizes de dentro do futebol o segmentam (o futebol comunitário, futebol escolar, etc.), passa a ser aperfeiçoada por Claudia Kessler (2016), quando adiciona o caráter generificado ao trabalhar enfaticamente o futebol feminino ou de mulheres dentro do espectro de “outros futebóis”<sup>18</sup>, e chega até mim, quando ganha dimensões de gênero que dão origem a “múltiplos futebóis” (CAMARGO, 2020a; CAMARGO, 2021), cujo entendimento aqui será ampliado.

Desta forma, como entendo que estamos diante de expressões múltiplas e não únicas, sugiro realocar esses futebóis dentro do espectro da multiplicidade. Assim, posso falar dos “múltiplos futebóis”, que se distinguem, mas também se particularizam, contendo elementos em comum. E, sobretudo, estão “dentro” do futebol espetacular, num movimento de coabitação e antropofagia. Como Toledo e Camargo (2019, p. 97-98) expressam:

(...) o problema da multiplicidade ou das perspectivas de apropriação dos futebóis dentro do Futebol sempre foi inerente à sua prática, quer profissional e espetacular, quer lúdica, e visibilizar as pequenas ou mil insurgências em seu interior é perceber um movimento de dentro, que hoje se projeta com intensidade também a partir de novos atores que reivindicam a prática como índice de empoderamento de novas identidades no e do esporte.

Entretanto, gostaria de agregar aqui a dimensão da fractalização em relação a esses “múltiplos futebóis”: eles são fractais de uma estrutura maior, que se originam nas bordas, que brotam de dentro, mas que, em alguma escala, modificam também o lugar de onde vieram. Mais adiante farei uma análise sobre tais estruturas e alguns modelos matemáticos (como o Triângulo de Sierpinski e os Conjuntos de Benoît Mandelbrot e Gaston Julia), como tentativas de

---

<sup>18</sup> Kessler (2019) reconhece o caráter marginal e periférico de “outros futebóis”, mas não percebe dois aspectos: 1) não se restringem apenas às mulheres; 2) esses “outros futebóis” estão à margem, quando acontecem invisibilizados, mas podem se verter ao centro, quando atingem à grande mídia ou quando aparecem sorrateiramente numa saída do armário de determinado jogador do futebol convencional. O movimento, portanto, é pendular e elíptico, não unidirecional.

visualização desse movimento generativo constante, ao qual atrelo, analogamente, os múltiplos futebóis.

Por sua vez, estes jogadores, ao se expressarem futebolisticamente, politizam o campo esportivo através de suas práticas múltiplas, que acabam interseccionalizando os ditos “marcadores sociais da diferença” (SAGGESE *et. al.*, 2018), como etnia, cor da pele, classe social, gênero, sexualidade, capacidade. Quando interseccionalizados, eles oferecem um panorama mais diverso e complexo de compreensão do objeto investigado, que não se circunscreve apenas no esporte, mas vai além dele.

Tais problemáticas não são novas e têm ganho substanciais camadas ou redimensionamentos, particularmente a partir de produções elaboradas por novos sujeitos no campo, como antropólogas/os negras/os, indígenas, deficientes e LGBTQIA+. Como o antropólogo Arlei Damo (2023, p. 139) reconheceu, em recente publicação:

Um outro grupo, que está chegando ao campo, é caracterizado por jovens envolvidos com militância política entre grupos organizados. São grupos ainda em fase de consolidação, implicados com o clubismo e a experimentação das emoções estéticas características desse meio, mas igualmente preocupados em combater as diferentes faces do sexismo e do racismo”.

Dito isso, me coloco como um antropólogo desses, que tem insistido (talvez sem muito sucesso, ao menos financeiro) em pesquisas com “minorias sociais” seus espaços de práticas esportivas e de lazer, inclusive no “universo do futebol”. Posso dizer que desenvolvo uma antropologia peculiar, marginal até, dentro da Antropologia das Práticas Esportivas, campo diverso, que tem se hipertrofiado, lenta e expansivamente, nos últimos quarenta anos.

Trago tais grupos comigo, quando posso, e a vida acadêmica me permite, ou as revistas científicas que autorizam pessoas não tituladas ou com titulação básica de graduação. Isso porque acredito numa antropologia de conhecimentos compartilhados, divididos, refletidos e pensados em conjunto. Foi o que ocorreu nas parcerias com o autor/ativista trans Kéo Silva, o psicólogo/ativista trans Julian Silvestrin, o jornalista gay Flávio Cavalcanti Pinto do Amaral, e a autora lésbica Cláudia Samuel Kessler, com quem debati, pensei, escrevi.<sup>19</sup> Discutimos

---

<sup>19</sup> Em Silva e Camargo (2023) publicamos “Antagonismos entre sexualidade e religião no futebol: breve reflexão sobre a colonialidade na Copa do Catar”; com Amaral vários textos sobre a prática de futebol *society* por atletas LGBT na plataforma Ludopédio durante os anos 2021 e 2022, além de um capítulo de livro sobre um clube da Região Norte, “Ball Cat’s e sua trajetória no futebol do norte do país” (CAMARGO; AMARAL, 2022); em Vaz,

alternativas para corpos plurais no esporte de bases cisgênero e heteronormativo, a partir deles mesmo ou de práticas não hegemônicas, como os *futebóis dissonantes*, como o nomeio no meio futebolístico de pessoas LGBTQIA+. <sup>20</sup>

Como salientou Pablo Alabarces (2021) é nestes espaços marginais, considerados “sem importância” mesmo por gente de dentro do campo de estudos, que também “(...) se discute a história, a economia e a política; [e] junto a elas, a raça, a masculinidade, o gênero, a comunidade, o passado e o futuro; mas ainda, a Nação”. <sup>21</sup>

Por fim, pesquisar, ler, refletir, escrever sobre esportes e os “múltiplos futebóis” é um ato político, que tem imbricações e desdobramentos na vida das pessoas envolvidas neles, e também na vida coletiva de uma sociedade cisheteronormativa e binária.

## V

Ao longo destes seis anos da investigação tenho tanto observado pesquisadoras/es jovens escrevendo artigos em parceria com orientadoras/es ou cientistas sêniores, como defendendo dissertações e teses acerca da temática, numa proliferação da produção que parece indicar uma escalada contínua e progressiva. Quero trazer, nas próximas linhas, um olhar para estas produções (escritas e outras), a fim de situar o debate aqui proposto.

Início citando Flávio Amaral, um jogador-ativista-autor, que não apenas tem escrito sobre o que chama de “futebol LGBTQIAPN+” (até o fim da tese testarei os limites de tal termo), como foi dele um artigo seminal que discutia o impacto e alcance do futebol *society* da 1ª. *Champions LiGay* (AMARAL; BUENO, 2018).

Por sua vez, Luiza dos Anjos e José Aelson da Silva Jr. (2018), no intuito de trabalhar com a metodologia de História Oral e registrar duas histórias reais de pessoas que sofreram preconceitos no mundo futebolístico (em diferentes épocas e lugares), trouxeram a trajetória de Gustavo Mendes, um dos fundadores da equipe Bhabixas, de Belo Horizonte. O mérito do artigo é justamente é mostrar que, tanto no caso dele, quanto de um outro torcedor de coletivos

---

Camargo, Silvestrin e Silva (2020), ponderamos como a transgeneridade se articula com a celebridade no caso de Caitlyn Jenner, uma famosa atleta trans do decathlon dos anos 1970; e em Camargo e Kessler (2017), publicamos “Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e sexualidade no esporte sob perspectiva crítica”.

<sup>20</sup> A primeira vez que li e vi alguma menção sobre corpos dissonantes foi no artigo de Silvana Goellner (2003). Este texto foi o que mais tarde me possibilitou discutir em mais detalhes tal categoria, inclusive pensando nesses futebóis.

<sup>21</sup> Do original: “(...) también se discute la historia, la economía y la política; y junto a ellas, la raza, la masculinidad, el género, la comunidad, el pasado y el futuro; mas aún, la Nación” (ALABARCES, 2021, p. 104).

organizados não alinhados à heterossexualidade, há processos comuns de clausura no armário no futebol, violências suportadas, resistências instituídas e finais bem-sucedidos em relação ao futebol.

Entretanto, em termos de artigo científico de impacto, considero a produção de Diego Santos de Jesus (2019) como a primeira grande contribuição ao debate. O autor analisa a realização do primeiro evento da *Champions LiGay* em 2017, via material coletado de redes sociais (Facebook) e mídia jornalística, à luz de sua proposta de ser um campeonato “inclusivo”. Sua argumentação central mostrou que a organização responsável pelo evento (LiGay) promoveu solidariedade entre pessoas que dividem experiências dolorosas de opressão, questionando o espaço do futebol convencional como restrito a uma masculinidade heterossexual. No entanto, mesmo tendo êxito nisso, o autor considera que tal entidade ainda teve problemas na execução da proposta (por falta de estrutura e patrocínio) e que os jogadores acabam reproduzindo estereótipos vinculados à masculinidade hegemônica de um *ethos* guerreiro e viril – consequentemente excluindo corpos outros que não alcançavam tal perfil.

Leonardo da Silva Martinelli (2020) reflete sobre os abalos causados à masculinidade hegemônica no futebol por meio de três elementos instituídos, quais sejam, as torcidas homossexuais dos anos 1970-1980, a atuação de um árbitro reconhecidamente gay em campeonatos oficiais do futebol convencional e as equipes autodeclaradas LGBTQIA+ do futebol *society*. Apesar da boa intenção, o autor derrapa na pasteurização destes eventos/acontecimentos, tratando tanto o meio relativo aos gêneros e sexualidades, quanto à situação social brasileira, como se não houvesse tido mudança alguma desde os anos 1970. As resistências às masculinidades são conjunturais e contextuais, não podendo ser comparadas atemporalmente. Além do anacronismo histórico, há o conceitual.

Outro trabalho na esteira de interesses sobre o futebol *society* de atletas amadores LGBTQIA+ é o de Gustavo Henrique Carvalho de Castro, que desenvolveu a pesquisa de mestrado intitulada “Levando a homofobia na esportiva: discursos de resistência em clubes brasileiros de futebol gay”, defendida em 2020. Ele e o orientador, o prof. Marcos Vinícius Siqueira, organizaram os principais resultados e os publicaram num artigo, pouco tempo depois (CASTRO; SIQUEIRA, 2021). Nesse são interpretados, sob a ótica da análise do discurso de Michel Foucault, relatos de 22 jogadores autoreconhecidos como *gays*, que atuaram em clubes de futebol *society* de nove capitais brasileiras. Segundo os autores, três discursos de resistência podem ser depurados a partir das entrevistas: a ressignificação pelo humor do xingamento e das ofensas à orientação sexual; o estabelecimento de silêncios relativos à temática e a instauração

de invisibilidades; e, por fim, a ponderação sobre as interações jocosas no futebol em relação à presença de *homens gays*. Para meu propósito aqui, vale destacar trecho final:

A análise possibilitou compreender que, embora o futebol *gay* no Brasil diferencie-se em vários elementos do futebol convencional, **sobretudo no clamor por inclusão** e combate à homofobia, experimenta entraves para posicionar-se como frente autêntica de resistência ante o futebol hegemônico, tendo dificuldade de interferir na própria dinâmica de organização desportiva (CASTRO; SIQUEIRA, 2020, p. 1067, grifos meus).

Ainda no transcorrer de 2020, Mayara Akie conclui uma série documental filmográfica sobre o futebol praticado por grupos LGBTQIA+, na qual fui entrevistado e, por convite dela e do orientador de trabalho de conclusão de curso, também participei da banca. O documentário de Mayara é sensível, cuidadoso, responsável e consegue possibilitar que múltiplas vozes do campo se expressem sobre suas práticas corporais futebolísticas. A obra é produzida em três episódios, que colocam em perspectiva três pontos essenciais, em minha opinião: as narrativas distintas sobre a coexistência de um *futebol gay* e de um *futebol LGBT*, as lutas igualmente diferentes de jogadores *gays*, bissexuais e transmasculinos e a certa visão de futuro destas práticas.<sup>22</sup>

No ano de 2021 aparecem vários artigos em periódicos brasileiros contendo investigações que tomam este futebol como mote analítico. De minha parte, eu já rascunhava algumas impressões acerca das *Champions LiGay* que etnografava, e mesmo refletia sobre as opiniões e discursos dos jogadores que insistiam falar de um “futebol inclusivo”, porém as publicava no *blog* do Ludopédio – que não é exatamente uma revista científica.

Neste ano concluo junto com a pesquisadora Helena Altmann, a organização que durou quase dois anos, da publicação de um dossiê na Revista Estudos Feministas, de Florianópolis. Nele, além de contar com um artigo de minha autoria em que discuto a *Champions LiGay* e sua proposta de organização esportiva a partir do trabalho de campo (CAMARGO, 2021), são publicados dois outros inter-relacionados: o de Julian Pegoraro Silvestrin e Alexandre Fernandes Vaz (2021), que tratava de uma espécie de “origem” das equipes de futebol

---

<sup>22</sup> A pesquisadora também registra este processo num capítulo de livro, em 2023 (AKIE, 2023). Os episódios da websérie, por sua vez, podem ser visto no Youtube nos seguintes endereços: “Fair Play – parte I” (<https://www.youtube.com/watch?v=HfxuO2VaNaA>), “Fair Play – parte II” (<https://www.youtube.com/watch?v=sDXKDRvqzFk>), “Fair Play – parte III” (<https://www.youtube.com/watch?v=DAZ3FLDIibs>). Acesso atualizado em 05 jan. 2024.

*society*/futsal de pessoas transmasculines como espaços de sociabilidade e de edificação de masculinidades dissidentes, distintas das encampadas por jogadores homo e bissexuais em seus espaços esportivos<sup>23</sup>; e o de Mariani Pisani e Maurício Rodrigues Pinto (2021), que apesar de apresentar dois campos etnográficos distintos com atletas amadoras cisgênero e jogadores trans amadores, acabam ponderando como a prática futebolística engendra estruturas machistas e LGBTfóbicas que afetam tais sujeitos e as/os afastam das quadras.<sup>24</sup>

Interessante notar que é aproximadamente nesta época em que começam a aparecer escritos, oriundos de reflexões e mesmo de pesquisas, sobre o que é chamado “futebol trans”. A partir do reconhecimento da sigla LGBTQIA+ e da presença de sujeitos aí representados dentro de quadras jogando futsal e/ou *society* teremos corporalidades e estilos de jogo diferentes habitando os espaços futebolísticos.

Neste mesmo ano há a produção de Carlos Guilherme Vogel (2021), que traz a história do primeiro time de *futebol gay* carioca, os BeesCats Soccer Boys. O autor faz considerações de maior monta sobre esta iniciativa, no cômputo das ações homofóbicas presentes no universo do futebol convencional, elegendo, para tanto, os discursos do fundador da equipe e de alguns de seus jogadores à época. Em realidade, Vogel foi diretor e roteirista de um documentário intitulado “Soccer Boys”, realizado em 2018 e lançado em circuito de festivais alternativos em 2019, que foi objeto de considerações dentro do artigo. Além disso, uma produção textual é publicada analisando a “importância dos festivais de cinema para a divulgação de filmes que não entram para o circuito de exibição em salas comerciais de cinema” (VOGEL, 2022).

Em 2022, uma iniciativa do Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu na capital paulista, materializará uma ideia que estava planejada há alguns anos: publicar um *e-book* sobre os corpos plurais que habitam espaços esportivos e que insistem em marcar presença, no intuito de legitimar a desejada representatividade. Participaram desta iniciativa várias/os autoras/es, como Dóris Régis e Ligia Dona (2022), que tratam justamente das iniciativas da instituição em viabilizar informações valorosas e fomentar debates sobre equipes LGBTQIA+ de futebol, Osmar Souza Jr., Silvana Goellner e eu mesmo, que publiquei algumas notas etnográficas junto a esses grupos desde um evento em que participei no próprio Museu, em 2017 (CAMARGO, 2022).<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Ambos os autores já haviam publicado um artigo prévio desta discussão, um ano antes, porém focando no primeiro time trans brasileiro que propôs ocupar os espaços interditos do futebol de quadra (SILVESTRIN; VAZ, 2020).

<sup>24</sup> Pinto publica, ainda neste ano, um artigo com Raphael Martins e Heloísa Buarque Almeida sobre a equipe de futebol trans Meninos Bons de Bola (MBB) a partir da ótica de seu fundador, o próprio Raphael (PINTO; MARTINS; ALMEIDA, 2021).

<sup>25</sup> Este evento será desencadeador da pesquisa de doutorado, sobre a qual trata esta tese.

No mesmo ano, eu e Flávio Cavalcanti Amaral participamos de um projeto de registro da trajetória da primeira equipe amazonense que agrega praticantes LGBTQIA+ de futebol *society/futsal*, o Ball Cat's. Nós entrevistamos vários jogadores/participantes envolvidos no projeto, desde seu criador até a madrinha do time, justamente no intuito de publicar histórias “marginais” deste movimento esportivo na região Norte do país (CAMARGO; AMARAL, 2022a), que não são/estão conhecidas em outros lugares.

No transcorrer de 2022 fiquei sabendo da execução de um relatório bastante completo, que estava sendo feito a várias mãos, por parte do NIX DIVERSIDADE E ECONOMIA SOCIAL em parceria com a FISIA, distribuidora oficial Nike no Brasil, agência que idealizou e financiou todo o trabalho. O resultado é um mapeamento surpreendente e inédito do desenvolvimento de projetos vinculados ao esporte de pessoas LGBTQIA+ e de coletivos engajados nesta pauta no país, tanto na modalidade futebol, como em outros esportes. O documento se chama “Diversidade & Inclusão no Esporte” e está disponível na íntegra, na internet. O relatório, no entanto, quando ousa em trazer referências bibliográficas para a discussão, acaba incorrendo no erro básico da maioria dos trabalhos que pretendem “examinar” o que há de escritos sobre o tema: deixa de citar muitas coisas escritas e publicadas à época no contexto brasileiro.

Recentemente, no último ano, aumentaram as produções acadêmicas dos próprios sujeitos LGBTQIA+, que são praticantes destes futebolis. O destaque vai para um livro organizado por Osmar Moreira Souza Jr., Ricardo de Carvalho e Denis Prado (2023), que objetivou colocar em perspectiva a ideia de um “movimento utópico revolucionário” na prática destes coletivos jogadores. Os capítulos autobiográficos de Alexandre Antoniazzi (2023) e Ludgério Mohamad (2023), ambos homens autodeclarados *gays*, narram suas experiências de fazerem parte do que chamam “times LGBTQIAPN+ de futebol” e o quanto as vivências foram importantes suas vidas. Na mesma obra, Bernardo Gonzales (2023) compartilha as dores e os posicionamentos políticos de um corpo transpassado pela rejeição em lugares esportivos, mas que insiste em existir/resistir em ações de um *futebol trans*, que o liberta e inspira. O livro pretendeu colocar no marco referencial de um “futebol transmoderno” tais expressões, algo que supera o decadente futebol de matriz midiática espetacular.

Ainda em 2023 há a defesa de doutorado de Vanrochris Helbert Vieira (2023), que buscou compreender de que maneira a manifestação de gênero e a reflexividade dos jogadores LGBTQIA+ de futebol se relacionam com a formação de dois clubes esportivos em Belo

Horizonte, os Bhabixas e os ManoTauros. Elu<sup>26</sup> faz um mergulho profundo nas motivações da criação e subdivisão dos times mineiros e no estabelecimento de discursos duais, que acabam lhes outorgando características distintas nos modos de ser e se apresentar, mais “efeminados” ou “emasculados” (termos dele). Surgem daí os futebóis das “bichas” e dos “manos”, coletivos que vão ressignificar de modos distintos a prática de futebol em Belo Horizonte e em Minas Gerais, mais próximo ou mais distante de uma masculinidade hegemônica instituída socialmente.

Por fim, Noah Ferreira e Rafael Garcia (2023) tomam a equipe futebolística de homens transmasculinos BigTBoys, do Rio de Janeiro, como foco de investigação. A partir de aplicação de questionário com questões abertas e fechadas, os autores percebem que apesar do time ser um espaço não violento, de acolhimento e bem-estar, a tão propalada “inclusão” pode não ocorrer de modo tão pacífico, particularmente em relação às questões que atravessam esses corpos, notadamente as identidades de gênero divergentes das cisheterocentradas. Pelo que percebo por este balanço, cada vez mais a presença de pessoas *trans* no contexto futebolístico (amador, não midiático, da prática de quadra) tem instigado pesquisas em número crescente pelo país.

Ademais, o que se pode perceber a partir deste recorrido que apresentei aqui é que há uma **agenda de pesquisa** em expansão. Ela começa, se posso assim dizer, com um tímido *futebol gay* que explode enquanto fenômeno, e expande para outras formas de compreensão dos futebóis (não cisheteronormativos, dissonantes, múltiplos) como práticas esportivas. Surgem o *futebol trans* e o *futebol LGBTQIAPN+* nas narrativas do campo, mas minha hipótese é que eles ainda convivem com o *futebol gay*, seja no entendimento de pessoas dentro do campo, seja na tentativa de compreensão acadêmica sobre o assunto.

Muitos/as pesquisadores não problematizam os chamamentos, as nomeações ou mesmo as categorias, seja porque não têm grande vinculação com o objeto, ou porque não percebem sutis detalhes, que podem ser apreendidos por meio de uma etnografia, por exemplo. Esta tese tem como objetivo pensar quais tipos de práticas são essas, que falam de “futebol inclusivo” na interlocução com a matriz normativa do Futebol moderno (midiático, capacitista, capitalista). Nas considerações dos diferentes lugares ocupados pela “inclusão” na vida dos jogadores interlocutores, esta tese avança no argumento de que este sentimento subjetivo é um articulador das experiências esportivas nos clubes e nos eventos etnografados, mesmo em meio às contradições existentes.

---

<sup>26</sup> Pessoa não binária, elu deseja que, quando mencionado, seja em linguagem neutra.

## VI

Como último destaque, esta pesquisa se coloca dentro do marco referencial de uma “Antropologia das Práticas Esportivas”, campo ainda em consolidação nas disputas das narrativas com a institucionalizada e estilística Antropologia do Esporte. Há quem defenda a manutenção incólume da nomenclatura “Antropologia do Esporte”, na medida em que ela necessita de legitimação acadêmica e reconhecimento dentro das próprias Ciências Sociais e em espectro internacional – obviamente levando-se em conta a perspectiva brasileira. Este argumento tem sua razão e as recentes atuações de grupos nacionais desde 2018 junto à Comissão de Antropologia do Esporte (*Anthropology of Sport Comission*), dentro da *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* (IUAES), demonstram isso.

Mas o antropólogo Luiz Henrique de Toledo (2001, p. 137) já fizera uma defesa contundente de uma “Antropologia das Práticas Esportivas” há mais de vinte anos:

Não se trata aqui de uma simples disputa terminológica, mas incorporar à análise uma gama de práticas sociais tangíveis observadas entre grupos sociais que praticam determinadas atividades físicas reguladas, mas que, não necessariamente, se esgotam numa definição como a de esporte [...]

Portanto, ao passo que a Antropologia do Esporte incorre num possível erro ao não distinguir entre jogos, brincadeiras e esportes (que apareceram na história do pensamento antropológico) e ao alocar os fundamentos desta subárea de conhecimento desde os antropólogos evolucionistas do século XVIII (BLANCHARD, 1995), parece-me que a Antropologia das Práticas Esportivas já nasce sabendo a que veio, com uma inclinação menos regrada, diversa e, sobretudo, contemporânea. É bem possível que ela seja uma criação brasileira e, portanto, um discurso dissonante e subalterno dentro da história oficial de uma (sub)disciplina nascida no hemisfério norte.

Quero me basear nisso para tentar trilhar alguns trabalhos que podem ter contribuído com esta arredia e localizada sub-subdisciplina. Penso que seu nascimento está localizado a partir da multiesportividade ocorrida na sociedade brasileira dos anos 1990 (TOLEDO, 2013a). Entretanto, há ações anteriores, que pavimentaram o caminho para que ela surgisse, inclusive a discussão sobre os esportes e o próprio Futebol como objetos analíticos das Ciências Sociais. É como se pudesse dizer que essa Antropologia das Práticas Esportivas só pode ser quem ela é

(aberta, difusa, democrática, desregrada), por causa de questões e problemáticas que foram sendo agregadas ao longo, particularmente, dos anos 1960, 1970 e 1980.

Se pensarmos no tema e no contexto nacional, lá há quase cem anos, quando Gilberto Freyre escreveu “O mulato no football brasileiro”, havia certa intenção de discutir a racialização do jogar bola, talvez produzindo um “estilo de jogo” típico do país. Mas, sobretudo, havia uma questão política de colocar foco no corpo preto, que ganhava importância naquele momento histórico. Freyre possivelmente pensou que sua tarefa havia sido cumprida com êxito, sem imaginar que pasteurizava uma realidade a partir de um entendimento equivocado da “democracia racial”.

Se Freyre pode ter atingido certa dimensão antropológica ao tratar de ‘futebol’, ‘identidade’, ‘minorias’, certamente estaria muito longe de fazer, com isso, nascer uma disciplina que estudaria o Futebol e o esporte de modo aprofundados. O assunto e o tema serão completamente ignorados durante muitos anos pelas então Ciências Sociais, que estavam preocupadas com outros temas particularmente na primeira metade do século XX. Caberá a Roberto DaMatta ser o estandarte apoteótico do que mais tarde será nomeado como uma “Antropologia do Futebol/Esporte”.

Este autor publica suas notas ensaísticas sobre o futebol brasileiro, no primeiro livro escrito a este respeito, no qual o futebol aparece como um drama social privilegiado para entender o Brasil (DAMATTA, 1982). Era uma repetição dos argumentos já desenvolvidos anteriormente, quando o antropólogo mostrou que os arquétipos do herói, do malandro e o carnaval representariam diferentes respostas a tensão entre ordem e desordem inerentes à sociedade brasileira (DAMATTA, 1979).

DaMatta faz parte de um grupo de pensadores que buscaram inserir-se numa moderna tradição intelectual para desenvolver uma “teoria de Brasil”, a fim de pensar questões nacionais. Segundo Alexandre Vaz (2002), ele pode ser colocado junto a nomes de autores e intelectuais importantes que teriam perseguido caminhos semelhantes, como Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre, Caio Prado, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Marilena Chauí e Roberto Schwarz.

A obra *Universo do Futebol*, de DaMatta (1982), figura como a grande referência de um campo de estudos que se lança de dentro das Ciências Sociais, algo bastante inusitado para a época. Seu ensaio no livro vai discutir a dimensão ritualística do Futebol e de como, a partir dele, pode-se compreender a “sociedade brasileira”. A modalidade esportiva se constituiria, em seu ponto de vista, como uma esfera independente das relações políticas mais imediatas, configurando-se como um espaço de identidade e unidade nacionais. Para entender tais

contradições, DaMatta vai empregar a categoria de drama social – uma categoria apoiada na vertente estruturalista (de Victor Turner, Max Gluckman, Clifford Geertz, Claude Lévi-Strauss). No caso do futebol, o drama é uma “estrutura que simultaneamente revela e esconde” (DAMATTA, 1982, p. 29).

O fato, porém, é que a sociedade brasileira é pródiga em apresentar combinações e ligações que, à primeira vista, são inteiramente deslocadas ou até mesmo impossíveis. Assim, é mais fácil ser católico e umbandista, milionário e socialista, aristocrata e populista, *ao mesmo tempo*, do que ser cada uma dessas coisas num dado momento da existência. Tal como ocorre no plano da sociedade, onde combinamos, de forma teoricamente complexa, autoritarismo estatal, patronagem familística e um capitalismo moderno que opera eficientemente em muitas áreas. Geralmente somos ideológicos e impessoais na *rua* e adotamos senso comum tradicionalista em *casa*, quando funcionamos governados por uma ética de relações pessoas e da família. (DAMATTA, 1986, p. 103, grifos do autor).

Portanto, será mais inteligível para o autor entender a sociedade pelo “avesso”. O futebol enquanto drama de “justiça social”, é um fator modernizador, progressista e democrático em seu acontecimento. Afinal, se na política ou na economia as compreensões são obscurecidas, no futebol todo mundo sabe o que acontece. O jogador não é beneficiado pelo parentesco ou por relações de amizade, mas pela qualidade técnica de seu jogo.

O autor vai alinhar sua produção intelectual com um debate externo quando publica um ensaio que pergunta se o Futebol seria, de fato, o “ópio do povo” ou um drama social (DAMATTA, 1994). Seus posicionamentos serão decisivos para condenar a ideia do futebol como “ópio do povo”, um mantra crítico, arrolado desde os anos 1970, particularmente por autores marxistas como Jean-Marie Brohm e outros teóricos, da chamada *New Left* europeia. Como Vaz (2002, p. 160, grifos do autor) explica:

Uma das críticas mais ferozes feitas pela *nova esquerda* ao esporte refere-se ao fato de ele estar fortemente vinculado ao *princípio de rendimento* (*Leistungsprinzip*), no qual a competição, evidentemente, desempenha um decisivo papel. A crítica ao esporte desenvolvida principalmente na Europa ocidental entendia que o esporte reproduzia e reforçava as relações capitalistas, instrumentalizando corpos e alienando consciências.

Notadamente, DaMatta vai atingir um enorme sucesso em outros escritos, sempre seguindo a linha de textos ensaísticos, muito bem escritos, contando seus “causos” (DAMATTA, 1986; DAMATTA, 1993). Mas, como nem tudo são flores mesmo no mundo acadêmico, logo chegaram as críticas. A principal delas foi uma apresentação de Arlei Damo (2014b) no fórum de Antropologia do Esporte, na 23ª Reunião da Associação de Antropologia Brasileira (RBA), realizada em Gramado, Rio Grande do Sul. Nela o pesquisador revisava os principais posicionamentos de DaMatta nos últimos vinte anos a partir da publicação do *Universo do Futebol*: um sentido unívoco da ideia de Futebol reduzido apenas à sua dimensão profissional (sem considerar variações de sua prática), a noção de “democracia” engendrada pela modalidade junto à sociedade brasileira (sem levar em conta as relações de poder instituídas pelos clubes junto a outros atores e instituições sociais) e a ideia das torcidas como “nações” (sem tratar de agentes internos destes aglomerados) foram os principais pontos críticos.

No mesmo ano, Alexandre Vaz publica algumas considerações a partir de sua tese de doutorado recém-defendida à época, nas quais também analisa a produção do antropólogo brasileiro. Além de criticar a “positividade” instituída nas explicações do Futebol como elemento decodificador da sociedade, Vaz (2002) questiona a associação de DaMatta entre a conquista do selecionado brasileiro da Copa do Mundo de Futebol de homens de 1994 e o de “sucesso” de Fernando Henrique Cardoso e do Plano Real.

Outra ponderação vem de Édison Gastaldo, que apresenta um dossiê sobre Roberto DaMatta publicado na Argentina, e diz que apesar de não conduzir pesquisas etnográficas, uma dimensão fundamental da Antropologia enquanto ciência, DaMatta “estimulou e estimula várias gerações de estudiosos do esporte” (GASTALDO, 2014, p. 2).

Entretanto, o primeiro trabalho produzido dentro de uma proposta de centralidade do Futebol (esporte) no Brasil, nas Ciências Sociais, não foi o trabalho de DaMatta (1982), mas sim a dissertação de mestrado em Antropologia Social de Simoni Guedes (1977) – recentemente publicado em livro pela Editora do Ludopédio. Pablo Alabarces (2021) trata do que chama de “paradoxo”: o compêndio de DaMatta (1982) foi político por ter lançado o Futebol como objeto central na antropologia brasileira e latino-americana, mas a dissertação de Simone Guedes (1977) foi fundacional.

Guedes participou do compêndio de DaMatta (1982), no qual trouxe parte de sua pesquisa com operários de fábricas em subúrbios e suas visões e anseios acerca do futebol. Como relata em trecho emblemático:

Premidos pelas circunstâncias, com ‘chances’, ‘sorte’ e ‘apoio’ alternando-se, quando o sucesso depende de sua conjugação, vão concomitantemente constituindo uma experiência cada vez mais rica da vida como operários. Vivência e ideologias, juntas, constroem pouco a pouco, percepções críticas do valor dos ‘craques’ e do futebol profissional, tendendo, cada vez mais, a delimitar seu espaço social de prática do futebol, consolidando-o enquanto ‘peladeiro’ local. Neste nível, **o jogo de futebol cumpre funções simbólicas e sociais complexas, atualizando inclusões e exclusões**, reforçando, criando e cortando laços sociais, atuando como mecanismo reprodutor e reinterpretativo de ideologias (GUEDES, 1982, p. 74, grifos meus).

Fantástica esta passagem em que o Futebol é elemento articulador das complexas questões simbólicas que atingem a vida daqueles trabalhadores. E mais fenomenal ainda é a história da relação da antropóloga e dos interlocutores, tantas vezes narradas por ela em mesas de congressos: como ela era mulher, eles partiam da aceção de que ela não sabia nada de futebol e, deste modo, eles teriam o dever de “ensiná-la”. Isso a deixou numa posição bastante confortável para perguntar o que quisesse àqueles sujeitos.<sup>27</sup>

Se DaMatta foi a “figura pop” da antropologia, com bastante trânsito midiático (textos na Folha de São Paulo e outros jornais, programas de televisão, entrevistas para documentários, etc.), Guedes acabou sendo bastante ativista pelo campo em formação e muito preocupada com seus rumos. Ela chegou a debater um *paper* que apresentei numa Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), em 2011, e me perguntou se não havia sujeitos LGBT (a sigla era esta naqueles tempos) que demandassem práticas de lazer ou esportivas no Brasil, uma vez que minha pesquisa havia sido com estrangeiros. Dada minha resposta negativa, ficou com aquela conhecida face questionadora, mão no queixo e olhar fugidio.

Em 2010, foi convidada pela Associação Brasileira de Antropologia a escrever sobre o campo mais específico de pesquisas com Futebol/Esportes. E a citação a seguir mostra um alinhamento à proposta de Toledo acerca de uma Antropologia das Práticas Esportivas:

A legitimação dos estudos sobre lazer e esportes na Antropologia brasileira, concomitante ao crescimento extraordinário das pós-graduações nas duas

---

<sup>27</sup> Como ela relata, na segunda parte da entrevista concedida a Enrico Spaggiari, no site Ludopédio: “(...) mas de outro, eles é que sabiam das coisas e eu não. Então, eles estavam me ensinando coisas. Então eles partiam do princípio que eu não sabia nada de futebol, o que seria natural, e aí eles podiam me explicar coisas, enfim, eu podia fazer perguntas bobas, que parecessem bobas para eles” (ENTREVISTA SIMONI LAHUD GUEDES PARTE II, 2013, s/p.)

últimas décadas, ocasionou notável crescimento da produção de livros, teses, dissertações e monografias, nas mais diversas instituições brasileiras, cobrindo variados aspectos das práticas esportivas. Nesse período, dois deslocamentos importantes começam a ocorrer: esses estudos se autonomizam, paulatinamente, em relação aos estudos sobre o lazer; e amplia-se o escopo empírico, introduzindo novas questões, deixando de ser uma Antropologia do futebol para transformar-se em uma Antropologia das práticas esportivas (GUEDES, 2010, p. 442).

Mas o campo de estudos e pesquisas sobre esporte, futebol e práticas esportivas no país também foi se estruturando a partir da contribuição de diversos/as outros/as autores/as. Um autor contemporâneo de DaMatta e Guedes que merece destaque pela produção ao longo dos anos 1980-1990 e pela atuação marcada no Museu Nacional (da Universidade Federal do Rio de Janeiro) é José Sérgio Leite Lopes. Ensaios decisivos como “A morte da Alegria do Povo” (LOPES; MARESCA, 1992) e “A vitória do futebol que incorporou a pelada” (LOPES, 1994), entre outros escritos subsequentes, influenciaram e balizaram muitas investigações antropológicas em todo o país.

Além disso, suas publicações também alcançaram repercussão fora do Brasil, notadamente no contexto científico das Ciências Sociais da França, a partir de um diálogo direto estabelecido na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), particularmente com Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Quando traduzidos para o francês, os artigos desse antropólogo colaboraram para projetar os estudos futebolísticos brasileiros na Europa, num momento em que nem se falava em globalização ou internacionalização do conhecimento.

Dois herdeiros dessa tradição de pensamento e que trilharam caminhos originais nos debates de uma nascente antropologia brasileira do Futebol/esporte foram Luiz Henrique de Toledo e Arlei Sander Damo já referenciados. Eles se mantiveram firmes no propósito de dar contornos a um campo ainda incipiente, sem perder de vista diálogos com uma formação mais ampla de orientandas/os, tanto das Ciências Sociais, quanto da Educação Física. Talvez possam ser considerados a segunda geração a partir da qual um grupo de outros e outras investigadores(as) sociais vão tematizar, particularmente o Futebol e outras práticas esportivas, como fontes pesquisas.

Se Toledo, a partir das pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente materializadas nas obras *Torcidas de Organizadas de Futebol* (1996) e *Lógicas no Futebol* (2022), vai se tornar uma referência no tratamento analítico de questões que envolviam o

futebol, Damo vai ser influenciado por ele e ambos vão estabelecer uma parceria que, durante vários encontros nacionais (tanto da Associação Brasileira de Antropologia, quanto da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), funcionará como fóruns privilegiados que contribuirão, pouco a pouco, para a solidificação das pesquisas com temática de uma antropologia que tinha o futebol e as práticas esportivas como objetos centrais. Como Damo diz sobre a produção dos anos 1980-90: “[ela] é, em boa medida, o resultado de um projeto coletivo não intencional, de intenso diálogo entre as produções que foram se acumulando lentamente no período” (DAMO, 2018, p. 45).

Ambos pesquisadores são presenças incontestes no meio, e de extrema relevância teórica e empírica, particularmente para a formação de várias gerações de antropólogas/os das práticas esportivas. O que me interessa discutir aqui é a referência mais imediata aos escritos de Damo no tocante aos “futebóis”, e para quem a produção acerca do Futebol moderno de DaMatta já está anacrônica (DAMO, 2023). Sigo um *feeling* antropológico, portanto, a partir das observações empíricas e de leituras sobre a teoria dos fractais, que além de ressemantizar conceitualmente os “futebóis” para “múltiplos futebóis”, me permitem explicar como funcionam em relação a uma matriz (a do Futebol convencional).

Damo (2018) encampou a discussão sobre os “futebóis” a ampliou por meio de uma analítica que repensa e problematiza conceitos (de si e de outros pesquisadores), no contexto mais contemporâneo. Segundo aponta, de uma horizontalidade epistemológica a uma diversidade política, “o uso da noção de futebóis foi, portanto, uma estratégia para afirmar a diversidade, e ao mesmo tempo, demarcar a diferença entre a discursividade midiática e a nossa [antropológica]” (DAMO, 2018, p. 45).

De minha parte, penso que esta tese avança na compreensão dos “múltiplos futebóis”, que se disseminam rapidamente na sociedade brasileira contemporânea, como resultados de insatisfações crescentes de variados grupos com um tipo de valoração na cultura futebolística nacional, calcada nos mundos androcêntrico, sexista, racista e excludente do Futebol espetacularizado. Por isso, do “futebol de mulheres” (KESSLER, 2016) ao “futebol de indígenas”, passamos por um espectro de possibilidades que buscam se expressar de modos peculiares, distanciando-se da prática hegemônica e, paradoxalmente, aproximando-se dela nas referências, de ser, de jogar, de vestir, de torcer.

Assim, é sobre estes “múltiplos futebóis”, protagonizados por equipes que jogam fut 7 e que têm aparecido no território nacional nos últimos oito anos (2015-2023), que tratarei ao longo das etnografias. Esses “múltiplos futebóis” estão, simultaneamente, à margem e também no centro do futebol hegemônico e espetacular, uma estrutura que os acomoda e os expõe. É

esta categoria que quero ampliar adiante, exatamente quando proponho uma leitura do “tempo fractal” no processo.

Em tempo: penso que algumas palavras devem ser registradas sobre a prática esportiva que observo em meu campo, qual seja, o futebol *society* (jogado em quadra sintética), que é amplamente a primeira opção entre sujeitos LGBTQIA+ quando têm à disposição o futebol de campo, o futsal e mesmo o futebol de rua.

O subtipo *society* é marcado pela própria característica de sua origem. Por sua história, lida e ouvida aqui e acolá, mas principalmente em *blogs* pessoais e sites de federações/confederações, o *society* já nasceu elitista, como uma expressão corporal e esportiva de jovens rapazes na faixa etária de 30 aos 40 anos, brancos e ricos, de bairros como Morumbi, em São Paulo, e Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, nos anos 1980.<sup>28</sup>

Ele traz motivações para um estilo de jogo rápido, diferenciado, que tem arrebanhado centenas de praticantes pelo Brasil. Importante mostrar que, em meio a esse futebol *society*, têm aparecido expressões estéticas, corporais, discursivas, as quais se servem dele para criar outras formas de jogo, reivindicações de identidades múltiplas e práticas de empoderamento (SARDENBERG, 2012).

Além disso, ele tem como característica agregar círculos próximos de amizade, notadamente de sociabilidade masculina heterossexual, em geral numa quadra de grama sintética ou similar, que pode ser alugada por pagamento avulso ou mensal (AMARAL, OLIVEIRA, 2022). Não raros são os costumes de beber, fazer churrasco e confraternizar com amigos, levando companhias, como “namoradas” ou congêneres – a tal sociabilidade masculina heterossexual marca, portanto, seu nascimento (OLIVEIRA, 2022).

O fut7 se adequa a uma dinâmica urbana, dentro dos limites da cidade, em geral, com espaços construídos e disponíveis em distintos bairros. São quadras cercadas, em espaços reservados, com estacionamento e instalações mínimas (cantina ou bar, vestiários, áreas de lazer). Portanto, tal modalidade se conforma à concepção de um futebol urbano “seguro”, controlado e de fácil execução e alcance. Algumas dessas quadras estruturadas substituíram os antigos espaços descampados, nos quais “campinhos de futebol” existiam (OLIVEIRA, 2022; SOUZA *et. al.*, 2018).

A Confederação do Brasil de Futebol 7 Society é a associação responsável por organizar as normas voltadas à modalidade no país, bem como pensar políticas de desenvolvimento do esporte em todo o território nacional. A cada etapa nacional da *Champions LiGay*, como

---

<sup>28</sup> Essa versão também é contada nas páginas internas da Federação Paulista de Futebol 7 Society (<http://www.fpfs.com.br/detalhe.asp?id=52>).

veremos, uma federação estadual cuida de sua arbitragem. A Federação Paulista de Futebol 7 Society e a Federação Estadual de Futebol 7 do Rio de Janeiro são duas importantes entidades, que congregam número expressivo de associados no fut *society* convencional.<sup>29</sup>

O campo de jogo é menor (entre 45 e 55 metros de comprimento e máximo de 35 metros de largura), possibilitando uma prática acessível e, em dias atuais, incentivando sujeitos de classes sociais menos abastadas praticá-la. O que nasceu em rincões da elite, em gramados residenciais privados ou clubes esportivos, agora é acessado por muitas pessoas, principalmente a partir do costume do “rachão”, segundo me explicou um interlocutor jogador, encontrado ao lado de uma cancha de futebol: o “rachão” nada mais é do que a divisão do aluguel da quadra entre os amigos que querem jogar a modalidade.

Em termos dos times pesquisados, até dezembro de 2023 existiam cerca de 89 clubes no Brasil, em cinco regiões geoeconômicas (Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte), que vêm se multiplicando desde certa “origem” entre os anos 2016/2017. Em 2017, notadamente, com a criação e organização da primeira *Champions LiGay*, pela LiGay Nacional de Futebol Society, foi organizado um calendário bastante agitado de torneios a cada seis meses. Este modelo semestral vai vigorar até a pandemia, quando o Futebol do planeta inteiro vai parar. Depois, o calendário é retomado em 2022, mas com etapas regionais, similares ao agregado de Estados das regiões geoeconômicas. Detalhes deste processo aparecerão nas etnografias.

\*\*\*\*\*

---

<sup>29</sup> Apesar de estar com a página desatualizada, a Federação Paulista traz a seguinte informação em sua aba “história”: “Hoje no Brasil existem Federações de Futebol Society em 26 estados, sendo a Federação Paulista considerada a de melhor infraestrutura entre todas, com mais de 30.000 atletas registrados, cerca de 2.000 jogos por ano e aproximadamente 3.500.000 de praticantes na Grande São Paulo, de forma recreativa, nos mais de 650 campos” (HISTÓRICO DA FEDERAÇÃO, 2012, s/p).

## Apresentação: três formas de narrar e pensar o processo etnográfico



Figura 6: BeesCats em concentração no campo antes de jogo decisivo na 5ª LiGay.  
Foto do autor.

Esta foto tirada da equipe BeesCats antes da final da *Champions LiGay*, em novembro de 2019, mostra a concentração do grupo para receber as instruções derradeiras antes do jogo decisivo, mas também traz uma mensagem política com a bandeira com o rosto de Marielle Franco, atachada no alambrado da quadra. A referência foi propositalmente deixada pelos atletas, a fim de protestar num país ainda sangrando pelas barbaridades dos Bolsonaros e, na época, há um ano sem respostas pelo assassinado da deputada-ativista.

Gosto da foto, sem filtro e feita com uma câmera digital antiga bem simples. Ela traz três dimensões contingentes: a mais óbvia, ou seja, o registro em si (a foto); uma intuitiva, que pega todos de costas, numa captura de tensão pré-jogo decisivo, sob a mensagem política ao fundo e, nessa dimensão, se anuncia o momento específico, único e significativo, do ato fotográfico. E ainda há uma dimensão oculta, qual seja, a presença de quem fotografa e dos motivos pelos quais o faz. Trata-se, portanto, de intertextualidade. Como o antropólogo Fernando de Tacca (2008, p. 36) salienta,

A intertextualidade é entendida como um estado entre sentidos, no qual as características de um meio se fundem a outro, como um processo de edição *eisesteiniana* e seu produto pode muitas vezes ser um híbrido, um novo processo de produção de sentidos.

Quis começar este texto inadvertidamente com este *input* para trazer a intertextualidade para o trabalho antropológico realizado (afinal, não é só futebol) e introduzir modos de contar uma narrativa etnográfica. Ou, particularmente neste caso, formas de contar a minha narrativa etnográfica sobre as práticas esportivas de jogadores amadores de futebol *society* ao longo de seis anos de pesquisa. E sintomático constatar como há coexistências de múltiplas dimensões neste fenômeno observado.

Escolho, portanto, uma primeira forma de contar a etnografia realizada: a partir de uma leitura etnográfica (e, em boa medida, cronológica) dos acontecimentos. A **parte A** trará os desdobramentos da pesquisa segundo um marco cronológico (tempo cronológico) de três momentos das trajetórias destes futebóis, erigidos pelo cadenciamento dos fatos e não por minha designação.

O etnográfico sistêmico se inicia em 2018, porém a pesquisa começou antes, pela sedução do objeto, como conto adiante. De 2018 a 2019 há a institucionalização do *futebol gay* e a estruturação da LiGay, coroados pelos campeonatos futebolísticos que ocorrem no período. De 2020 a 2021 a pandemia do coronavírus entrará em cena como um divisor de águas entre um *futebol gay* de antes e o *futebol LGBTQIA+* de depois (e que ainda não tomou forma final), além da transformação da LiGay de entidade esportiva vinculada ao futebol para uma federação multiesportiva. De 2022 a 2023 há uma disputa de narrativas sobre os futebóis de muitas siglas, ou os “múltiplos futebóis”.



Figura 7: Algumas competições chanceladas pela *LiGay* (futebol, voleibol, handebol e liga trans).  
Fonte: Site oficial<sup>30</sup>

<sup>30</sup> “Competições LiGay”. Disponível em <https://plataforma.sporti.com.br/org/ligay/pesquisarcampeonatos/>. Acesso em 16 nov 2023.

A segunda maneira de contar minha narrativa etnográfica é tentar pensá-la por meio de temas que são caros aos sujeitos entrevistados e acompanhados no trabalho de campo. A leitura temática que proponho na **parte B** é tensa e coloca em oposição (mas também em complementaridade) os temas amadorismo *vs* profissionalismo, homossexualidade *vs* heterossexualidade, inclusão *vs* exclusão. Grafei no primeiro posto da dualidade “amadorismo”, “homossexualidade” e “inclusão” porque quero dar luz ao que meus interlocutores frisaram variadas vezes no campo, a partir destes disparadores. Para eles, estas tensões estão longe de estarem resolvidas.

Dito de modo mais detalhado, o amadorismo é algo presente no estado geral da prática, mas é também o fator que contrapõe, a todo momento, uma melhor forma (ou performance) de jogar. O amadorismo rivaliza o profissionalismo a todo tempo. Sua presença incomoda e os desejos de “se profissionalizar” muitas vezes não passam pela vontade de se tornar um Cristiano Ronaldo ou algo que o valha, mas de acessar o mundo heterossexual do futebol de “igual por igual”. O desejo de participar de ligas comuns de futebol *society* ou futsal de homens heterossexuais é um sintoma disso.

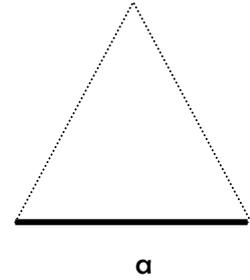
A homossexualidade, por sua vez, é a presença indigesta com a qual se lida, de modo jocoso ou silencioso. Mas ela está sempre presente. A homossexualidade rivaliza com a heterossexualidade, condição nem tanto desejada, mas elemento oculto nas falas, comportamentos, principalmente referências (do jogar futebol). A homossexualidade é um elemento exclusivo, que permite aos sujeitos “se associarem” de modo afetivo-sexual a outros, porém no meio do futebol *society* ela aparece quase como uma “maldição”, sem a qual o mundo futebolístico teria aceitado tais indivíduos e lhes dado outros destinos que não os que ocupam.

Por fim, a inclusão é a “bola da vez”, para usar uma metáfora do esporte. Para a maioria dos jogadores que entrevistei, o termo “futebol inclusivo” estava nas falas, nas reflexões, nas acusações. Esse “futebol inclusivo” adquire instâncias, muitas vezes inexplicáveis, chegando a ser uma espécie de “nirvana”, um estado de libertação de sofrimentos, num mundo melhor, mais acolhedor, mais interativo, mais humano e mais afetivo. Contudo, o termo (e a intenção) não é/são unanimidade(s).

O terceiro modo desta narrativa, na **parte C**, é um exercício de liberdade e de pensar como se poderiam explicar as origens dos “múltiplos futebóis”, ao mostrar como não cessam de aparecer. Escolhi olhar a etnografia para além dela, a partir de uma meta-análise de modelos matemáticos e da multiplicidade dos fractais para pensar sobre a realidade destes múltiplos grupos. A partir disso, discorro em como pensar e explicar os surgimentos desses múltiplos futebóis via estruturas fractais.

## Parte A: o campo

O triângulo escaleno possui três lados com medidas diferentes



Se posso assim colocar, esta pesquisa não começou a partir de meu ingresso no doutorado em Antropologia Social, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em meados de 2018. Ela começou antes, num evento do Museu do Futebol sobre grupos esportivos, dos quais falarei a seguir. A ideia de fazer outro doutorado já estava em gestação há, pelo menos, três anos, quando em conversas esporádicas com meu supervisor de pós-doc (nesta tese, meu orientador), ele me sugeria perscrutar questões de meu primeiro doutorado, que atravessavam atletas amadores no Norte global, porém na realidade “local” brasileira.

O que ocorreu, de fato, foi uma sedução às avessas: o objeto me seduziu para que eu o analisasse em pormenores. Meu interesse pelo futebol de matriz espetacular era pífio e se localizava na chave literária, como ocorreu quando li *Veneno Remédio*, de José Miguel Wisnik, ou *La Guerra del Fútbol*, de Ryszard Kapuscinski.

No entanto, o evento do Museu do Futebol, ocorrido em 2017 teve uma dupla função: informar-me sobre os coletivos LGBT que praticavam futebol e estavam em atividade naquele momento e, além disso, despertar-me a imaginação sociológica (MILLS, 1982), no sentido de pensar um problema sociológico de investigação.

A própria dissonância destas expressões futebolísticas na conjunção com a máxima eficiência do jogar bola, lá naquele começo, já se colocava como uma temática a ser investigada. Os “múltiplos futebolis” traziam corpos dissidentes da heteronormatividade e da cisgeneridade, além de misturarem elementos da cultura sexual (sexual culture).<sup>31</sup> Assim, os jogadores a que tive contato fizeram a fusão em mim do interesse por esta pesquisa: da reverência ao Futebol espetacular em suas modalidades (suas respectivas filiações clubísticas, as camisas de clubes, a “falação” futebolística, os campeonatos assistidos) à conexão inusitada em misturar tudo isso com “ser gay”, “ser bissexual”, “ser trans”.

<sup>31</sup> Como explica Amin Ghaziani (2017, p. 16, em tradução livre), “Culturas sexuais referem-se aos diversos contextos e costumes que atribuem significado aos nossos corpos e às maneiras como os utilizamos em busca do prazer”.

Portanto, na intenção de apresentar o campo de pesquisa e o processo etnográfico de meu envolvimento com ele, elegi neste primeiro momento contar a história a partir de um marco temporal cronológico, o “tempo cronológico”. Não se trata, no entanto, de respeitar uma linearidade ou algo assim positivista, mas de mostrar três movimentos que compõem o processo etnográfico neste período de seis anos (a institucionalização, a suspensão e a fragmentação). Esta divisão me ocorreu como sugestão a partir do olhar sobre as transformações que tanto a LiGay e suas competições, quanto seus atletas, foram sofrendo ao longo dos anos.

No fim desta parte A, gostaria que ficasse claro que o tal *futebol gay* começa a sofrer fractalizações na formação de outros “futebóis” ou de outros “múltiplos futebóis”, se preferirmos. O *futebol LGBT*, ou ainda, *futebol LGBTQIAPN+*, vai funcionar como uma capa que encobre potenciais outras expressões, mas que, em realidade, ficam subsumidas ao próprio *futebol gay*. Este é o paradoxo que se coloca.

### **2017: A pesquisa antes da pesquisa e uma observação despretenhiosa**

Confesso que fiquei surpreso em ver como gays brasileiros têm ressignificado o espaço do futebol em problemáticas vinculadas ao gênero e à sexualidade. Não sou novato nestas questões, particularmente por causa das competições esportivas LGBT que assisti fora do Brasil. Mas jamais imaginaria presenciar times inteiros de homens gays e bissexuais, uniformizados, jogando futebol e demandando visibilidade. Vou aprofundar minhas investigações com tais grupos.

Diário de campo, Evento Museu LGBT, 30/06/2017, s/p.

Esse trecho de minhas anotações é de um evento intitulado “Esportes nos Grupos LGBT: como tornar o esporte mais inclusivo aos grupos LGBT?”, realizado em junho de 2017 e promovido pelo Museu do Futebol, com sede em São Paulo/Brasil. Fui convidado para ser mediador em uma mesa redonda com representantes de tais grupos nos esportes, na capital paulista. O ponto interessante do encontro é que havia pessoas vinculadas a um embrionário *futebol gay* (assim era chamado à época) e de outros que defendiam pautas mais inclusivas, atentando-se às demais orientações sexuais e identidades de gênero.

Até esse momento, em termos acadêmicos, eu ainda publicava resultados de pesquisa do primeiro doutorado, realizado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), cujo tema foi uma longa

etnografia em competições esportivas internacionais voltadas a sujeitos LGBTQIA+. Os formatos *Gay Games* e *Outgames* investigados, opostos complementares, eram modelos gestados no hemisfério norte e pareciam ter pouca influência nas experiências que estava sendo construída no Brasil.

Do mundo futebolístico eu sabia muito pouco e nunca o havia pesquisado, de fato. Obviamente com minha aproximação e trabalho junto ao pesquisador Luiz Henrique de Toledo e vinculação ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, da UFSCar, minhas inserções nos temas “futebol”, “torcidas”, “sociabilidades torcedoras” e afins começaram a me colocar em outro nível de formação e discussão críticas.<sup>32</sup>

Nos idos de 2013, numa conversa de corredor, uma pesquisadora da área dos estudos de gênero me perguntou se eu não tinha receio de “criar demanda” com minha produção de conhecimento sobre tais competições junto a grupelhos aqui no Brasil, incorrendo em um procedimento antiético de “*gestar um campo para depois pesquisá-lo*” (palavras dela). Minha resposta foi negativa, dado que nunca fora esta a minha intenção. E, ao longo desta pesquisa, vou mostrar que o movimento originado no Brasil e com o qual me deparei acidentalmente no evento do Museu é originalmente brasileiro, ao menos no que tange às demandas postadas por outro tipo de prática futebolística. O modelo do *Gay Games* pode ter servido como referência externa de evento para o primeiro presidente da LiGay, André Machado, pois ele mesmo fala isso em várias entrevistas. Contudo, o que foi desenvolvido acabou ganhando contornos locais, a partir da realidade aqui vivenciada.

No encontro supracitado dentro do Museu do Futebol estavam presentes fundadores de equipes da capital paulista, como Bernardo Gonzales, integrante do grupo Meninos Bons de Bola (MBB) à época, Bruno Host, do Unicorns Brazil<sup>33</sup>, e Douglas Batista, também na época membro do Bulls Football SP. Se Bernardo representava o levante nascente de futebolistas *transmasculinos*, Bruno e Douglas falavam em nome dos numerosos *homens gays*. Além deles, havia a presença de Érico Santos, presidente do então Comitê Desportivo LGBT (CDG Brazil), entidade fundada em 2008 com o intuito de organizar práticas esportivas de pessoas LGBTQIA+ em todo o território nacional.

---

<sup>32</sup> Logo que ingressei como pós-doutorando, ainda no ano de 2013, o mencionado pesquisador me inseriu em duas linhas de investigação “O Brasil na arquibancada” e “As formas de torcer e o multiesportismo na virada do século XX para o XXI: novas perspectivas analíticas em antropologia das práticas esportivas”. Ao longo dos anos ministrei algumas vezes a disciplina “Antropologia das Práticas Esportivas”, sob sua responsabilidade.

<sup>33</sup> O clube foi fundado como Unicorns São Paulo. Em agosto de 2020, mudou o nome e o logo. Como se explica em texto, no dia 10 de agosto de 2018, em sua página do Facebook: “Nosso logo surgiu com uma bola de capotão e a inscrição: SÃO PAULO. Mas em 2019, quando nossas modalidades já eram variadas, o logo sofreu uma pequena alteração: saiu a bola e o nome São Paulo deu lugar ao BRAZIL. O nome que sempre carregamos”.

Estes sujeitos podem ser considerados meus primeiros contatos, cuja preocupação resumia o que pensavam muitos grupos de futebolistas que surgiram nos últimos seis anos, qual seja: a da criação de um time e gestão de um amontoado de pessoas, ávidas por uma prática esportiva que lhes fora negada.



Figura 8: Folder do evento no Museu do Futebol (2017).

O “bate-papo”, como o evento foi chamado, serviu para me mostrar um fenômeno relativamente novo, de grupos com uma pauta comum embora nada novidadeira, qual seja, a de buscar a propalada “inclusão social” pelo esporte/futebol. Apesar dessa pauta, existiam diferenças ali representadas: o grupo dos *homens gays* que estavam no dilema entre a visibilidade de suas presenças no futebol e a captura de um potencial nicho consumidor, uma representação nacional de todas as siglas e um sujeito transmasculino falando de si e da dificuldade de existir dentro de espaços futebolísticos convencionais.

O objetivo do evento era colocar em diálogo as diferenças e o Museu me alocou para mediar posicionamentos. Por certo que as tentativas de propor esportes para sujeitos LGBTQIA+ no Brasil vinham de antes – e é o que vou contar a seguir. No entanto, dizer que existiram práticas esportivas sistematizadas em âmbito nacional, anteriores a este movimento organizado de equipes, é algo equivocado. Talvez houvesse jogos entre amigos, competições

recreacionais locais, amistosos entre dois times, e até equipes inteiras de *homens gays* no armário, mas nada institucionalizado do modo como as coisas acontecem no esporte, isto é, com circuitos institucionalizados de torneios, campeonatos regionais ou nacionais, ligas e copas.<sup>34</sup>

A importância deste evento é fundamental nos desdobramentos de acontecimentos relativos à minha vida acadêmica, nos meses posteriores. Na saída do auditório do Museu, encontrei uma antiga amiga, que tendo sabido de minha estada e pesquisa nos jogos ‘olímpicos’ gays (*Gay Games*) na Alemanha, veio ao meu encontro e me disse: “*Ora, ora, quem eu encontro por aqui? E ainda por cima, tratando de homens gays no futebol! Realmente, a vida é feita de retrospectos*”. Nina, fora do meio acadêmico e que acompanhava a namorada no evento, se referia à reiteração de um assunto que, para ela, provavelmente teria acabado com o fim de minha primeira tese, no longínquo ano de 2012. Ela me apresentou a namorada, que enfurecidamente havia criticado tudo nas perguntas finais a equação “Esporte LGBT = Inclusão”, tônica das falas apresentadas dos *homens gays* no palco.

No mesmo ano deste evento no Museu, o MBB vai servir de inspiração para outros grupos de *homens trans* (em São Paulo e no Brasil) e alguns dos líderes das equipes de *homens gays*, em conjunto com André Machado, do time Beescats (do Rio de Janeiro), vão fundar a LiGay Nacional de Futebol Society (LGNF), uma organização esportiva para atletas amadores LGBTIQA+ e de congregação de tais praticantes em torno de um esporte coletivo (no caso, o futebol) em território nacional. Tais acontecimentos, em minha interpretação antropológica, são o marco fundante de uma iniciativa que se propõe contínua. É a partir deles que posso dizer que há uma arregimentação sistemática e organizada em torno do fenômeno a ser chamado, principalmente pela maioria dos praticantes e pela mídia jornalística, de *futebol gay* e, mais tarde, *futebol LGBT*.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> O jornalista Flávio Amaral desenvolve num blog algumas histórias de alguns desses times de futebol. Um deles, o Real Centro, foi criado em 1990 por homens que se autodeclaravam homossexuais, gostavam de esporte, mas eram tolhidos de se expressar corporal e afetivamente fora dos limites da rigorosa masculinidade hegemônica (AMARAL, 2021a). Posso dizer que a criação da LiGay e de seu circuito de jogos acabou tirando essa equipe do armário.

<sup>35</sup> Há uma reportagem feita pelo canal Desempedidos, com mais de 243 mil visualizações, sobre a 3ª etapa da Champions LiGay, ocorrida em São Paulo, em novembro de 2018. Nele, tanto a engraçadíssima jornalista que fazia as perguntas, tanto quanto os jogadores entrevistados, falavam expressamente *futebol gay* em referência ao fenômeno. Referência: “Champions LiGay: a cobertura da Liga de Futebol Gay Brasileira”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rbIvKrDznq0>. Acesso em 20 jan. 2019.

Este texto, introdutório e situacional, cumpre um duplo propósito: posicionar-me como pesquisador, sujeito, observador nesta segunda pesquisa etnográfica de base doutoral<sup>36</sup> e construir um mapa da investigação sobre o futebol *society* como desejo de expressão corporal de um conjunto de pessoas que querem jogar bola.

\*\*\*\*\*

Antes mesmo das expressões futebolísticas no âmbito da LiGay, que têm ganhado fanáticos/as/es adoradores/as por todo o país, houve eventos esportivos dirigidos a pessoas LGBTI+ no passado. No entanto, tratar da origem exata deles na história esportiva brasileira é um esforço que, além de ser de difícil precisão, incorreria em possíveis erros e injustiças. Entrevistados/as/es e informantes desta pesquisa, jogadores/as e mesmo dirigentes, não conseguem pontuar um começo e, quando o fazem, partem de suas próprias experiências e trajetórias, muitas vezes bastante recentes. Isso provoca sempre um deslocamento interessante e, igualmente, um recontar de um “começo”. Analiticamente, quero desvencilhar-me da “obsessão das origens” (BLOCH, 2002), assim como o farei quando me refiro às expectativas com a “origem” do futebol moderno.

Ainda em 2008, um fato também inédito e digno de nota na trajetória dessas expressões esportivas é a criação e registro do Comitê Desportivo Gay (CDG), que logo passaria a ser nomeado “Comitê Desportivo GLBT Brasileiro”, mantendo a sigla CDG Brasil como logo principal.<sup>37</sup> Seu idealizador, o paulistano Érico Santos (*homem gay*, cisgênero, militante das causas de “minorias sexuais”), por iniciativa própria e com apoio de algumas pessoas, registrou o estatuto social em cartório e o colocou em andamento com o propósito básico de desenvolver o esporte no país para um segmento excluído das práticas esportivas convencionais.<sup>38</sup> O CDG

<sup>36</sup> Minha primeira pesquisa doutoral (CAMARGO, 2012), cuja etnografia encampou torneios de esporte ocorridos no Norte Global com *homens gays* e *pessoas trans*, aparecerá ao longo desta tese, num esforço de estabelecer uma perspectiva antropológica comparada.

<sup>37</sup> Vale destacar que o Programa “Brasil Sem Homofobia” (2004), lançado no primeiro mandato do Governo Lula, é um dos responsáveis pelas discussões acaloradas da I Conferência Nacional GLBTT, ocorrida em Brasília em fins de 2008, que decidiu, entre muitas coisas, antecipar o “L” na sigla a fim de não continuar invisibilizando mulheres *lésbicas*, do mesmo modo que ocorria com mulheres heterossexuais na sociedade. O recém-criado CDG se adaptou rapidamente a uma demanda do movimento, aplicando-a ao mundo esportivo, trocando o solitário termo “gay” por “LGBT”.

<sup>38</sup> O estatuto social do CDG foi registrado em 25 de julho de 2008 e poderia ser de qualquer outra associação esportiva. Segundo no *caput* do artigo 1º, “O Comitê Desportivo GLBT Brasileiro (...) é uma associação de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional e recreativo, sem cunho político ou partidário, com finalidade de incentivar a prática de esporte em diversas modalidades esportivas, organizar e coordenar equipes e promover eventos e torneios esportivos entre os seus associados” (p. 1).

seria uma entidade supraclubística, que representaria grupos de atletas LGBTQIAP+, principalmente em eventos de grande porte (e, possivelmente, no exterior). Érico me explicou alguns anos depois:

O CDG tem estatuto social e tudo. Claro que, na época, a gente pensou na coisa de ser um comitê de esportes gays, mas com a discussão da pauta LGBT, acabou mudando, né? Vou te passar o estatuto e você dá uma olhada, pode ser.

Conversa com Érico, 04/09/2020.

O contato de Érico me chegou através de Dulcimar Grando (apelidado “Pipoca”), um ativista heterossexual pelos direitos humanos e entusiasta da alteridade nas práticas esportivas, que criou, ainda no início dos anos 2000, os *Floripa Diversity Games*, um festival da “diversidade sexual”, no qual participavam atletas autodeclarados *homo, bi* ou *heterossexuais*, por meio de esportes coletivos e individuais, que foram organizados durante, aproximadamente, uma década na capital de Santa Catarina. Lembro-me de tê-lo conhecido na 3ª edição dos referidos Jogos, quando me apresentei como corredor para o atletismo e também como pesquisador de competições esportivas de *homossexuais*. Isso foi em 2008, meu primeiro ano de moradia em Florianópolis, em virtude do início do desenvolvimento de minha primeira pesquisa doutoral:

Para participar do *Diversity Games* bastava levar um quilo de alimento não perecível ou um litro de leite. São organizadas, em geral, modalidades como vôlei de quadra e futsal de homens e mulheres, além de algumas provas de pista do atletismo. Eu fui preparado para correr e, possivelmente, jogar vôlei. Como não conhecia ninguém, cheguei tímido do outro lado de Floripa, com meus alimentos nas mãos. As instalações esportivas eram as do Centro de Educação Física e Esportes (CEFID), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na porção continental da capital catarinense. Ao me cumprimentar, Dulcimar se afeiçoou de pronto. Mesmo sem me conhecer, contou-me histórias, queixou-se do árduo trabalho e falou do prazer que sentia em ver o evento acontecer. Era a terceira edição naquele ano.

Diário de Campo, Floripa Diversity Games, 10/09/2008, s/p.

O *Floripa Diversity Games* tinha por base o modelo dos *World OutGames* e dos *Gay Games*, duas competições internacionais de caráter esportivo e cultural, que acabariam, como disse anteriormente, sendo etnografadas por mim nos anos subsequentes àquele. Dulcimar era afeito, particularmente, ao *OutGames*, um evento que tinha se firmado como contraponto em relação ao esporte de alto nível, propondo alternativas mais criativas e insurgentes de participação esportiva para mais (e diversas) pessoas. Se o *Gay Games* demarcaria seu legado sobre as bases da performance, hegemônica e ou normativa, da estrita observância das regras, das marcas, dos recordes e de corpos sarados, o *OutGames* postularia justamente o oposto: variabilidade de corpos, de gêneros, que se apresentavam festivamente, com o compromisso de “melhor de si” para aquele momento (CAMARGO, 2012; 2014a).

Tanto Dulcimar quanto Érico eram entusiastas do desenvolvimento esportivo de corporalidades dissidentes. De corpos que, por meio de suas práticas corporais e esportivas, se relacionassem com o esporte convencional. E vivíamos nos anos em que tal projeto parecia ser possível: com o CDG, Érico planejava criar uma entidade forte e de planejamento/execução de esporte voltado para atletas LGBT<sup>39</sup>, com a criação de oportunidades múltiplas para que tais corpos se representassem institucionalmente. Nas origens do CDG, participei das primeiras conversações desse empreendimento e mesmo fui convidado para ser “conselheiro” da recém-criada federação nacional. Com pouca possibilidade de “mão-na-massa”, devido à minha rotina acadêmica junto ao primeiro doutorado, acabei acompanhando algumas de suas ações apenas à distância.

Sem apoio e lutando para se qualificar em termos de *know how* sobre a área do esporte para este nicho específico, Érico acabava pagando do bolso para viajar e ter experiências internacionais fora do país. Acabamos nos encontrando em 2013, sem qualquer planejamento, nos II World OutGames, campeonato mundial multiesportivo, ocorrido em Antuérpia, Bélgica, momento em que aproveitamos para discutir algumas ideias de como desenvolver o esporte para pessoas LGBT no Brasil.

Os anos seguintes à criação do CDG foram de muito trabalho e divulgação da proposta. Entre o fim do mandato do ex-presidente Lula e da eleição de sua sucessora, ex-presidenta Dilma Roussef, mais dificuldades apareciam e menos apoio da esfera governamental federal havia para as tentativas de organização de uma competição esportiva nacional que envolvesse atletas amadores LGBT. Mesmo com uma excelente equipe de profissionais (voluntários) e conseguindo uma sede em São Paulo capital, Érico patinava em concretizar suas ações,

---

<sup>39</sup> Importante entender que neste momento histórico, os debates do “movimento” estavam ainda em torno destas siglas.

justamente porque dependia, em grande parte, de verbas da Federação com vista a organizar os eventos. Infelizmente, apesar das inúmeras tentativas, por falta de apoio governamental (particularmente, do Governo Federal, mas também de Estados), as iniciativas naufragavam e nada acontecia.

\*\*\*\*\*

Voltemos, portanto, ao início de minha história aqui e do cenário de aparecimento dos coletivos LGBT de futebol, em 2017, ano da criação da LiGay. A conjuntura nacional era de recrudescimento de um conservadorismo político e de falta de ações voltadas às “minorias” sociais e sexuais. A LiGay, por tomar como protagonista o fut7, não vai ter ainda uma orientação bem definida, fomentando tanto as equipes locais em vários estados brasileiros, quanto pavimentando uma participação nos *Gay Games* de Paris-2018.<sup>40</sup>

Historicamente, o futebol *society* surgiu tardiamente no Brasil (nos anos 1980) em comparação com outras formas de jogar a modalidade (SOUZA *et. al.*, 2018). Arrebanhava um público mais velho (acima dos 40 anos) e de maior poder aquisitivo, como por exemplo, executivos e bancários. Logo a prática ganhou os espaços urbanos e quadras equipadas foram construídas – os autores dizem, inclusive, que alguns campos de várzea desapareceram em decorrência deste processo. Hoje é um dos subtipos de prática futebolística mais jogada por vários estratos sociais no Brasil.<sup>41</sup>

Para promover as etapas competitivas, uma *brand* vai ser criada com inspiração na *Champions League*, da Europa: assim, as competições farão parte da *Champions LiGay*, um torneio de futebol planejado para ocorrer a cada seis meses. Num esforço de união de três equipes importantes à época, a LiGay vislumbrou um formato ainda incipiente de competição para os poucos clubes que existiam. Considero que foi um modelo baseado na realidade brasileira e não em eventos estrangeiros de grande porte, como menciona Diego Santos de Jesus (2019, p. 328, grifos meus):

A formação da LiGay (...) deu-se com a cooperação dos Beescats com os Unicorns e os Futeboys a fim de estimularem a formação de outras equipes por todo o Brasil. **Modelada a partir de eventos internacionais que reúnem atletas LGBT, como os OutGames e os World Gay Games**, a *Champions*

<sup>40</sup> Em realidade, para o primeiro presidente da LiGay havia algo de grandioso em participar de uma competição internacional como o *Gay Games* e ele se fez presente em Paris, a partir de capital próprio e com um conjunto de atletas, em 2018. A sauna Chilli Pepers bancou financeiramente a maior parte das viagens a Europa.

<sup>41</sup> Detalho mais sucintamente o caso do futebol *society* nos tópicos a seguir.

LiGay ofereceu maior visibilidade a homens homossexuais que praticam futebol e gostam do esporte, ainda marcado por visões depreciativas em relação a formas de sexualidade distintas da heterossexual.

Como o único antropólogo brasileiro que fez etnografia em modelos como o do Gay Games e do OutGames por vários anos considero que a LiGay em nada teve de referência a eles, basicamente por três razões: a) ela nasce monoesportiva (ao passo que tais modelos se originaram multiesportivos); b) ela tem caráter nacional (e tais modelos propunham-se internacionais); c) ela representa clubes específicos de futebol (e eles englobam clubes de vários esportes).

Eis que, então, a primeira competição sob a chancela da *Champions LiGay* ocorreu em 25 de novembro de 2017, numa quadra alugada na Barra da Tijuca, zona oeste da capital carioca. Surge institucionalizado, dessa forma, o *futebol gay*, uma novidade, que empolga praticantes amadores, particularmente na região Sudeste do Brasil (em especial de São Paulo e Rio de Janeiro). Parecia que, finalmente, seria possível praticar uma modalidade, de amplo lastro cultural, que havia sido negada a tais pessoas na infância, por professores/as preconceituosos/as de Educação Física escolar ou por colegas homofóbicos. A empolgação é tanta que pequenos vídeos da primeira edição da *Champions LiGay*, cujo lema era “Futebol é coisa pra mano, mana e mona”, se proliferam no Youtube.<sup>42</sup>

Com a popularidade do fenômeno e a explosão midiática de reportagens sobre times, jogadores e suas histórias, a expressão vai ganhando visibilidade e, portanto, os discursos começam chamar a atenção para a questão política da representação (RODRIGUES, 2017; FURTADO, 2017; GAMMARO, 2017).

Um jogador que encontrei no alambrado da torcida, assim se expressou:

Eu acho fantástico isso aqui. Tô muito empolgado. Não imaginei que a gente conseguisse juntar tantas pessoas assim num só lugar, com mesmo[s] interesse[s] pelo futebol. Assim, né, eu gosto de futebol desde criança, mas sempre teve aquele pensamento de que, né, não era pra mim. E, de repente, um amigo veio de um lado, outro de outro, e hoje temos um time.

Conversa com jogador anônimo, 1ª *Champions LiGay*, 25/11/2017.

---

<sup>42</sup> A ideia da representatividade está no mote do evento: mais participação no esporte de homens gays (manos), de mulheres lésbicas (manas) e de pessoas não-binárias, transexuais, travestis ou queers (monas). Porém, na realidade do campo, não foi bem isso que notei nos dias de competição.

A competição carioca em 2017, no entanto, será marcada, em minha opinião, pelo estereótipo do “macho” brasileiro futebolista, que ostenta características de uma “masculinidade dominante”, na qual predomina a disciplina, o domínio de si, a força e a virilidade. Mesmo num encontro de *homens gays* cisgênero tal estereótipo estava impregnado nas falas, posturas, comportamentos e ações daqueles sujeitos dentro e fora de quadra.

Importante mencionar que havia certa tensão no ar com relação a tal aspecto. Ao passo que os estereótipos grassavam nas ações de bíceps enrijecidos para pose de uma foto, tapas e cumprimentos masculinizantes entre *brothers*, apareciam também expressões, trejeitos, beijos no rosto e mesmo alguma movimentação considerada “afeminada”. Mas, nesse sentido, tudo ainda ficava no âmbito da caricatura e da brincadeira. Eram homens que saíam do armário no mundo do futebol brasileiro, porém ainda sem muito jeito e observando uns aos outros acerca de seus comportamentos.



Figura 9: Equipe Beescats, em apresentação 1ª. *Champions LiGay* 2017.  
Fonte: Instagram Beescats (03/09/2020)

Antes dos jogos houve a ideia de que os clubes se apresentassem. Os “desfiles de apresentação”, com danças coreografadas, antes da tabela de jogos e no início das etapas competitivas vão se tornar um hábito ritualizado em cada *Champions LiGay*. Observando os campeonatos não tenho certeza de que todos os jogadores aprovavam estas coreografias, que muitas vezes misturavam movimentações excêntricas e músicas eletrônicas, *house*, *tecno*, *dancing music*, *funk*, etc. Eles chamavam isso de “dar close” ou “dar pinta”, ou ainda, “momento do close”.



Figura 10: Barvarah Pah, *Drag Queen* do BeesCats, na 1ª. *Champions LiGay* 2017  
 Fonte: Instagram Beescats (05/09/2020)

Algumas *Drag Queens*, como a carioca Barvarah Pah (acima), vão ser responsáveis por misturar os ambientes da cultura *queer* e do esporte. São figuras carismáticas, de longa data conhecidas por shows de *lipsing* (dublagem) em casas noturnas frequentadas por pessoas LGBTQIA+.

Tais coreográficas eram momentos únicos, dignos de uma investigação mais detalhada, tanto por parte da antropologia da performance, quanto de uma antropologia dos rituais. Mais do que quaisquer outros, esses momentos permitiam que a efeminação, o deslumbre, os rebolados, os trejeitos, as caras e bocas viessem à tona e preparassem o cenário para outro futebol (ou futebóis), distinto do convencional. Estas coreografias vão durar até a 5ª *Champions LiGay*, em Belo Horizonte, em 2019. Depois desaparecerão completamente.

Naquela ocasião eu estava no Rio por outros motivos, acompanhando um seminário acadêmico. Aproveitei para averiguar o que rolava na *Champions LiGay*. Fiquei hospedado no Che Lagarto, um albergue jovial e bastante agitado no bairro de Copacabana, o que me facilitou o deslocamento para o evento. Àquela altura dos acontecimentos, eu ainda guardava impressões dos circuitos esportivos e competitivos do Norte global, lugares de minhas incursões etnográficas alguns anos antes. Ao me deparar com um amontoado de *homossexuais*, todos em forma e reunidos em torno do esporte, a associação foi imediata. Lembrei-me dos *clones*, descritos por Martin Levine (1998): *homens gays* habitantes de grandes centros urbanos, com estilo próprio de roupas sensuais, músculos à mostra, que valorizam certa construção de masculinidade e afastariam qualquer suspeita de efeminação. Os *clones* eram cópias de machos heterossexuais.

Claro que o evento na capital carioca tinha outras características do que em outros lugares do mundo, e mesmo com toda apologia ao corpo e à beleza, havia um murmúrio no ar

de contestação ao futebol convencional. Como ouvi transitando pela arena de competição: “*vamos tomar do futebol o que ele nos negou*”. A ideia daqueles sujeitos de criticarem práticas discriminatórias e excludentes no cômputo de suas histórias esportivas era bastante interessante, apesar de tudo ainda ser muito incipiente na proposta. Por isso talvez, num rabisco no caderno de campo, eu tenha me expressado de modo amargo, numa tentativa de compreensão daquilo que via e ouvia:

Se já no Rio de Janeiro o corpo sarado é elevado à enésima potência na consideração das pessoas, pois só vejo isso em todas as partes, um encontro de *futebol de gays* definidos na cidade me parece a dupla repetição de algo conhecido: testosterona e virilidade boleira. Talvez o nascimento do *futebol gay* não seja diferente: hedonismo e egocentrismo, além de branquitude, por todos os lados.

Diário de Campo, 1ª *Champions LiGay*, 26/11/2017, s/p.

Esta nota etnográfica possivelmente contenha algo de recalque de minha parte, pois talvez minha expectativa era maior do que àquele movimento inovador me mostrava: o primeiro evento oficial de futebol entre grupos de *homens gays* tinha pouca diversidade de corpos, de etnias, de estilos, de tudo. Ademais, reforçava o lugar da branquitude das origens elitistas do futebol e ostentava um discurso de que ali se jogava um *futebol gay*.<sup>43</sup> Eram homens com certo poder aquisitivo, aparentemente com ensino superior e que queriam diversão, além de jogar futebol, por certo. Por isso, uma semelhança com o que se encontrava em competições esportivas internacionais e que já tinha sido alvo de pesquisas anteriores (CAMARGO, 2012; ENG, 2006; DAVIDSON, 2006).

A iniciativa da LiGay era boa e havia ótimas intenções na realização de um campeonato de futebol *society* com equipes de homo e bissexuais. No entanto, concordo com Jesus (2019, p. 340) que disse:

Ainda que venha cumprindo um papel importante em termos da desestabilização da ideia de que ‘futebol é coisa para macho’, a LiGay já conseguiu mostrar que o esporte também pode ser para os ‘manos que curtem outros manos’, mas ainda avançou muito pouco no que diz respeito à inclusão das ‘manas’ e das ‘monas’.

---

<sup>43</sup> Na 1ª *Champions LiGay*, no dia do congresso técnico, um homem circulava com uma camiseta com “o futebol gay me representa”, o que parecia ser a tônica coletiva. Isso está registrado num vídeo no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=JIPQS3e8VCI>).

O evento me surpreendeu de modo positivo e, apesar de não ser muito afeito ao mundo do Futebol, àquele objeto etnográfico me seduziu. Participei do certame como um espectador aleatório, sem qualquer compromisso de investigação ou de estabelecimento de metas metodológicas e decidi, assim, que o acompanharia em minha pesquisa de doutorado futura.

Nesta primeira *Champions LiGay* participaram oito equipes, que representavam as regiões Sudeste e Sul, além do Distrito Federal: Futeboys e Unicorns (SP), Beescats e Alligaytors (RJ), Bharbixas (BH), Bravus (DF), Sereyos (SC) e Magia (RS). A competição se estabeleceu em dois grupos de 4 equipes (Grupos das Maravylhosas e Grupo das Lyndas), dentro dos quais todos competiram entre si.

**Tabela 1: Equipes participantes da 1ª. *Champions LiGay* (25/11/2017)**

Distribuição Geográfica (por cidade/Estado)					
São Paulo (SP)	Rio de Janeiro (RJ)	Belo Horizonte (MG)	Brasília (DF)	Florianópolis (SC)	Porto Alegre (RS)
Futeboys F.C.	Beescats*	Bharbixas	Bravus	Sereyos	Magia Sport Club
Unicorns	Alligaytors				

\*anfitriões do campeonato



Figura 11: Divisão de Grupos, 1ª. *Champions LiGay*.  
Fonte: Instagram Beescats (21/11/2017)

Entretanto, a surpresa do torneio foi a vitória da equipe de Belo Horizonte, os Bharbixas, nos pênaltis da final sobre os BeesCats, anfitriões do evento. E mais do que a façanha, o inesperado foi um “desfile” improvisado da campeã, tendo alguns componentes usando saias plissadas e um jogador à frente desfilando com trejeitos considerados “femininos”. Segundo disse ao pessoal do Globo Esporte em entrevista, “afeminados também jogam bola” e que era preciso “romper os preconceitos dentro da própria comunidade” (BULLÉ, 2017), comentando sobre o tabu da efeminação, particularmente entre *homens gays*.

Quero destacar um *post* feito no Instagram pela equipe do Bharbixas, logo após sua vitória na competição nacional do Rio de Janeiro. Com a frase “O time de BH, reconhecido por serem #lacrativas, #fechativas e #afeminadas” (veja abaixo), a equipe tentava rearticular os discursos preconceituosos, misóginos e homofóbicos que havia recebido, inclusive enquanto jogava o torneio. Este comentário foi uma resposta da equipe às críticas recebidas de jogadores *gays* mais masculinizados, nos bastidores da competição.

Na ocasião, da arquibancada eu ouvia gritos tanto do alambrado, quanto de jogadores em quadra sobre os requebras e os trejeitos de alguns jogadores mineiros. Isso ficava na chave de “brincadeiras”, uma vez que tudo aquilo era novidade. Porém, para os olhos e ouvidos de alguns que lá estavam, eram intoleráveis.



Figura 12: Equipe Bharbixas, em desfile na 1ª. *Champions LiGay* 2017  
Fonte: Instagram Bharbixas (26/11/2017)

Anos mais tarde, um jogador mineiro do Predadores, afeito à situação da participação daquela equipe em 2017, contou-me que o Bhabixas foi o único time que se posicionou, ao longo do torneio, como “jogadores afeminados de futebol”. Muitos outros jogadores/times brincavam e dançavam frente as lentes fotográficas dos celulares, mas honravam jogar “como homens”. Os belo-horizontinos, no entanto, jogaram como quiseram e ganharam o torneio.

Veremos, mais adiante, que este evento foi o início de uma prática que vai se diversificar e ganhar novos significados ao longo do tempo – inclusive recrudescer um rendimento esportivo que não dará mais margem para equipes “fechativas” ganharem torneios. O marco zero de um *futebol gay*, espalhafatoso, alegre, divertido, etc., pode até continuar sendo o mesmo para alguns sujeitos, mas certamente vai se transformar para uma grande maioria. Os jogadores que entrevistarei a partir de uma incursão mais profunda no campo vão se reposicionar constantemente ao longo dos anos, tanto pró quanto contra, a tendência de racionalidade e tecnicismo que invade seus futebóis.

### **2018-2019: A institucionalização do *futebol gay* e a estruturação da LiGay**

A ocorrência da 1ª *Champions LiGay* foi o estopim sem precedentes na história de práticas esportivas (e futebolísticas) de coletivos invisibilizados pelos preconceitos baseados nas diferentes orientações sexuais e identidades de gênero (CAMARGO, 2021; VANROCHRIS, 2023). A partir deste campeonato de futebol, outros serão organizados ao longo dos anos de 2018 e 2019, imprimindo uma urgência nas ações de um movimento que almejava se estabelecer.

Além das etapas da LiGay que ocorriam aproximadamente a cada 6 meses neste intervalo (como registrado na Tabela 1, citada anteriormente), torneios curtos em que dois ou três times jogavam entre si, ou mesmo amistosos entre duas equipes, ocorriam numa velocidade impressionante. O ano de 2019 se finaliza com várias promessas de encontros futebolísticos profícuos e a deflagração da pandemia do coronavírus em meados de 2020 vai suspender isso.

No entanto, com o sucesso alcançado pelo *futebol gay*, a procura por participação tornou-se intensa nos meses seguintes, o que fez com que pioneiros Unicorns Brazil, Bulls Football SP e BeesCats Soccer Boys começassem a explicar como montar e gerir grupos interessados em jogar fut7 para vários grupos, em distintas cidades e diferentes Estados brasileiros. As notícias se disseminaram rapidamente via redes sociais (*Facebook, Instagram,*

*whatsapp*), o que também provocou uma decisão de ter logo um novo evento para dar continuidade a “onda” provocada pelo primeiro.

Sobre esta disseminação no meio digital, afirmei algo numa entrevista jornalística certa vez e que continua valendo:

Virou uma febre isso de mostrar que ‘sim, nós podemos jogar futebol’, o que é muito positivo. As redes sociais são um elemento fundamental, sem elas isso não teria acontecido. Houve grupos de diferentes modalidades em diversos lugares, mas nunca como um movimento sistematizado, talvez pela falta de divulgação. As redes foram um fator importantíssimo para esse crescimento, até mesmo pelo fator motivação de ver que outros estão fazendo (AMARAL, 2021b, s/p.)

Minha pesquisa de doutorado começa, oficialmente, com a 3ª *Champions LiGay*, visto que eu cursava o primeiro ano e estava matriculado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Este evento foi realizado nos gramados sintéticos da arena World Sports, na Av. Marquês de São Vicente, em frente ao Centro de Treinamento do Palmeiras, no bairro Barra Funda, na capital paulista.

#### De repente, no CT do Palmeiras: “cadê os gays?”

A demanda por carros da Uber estava alta àquela altura da manhã, talvez devido ao feriado ou algo assim. Consegui um taxi nas intermediações do terminal integração da Barra Funda, capital paulista. Como o trecho era curto, não me importei de pagar um pouco mais. Seu Leopoldo me pegou e eu logo mencionei que o destino era para um jogo de futebol, ali no CT do Palmeiras. Ele provavelmente entendeu “no” como “dentro do CT” e, com minha atenção desviada para a tela do celular, não entendi quando ele, minutos depois, negociava a entrada na portaria do referido CT com uma mulher segurança:

**Segurança** (guarita): “Pois não? O Sr. vai para onde?”, *pergunta ela ao motorista.*

**Motorista** (taxi): “Vou levar o professor ali dentro para fazer uma pesquisa”.

**Segurança:** *pergunta para mim* “O Sr. tá autorizado?”

**Eu:** “Para fazer a pesquisa? Sim, estou”.

Diário de Campo, 3ª *Champions LiGay*, 01/11/2018, s/p.

Para minha surpresa e curiosidade, o taxista me deixa exatamente em frente a um prédio central, branco e verde, no alto de uma ladeira. E, neste momento, já tinha certeza de que estávamos no lugar errado. Ao descer para averiguar, pedi que Sr. Leopoldo me esperasse. A cara de espanto dos dois recepcionistas quando pergunto se era ali que estava acontecendo um “evento de futebol LGBT” foi algo memorável. Não usei o termo *futebol gay* por entender que nem todo mundo está acostumado com as categorias êmicas e que sempre há discriminações diante de algumas palavras.

Desfeito o equívoco e corrigida a rota, saímos eu e o taxista para fora do CT e logo avistamos um movimento atípico de jogadores com bandeiras do arco-íris, exatamente do outro lado da avenida, num espaço com várias quadras. Era, então, a Arena WS, de aluguéis para eventos privados.

Como foi divulgado na página do Facebook da competição da LiGay:

Sim, passou a Parada, passaram as eleições e nós continuaremos aqui, unidos, fortes e mostrando que, no ‘país do futebol’, gay também joga bola e que esporte é coisa de viado sim, que é coisa de lésbica, de bi, de trans, de travesti, de queer, de quem mais quiser!

Facebook LiGay, novembro 2018.

A competição ocorreu em dois dias, entre 01 e 02 de novembro de 2018. A chamada da LiGay nas redes sociais era devido à situação política em vista do momento que o país vivia, de séria ameaça à democracia, a partir do governo eleito de Jair M. Bolsonaro. O *futebol gay* ousava mostrar sua cara, ainda meio timidamente em locais privados de aluguel para fins esportivos/recreativos, mas com o propósito de registrar representatividade – eu diria, representatividade não heteronormativa em espaços onde predominam, sabidamente, masculinidade, virilidade e macheza.

Ao som de uma música dançante, que no momento não identifiquei, deixei o taxi e me dirigi ao interior do complexo de quadras:

Ao entrar no espaço, avistei tendas de agências de turismo que ofereciam viagens e pacotes (inclusive a *LOVE is Great Britain*, campanha oficial do turismo para a Grã-Bretanha, estava lá distribuindo panfletos). Identifiquei um espaço do aplicativo *Scruff* (de encontros homoeróticos e afetivos), bem localizado e visível. Algumas pessoas ainda amarravam placas com o logo da

LiGay e o nome São Paulo. Havia movimentação de pessoas uniformizadas para lá e cá, barracas de comidas e bebidas, uma tenda principal com aparelhamento de som. Ainda se localizavam *trailers* no espaço para venda de *tickets* e para banheiros. A organização correu por conta da equipe Unicorns Brazil, originária da cidade.

Diário de Campo, 3ª *Champions LiGay*, 01/11/2018, s/p.



Figura 13: Tenda-lounge *Scruff*, fotografada vazia ao final do dia. Foto do autor.

De imediato, ao chegar, percebi a empolgação impregnada no ar, nas conversas e deslocamentos no espaço. Havia um clima de fraternidade, complementado com a festividade em voga de grupos e pessoas, que se sentiam parte daquilo que acontecia. Cheguei no momento dos desfiles dos times, momento de caras, bocas e performances.



Figura 14: Performance da equipe Futeboys. Instagram Futeboys (04/11/2018).



Figura 15: Performance da equipe Unicorns. Instagram *LiGay* (02/11/2018).

Conversei com organizadores, *staff*, jogadores, com gente que tinha estado em edições anteriores e também com novatos que apenas vieram à cidade pela primeira vez. Em muitas conversas, de grupos que se dispunham no espaço, os comentários sobre o desafio de chegar até São Paulo e participar da competição prevaleciam.



Figura 16: Banner com nome do evento e patrocinadores, na entrada.  
Foto do autor.

Numa dessas conversas iniciais (que depois se transformou em entrevista), um jogador paulista me contou o quanto foi importante sua “saída do armário” junto à família, para então começar a jogar futebol “como gay”, termos dele. Ainda me disse que estar ali “era algo nunca pensado”, seja pela criação familiar conservadora e religiosa, seja porque não pensava em gays brasileiros jogando futebol.

Demorei para sacar, né, o que rolava comigo. Sempre tem aquela coisa: ou você joga futebol, ou você é gay. Uma coisa exclui a outra. Eu jogava futebol, então não era gay. [...] Quando jogava com os cara(s) vinha aquela coisa lo(u)ca, que eu deixava rolar quando abraçava, né. Porque naquela hora do gol, da comemoração, pode tudo, até ‘encoxar’ [*risos*]. Mas achei super legal que a gente chegou nisso daqui. Eu sempre fui um gay jogador entre machos jogadores [*risos*].

Entrevista com Jogador 1, 02/11/2018.

André Machado, membro dos Beescats Soccer Boys e então presidente da LiGay, comentou a demanda pela prática do *futebol gay* como algo crescente em todo o Brasil. Ele me foi indicado por Douglas Batista, outro membro-criador da liga e, na época, já em vias de deixar o Bulls F.C. A edição paulista comportou o máximo de grupos participantes para o formato que estava estruturada a Liga naquele momento, isto é, para 16 equipes.

Destes meus contatos iniciais também veio o Jogador 2, que não participava do certame, mas tinha uma opinião bastante incisiva sobre tudo o que estava acontecendo. Como também é da capital paulista e presenciou os debates e toda a movimentação que deram origem à LiGay (e, por consequência, à Champions LiGay), já na época ele pensava que talvez não fosse o melhor modelo “inclusivo” para os tais futebóis. Foi a primeira pessoa que me falou em “inclusão” a partir daqueles futebóis:

Eu acho que é um bando de bichas que tem dinheiro e vão competir. Sei que posso estar sendo ácido, mas é isso aí (...). Não tem nenhuma novidade nisso, basta ver os esportes de elite, que tem um monte de homens, brancos, ricos, educados, com dinheiro e fazendo um monte de modalidade. Vai lá. Vai ver as chuteiras, as camisetas e os acessórios pra você ver [*exclamação*]. Eu não sei se tô errado, mas isso aí não cheira bem. Na verdade, nem cheira nada.

Entrevista com Jogador 2, 10/12/2018.

Em 2018 ainda estávamos num momento bem inicial de estruturação das coisas. Não se tinham informações disponíveis. Tinha-se que agarrá-las junto às conversas e por meio de anotações. Neste momento inicial de estruturação da LiGay, as informações não circulavam facilmente em mídias sociais, mas mais entre os jogadores e seus clubes esportivos. Para se obter informação havia que circular e falar com todos, usando caderno de campo ou pequenos papeis para guardar dados importantes, sempre pedindo indicação de que jogos estavam planejados, como se daria o desenvolvimento da tabela ou que horários iriam começar as partidas.

**Tabela 2: Equipes participantes da 3ª. *Champions LiGay***

Distribuição Geográfica (por cidade/Estado)							
São Paulo (SP)	Rio de Janeiro (RJ)	Belo Horizonte (MG)	Brasília (DF)	Goiânia (GO)	Curitiba (PR)	Porto Alegre (RS)	Florianópolis (SC)
Futeboys F.C.*	Beescats Soccer Boys	Bharbixas	Bravus	Barbies F.C.	Capivaras Esporte Clube	Magia Sport Club	Sereyos Sport Club
Unicorns Brazil*	Allygaytors	Manotauros F.C.				Pampacats	
Afronte F.C.	Karyocas						
Bulls Football SP							
Diversus F.C.							

\*anfitriões da etapa paulista

Apesar de estarem participando apenas esses 16 times, naquele momento havia uma quantidade já bastante grande de coletivos LGBTQIA+ promovendo práticas esportivas, notadamente baseadas no futebol de quadra, à época. Note-se que ainda havia o entendimento que àquele futebol nascente era “homossexual” e a informação que se passava era relativa aos “times gays”. Mas se pode constatar, por exemplo, que a equipe dos Meninos Bons de Bola (de homens trans e transmasculinos) e o Rosa Negra (de mulheres lésbicas), figurava na contagem como partícipe dos “times gays”:

**Tabela 3: Total de clubes/equipes mapeadas em novembro de 2018**

Mapeamento dos “times gays” de futebol no Brasil	
ESTADO	CLUBES/EQUIPES
São Paulo	Unicorns Futeboys Bulls F.C. Afronte Real Centro Natus Diversus Bárbaros (Taubaté) Rosa Negra* Meninos Bons de Bola*
Rio de Janeiro	BeesCats Soccer Boys Alligaytors Karyocas
Minas Gerais	Bharbixas Manotauros Felinos Alcateia (Manhuaçu)
Goiás e Distrito Federal	Bravus Barbies Lions
Paraná	Capivara Curouge Taboa
Rio Grande do Sul	Magia E.C. Maragatos Pampacats
Santa Catarina	Sereyos
Sergipe	Constelação Maruiense Fênix Centauro As Poderosas Itá Estrelas
Pará	Divas
Maranhão	Radji

Fonte: Dados agregados em campo pelo autor.

Pelas informações auferidas, havia 35 coletivos em todas as regiões geoeconômicas do Brasil, mas ainda com baixa concentração no Norte e Nordeste e grande concentração no eixo Sul-Sudeste, como percebemos acima. Dos campeonatos da LiGay nem todos participam, seja porque não possuíam condições financeiras ou mesmo esportivas (como times completos) para tal, seja porque não estavam filiados à Liga.

O clima em que aconteciam as partidas oscilava entre silêncios absolutos, quando por ocasião de jogadas decisivas, e barulhos ensurdecedores, como nas comemorações, ou ainda, quando alguma *Drag Queen* “soltava o som” de alguma música agitada do momento, sempre

em decibéis altíssimos. Entre uma coisa e outra, alguns jogadores cantavam da área da torcida, como fizeram integrantes dos Bharbixas, de Belo Horizonte, do Bulls, de São Paulo, na final:

*Aqui tem gayyyyyyy,  
Aqui tem bichaaaaa,  
De BH, nós somos o Bharbixas*

*1, 2, 3  
Bullllllsssss  
1, 2, 3,  
Bullllllsssss*

Na 3<sup>a</sup>. *Champions LiGay* havia um espaço competitivo adequado (quadra de grama sintética), com alambrados de segurança e banheiros/vestiários, mas faltavam opções para alimentação de transeuntes e mesmo de membros das equipes. A arena era bem localizada em termos de acesso na capital paulista e havia espaço para torcida – apesar do evento todo ser invisível ao conhecimento de espectadores não relacionados à temática. Vários atletas com quem conversei elogiavam a arena, inclusive por estar perto de um *shopping*, de um grande estádio de futebol e de um terminal de metrô/ônibus.

O público participante se assemelhava ao que havia encontrado em circuitos de turismo LGBT no hemisfério Norte: a maioria era composta de homens cisgêneros, brancos e com certo poder aquisitivo. Mas o evento era local (brasileiro) e este aspecto, como já mencionei, era um advento bastante novo em termos de subjetivação do esporte para sujeitos brasileiros autoidentificados como LGBTQIA+.

Nos bastidores das canchas, ouvi histórias de dificuldades para chegar até a capital paulista. Jogadores dos Sereyos, de Florianópolis, hoje um clube não mais existente, contaram-me o quanto fora custoso vir da capital sulista e ter de pagar hospedagem em São Paulo. Alguns dos atletas pagaram para que outros pudessem participar. Um jogador me contou que havia muita solidariedade grupal e que todos se empenham para que fosse possível a participação da equipe em eventos. Conversando com representantes aleatórios das equipes “de fora” (externas ao Estado de São Paulo), percebi que era quase uma regra geral a divisão dos custos, o esforço em angariar recursos para pagarem as passagens (rodoviárias ou aéreas) e hospedagens mais acessíveis, ou ainda ficar hospedado em casa de amigos ou conhecidos.



Figura 17: Comemoração dos Sereyos, após vitória nas quartas-de-final. Foto do autor.

Dos grupos que estavam presentes, a grande maioria não tinha patrocínio e os jogadores acabam “tirando do bolso” para manterem o futebol e tudo o que ele envolve, como compra de bolas e equipamentos, confecção de uniformes e financiamentos para viagens. “Vaquinhas”, “rifas”, “leilões” e mesmo “contribuição mensal” foram exemplos mencionados quando o assunto era participação na etapa em questão ou em jogos amistosos. São tais recursos que garantem a continuidade do projeto dos coletivos futebolísticos. Isso não é muito diferente do que se encontra na maioria das práticas esportivas amadoras no Brasil. Caberia indagar, talvez, se esse “futebol identitário” (termos meus) precisa seguir o mesmo roteiro delas? Como na entrevista:

Nosso futebol ainda é muito corpo, músculo e aparência. Falo isso... Tem que pensar em superar esse modelo. Por que não? Por que não pensar em cuidar dessas mudanças desde crianças. Tenho pensado em um projeto assim, onde se possa trabalhar com elas, né, e incentivar outros valores, outras práticas (...). Isso com certeza geraria outro esporte, outro futebol.

Entrevista com Jogador 1, 02/11/2018.

O Jogador 1 andava de um lado a outro, falando com todo mundo e conectando pessoas. Ele estava num estado emocional tão excitado que, em algum momento, pensei que sofreria um enfarto do miocárdio. Andei com ele para vários lugares, falei com muitas equipes e pessoas.

Adentrei em quadras, participei de aquecimentos, fotografei e circulei nos bastidores ouvindo várias histórias. Como destaquei do trecho acima, ele foi o primeiro jogador a explicitar uma preocupação com o futuro, com crianças LGBTQIA+ que pudessem ser excluídas de práticas esportivas em escolas ou mesmo em suas vidas. Isso ressoava sua própria história de vida.

Nesta etapa da *Champions LiGay*, o Jogador 1 iniciava um processo de se afastar do time que ajudou a fundar. Segundo ele, já não encontrava mais espaço para ideais de “fazer diferente” e um “pensamento único” acerca da competição começava a tomar parte das mentes e desejos de todos em seu grupo. Disse-me que “*todos queriam competir para ganhar*” (sic).

Não era somente o Jogador 1 que estava inconformado com os contornos dos campeonatos de *fut society* da LiGay, mas também o Jogador 2, que não estava participando porque defendia outro formato de competição, outro modo de jogar, como mencionei. Essa “corrida para a performance” a partir de um corpo-padrão e de um proceder-padrão talvez se justificasse perante o crescente interesse das equipes na participação dos eventos da Liga, pois afinal, tendo-se em conta que no esporte vencem os melhores, seriam esses que estariam à frente do restante.

Nas conversas que eu mantinha com esses e outros interlocutores, nesta etapa foi a primeira vez que tais reclamações e posicionamentos começaram a aparecer. Ou seja, estávamos há um ano da criação do modelo de competição e a *Champions LiGay* começa a se moldar a eventos de esporte convencionais, bastante conhecidos, imprimindo uma característica competitiva de antemão.

O Jogador 2 sempre foi alguém que apontou, constantemente, o caráter da performance (enquanto desempenho) como perverso e desnivelador das possibilidades de participação, tanto na comparação entre *homens cisgênero gays*, quanto entre esses e *homens transgênero*. Para ele, naquele momento, todas essas conduções no formato do campeonato da Liga representava uma “descaracterização” de uma expressão futebolística que teria feições mais políticas.

Esse espaço do futebol foi apropriado por homens gays brancos e definidos, que confraternizam uma condição similar entre si, não abrindo espaço para diálogos com os diferentes, os corpos abjetos, aqueles que não se identificam com a estética dominante do corpo masculino normativo, musculoso, habilidoso, reprodutor de valores similares aos encontrados na sociedade cisheteronormativa.

Entrevista com Jogador 2, 10/12/2018.

Na época, o Jogador 2 ainda fazia parte da equipe trans de futsal da capital paulista que ajudou a formar. Os posicionamentos deste coletivo advinham já de momentos anteriores, muito antes da *Champions LiGay* aparecer em cena, e denunciavam um corponormativismo, uma gordofobia e misoginia descaradas por parte desses *homens cis gays*.

Isso vai mudar nos próximos anos: assim como o Jogador 1, o Jogador 2 vai também deixar a equipe dele, tanto por discordar dos rumos que os trabalhos adquiriam, quanto por entender que para existir, o *futebol trans* não precisava ser “clone” e conivente com o modelo convencional e, muito menos, com o modelo do *fut gay*.

Assistindo àqueles jogos da 3ª. *Champions* constatei algo notório: do campeonato de futebol dos Jogos da Diversidade, realizados junto à Parada LGBT de 2017 na capital paulista (CAMARGO, 2017a), os mesmos grupos que lá estavam haviam melhorado muito seus esportes e suas performances técnicas. Havia mais corpos portentosos, de atletas, que apresentavam jogadas ensaiadas, com táticas aprimoradas, e as equipes tinham um perfil mais homogêneo de jogadores, se comparadas àquelas do evento de 2017:

Observei com curiosidade um grupo *homens-trans* jogando futsal com um time carioca de *homens gays* e os níveis técnico-táticos são muito díspares. Porém, a equipe carioca não joga tão bem assim. O lance é que, na comparação, fica evidente um abismo de habilidade no trato com a bola, em desfavor do time trans. [...] No entanto, muito mais do que disputas pela bola, ali naquele jogo estavam envoltas outras questões, mais visíveis ou mais invisíveis, como o tensionamento de categorias binárias do esporte e mesmo a coexistência de estéticas corporais distintas das “normativas”.

Diário de Campo, Evento Jogos da Diversidade, 30/06/2017, s/p

Em que pese considerar válidas as críticas feitas e a falta de “diversidade representacional” de outros corpos neste evento, penso que não se pode demandar homogeneidade na compreensão política dos sujeitos. Além disso, são pessoas que tiveram histórias e trajetórias diferentes dentro das práticas corporais, mediante condições físicas e de entrenabilidade muito distintas. Todas elas, no entanto, estão em busca de seus espaços.

Percebendo visões e versões no ar, perambulei entre as equipes e seus membros na etapa de São Paulo, conversando com alguns técnicos e assistentes técnicos acerca do que propunham como trabalhos físicos, técnico e tático com os atletas amadores. Vários me relataram certa preocupação com a preparação física dos atletas e com o tempo semanal para treinamentos. A

equipe Alligaytors, do Rio de Janeiro, possuía já um técnico formado em Educação Física, que realizava treinos sistemáticos e diferenciados para a melhora do grupo. Segundo jogadores de vários clubes, esta era uma estratégia que começava a ser massivamente utilizada.

Este *futebol gay*, que proliferava velozmente por todo o país em 2018, desdobra-se em tentáculos de práticas que experimentam outras possibilidades, evocam outros corpos, e todos acabam buscando a referida “performance esportiva”. Naquele momento, havia que se reconhecer que mesmo tendo todas essas polêmicas instauradas, o *fut7 gay* era fato, existia e estava em metamorfose. Escrevi uma nota em meu caderno de campo que reproduzo aqui: “Talvez, num curto espaço de tempo, a *Champions LiGay* não será o único campeonato com essa característica” (Diário de campo, 03/11/2018).

Naquela edição, a equipe do Bulls Football Club se sagrou campeã, numa final disputada acirrada com os Bhabixas, de Belo Horizonte.



Figura 18: Bhabixas (esq.) e Bulls F.C. (dir.) em cerimônia de premiação. Foto do autor.

O terceiro lugar foi conquistado pelos Sereyos, de Florianópolis. Em um ano, o público participante aumentou, a visibilidade cresceu (particularmente tendo em vista as equipes jornalísticas ao redor do evento), o formato se consolidou. O que se colocava naquele momento como desafio para a LiGay era como fazer crescer a participação das equipes e dar conta de um evento de maior porte, nada muito fácil para uma entidade sem lastro organizativo esportivo.

“A bandeira do arco-íris que se vê da lua”



Figura 19: Bandeira do arco-íris, nas arquibancadas da arena, antes do início da 5ª *Champions LiGay*. Foto do autor.

Uma longa bandeira do arco-íris, estendida nas arquibancadas do outro lado do campo, nos recepcionou na arena Santa Cruz, na periferia de Belo Horizonte. Num dia nublado, com previsão de chuvas torrenciais, nada mais reconfortante do que ser recebido por cores. As equipes e seus jogadores chegavam vagarosamente. A preparação para o evento era tímida, haja vista a necessidade de uma abertura, que já está atrasada.

Diário de Campo, 15/11/2019, s/p.

No feriado estendido do mês de novembro de 2019, mais precisamente entre dias 15 e 17, ocorreu em Belo Horizonte, mais uma etapa nacional da *Champions LiGay*, cujos praticantes se colocam dentro do acrônimo LGBTQIA+. Na época, a LiGay estava crescendo em número de equipes cadastradas e seu evento estava ampliando a participação de outras orientações sexuais e identidades de gênero, como foi o caso de três equipes de mulheres *bi*,

*hetero* ou *homossexuais* na etapa mineira (Bharbixas, Manotauros e Predadores). Mesmo que timidamente, a presença de *jogadores trans* estava aumentando em equipes mistas.

Tendo acompanhado alguns destes eventos esportivos, fiquei impressionado com o número de pessoas em torno do mesmo. Este evento foi organizado pela equipe dos Bharbixas, de Belo Horizonte. Nele participaram 28 times de várias partes do país (prioritariamente das regiões Centro Oeste e Sul-Sudeste), mais de 400 atletas, os quais jogaram 56 partidas e fizeram 216 gols, dados estes oriundos da Confederação de Futebol de 7 de Minas Gerais – que comandou, inclusive, a arbitragem do evento.<sup>44</sup>

Se até a etapa de São Paulo, no final de 2018, havia ainda uma percepção de grupos de amigos que se confraternizavam num “bate-bola” ocasional, este evento na capital mineira um ano mais tarde deixou uma marca bem delimitada de que se trata de um campeonato futebolístico “sério”, que tentava se estruturar para além disso.

**Tabela 4: Equipes participantes da 5ª. *Champions LiGay***

Distribuição geográfica (por cidade/Estado)				
São Paulo (SP)	Rio de Janeiro (RS)	Belo Horizonte (MG)	Brasília (DF)	Goiás (GO)
Afronte F.C.	Beescats	Bharbixas*	Bravus	Barbies F.C.
Diversus F.C.	Alligaytors	Manotauros F. C.		
Futeboys F.C.	Karyocas	Predadores F. C.		
Unicorns Brazil		Alcateia Esporte Clube (Manhuaçu)		
Bulls Football SP				
Real Centro				
Bárbaros (Taubaté)				
Porto Alegre (RS)	Navegantes (SC)	Curitiba (PR)	Vitória (ES)	Manaus (AM)
Pampacats	Tubarões	Taboa	Capixabas	Ball Cat's
Ximangos Esporte Clube		Capivara Esporte Clube		
Magia Sport Club				

\*organizadores do torneio

<sup>44</sup> Pouco tempo depois do evento, a confederação retirou do ar os resultados, bem como a artilharia do evento. Ainda tento resgatar esses dados.



Figura 20: Divisão de Grupos, 5ª. *Champions LiGay*.  
Fonte: Instagram Beescats (20/10/2019)

Importante notar que em 2019 já se tinha, aproximadamente, 60 clubes de futebol *society* em todo o país. Nem todos estavam vinculados à LiGay e nem todos participavam da etapa nacional. Há um movimento de “interiorização”, se posso assim chamar, do aparecimento de clubes voltados ao futebol (e também a outras práticas esportivas) de atletas amadores LGBTQIA+. É o caso, por exemplo, da equipe Alcateia Esporte Clube, de Manhuaçu, oriundo do interior de Minas Gerais.

A configuração geográfica do aparecimento dos clubes esportivos para pessoas LGBTQIA+ e, por extensão, das equipes de futebol, é bastante clássica: os primeiros surgiram em grandes cidades ou capitais de Estados das regiões sudeste-sul (por exemplo, como Bulls, Futeboys, BeesCats, Bharbixas, Sereyos e outras). Em seguida aparecem clubes em cidades médias ou capitais em regiões como o Centro-Oeste, Nordeste e Norte (como Barbies, Taboa e Ball Cat’s). Numa terceira etapa é possível que comecem a aparecer clubes em cidades médias/pequenas, mais interiores, porém o desafio será manter não apenas um plantel de jogadores para o futebol, como para outros esportes.<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Veja-se o caso de Campinas, no interior de São Paulo: em termos de tamanho, ela é considerada de porte médio (com cerca de 1 milhão e duzentos mil hab.), mas a equipe Camaleões é focada no futebol e possivelmente tem dificuldade em estruturar um programa multiesportivo que agregue mais participantes. Alguns atletas chegam a viajar para a capital paulista em busca de outras modalidades esportivas, como a esgrima ou a corrida.

Pela tabela acima, e em comparação com as de etapas anteriores (Tabelas 1 e 2), observa-se um aumento de participações nos eventos esportivos da *Champions LiGay*. O aumento quase exponencial de clubes participantes (8 na 1ª *Champions*, 16 na 3ª *Champions* e 25 na 5ª *Champions*) não se sustentaria a longo prazo, tanto por falta de infraestrutura, quanto por logística de um evento que passaria a ser de médio porte. Após a pandemia, como se verá, a solução será a realização de etapas regionais (Sul, Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste) e um campeonato nacional.

Com um pouco de atraso, a etapa da *Champions LiGay* de Belo Horizonte de 2019 começou com um forte discurso político da deputada travesti Duda Salabert. Em meu diário de campo, anotei:

Que fantástica essa mulher e que discurso! Chamou atenção para o lugar das mulheres, das pessoas negras e de minorias excluídas como LGBTs, mas não desvinculadas umas das outras. Disse que seu compromisso é em pensar o lugar em que tais pessoas vivem, a cidade. E mencionou que a ‘cidade ideal’ deve ouvir a voz dos movimentos sociais, deve se conformar para ser um lugar que os acolhe.

Diário de Campo, 15/11/2019, s/p.

Duda será eleita para a Câmara dos Vereadores nas eleições de 2020 com uma votação histórica. E, em menos de dois anos depois, será empossada no Congresso Nacional (Câmara dos Deputados) como a indicada pelo estado de Minas Gerais. Ela pode ter usado o espaço na abertura do evento da LiGay como palanque político, porém mostrou compromisso. Inclusive arriscou algumas ideias sobre a contribuição do esporte para o bem-estar e saúde da população LGBTQIA+.

Após as devidas apresentações e falas oficiais, houve a abertura dos desfiles coreografados das equipes. Nem todas apresentaram e algumas delegaram às *Drag Queens* suas performances, como a equipe dos Manotauros. Entretanto, ver o futebol se misturando com a dança no corpo dos atletas me parece algo bastante “revolucionário” para uma prática esportiva bastante ortodoxa.

Nas primeiras etapas da *Champions LiGay*, as *Drag Queens* se farão presentes, seja no *backstage*, como no Rio e em São Paulo, sejam misturadas aos jogadores, como em Belo Horizonte. Como me expressei em outro lugar:

As *drag queens* corroboram a noção de ‘acontecimento’, visto que transformam um simples certame futebolístico amador em uma frenética batalha, digna de final de Copa do Mundo. Em minha inferência, o acontecimento traria duas dimensões difusas entrelaçadas: de uma parte, a grandiosidade apoteótica do que aquilo representa para a comunidade que prestigia a competição (uma vez que pessoas LGBTIQAP+ são rechaçadas de espaços esportivos convencionais) e, de outra parte, um evento que merece respeito pelos próprios sujeitos e por quem os assiste jogando, pois, se não são incluídos em outros lugares do esporte, ali é o lugar que criam para a valorização da ‘causa’ e de todo o significado da ocupação daquele espaço (CAMARGO, 2021, p. 8)



Figura 21: Entrada da Bandeira do Bharbixas, 5ª. *Champions LiGay*.  
Fonte: Instagram Beescats (12/12/2019)



Figuras 22 e 23: Apresentação time Bharbixas, 5ª. *Champions LiGay*.  
Fonte: foto do autor

Mais tarde se notará que esta estética de desfiles das equipes, espécie de ritual de apresentação e de marcação de um elemento das “culturas queer”, será encerrada. Há algumas explicações para que isso tenha se passado, mas as explorarei em outro momento. O fato é que, na mesma medida em que o Haka, grito de guerra da cultura Maori (povo da Nova Zelândia), é realizado pela seleção de rúgbi neozelandesa antes de seus jogos, as danças ao som de divas *pop* (como Anitta, Beyoncé) começavam a se estruturar como símbolos das culturas ali envolvidas e marcas de uma identidade para além do futebol – mas que poderiam englobá-lo, inclusive.

Os jogos de futebol foram concentrados em dois dias e a tabela se estendeu, no primeiro dia, até quase às 22 horas. Particularmente nesse dia, as partidas foram castigadas com uma chuva violenta, que inundou as quadras, fez com que parte dos jogadores ficassem isolados dentro do apertado vestiário ou embaixo de uma tenda improvisada e que o cronograma sofresse atraso. Afora a catástrofe climática, os jogos apresentam melhor nivelamento técnico-tático, com jogadas ensaiadas e algumas surpresas. Do ponto de vista de alguém que conhece esportes em níveis técnicos-táticos, ficou nítido que as equipes estavam passando por um processo de treinamento mais sistemático.

Ainda no primeiro dia conversei com o Jogador 3, que depois passaria para o grupo de entrevistados nesta pesquisa. Ele me foi apresentado numa conversa com outra pessoa, à beira da quadra. Logo que iniciamos o diálogo, explicou-me sobre a invisibilidade de homens bissexuais e disse que seus companheiros não entendiam muito bem isso. Naquele dia já fizemos uma entrevista e ele assim se colocou:

Quero te dizer que é legal nosso papo, sim, e que vamos falar de novo. Mas, quero dizer outra coisa. (...) Acho que posso falar, certo, mas acho que outros companheiros têm que falar comigo. Prefiro dividir a palavra, sabe. Porque depois, nesse processo, na fala com outros do grupo, a gente vai trabalhando o coletivo. Falar em grupo é importante porque a gente vai se conscientizando do grupo, do coletivo.

Entrevista com Jogador 3, novembro de 2019.

Tal jogador me contou muito emocionado como foi participar do primeiro treino de seu time de futebol, depois de uma vida inteira ouvindo de sua mãe que ele tinha que ficar afastado do esporte e não podia jogar vôlei para “não virar viado”. Ele tem um lastro de reconhecimento para com o coletivo e sua fala acima demonstrou isso ao longo do tempo de nosso contato.



Figura 24: Jogo entre Bárbaros (SP) e Alcateia (MG), arbitragem feminina.  
Foto do autor.

Longe do centro comercial, numa arena em local marginal da cidade (Arena Santa Cruz), o evento foi criticado por parte (ou talvez, maioria) dos jogadores e clubes participantes, seja porque estava num lugar afastado, seja porque carecia de melhor infraestrutura, tanto para os jogos (a grama sintética estava mal colocada e havia barro por todos os lados), quanto os banheiros e vestiários não apresentavam portas, poucos possuíam chuveiros quentes e não havia papel higiênico.

Numa reunião entre representantes dos clubes, no segundo dia de evento e com a tabela de jogos rolando, os problemas foram colocados sob a mesa e houve uma perspectiva comparada com as sedes anteriores da LiGay. O tom acusativo aos Bharbixas, entidade responsável, baseava-se na questão, que não parava de circular nas rodas de conversa: “o que havia sido feito com o dinheiro das inscrições pagas pelos clubes?”. Uma resposta única não veio, efetivamente. Muitas desculpas sobre decisões mal tomadas ou de última hora e, o que é mais importante, em minha opinião: um comprometimento coletivo para que nas próximas edições não acontecesse o mesmo. Era a primeira vez que presenciava dirigentes de associações brasileiras reunidos e tentando pensar o presente e o futuro dos campeonatos de futebol da liga. Desta forma, havia em gestação ali algo até então inédito no cenário esportivo de sujeitos LGBTQIA+ brasileiro. Isto é, uma “militância de gênero” (termos meus), dentro da cena esportiva, que se propunha a pensar algo maior e em longo prazo.

Andando pelas instalações do evento mineiro e percebendo a vizinhança pobre do entorno, observei também que muitas pessoas que circulavam pela arena e mesmo na área do bar eram oriundas da localidade e estavam lá participando do evento de certa forma. Algumas vendiam produtos de comer/beber; outras paravam para ver os jogos, inclusive tirando fotos e torcendo por inércia – afinal, o que acontecia lá eram jogos disputados de futebol, algo fácil de entender na leitura daquelas pessoas.

Diário de Campo, 15/11/2019, s/p.

Neste sentido, apesar de concordar com as críticas das equipes sobre a falta de infraestrutura externa às quadras naquela arena (como falta de vestiários mais estruturados, ou áreas de descanso, ou ainda, quadras de aquecimento pré-jogo), penso que a LiGay e a organização da equipe local, os Bhargixas, acertaram na escolha desta instalação, uma vez que a visibilidade é política, e naquele momento em que o país era atingido por uma onda conservadora de discursos e posturas racistas, misóginas e homo-transfóbicas fazia-se fundamental estimular a aceitação e tolerâncias na convivência com a diversidade, de etnia, cor de pele, classe social, gênero por meio de um evento esportivo como àquela.



Figura 25: Chapeiro da comunidade improvisando ao lado da cancha. Foto do autor.

A visibilidade dessas expressões futebolísticas não hegemônicas é política e trazer à tona o encontro entre futebol, sexualidade e diversidade de corpos acaba me parecendo produtivo pensar das diferenças, de subjetividades, corpos, crenças e mesmo formas de se movimentar no esporte. Por parte dos jogadores, havia opiniões divergentes: alguns

reclamavam do barro e das instalações; outros não reclamavam e se resignavam ao que estava colocado.

No vestiário, conversei com um jogador gaúcho, que enquanto se trocava e tirava o meião, disse que não reclamava do evento. Assim se colocou: “*não tem o que a gente teve em POA, mas tem o nosso futebol e então tá bom, né?*”. Ele se referia à etapa de Porto Alegre, que ocorreu no início daquele ano e foi organizada pela equipe Magia. Até àquele momento essa tinha sido a referência de boa organização e de adequadas instalações para a competição.

Foi ali no ambiente do vestiário que conheci o Jogador 4, outro interlocutor da pesquisa. Do interior de Minas, morando recentemente em Belo Horizonte, disse-me que “*nunca imaginava jogar em time gay*” (sic), pois sempre jogou futebol desde criança. Contudo, teceu uma reflexão interessante sobre a “dimensão social” de *homens gays* em comparação com os heterossexuais:

Algo que posso dizer é a coisa da dimensão social, entende? Eu sou solteiro, sempre vivi meio isolado. (...) A gente se encontrar, num grupo, para treinar, ajuda a melhorar as relações, as relações sociais, sabe. E eu não tô falando de namoro e tal. Não, não. Tô falando da dimensão social do esporte para nós, um grupo *gay* que agora pode jogar bola. Quer dizer, eu sempre joguei bola, mas não como *gay*.

Entrevista com Jogador 4, 15/11/2019.

Este ponto levantado por ele, da comparação entre *homens gays* e *heterossexuais* no futebol, acabou se tornando uma celeuma antes mesmo do evento acontecer. A equipe do Maragatos, do Rio Grande do Sul, foi proibida de participar porque veio à tona uma denúncia de que ela estaria contratando jogadores heterossexuais, a fim de ganhar títulos em torneios. A diretoria da LiGay puniu-a com a não permissão para participação em Belo Horizonte, exigindo que houvesse uma retratação pública. Isso fez com que ela soltasse uma nota pública em seu Instagram se desculpando com todos os clubes participantes do certame.<sup>46</sup>

Se algumas equipes não participaram porque não foram convidadas<sup>47</sup> ou porque já não existiam (caso da Sereyos, de Florianópolis, que teve parte de seus jogadores criando a Tubarões), outras se consolidam como grandes expoentes, como as equipes Bulls F.C. (SP) e BeesCats Soccer Boys (RJ). Times novatos, como os Ball Cat’s, do Amazonas, são um exemplo de lugares de pouca representatividade regional na LiGay, como as regiões Norte e Nordeste

<sup>46</sup> Infelizmente, perdi tal comunicado e o clube retirou isso do ar de sua rede social.

<sup>47</sup> Naquele momento ainda não se tinha assenso ou descenso de equipe, ou regionalização, mas sim convites para que os clubes participassem. Depois da pandemia isso vai mudar, como veremos.

do país.<sup>48</sup> A etapa de Belo Horizonte terminou com vitória dos BeesCats, seguidos dos Bárbaros F.C. (SP) e dos Bulls F.C. A equipe segunda colocada foi uma surpresa em termos de resultado.

Em algum momento encontrei representantes da equipe Ball Cat's, mais especificadamente Pedro Leocádio (presidente do clube à época) e Daniel Coelho (ex-jornalista e professor de Educação Física) e eles me contaram boas e anedóticas históricas do que chamaram de “esporte gay” na região Norte. Leo (ou alcunhado Pedrita) foi um jogador destaque do “Peladão” em 2013, uma mega competição regional, mais popular até que o Futebol convencional e midiático.<sup>49</sup> Dessa “fama”, aproveitou e montou uma Copa de Futebol Gay, em 2014, a partir da qual o Ball Cat's vai se originar. Resgato um trecho narrado por ele, em entrevista a mim e a Flávio Amaral, anos mais tarde:

O fato de eu ser conhecido e respeitado pela participação em campeonatos, inclusive com essa eleição de destaque no Peladão, trouxe ao time visibilidade e respeito por parte das equipes não LGBT. Jogamos contra todas em pé de igualdade e já vencemos várias vezes. Assim vamos aos poucos conquistando nosso espaço e enfrentando o preconceito (CAMARGO; AMARAL, 2022a, p. 84).

E Daniel me contou que foi uma figura-chave no advento de um Grand Prix de voleibol, dentro da Liga Gay de Voleibol, que já existia há mais de 30 anos e que era comandada por dirigentes conservadores. Então,

Quando criei o Grand Prix, vivemos uma ‘guerra fria’ não declarada, porém que marcava as relações. Eu decidi liderar o grupo de ‘bichas novas’ (as *pocs*) e já defini no regulamento que proibiria sexo, drogas e festas. Poderia mais tarde, mas durante o evento não. As ‘bichas velhas’ eram conservadoras e não sabiam, ou não notavam, que os tempos mudaram.

Conversa com Daniel Coelho, 16/11/2019.

---

<sup>48</sup> Era a segunda participação do Ball Cat's. A primeira tinha ocorrido no início de 2019, na *Champions LiGay* de Brasília.

<sup>49</sup> Para se ter uma ideia, o antropólogo Rodrigo Chiquetto (2014, p 20) resume assim o torneio do Peladão de 2012: “(...) contou com 24.904 jogadores inscritos em 1.772 equipes do interior e da capital. Para os que jogaram em Manaus, a coordenação disponibilizou 57 campos de futebol. Foram realizados 2.590 jogos, marcados 9.028 gols, distribuídos 6.226 cartões amarelos e 724 cartões vermelhos. A comissão disciplinar do torneio se reuniu 6 vezes durante seus cinco meses de duração, incluiu 65 participantes no Livro Negro e baixou um total de 70 atos disciplinares”.

Os jogos da semifinal e da final demonstraram grande desempenho físico de jogadores e mesmo um empenho de concentração e mentalização, convocados pelas equipes técnicas. Cada jogo das etapas finais agregava dezenas de pessoas e as disputas eram acirradas, com a arbitragem também apertando o cerco. Passando rapidamente por um grupo que tinha sido desclassificado da tabela enquanto o campeonato avançava para as semifinais, ouvi o técnico e a assistente técnica dizerem: *“isso aqui é futebol, porra; vocês não (es)tão aqui porque são gays, mas porque são jogadores de futebol. Tem que entender isso!”* (Diário de Campo, 5ª *Champions LiGay*, 15/11/2019, s/p).

Uma das partidas da semifinal entre as equipes Bharbixas (MG) e Taboa (PR) foi muito disputada e terminou o tempo regulamentar no empate (1 x 1). Na cobrança de pênaltis, os Bharbixas avançaram para a semifinal com um placar de 7 x 6. Como já observei anteriormente, as equipes têm buscado conhecimento técnico de pessoas da área do futebol e de Educação Física, algo bastante perceptível em momentos importantes, como fins de partidas decisivas.

Além disso, outro ponto de destaque desta edição foi a presença do grupo “Mães pela Diversidade”, da capital mineira. Tal grupo era composto por mães de pessoas LGBTQIA+ e possuía uma atuação política bem marcada, particularmente quando amplia suas ações junto ao Centro de Referência da Juventude (CRJ) e o Centro de Referência LGBT (CR-LGBT) da cidade, com vistas ao acolhimento de mães que necessitam de informações ou apoio tais pessoas em processos de “saída do armário”.

Clermen Gosling, uma das representantes e com quem conversei, disse haver vários eixos de trabalho do grupo e que, no geral, o sentimento cultivado permitia, inclusive, que as mães estabelecessem vínculos de amizade e uma vida social comum além do projeto. *“O importante”*, disse-me ela, *“é o suporte total aos/às filhos e filhas em suas decisões relativas à sexualidade”* (sic).



Figura 26: Grupo “Mães pela Diversidade”, de Belo Horizonte. Da esquerda para a direita: Rosane, Ana Paula e Clermen. Foto do autor.

Em intervalos de jogos procurei conhecer e conversar com pessoas diversas. Ouvi relatos entusiasmados, alguns políticos, outros tristes, particularmente quando se tratava de aceitação da sexualidade e mesmo de “ajuste social” de um corpo *trans*. Fiquei feliz em presenciar algumas pessoas *trans* em equipes como a dos Bhabixas e Ximangos (RS), jogando futebol e militando, ao mesmo tempo. Seus corpos são políticos e são instrumentos de contestação de um Futebol hegemônico, machista e discriminatório. E me emocionei ao saber que há uma jogadora *trans* e autista, na equipe Diversus F.C., de São Paulo, que não veio para o evento, mas que participa dos treinos semanais.



Figura 27: Equipe Ximangos (RS). No detalhe, ao centro, jogador trans com protesto sobre aceitação dessas pessoas no futebol.

Foto do autor.

Conversei com o técnico do Ximangos à época. Contou-me que o trabalho dele era baseado no “ensinar a jogar futebol”, pois recebia pessoas que haviam sido excluídas de práticas esportivas em suas vidas e elas queriam aprender esportes/futebol. Esta equipe teve a oportunidade de participar do torneio porque o clube Maragatos foi impedido de lá estar. Na opinião dele, “*muitos times aqui vieram para ganhar. Nosso objetivo é outro. É incentivar a participação*” (sic).

Na equipe Bhabixas também tinha uma pessoa não binária competindo. Lembro-me de estar à beira do campo, vendo o jogo do time de homens e, logo que terminou, um dos jogadores simplesmente trocou de roupa à beira do campo e foi jogar no selecionado de mulheres. Anoto isso minutos depois em meu diário:

Ao adentrar à beira do gramado para tirar algumas fotos, notei a presença de uma garota entre os jogadores homens. Em realidade, observei direito e concluí que era uma pessoa trans, que no meu olhar moldado pela cisheteronormatividade, acusava ser ‘uma mulher’. Enquanto acabava o jogo e eu preparava minha câmera para uma foto do grupo, pensei melhor e achei que era um ‘homem’ trans. De repente, o time feminino daquela mesma equipe entrou em campo e ele, agora ela, trocou de uniforme na minha frente, bem na linha lateral do campo, alinhando-se com as mulheres lésbicas. E eu fiquei impressionado com a maleabilidade das expressões de gênero, moldáveis às necessidades técnicas do momento e ao ímpeto juvenil do prazer de jogar bola.

Diário de Campo, 16/11/2019, s/p.

Se em outro momento considerei que o futebol havia sido “colonizado” pelo futebol *society de homens gays*, em Belo Horizonte tive a certeza de que esta expressão havia sido englobada e subvertida por um *futebol LGBT*, talvez mais “queer” ou “cuir”, uma expressão mais democrática, politizada e que tentava ser mais “inclusiva” e “subversiva” do fenômeno midiático que conhecemos.

Considero que este evento foi a materialização de um momento sublime, apesar de alguns problemas estruturais. Os times de futebol totalmente entrosados, um vai-e-vem de gente comentando, torcendo e comendo churrasquinho. Me senti parte de um campeonato brasileiro de futebol. O público era grande, talvez por causa da vizinhança. Todos pareciam amigos de longa data. As meninas do futebol do Bhabixas gritavam que seriam campeãs, enquanto muitos *closes* eram dados por alguns *gays* e seus celulares em volume alto. O pôr-do-sol desse segundo dia, com a promessa de um evento efusivo e diverso chegando ao fim, trouxe uma mensagem a nós que ali estávamos: o esporte e o futebol LGBT enfim emplacaram no Brasil.

Diário de Campo, 16/11/2019, s/p.

No entanto, apesar do momento ímpar registrado por mim e compartilhado pelas pessoas que lá estavam, tudo se transformará a partir das mudanças provocadas pela pandemia do coronavírus e pela troca de gestão na entidade nacional, a LiGay.

Balanço etnográfico (2017/2018-2019)

De 2017 a 2019 muita coisa mudou: grupos desapareceram ou deram origem a outros, como o caso dos Sereyos (de Florianópolis), que foram extintos, e os componentes migraram para os Tubarões. A participação em Belo Horizonte dos Ball Cat's, representando Manaus (AM), foi algo inusitado, pois foi a primeira vez que um time do Norte vinha ao torneio. Apenas em termos de equipes, se tomarmos a 1ª, 3ª e 5ª edições, que distam 1 ano entre cada uma delas, nota-se o incremento de cerca de 8 clubes a mais em cada edição.

**Tabela 5: Campeonatos Nacionais da *Champions LiGay* (2017-2019)**

Nome do evento	Cidade-Sede	Data	Clube organizador	Nº de equipes presentes
1ª Champions LiGay	Rio de Janeiro/RJ	Novembro/2017	Beescats	<b>08</b>
2ª Champions LiGay	Porto Alegre/RS	Abril/2018	Magia	12
3ª Champions LiGay	São Paulo/SP	Out/Nov. 2018	Unicorns	<b>16</b>
4ª Champions LiGay	Brasília/DF	Abril/2019	Bravus	20
5ª Champions LiGay	Belo Horizonte/MG	Novembro/2019	Bharbixas	<b>28*</b>

Fonte: dados do autor

*\*25 equipes de homens gays cisgênero e 3 equipes de mulheres cis/trans lésbicas*

Naquele momento, o critério para participação do certame nacional era um convite enviado pela LiGay, num acordo prévio com equipes que reuniam condições materiais e financeiras para tal empreitada. Por sua vez, na 5ª *Champions*, em Belo Horizonte, em 2019, já se contabilizavam 25 times de *homens gays/bissexuais*, oriundos de várias partes do país. A organização mencionou a contabilização de 400 atletas e um público circulante dos arredores de 200 a 300 pessoas. A arbitragem oficial do evento foi realizada pela Confederação de Futebol de 7 mineira e seu site continha a contagem de 56 partidas e 216 gols marcados.<sup>50</sup>

Num esforço de colocar em dados estatísticos, Vieira (2023, p. 28) assim se expressou em recente tese de doutoramento:

19 dos 25 clubes (76%) foram fundados a partir de 2017, ano que marca o crescimento do cenário futebolístico *gay* no país. Além do Bharbixas e do

<sup>50</sup> Infelizmente, algum tempo depois, o site da confederação tirou do ar a tabela dos jogos, os resultados do confronto, o número de gols feitos e as artilharias. Guardei o dado etnográfico, mas perdi a fonte.

ManoTauros, Belo Horizonte já tinha outros dois times na data em que ocorreu essa competição, o Felinos e o Predadores. Além deles, Minas Gerais também já contava com um time em Manhuaçu, o Alcateia. Inclusive, esse era o único time da competição que não vinha de uma capital. 15 clubes (60%) pertenciam à região Sudeste, 6 (24%) à região Sul, 3 (12%) à região Centro-Oeste, 1 (4%) à região Norte e nenhum à Nordeste.

O número de participações de clubes é maior, em realidade. Estiveram presentes 28 equipes, sendo três delas de mulheres jogadoras (equipes Manotauros, Bharbixas e Predadores). Elas (*bissexuais, lésbicas* ou mesmo *heterossexuais*) inauguraram uma participação que tinha tudo para mostrar que a LiGay poderia ser uma liga também de acolhimento diferenciado de outros gêneros. Maurício Rodrigues Pinto (2019), na época, fez uma observação pertinente sobre o incremento de participação de mulheres, não apenas em lugares de jogo, mas também em postos de técnicas e assistentes de equipes.

Além disso, além de registrar igualmente tal fato, também demarco que será o momento em que *pessoas trans* e *não binárias* começam a buscar um espaço de “diálogo corporal” (termos meus) com jogadores gays e bissexuais. Naquele momento, no entanto, esta participação ainda não constava dos regulamentos do torneio, mas ela acontecia pontual e esporadicamente – como narrei no caso da equipe Bharbixas (CAMARGO, 2021).

No entanto, a presença destas pessoas vai continuar a ser tímida, como veremos. Ao passo que se troca o comando da Liga depois da pandemia, tal regulamentação não vai se resolver e tais pessoas acabarão formando seus próprios times e organizando campeonatos paralelos – as tais ligas trans. Trago considerações sobre isso ao longo do trabalho de campo.

Assistindo aos jogos, frequentando os vestiários, observando a composição das equipes (tanto antigas quanto as novas) foi possível perceber uma maior pluralidade étnica (mais pretos e pardos do que em edições anteriores), mais expressões de gênero (as *pessoas trans* e *não binárias* se fazem presente em maior número), maior representação em termos de classes sociais e, principalmente, o discurso mudou: ouvi muita gente falando em *futebol LGBT*, mesmo jogadores *gays* que estavam participando há mais tempo. Depois de presenciar uma reunião entre líderes das equipes no evento da capital mineira, refleti sobre uma “militância de gênero” em formação no esporte brasileiro.

Se nas primeiras edições ainda havia uma percepção de grupos de “amigos gays” que se confraternizavam num “bate-bola” ocasional, a 5ª edição da *Champions LiGay* deixou uma marca bem delimitada de que se tratava de um campeonato que ainda tendia a crescer e se

estruturar para além disso. E, igualmente, que houve um engajamento coletivo e compromissado – independente se vinculado ao desejo de ‘cooptar’ o *pink money* de uma demanda reprimida – mas que sabia das necessidades e conseguia apontar caminhos futuros.

No entanto, sabemos que visibilidade não significa representatividade e, portanto, sujeitos outros que não homens *homossexuais* identificam(vam) um longo caminho para terem garantido um lugar dentro da *Champions LiGay*. Como bem apontou Pinto (2020), o debate instaurado por conta da presença de pessoas/grupos *trans* no futebol *society* teve como desafio pensar o futebol como “um espaço de atuação política” em favor de suas causas, o que, em geral, valeria para todos os demais grupos excluídos. Mas veremos que, quanto maior a performance esportiva, mais o tal *futebol gay* vai se distanciando de discursos de inclusão das diferenças.

No famigerado “jogo de letrinhas” há muitas variações de uma prática futebolística que urge em aparecer. E assim, ainda naquele momento, o dito *futebol gay* acaba cedendo certo espaço para um acolhimento maior em relação a outras identidades de gênero e suas performances corporais, porém não sem conflitos – intensos e, muitas vezes, velados. Elas trazem em seu bojo uma tensão sobre a disputa de um lugar no esporte e impoem uma luta por visibilidade/representação, forçando o surgimento de um *futebol LGBT* e de um *futebol trans*, formas supostamente mais plurais que o *futebol gay*.

Diante de uma demanda reprimida agora então descoberta e da avalanche de novos pedidos de filiação, de clubes do Sul ao Norte do país, o corpo administrativo da LiGay vai traçar estratégias de como manter a realização dos torneios, tanto localmente (nas regiões), quanto nacionalmente (por meio da organização da *Champions LiGay*). O que àquele momento ninguém sabia era que no início de 2020 estouraria uma pandemia de um vírus, que nem o homem, nem a ciência conheciam. As práticas futebolísticas ficarão paralisadas por conta do risco de contágio e nenhum outro campeonato vai acontecer depois da 5ª edição de Belo Horizonte, em fins de 2019, até meados de 2022.

Por último, algo a ser notado: as entradas festivas, sonorizadas e “do close” não mais vão ocorrer na *Champions LiGay*. A partir de uma racionalização da gerência esportiva e uma busca pela venda da marca como um “produto”, a profissionalização vai virar meta dos jogadores, dando o tom de “coisa séria” e desafiando cada vez mais a tão propalada “inclusão”. A LiGay, por sua vez, vai incentivar isso e, notadamente, em nome de uma eficiência da estrutura esportiva. Este aspecto discutirei mais adiante, na parte temática em que coloco em contraposição amadorismo e profissionalismo.

## 2020-2021: Pandemia, tempo de metamorfoses

*A grande praga da cidade marítima. Não cessará até que a morte seja vingada.  
Do sangue justo, condenado por um preço sem culpa.*

Nostradamus, em *Centúrias*, século XVI

Minha virada de ano entre 2019 e 2020 foi marcada por encontros entre amigos e confraternização com muita comida. Na celebração de Réveillon, na casa de uma prima astróloga, conheci uma de suas amigas esotéricas, que dizia ter o dom da premonição e da previsão do futuro. A cada gole de bebida e afirmação proferida, ríamos muitos minutos. Das muitas coisas premonitórias, fantasiosas ou irreais que me lembro de ter ouvido naquela noite de 31 de dezembro, esta profecia de Nostradamus sobre “a grande praga” estava entre elas.

Apesar de ser antropólogo e estar do lado da ciência que faço, estou sempre aberto a explicações mágicas, sobrenaturais ou, em outras palavras, não científicas. Já tinha ouvido falar, inclusive, que as previsões de Nostradamus eram tão genéricas que poderiam ser aplicadas a vários eventos e situações históricas imprecisas. E aquilo tudo fazia parte da prerrogativa de ouvir o outro e identificar outros modos possíveis de explicar o mundo.

Contudo, acreditar que Nostradamus poderia prever lá por volta de 1550 um evento com exatidão em 2020 talvez fosse um absurdo. O fato é que em janeiro e fevereiro de 2020 proliferaram notícias sobre a “doença de Wuhan”, na China, que não se resolvia e começava a assustar órgãos de controle epidemiológico no Ocidente e isso parecia uma “praga” sem controle.

Ao ouvir a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) que vivíamos uma pandemia no fatídico 11 de março daquele ano, eu me lembrei das palavras hilárias da “mística do Réveillon”. E elas, então, não me pareceram tão engraçadas como no fim de ano.

Boa tarde! Nas últimas duas semanas, o número de casos de COVID-19 fora da China aumentou 13 vezes, e o número de países afetados triplicou. Atualmente, existem mais de 118.000 casos em 114 países, e 4.291 pessoas perderam suas vidas. Milhares estão lutando pela vida em hospitais. Nos próximos dias e semanas, esperamos ver o número de casos, mortes e países afetados aumentar ainda mais. (...) Portanto, fizemos a avaliação de que o COVID-19 pode ser caracterizado como uma Pandemia. (...) Deixe-me resumir em quatro áreas-chave [a gravidade disso]: primeiro, preparar e estar

pronto. Segundo detectar, proteger e tratar. Terceiro, reduzir a transmissão. Quarto, inovar e aprender. (...) Obrigado!<sup>51</sup>

Àquele 11 de março de 2020 era uma quinta-feira como outra qualquer. O anúncio da OMS foi velozmente distribuído por governos, cadeias de televisão, canais de notícias na internet e mesmo por outras entidades de extensão planetária, como a Organização das Nações Unidas (ONU) o fez:

Um novo coronavírus (COVID-19) desafia a todos nós. Precisamos estar prontos para encarar mais esta ameaça juntos. Peço a todos vocês: se cuidem! Sigam os conselhos médicos e científicos, dando passos práticos e simples. Como lavar as mãos e outras recomendações das autoridades de saúde. Estejam informados e atualizados com as diretrizes de seus governos e da Organização Mundial de Saúde. E sejam gentis, assegurando-se de que ninguém seja discriminado neste momento. E juntos, vamos lutar contra a COVID-19, em solidariedade, como nações unidas. Obrigado.<sup>52</sup>

A pandemia do coronavírus vai afetar, indelevelmente, a vida de todas as pessoas em todo o mundo. Eu ainda lidava com as últimas informações do campo etnográfico da 5ª. *Champions LiGay*, do fim de 2019, quando essa situação se instaurou. De uma hora para outra, o mundo ficou em suspensão e o futebol e as práticas esportivas, vilões de uma possível transmissão do vírus, foram paralisados – não sem protestos, obviamente.

Com o distanciamento social imposto como medida pelos governos e situações de *lockdown* (fechamento total ou parcial de locais comerciais, administrativos e outros), minha pesquisa de campo começou a migrar para as plataformas digitais, como redes sociais Facebook e Instagram, e aplicativo de mensagens (*Whatsapp*) – nesse último principalmente com quem eu já tinha contato. Com a suspensão das atividades comuns de treinos e eventos esportivo-

---

<sup>51</sup> No original: “Good afternoon! In the past two weeks, the number of cases of COVID-19 outside China has increased 13-fold, and the number of affected countries has tripled. There are now more than 118,000 cases in 114 countries, and 4,291 people have lost their lives. Thousands more are fighting for their lives in hospitals. In the days and weeks ahead, we expect to see the number of cases, the number of deaths, and the number of affected countries climb even higher. (...) We have therefore made the assessment that COVID-19 can be characterized as a pandemic. (...) Let me summarize it in four key areas. First, prepare and be ready. Second, detect, protect and treat. Third, reduce transmission. Fourth, innovate and learn. (...) Thank You!” Trecho recortado do discurso original de Tedros Adhanon Ghebreyesus, chefe da Organização Mundial de Saúde (OMS), distribuído globalmente em canais de comunicação. Disponível em <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em 20 março 2020.

<sup>52</sup> Discurso transcrito e traduzido ao português de Antonio Gutierrez, chefe da Organização das Nações Unidas (ONU) em cadeia planetária de *streaming* (internet, televisão e rádio). Fonte: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881>.

competitivos, eu ficava observando como as pessoas e os clubes de futebol lidariam com isso. As *lives*<sup>53</sup>, as trocas de mensagens de textos, os áudios e as fotos compartilhadas passaram a ser os meios de comunicação com jogadores interlocutores. Como Anjos e Silva Jr. comentam acerca das redes criadas pelas comunidades de jogadores *gays* no meio digital, mesmo antes da pandemia:

As redes de sociabilidade criadas em torno de um mesmo objetivo aparecem como articuladoras fundamentais para divulgação e difusão da ideia de se criar times de futebol para homens *gays*. Os equipamentos e processos de informação, cada vez mais globalizados, oferecem os recursos necessários para suprimir as distâncias geográficas e promover a comunicação e interação entre os sujeitos conectados em rede, de maneira instantânea (ANJOS; SILVA JR., 2018, p. 223).

Essa forma rápida de comunicação e interação foi potencializada pela pandemia e, inclusive, logo as plataformas de divulgação de notícias, eventos, ações e *status* dos times começam a migrar do Facebook, que segundo um entrevistado era “muito chato e estático”, para o Instagram, mais instigador e dinâmico, de fácil consulta (a rolagem mais rápida) e de maior abrangência. Um dos jogadores virou “celebridade” em pouco tempo, com mais de 20 mil seguidores, e não estava lidando bem com o assédio: “*rede social vira a vida da gente nos avessos*” (sic).

Há alguns anos antropólogas/os começaram a estudar com afinco o campo das tecnologias digitais na interface de suas pesquisas de campo. Na verdade, a nomeação “digital” ganhou propriedade nos últimos tempos (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020), particularmente a partir de uma intensificação do uso da internet como artefato cultural (HINE, 2000).

Embora se afirme que a pesquisa em contextos digitais tenha certa proximidade com a investigação de caráter presencial (MILLER; SLATER, 2004), devido a certa porosidade da vida contemporânea entre as dimensões *on* e *offline*, é inevitável constatar que “a pandemia da Covid-19 deixou claro o quanto as tecnologias, representadas por seus múltiplos dispositivos e pelas redes de conexão, são fundamentais para as relações que estabelecemos uns com os outros e com o mundo” (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, p. 2).

---

<sup>53</sup> *Lives* são transmissões simultâneas, geralmente realizadas pelo Instagram, que atestam a fluidez da passagem entre os estados on/off-line da vida e criam uma interlocução sujeitos interessados em um mesmo tema.

Ganhou maior concretude, inclusive, a proposta da netnografia, um tipo de etnografia que investiga interações sociais em espaços online (CLELAND; DIXON; KILVINGTON, 2020). Como explicam esses autores mencionados,

É uma rede de redes que os netnógrafos investigam criticamente. O termo netnografia engloba métodos virtuais (pesquisas online, entrevistas online), métodos digitais (análise de hiperlinks, análise de conteúdo da web, pesquisa em mídias sociais) e nossa concepção de ciberespaço (o armazenamento, modificação e troca de dados). Sem a 'rede', nada do mencionado acima seria possível, ou mesmo existiria. Netnografia é, portanto, a forma abreviada de abranger os conteúdos mencionados acima (CLELAND; DIXON; KILVINGTON, 2020, p. 97-98).<sup>54</sup>

Baseada momentaneamente no digital, no entanto, minha pesquisa não migrou totalmente uma análise de conteúdo da web e das mídias sociais, mas teve que resolver um impasse criado pela impossibilidade do presencial. Hoje, finalizando este texto e olhando em perspectiva, percebo que foi um caminho para driblar a falta de interação e contato com pessoas e clubes esportivos que eu acompanhava na realidade dos eventos. Portanto, um destaque acerca deste *hibridismo*: se a pesquisa em modo presencial oferece elementos fundamentais para a interpretação antropológica das práticas esportivas e seus significados, o digital proporciona a chance de acompanhar os sujeitos de novos modos, em outra dimensão e, particularmente, em outro tempo (ou velocidade).

O início da pandemia provocou o cancelamento de sua 6ª edição da *Champions LiGay*, planejada para o mês de abril de 2020. O que se seguiu foram quase dois anos sem competições presenciais, mas uma intensa atividade em redes sociais, tanto por parte dos clubes, como da LiGay, que passará por nova eleição neste período, elegendo Carlos Renan Evaldt como novo presidente. Ele entrou na administração da entidade ainda em 2017, num grupo que começava a então traçar as primeiras ações para gerenciá-la. Com a abdicação do segundo presidente bem no meio do período pandêmico, ele assume como interino e apenas se efetivará no cargo com as eleições de 2022. Se exercício é bienal e há possibilidade de ser reeleito. Seu principal

---

<sup>54</sup> No original: “It is network of networks that netnographers critically investigate. the term netnography encompasses virtual methods (online surveys, online interviews), digital methods (hyperlink analysis, web content analysis, social media research), and our conception of cyberspace (the storage, modification, and exchange of data). Without the 'net', none of the above would be possible, or even exist. Netnography is thus the shorthand way of encompassing the above contenders”

problema nesta gestão foi mobilizar equipes desmobilizadas, incentivar a criação de outras, além da reestruturação geral no formato de competição, com etapas regionalizadas.

A pandemia como consequência acaba trazendo um novo olhar para os “múltiplos futebóis”, tanto de *homens gays e bissexuais*, como de *homens trans*. Se os primeiros vão “reorganizar a casa” a partir de uma eleição que mudará os rumos da LiGay (adiante comento mais sobre isso), os *homens trans e não binários* vão iniciar um processo de pensar na própria liga.

A rede Instagram já havia se consolidado como a forma prioritária de publicação de fotos, momentos, vídeos caseiros de treinos e mesmo de resultados de competições. Os clubes e os jogadores acabam se utilizando cada vez mais deste recurso. Na mesma direção, a comunicação da presidência da LiGay com os clubes de futebol vai passar por mudanças de comando neste período e esta rede social será eleita como veículo de contato e informação.

Vale frisar que as publicações coletadas e postadas adiante não seguem um padrão ou tendência hegemônica durante o período da pandemia, justamente porque as equipes de futebol e mesmo os jogadores acabam se apropriando, vivenciando e se relacionando com esses dispositivos tecnológicos de forma bastante distinta. Como única fonte de pesquisa para aquele momento, quero deixar uma amostra do que encontrei nas redes sociais:



Figura 28: Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C. (20/03/2020)

Figura 29: Postagem do Instagram da equipe Bravus (18/03/2020)



Figura 30: Postagem do Instagram da equipe Pampacats (17/03/2020)





Figura 31: Postagem do Instagram da equipe Barbies (19/03/2020)



Figura 32: Postagem do Instagram da equipe Diversus F.C. (18/03/2020)



Figura 33: Postagem do Instagram da equipe Real Centro F.C. (19/03/2020)



Figura 34: Postagem do Instagram da equipe Capivara (17/03/2020)



Figura 35: Postagem do Instagram da equipe Bharbixas (12/05/2020)



Figura 36: Postagem do Instagram da equipe Beescats (06/06/2020)

Como a pandemia atingiu de forma acachapante e de diversas maneiras a todo mundo, não foi diferente com as equipes. Fazendo uma varredura durante algumas semanas, percebi que poucos times postaram informações em março. Talvez estivessem na onda da ‘gripezinha’, que parte negacionista da população estava; talvez não se articularam mesmo por não entender o que se passava. Mas algo é fato: há equipes que não vão postar sobre isso, justamente porque a realidade, o dado real, atinge o mundo-arco-íris que construíram e, de certa forma, o vírus acaba com a ilusão (...).

Diários da Pandemia, 07 de junho de 2020, s/p.

Minha nota no diário tratava de entender o que via e identificava nas redes. Como se pode perceber pelas postagens anteriores, o BeesCats apenas reagiu à pandemia e ao número de mortos (e no Rio de Janeiro se morria aos montes) apenas em junho de 2020, bem depois da primeira grande onda de contaminação. O time Futeboys, de São Paulo não postava nada muito explícito relacionado à pandemia, apenas fotos aleatórias e passadas (com os famosos #tbt). O Unicorns Brazil seguiu a tendência de postagens alegres, que evocavam a memória do grupo e demorou a se manifestar: seu primeiro *post* mais sério também foi em junho, com um vídeo compilado com depoimentos de vários membros, a fim de lançar a campanha Orgulho na Janela (#orgulhonajanela).<sup>55</sup>

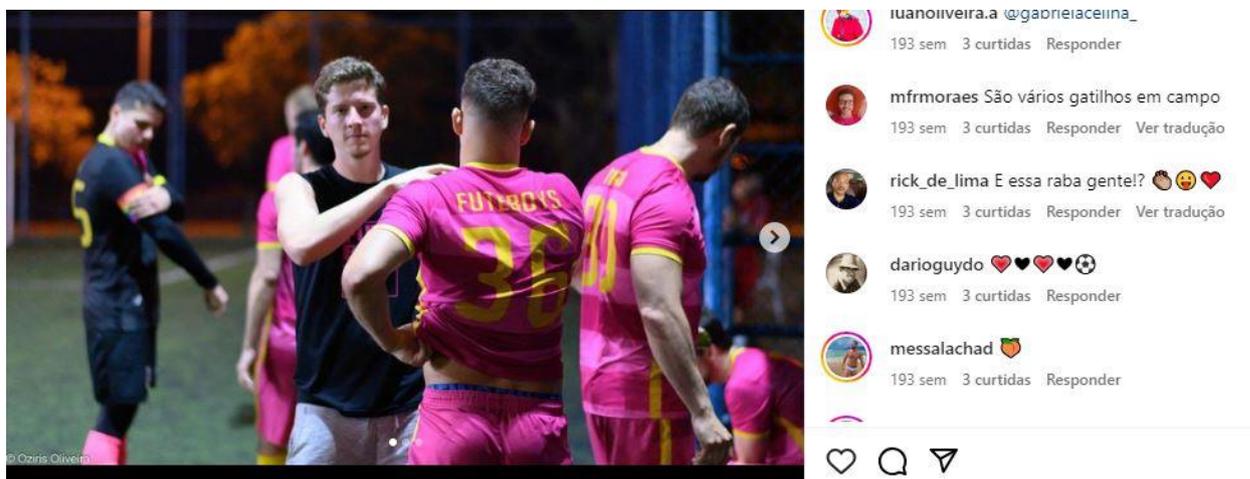


Figura 37: Instagram da equipe Futeboys (04/05/2020). Foto de Oziris Oliveira

<sup>55</sup> Sua intenção foi a de mostrar que pessoas LGBTQIA+ estavam vivas e sentiam orgulho de si. A bandeira do arco-íris (ou outro objeto que lembrasse suas cores) deveria ser colocada na janela, do lado de fora da casa ou apartamento. A postagem atingiu perto de 11 mil visualizações (Fonte: Instagram Unicorns Brasil, dia 09 de junho de 2020).



Figura 38: Instagram da equipe Bárbaros (27/06/2020)

Percebi que, por razões diferentes, algumas equipes não queriam imagens, mensagens, ou qualquer vinculação à pandemia que maculasse suas propostas ou o perfil de suas publicações. Esse parece ser o proceder do Unicorns, que desde suas origens buscou patrocínios (como o da Adidas), engajamentos “positivo” do público, além de manter o clima “up” (para cima). O Unicorns foi dos primeiros times a serem criados na concepção de mostrar o *futebol gay* como mercadoria, para um público diferenciado, que inclusive fala inglês. Suas postagens continham, por exemplo, *hashtags* como #gounicornos, #loveyourself, #playlikeanunicorn, #gaysports, #proud, #healthylifestyle, #gayrunners, etc.



Figura 39: Postagem do Instagram da equipe Unicorns (14/07/2020)

Outros clubes mais engajados na “causa social” (termo comum entre eles), como o Bulls F.C., começaram neste período a fazer campanhas de ações solidárias, como entrega de marmitas para pessoas de rua, macarronadas coletivas beneficentes, envio de cestas básicas, e afins. Em alguma medida, tais ações começam a ser replicadas por outros grupos, como o Alcateia:

O que é legal do Bulls é esse trabalho social. Prestar atenção ao que está em volta de tudo isso que a gente chama de futebol LGBT. Há pessoas passando fora, sabe. Há gente que perdeu muita coisa com a pandemia. Há colegas que jogavam futebol que nem sei se jogarão mais... [reticências]. Uma loucura. De minha parte, tento fazer algo, porque ficar em casa assistindo vídeo no Youtube não é meu perfil”.

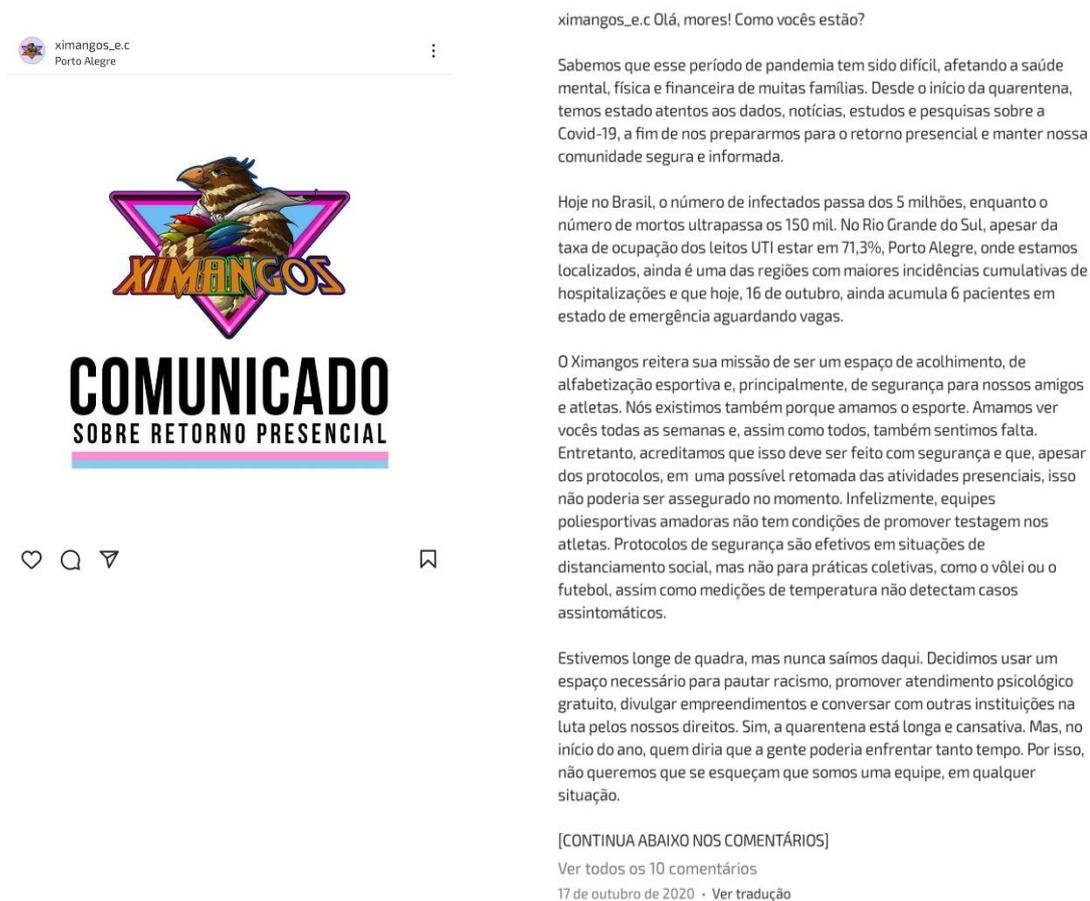
Entrevista com Jogador 1, 18/07/2020.



Figura 40: Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C. (17/03/2020)



A partir de uma onda comum de isolamento social, com o passar do tempo, houve um relaxamento nas medidas de proteção, muito em função tanto da oscilação dos números de mortes causados pela Covid-19, quanto da propagação de *fake news*, isto é, relatos e notícias falaciosas, errôneas e mal intencionadas, que grassavam pelas redes sociais. Isso fez com que os clubes começassem a retornar aos dias de treinos: alguns abruptamente, outros mais com cautela. Os *posts* eram acompanhados dos famosos “textões”, isto é, longas explicações que tentam justificar as ações tomadas perante a coletividade.



ximangos\_e.c Olá, mores! Como vocês estão?

Sabemos que esse período de pandemia tem sido difícil, afetando a saúde mental, física e financeira de muitas famílias. Desde o início da quarentena, temos estado atentos aos dados, notícias, estudos e pesquisas sobre a Covid-19, a fim de nos prepararmos para o retorno presencial e manter nossa comunidade segura e informada.

Hoje no Brasil, o número de infectados passa dos 5 milhões, enquanto o número de mortos ultrapassa os 150 mil. No Rio Grande do Sul, apesar da taxa de ocupação dos leitos UTI estar em 71,3%, Porto Alegre, onde estamos localizados, ainda é uma das regiões com maiores incidências cumulativas de hospitalizações e que hoje, 16 de outubro, ainda acumula 6 pacientes em estado de emergência aguardando vagas.

O Ximangos reitera sua missão de ser um espaço de acolhimento, de alfabetização esportiva e, principalmente, de segurança para nossos amigos e atletas. Nós existimos também porque amamos o esporte. Amamos ver vocês todas as semanas e, assim como todos, também sentimos falta. Entretanto, acreditamos que isso deve ser feito com segurança e que, apesar dos protocolos, em uma possível retomada das atividades presenciais, isso não poderia ser assegurado no momento. Infelizmente, equipes poliesportivas amadoras não tem condições de promover testagem nos atletas. Protocolos de segurança são efetivos em situações de distanciamento social, mas não para práticas coletivas, como o vôlei ou o futebol, assim como medições de temperatura não detectam casos assintomáticos.

Estivemos longe de quadra, mas nunca saímos daqui. Decidimos usar um espaço necessário para pautar racismo, promover atendimento psicológico gratuito, divulgar empreendimentos e conversar com outras instituições na luta pelos nossos direitos. Sim, a quarentena está longa e cansativa. Mas, no início do ano, quem diria que a gente poderia enfrentar tanto tempo. Por isso, não queremos que se esqueçam que somos uma equipe, em qualquer situação.

[CONTINUA ABAIXO NOS COMENTÁRIOS]

Ver todos os 10 comentários

17 de outubro de 2020 · Ver tradução

Figura 43: Postagem do Instagram da equipe Ximangos, retorno aos treinos (17/10/2020)



Figura 44: Postagem do Instagram da equipe Bharbixas, retorno aos treinos (11/09/2020)



Figura 45: Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C., retorno aos treinos (15/10/2020)

Um jogador paulista com quem eu tinha contato teve grandes problemas relacionados ao isolamento social durante a pandemia. Eu percebi que uma comunicação entre nós ficou mais esparsa, havia poucos *posts* em sua rede social. De fato, mais tarde ele me contaria que

teve crise depressiva e que o isolamento mexeu com sua saúde mental, deixando-o apartado do convívio com sua equipe esportiva. Disse-me que com a pandemia “*os problemas eles continuaram, até pioraram em relação ao meu peso*” (sic).

Para tentar driblar essa situação, o clube propôs que ele realizasse algumas falas sobre sua paixão pelo futebol e saúde mental naqueles tempos. E, segundo me explicou, deu certo:

E a gente decidiu fazer essa sequência de *lives* e convidar outros jogadores negros de outros times, justamente para a gente fazer essa conexão devido à pandemia, aproveitar a pandemia que todo mundo está parado e automaticamente também atualizar a página, movimentar a página. Quando eu fiz a primeira e a repercussão foi super boa, vários *feedbacks* positivos, foi assim, olha, eu não lembrava que eu conseguia fazer isso. E isso foi muito importante, inclusive no meu trabalho (...). Então, assim, não é só futebol!”

Entrevista com Jogador 6, 23/02/2023.

O clube BeesCats do Rio de Janeiro teve algumas ideias bastante originais para driblar o tempo de isolamento e o não retorno presencial aos gramados. Uma delas foi o “Desafio dos Craques”, para escolher o melhor jogador daqueles tempos entre as equipes de futebol. A campanha começou no início de agosto de 2020 e se estendeu por três semanas, nas quais os jogadores e seus clubes tinham liberdade para se inscrever. Depois de muita agitação nas mídias sociais, a votação *online* declarou Alexandre Campos, do Dendê Futebol Clube, de Salvador/BA, como o craque da vez.



Figura 46: Postagem do Instagram da equipe BeesCats (30/07/2020)

No texto da postagem deste dia estava escrito assim:

Beesfässss, estão preparaduxxx para um super Desafio?

Então, 3/8 (segunda-feira) começará nosso 1 Desafio dos Craques LGBTQIA+

Vai ser babado, SEM confusão e muita, mas muita GRITARIA.

Seu(sua) atleta querido(a), vai precisar muito do seu apoio. Como?

O DESAFIO é baseado nos voto[s] que VOCÊ dará no seu atleta, no seu CRAQUE.

Vamos deixar o bíceps de lado e malhar os DEDINHOSSS, meu Deus!

Confiram as MANAS participantes.

De antemão, já agradecemos a todos(as)!

Contamos com o apoio da @269chillipepper



Figura 47: Postagem do Instagram da equipe BeesCats (23/08/2020)

Além deste desafio, logo no início de 2021, o mesmo clube teve a iniciativa de lançar uma competição *online* para eleger a melhor *Drag Queen* madrinha das equipes de futebol. A proposta foi lançada ainda em janeiro e contou com participação massiva de todo mundo. A primeira etapa dava a chance ao público de votar na chamada “favorita” nos *stories* do BeesCats.



Figura 48: Postagem do Instagram da equipe BeesCats (01/02/2021)

O tempo passava lentamente dentro de casa. Minhas conversas esparsas com jogadores e mesmo a assistência a algumas de suas *lives* não formavam um todo contínuo. A pandemia, de igual forma, me atingiu de modo ímpar: sem circulação, sem idas à universidade, com pouca atenção para leituras (acadêmicas ou não). Consegui reunir um bom agregado de anotações e estruturei o texto para a qualificação deste doutorado, realizada em abril de 2021.

O trabalho foi elogiado, mas faltavam dados do campo. Ainda não sentia que havia finalizado as etnografias com grupos futebolistas e esperava que as ondas de contaminações parassem para que pudesse voltar ao presencial, assistir aos jogos e conversar com pessoas nos bastidores. O calendário da LiGay estava paralisado. Seu presidente, à época, emigrara para Portugal, onda migratória que tivera origem nos anos bolsonaro.

Em início de junho de 2021, no entanto, a partir de várias queixas de minha mãe sobre dores articulares e/ou musculares, eu e minha irmã começamos uma busca médica frenética que parecia não ter fim: fomos a alguns clínicos gerais, vários ortopedistas, seu antigo médico oncologista (do câncer de mama de 2007), muitos exames feitos, mas nenhum resultado. O tic-tac do relógio avançava rapidamente agora e não tínhamos cabeça para mais nada. Os seis meses que se seguiram e que ficamos nessa procura nos deixaram atordoados e sem rumo. Até que em dezembro veio o diagnóstico terrível, um câncer ósseo metastático, derivado do original de mama, porém agora espalhado por todo o esqueleto, além de fígado e pulmão.

## Balço etnográfico (2020-2021)

**Entrevistador:** Cara, vi que há fotos de vocês em quadra [*reticências*]. Deixa eu perguntar: vocês estão treinando? Já voltaram ao presencial?

**Jogador 5:** Wagner, olha, o que eu vou te dizer?

**E:** não sei, me diz você [*risos constrangidos*]

**J5:** Eu tô em isolamento social, mas sei que tá rolando treino, sabe como é a galera [*reticências*]. Os caras não se aguentam, querem jogar. Não sei se eles pensam na pandemia ou têm alguma preocupação em relação a isso ou a outros. O futebol sobe a cabeça, sabe como é? (...) E ninguém fala nem de Bolsonaro, nem de coronavírus. Tá osso (...)

Entrevista com Jogador 5, 05/10/2020.

O período da pandemia foi um tempo de exceção para o mundo todo – possivelmente até para os negacionistas. Em minha vida e de meus interlocutores, os dois anos (2020 e 2021) trouxeram acontecimentos, mudanças, ponderações e, sobretudo, inquietudes. Observei que os clubes desses múltiplos futebóis não seguiram um padrão e desenvolveram modos distintos de lidar com tudo o que acontecia. Assim como os sujeitos que deles participavam. Alguns mantiveram uma rotina “escondida” de treinos; outros pararam totalmente.

Eu estreitei laços com o Jogador 5 neste período, apesar de não nos conhecermos pessoalmente. As conversas eram contínuas e a gente se identificou de pronto. Ele tem interesses além do futebol, que passam por discussão sobre ciência, futuro do esporte, recordes e marcas de Jogos Olímpicos, curiosidades históricas e afins.

A partir do comunicado da OMS e da divulgação midiática em escala mundial sobre a pandemia do coronavírus, minhas investigações nas redes sociais desses clubes de futebol me fizeram supor **três movimentos** ou **tendências**, mais ou menos similares, seguidas por eles. Excetuando-se a importância nas redes sociais (ou impacto de abrangência) e número de seus seguidores (*followers*), tentei pensar apenas as ações. Isso é perceptível no conjunto de imagens que capturei e relacionei acima.

Num esforço de interpretação, vou esboçar um esquema adiante, tentando refletir na tríade que orientou as ações sociais. Portanto, eles se inter-relacionaram com a realidade sócio-política e epidemiológica vivida pelo Brasil naqueles meses fatídicos nas seguintes formas:

### 1) publicando comunicados ou dados sobre a pandemia

Pelo meu acompanhamento, clubes como Bulls F.C., Beescats S.B., Ximangos, Alcateia, Barbies, Bravus, Diversus F.C., dentre outros, postaram cancelamentos de treinos e de eventos, além de mensagem atachada de “fiquem em casa”, algo que se tornou um mantra planetário. Vale ressaltar que não fizeram isso ao mesmo tempo: algumas equipes reagiram mais rápido do que outras e, possivelmente, algumas de modo mais incisivo do que outras.

Isso talvez tenha mostrado o reconhecimento de tais clubes em relação à importância do futebol para à vida dos indivíduos a eles vinculados, numa clara referência de vinculação (esporte – vida comum). Além de que, obviamente, as ações dos clubes demarcaram o quanto que a ligação com o futebol poderia ser diferencial para as pessoas vinculadas.

### 2) publicação aleatória, com pouca ou nenhuma relação com a pandemia

O exemplo mais ilustrativo desta tendência é a equipe Unicorns Brazil, que nada mencionou sobre a pandemia durante a maior parte dos meses, fazendo uma série de postagens com jogadores/atletas e suas histórias de vida, sob a *hashtag* #PeopleofUnicorns. Apesar de serem mensagens veladas de apoio na minha interpretação, havia um esforço de desvinculação com o que ocorria na vida real. Talvez como salvaguarda, o clube gravou um vídeo no dia 28 de junho de 2020 contendo uma série de depoimentos de membros, comentando sobre o período de isolamento social e do quanto dura estava sendo a pandemia.

O Unicorns omitiu explicitar termos e fatos vinculados à pandemia, visto que o clube sempre deixou claro sua vinculação ao “mundo idílico” dos unicórnios, clamando por uma “positividade” em pensamentos e engajamento em suas redes sociais. Por ser um clube que valoriza isso como um produto para a publicidade e propaganda de seus parceiros (Adidas e outros), sua ação é inteligível.

O BeesCats, apesar de se enquadrar na categoria anterior de ter publicado sobre a pandemia, também pode ser listado aqui, particularmente por dois eventos aleatórios, de grande alcance, que planejou: o “Desafio dos Craques” e o “Bees Drag Race”. Numa *live*, organizada pelo Museu do Futebol no dia 10 de outubro de 2020, a Drag Queen Bárvarah Pah, do time carioca, disse que a iniciativa, além de “engraçada e icônica”, teve por função manter iniciativas de suporte para o “futebol identitário”, de modo que ele não acabasse em meio àquele horror de número de mortos.

Equipes menores, como o Ball Cat's, que não ostentam engajamento e não vendem produtos ou atividades de serviço, a ausência de publicações a respeito talvez seja um hiato, produto do impacto causado pela pandemia.<sup>56</sup> Outras ainda, que postaram sobre temas (setembro amarelo, novembro azul, janeiro branco, etc.), como os Predadores F.C., possivelmente tentaram preencher um buraco causado pela ausência de fotos e de pequenos vídeos de seus treinos.

### 3) não publicação de informação sobre pandemia

Aqui se encontram, notadamente, as equipes Futeboys F.C., Afronte F.C., Bárbaros, dentre outras, que se omitiram acerca da pandemia, seja porque não reconheciam ou negavam o fenômeno, seja por não tinham uma frequência ativa de publicações e engajamento em seus perfis sociais. Ou ainda talvez porque não quisessem publicar nada, por algum motivo.

Uma ressalva deve ser feita em relação ao time do Futeboys, que apesar de não publicarem sobre a pandemia, apareciam em fotos usando máscaras, algo que apenas os clubes que acolheram e lidaram com dados da pandemia faziam.

\*\*\*\*\*

Importante dizer que, independentemente da tendência de um ou outro clube, aqui não cabe julgamento moral. O que tentei fazer foi uma espécie de “etnografia de rede social”, focada especificamente no Instagram, e com interesse específico em entender como cada clube tratou de seus futebóis em tempos pandêmicos.

Realizei esse escrutínio durante algumas semanas e meses no sentido de transformar minha etnografia presencial em outra ação, já que eu estava impedido de comparecer nos campeonatos e para ver e falar com os jogadores. As poucas entrevistas remotas foram monotêmáticas e muitas vezes nem aconteciam de modo padronizado, seja pela inação do entrevistado, seja porque eu também me encontrava sem tempo no sentido de manter uma conversa de maior duração em frente ao computador.

Sem dúvidas, o aplicativo *whatsapp* se transformou no grande canal de comunicação entre mim e os sujeitos, de modo que muitas vezes nem discutíamos mais o futebol ou seus

---

<sup>56</sup> O Instagram do clube também foi descontinuado entre fins de 2019 (original @ballcats2014), e o outro, que vai de novembro de 2019 até abril de 2023 (@ballcats\_oficial).

clubes, mas falávamos da vida, de nós, de nossas agruras, do futuro do mundo, da próxima pandemia, dos sonhos, das realizações impossíveis, de amores apartados ou não correspondidos pelo isolamento socioemocional e até do futuro do Futebol.

Este período consolidou outra visão da prática esportiva destes homens. Deixo o depoimento do Jogador 3, um dos que me concedeu entrevista no meio da pandemia, como prova de outra elaboração acerca do fenômeno:

Eu jogo ‘futebol de LGBT’! Eu acho que quando fala desse jeito tem uma estranheza mesmo, né. Como assim, ‘futebol de LGBT’? Que é isso? E eu acho que dá oportunidade de comentar porque: é sempre futebol; é tudo futebol? Mas é também verdade que tem umas especificidades, né, tem umas coisas que a gente vive, a gente da comunidade LGBT quando joga futebol. E também tem várias *lives* sobre os torcedores, as torcidas, (...) e eles acabam acontecendo, se organizando antes nos times LGBT, mas tem essa questão, que é importante assim, né, de como chamar. E eu fico muito à vontade, falando desse jeito, que eu jogo ‘futebol de LGBT’. E digo isso, que tem essas especificidades e uma delas é assim, o que eu represento, no sentido de que eu represento toda a galera que nunca jogou futebol na vida, que não tava no mundo do futebol e agora, graças aos times de futebol LGBT, tá entrando nesse mundo.

Entrevista com Jogador 3, 02/02/2021.

## 2022-2023: O futebol LGBTQIAPN+ e a consolidação da LiGay como federação multiesportiva

O ano de 2022 marca um momento “pós-pandemia” e começa com uma proposta diferenciada da LiGay, qual seja, a de seletivas regionalizadas das melhores equipes para a Etapa Nacional – que não mais foi intitulada pela imprensa “Brasileirão Gay”, mas assim permanecia na boca dos jogadores. Cada uma das regiões geoeconômicas brasileiras deveria fazer seu campeonato e classificar as quatro melhores equipes para a *Champions* nacional. Isso provocaria um “desafogamento” dos torneios, que ficavam cada vez mais cheios e difíceis de organizar (e financiar), fazendo com que, inclusive, o nível técnico aumentasse.

Observe-se a tabela a seguir com os regionais planejados para o ano de 2022:

**Tabela 6: Etapas Regionais da *Champions LiGay* (2022)**

Nome do evento	Cidade-Sede	Data	Clube organizador	Nº de equipes presentes	Atletas Participantes
Etapa Sudeste	Rio de Janeiro/RJ	15 e 16 de abril	BeesCats	13	~120
Etapa Sul	Curitiba/PR	23 de abril	Taboa	05	~100
Etapa Nordeste	Salvador/BA	21 de maio	Dendê	01	~37
Etapa Norte	----	----	----	----	----
Etapa Centro-Oeste	Brasília/DF	02 de julho	DFC	05	~100

Fonte: Site e Instagram da LiGay

Como foi a primeira vez do modelo, os regionais foram implantados de modo ainda provisório. Por exemplo, a etapa Norte não se realizou; na etapa Nordeste havia apenas um clube participante (o Dendê) e uma equipe de jogadores heterossexuais que participou para dar jogabilidade ao encontro. Os torneios passaram a ser realizados pela LiGay, em geral com ajuda do poder público local (município e estado).

Sobre o momento pós-pandemia de reinício dos trabalhos, explicou-me o interlocutor da LiGay:

Muitas equipes não resistiram, a gente teve pelo menos umas 15 equipes que fecharam no pós-pandemia. (...) Mas também tivemos outras que abriram no pós-pandemia, e a gente está prestando assessoria para essas equipes se organizarem, para chamar pessoas para os projetos, incentivar essas equipes novas que estão surgindo a não fazer só o esporte e também trabalhar muito

forte na questão social, que entendemos que para que a nossa luta seja reconhecida, a gente tem que mostrar que praticamos diferente, não queremos o esporte como ele está desenhado aí, nós queremos mostrar que a gente pode fazer um esporte diferente, mais inclusivo, mais social (...)

Entrevista com Jogador 7, 21/09/2023.

Eu tive reais dificuldades de continuar fazendo trabalho de campo neste ano, particularmente pelos cuidados intensivos com minha mãe. Logo no início de 2023 descobriu-se, por meio de um escaneamento mais preciso, que o câncer estava espalhado pelo cérebro dela também e que haveria a necessidade de algumas sessões de aplicação de radioterapia. As aplicações de radioterapia e suas consequências imediatas foram situações de cortar o coração, literalmente. Além disso, toda minha vida profissional ficou em suspenso, sendo que fazia apenas o que era necessário. Morava mais na casa de minha mãe do que na minha. Minhas plantas foram-se em semanas.

Em termos da pesquisa, consegui mais acesso à diretoria da LiGay por meio de um projeto independente que começou a se desenvolver, qual seja, a de organização e planejamento do PRIDE GAMES, um evento multiesportivo internacional (de 30 modalidades), que seria realizado em Curitiba e financiado pela empresa do executivo Edgar Hubner. Foi ele quem colocou em contato várias pessoas que poderiam fazer parte da organização do referido evento.<sup>57</sup>

Além da regionalização mostrada acima, a novidade na organização dos eventos de 2022 seria a inserção de uma chave de *equipes trans* no Campeonato Brasileiro do final do ano. O evento ocorreu em São Paulo e T-Mosqueteiros (SP), TransUnited (RJ) e Transliga (GO) participaram. Na opinião do Jogador 2, finalmente parecia que “a LiGay tinha acertado a fórmula” e que tanto os times *trans* quando a entidade nacional seguiria de mãos dadas em “amor contínuo e eterno”.

Acerca deste assunto, Vieira (2023, p. 28) assim se expressa,

Nessa edição [Champions 2022] ocorreu uma disputa paralela de times transmasculinos filiados à LiGay. Antes, se quisessem participar, eles precisavam concorrer junto com os demais times LGBTQIA+. No entanto, partiu deles a solicitação para que disputassem apenas entre si. Importante

---

<sup>57</sup> Após algumas reuniões tive que deixar o projeto, dado que não tinha tempo hábil para participar das reuniões. Foi por meio deste contato que estreitei minhas relações com o comando da LiGay.

observar que essa subdivisão torna os demais times ainda menos diversos, já que os jogadores trans formam equipes e disputam o campeonato de forma segmentada.

Ao passo que o ineditismo impera na composição de quatro equipes *trans* dentro de um universo de 20 outros times *gays*, tal pesquisadore nota algo que já me ocorria: a menor diversidade de corpos, gêneros e identidades competindo no evento de uma liga que se propõe diversa.

Entre 2022 e 2023 se materializaram mais três contatos de jogadores *gays* de clubes esportivos, que se tornaram meus entrevistados. Além do Jogador 7 mencionado anteriormente, estabeleci relações de interlocução com os Jogadores 5 e 6, oriundos de diferentes estados e também de times distintos de futebol *society*.

Nesse momento das considerações, o denominado *futebol LGBTQIAPN+* já havia se consolidado como chamamento “oficial” e o “oficioso”. O *futebol gay* ainda “co-existia” – e penso que vai continuar por muito tempo. Isso porque são discursos em disputa sobre o que se quer falar e sobre o que se quer resumir. O *futebol gay* resume: uma “prática entre caras gays”, como tantas vezes ouvi de jogadores em referências ocasionais. O *futebol LGBTQIAPN+* talvez seja muito sofisticado, excessivamente “politicamente correto”, inclusive carrega uma boa dose de irrealidade. Um termo talvez incrustado de ares muito acadêmicos, mesmo para os iniciados. A maioria de meus interlocutores se atém ao “futebol LGBT”, mesmo sabendo que representantes do “L” e do “T” não estão tão presentes quando as demais siglas.

Então, retomei minhas anotações, minhas proposições e decidi que tentaria ir ao “Brasileirão” desses grupos investigados por mim, já que apesar de meu desejo, não consegui comparecer a nenhuma das etapas regionais de ambos os anos (2022 e 2023).

Minha ida a 7ª *Champions LiGay* em Porto Alegre se deu num golpe de sorte e há duas semanas do evento. Um amigo da Azul Linhas Aéreas me arrumou dois *vouchers* gratuitos, de ida e retorno nos dias requeridos (Campinas-Porto Alegre), e me disse: “*Você só viaja se tiver lugar no voo*” (sic). A tensão do vai-num-vai só se resolveu quando, de fato, eu embarquei no dia 17 de novembro de 2023.

Cheguei à capital gaúcha debaixo de uma chuva torrencial. O Uber demorou a vir, depois de vários cancelamentos, e ainda me deixou há alguns metros da hospedaria: “*cuidado aqui, área perigosa*”, disse-me. Na calçada da Av. Farrapos, um mendigo, todo ensopado, gritou ao me ver passar: “*A chuva lava a alma, leva tudo*”. É neste contexto que me preparo, então, para etnografar o evento, a começar por seu Congresso Técnico.



Figura 49: Folder do congresso técnico da 7ª *Champions LiGay*, 2023.  
(enviado por *whatsapp*)

No folder, a mim enviado por *whatsapp*, dizia “recepção para 20 times nacionais” e “evento privado para os jogadores e a organização”. Quando cheguei na Av. Venâncio Aires, n. 740, encontro um prédio antigo, de um clube noturno LGBT, no qual não caberiam 50 pessoas bem acomodadas. Comecei a desconfiar que, no fundo, aquele congresso técnico era para “inglês ver”, além de uma ideia mal acabada de tornar um espaço de entretenimento noturno em um lugar de debate esportivo. Poderia funcionar, se a reunião fosse revestida deste propósito.<sup>58</sup>

Quando ainda trabalhava voluntariamente como coordenador de esportes junto ao movimento paralímpico no início deste século, o congresso técnico era tido como um momento importante, em que havia uma reunião de líderes e técnicos de equipes (ou atletas) e direção técnica da competição. Era nele que se fazia o sorteio das chaves (se fosse um evento de esporte coletivo), reafirmava-se os regulamentos do torneio e compunha-se a comissão disciplinar para ocorrências variadas ao longo dos dias. E observe-se que estou falando do esporte paralímpico, que começou sua trajetória “mais profissionalizante” a partir do fim dos anos 1990.

A LiGay já tinha realizado o sorteio das chaves anteriormente, por meio de uma *live* no Instagram. O que ocorreu naquele espaço do congresso técnico foi uma reunião entre a

<sup>58</sup> O que, diga-se de passagem, seria muito interessante agregar a dimensão esportiva e política, muito também para explicar para atores sociais que as dimensões não estão tão apartadas, como o senso comum considera.

administração da LiGay, alguns políticos locais que apoiaram o evento e pretensos patrocinadores. O público se resumia a poucos membros de equipes de futebol, um cerimonialista, o presidente e dois diretores da LiGay, representantes dos governos da cidade e do Estado, o *staff* da boite e dois pesquisadores, eu e William Gomes, da UFRGS.

Um dos diretores da LiGay falou, ao microfone: “*Aqui não é só futebol, é militância*” (sic). No momento, pensei comigo que a fala talvez tenha sido a mais curta e impactante da noite. Mas desconfiei do emissor da fala, dado que faz parte do comando da entidade que burocratiza a prática em prol de rendimento.

Enquanto ouço que a “Inclusive Wine” é um dos patrocinadores, recorro ao Instagram para checar a informação e buscar do que se trata esta companhia:

Buscando **empreender com valor e propósito**, a Inclusive Wine, marca de vinhos gaúchos desenvolvida por dois advogados capixabas, **é focada em dar voz à comunidade LGBTQIAPN+**. Com a proposta de valorizar o trabalho de pessoas LGBTAIAPN+, todas as parcerias no setor de criação e comunicação da marca são feitas por profissionais da comunidade.

Instagram da Inclusive Wine, 23/03/2023. (Grifos meus)



Figura 50: Patrocinadores, apoios e organização da LiGay 2023.  
Instagram Ligay (18/11/2023)

Sobre os patrocinadores, em nossas entrevistas e mesmo em conversas *off record* (fora de gravação), o Jogador 7 não detalhou o quanto de dinheiro, efetivamente, a LiGay recebeu para o evento. Em uma conversa, ele se limitou a dizer que havia “implorado” por 1000 reais de um dos patrocinadores e que tinha sido “muito duro” conseguir dinheiro para coisas básicas. De qualquer forma, alguns jogadores com quem conversei durante os jogos também questionaram o montante de dinheiro que a LiGay recebe.

Em meu diário de campo, anotei:

Na minha opinião, tanto de antropólogo quanto de ex-gestor de esporte, o congresso técnico foi muito falho e fraco. Suas fraquezas estão, justamente, em não ser técnico o suficiente para debater o propósito esportivo da competição e em não estabelecer o acordo esportivo (ou lembrá-lo) do *fair play* a que a LiGay se destina, do propósito de ser uma entidade inclusiva. Esta é a explicação do porquê, cada vez mais, ocorrem casos esdrúxulos relacionados à homofobia, racismo e outras discriminações nos campos de futebol, por parte dos jogadores.

Diário de campo, LiGay-2023. 20/11/2023.

No dia seguinte, a competição começaria atrasada em muitas horas. Uma chuva voltou a se abater sobre a cidade, em virtude de uma massa de ar frio, vinda do sul do continente. Eu me encontrei com o presidente e com alguns membros do clube organizador local (o Magia) em um espaço designado como Largo Zumbi dos Palmares (ou Largo da Epatur). O presidente havia requisitado pela prefeitura que um conjunto de policiais escoltasse a “comitiva de atletas” para a Orla do Guaíba, onde ocorreriam os jogos.

Devido à chuva, a maioria das equipes decidiu se deslocar de modo independente para a Orla, ao invés de se reunirem no ponto de encontro sugerido. Isso ocasionou a ocorrência de uma escolta de inúmeros policiais apenas para um grupo muito pequeno da organização, que se agregou no tal Largo da Epatur. Ao longo do caminho, o presidente foi repetindo frases como “*imaginem os atletas tendo essa experiência com os batedores... seria incrível*” (sic).

Além disso, ele também foi contando para o outro membro de seu clube os percalços da montagem da estrutura e dos *banners*, que adentrou a madrugada da noite anterior. Como já

narrei na etapa de Belo Horizonte, em 2019, as estruturas são preparadas muito em cima da hora do evento se iniciar, o que provoca, em geral, uma sobrecarga de trabalho em determinadas pessoas da associação responsável pelo certame. Falta, neste sentido, um comitê independente da LiGay, que possa circular por entre as cidades-sedes, a fim de se co-responsabilizar sobre a organização e o transcorrer das competições.

De meus entrevistados, o Jogador 5 não conseguiu estar presente por questões de dispensa do trabalho e porque, segundo ele, “*não conseguiu juntar dinheiro para o deslocamento até POA*” (sic). Nesses momentos prévios aos jogos, conversei por *whatsapp* várias vezes com o Jogador 6, com quem tive algumas interlocuções ao vivo, porém ele estava bastante concentrado com sua equipe e disse ter pouco tempo naquele momento para mim.

A foto a seguir mostra a quadra principal, onde se encontrava um arco com o nome “LiGay” seguido dos patrocinadores e apoiadores. Em sua lateria, à direita, uma bandeira do orgulho LGBTQIA+ e, ao fundo, faixas das equipes ali representadas. Ao longo da Orla do Guaíba ainda existiam mais três quadras iguais a essa, sem a bandeira ou as faixas, nas quais os jogos aconteceram simultaneamente. A última quadra, do outro lado de um cinturão de vegetação, era a que recebia menos expectadores/torcedores, dado que estava mais distante da concentração de mesas e guarda-sóis da quadra principal, local em que as equipes escolheram para se estabelecer nos dois dias de jogos.

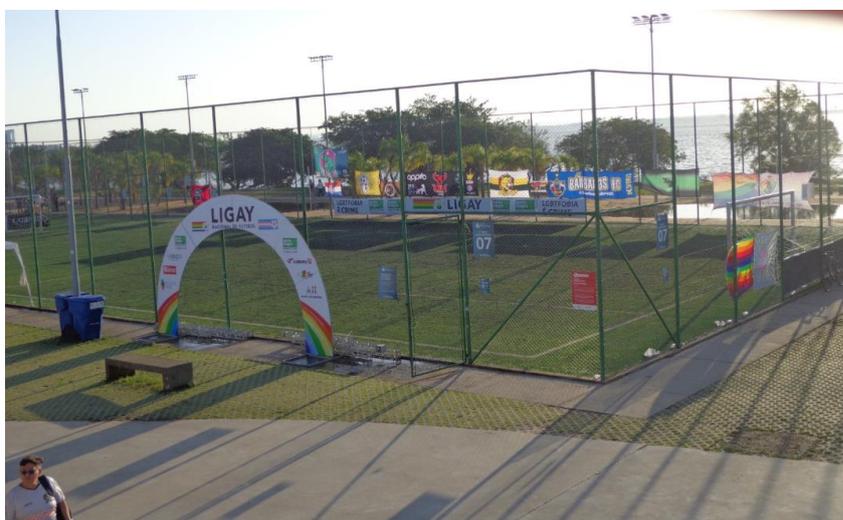


Figura 51: Quadra principal do evento, com banner da *LiGay*.  
Foto do autor.

De frente a esta instalação havia um bar, que serviu comida e bebidas. Houve um esboço de protesto do dono, pouco antes de tudo começar, por causa da “natureza” do evento. Ao que parece, o proprietário não queria que o público mais geral enxergasse que ele estaria vinculado

às questões do público LGBTQIA+. Quando o movimento de transeuntes começou, no entanto, e filas se organizaram para comprar suas mercadorias, parece que o bar então entrou em sintonia com as demandas daquela população.



Figura 52: Guarda-sóis, cadeiras e mesas em frente ao bar de apoio.  
Foto do autor.

A competição teve a presença de 21 equipes. Em realidade, o presidente da LiGay me disse que seriam 24 equipes, três delas de *homens trans* de São Paulo e Rio de Janeiro. Porém, devido às dificuldades de financiamento destes jogadores, houve a ausência delas no torneio. Assim, o Jogador 2 se manifestou sobre o caso:

(...) tem uma assembleia, né, e todos os times tem poder de voto. E aí, obviamente, que, enfim, times trans dentro da LiGay são três, dois ativos e um que, tipo, parece que se desfez é ... [reticências] e o que que acontece, naturalmente? Os caras tipo ‘ai, não quero mais fazer no Rio, não quero mais fazer em São Paulo’ e eles deliberam o lugar para onde eles querem ir, pois é um monte de bicha rica que tem como viajar. Muitos times passam perrengue, mas a gente sabe que é minoria dentro da LiGay, ou que eles dão um jeito e se viram é ... [reticências] e aí o nosso voto é nanico, né? Então eles decidiram em Porto Alegre e não tem a menor condição de ter chaveamento trans, porque nenhum dos dois times que [es]tão filiados hoje, né, tem condição de arcar com esses custos. E aí a gente até tentou ir atrás da Smiles, a gente foi atrás

de algumas empresas pra ver se a gente... é ... [reticências] inclusive a gente queria ter feito o time trans do Chile ido pra LiGay, só que a gente não conseguiu verba. A gente tá falando de mais de R\$ 100 mil reais, que a gente tentou ir atrás, para todos os times trans. E não rolou”.

Conversa com Jogador 2, via *whatsapp*, 07/11/2023.

Assim que a chuva parou, rapidamente as equipes foram convocadas para perfilarem na quadra principal. Todos pensaram que teria um desfile, o hino nacional, uma abertura digna da LiGay como em outras edições. Porém, nada aconteceu. Ninguém se pronunciou, nenhuma equipe trouxe coreografia ensaiada, nenhuma fala de boas-vindas. No ar, apenas respiros ofegantes, corpos já preparados para jogar e o futebol em sua forma mais dura e crua.



Figura 53: Sequências capturadas do perfilamento das equipes, da esquerda para a direita (gol a gol).  
Foto do autor.

O que se seguiu foi um “mata-mata” de jogos durante todo o primeiro dia. Como comentei em vários momentos com pessoas que se aglutinavam junto a mim nos alambrados, jogos fortíssimos, com marcações, voleios, passes à distância, chutes ousados (tipo Beckham no canto superior das traves) e um corpo-a-corpo que impressionava e fascinava a qualquer

observador ali. A competição estava organizada em 5 grupos (A-B-C-D-E), no formato de todos contra todos, saindo os primeiros dois de cada grupo para as oitavas de final.

**Tabela 7: Equipes participantes da 7ª. Champions LiGay**

Distribuição geográfica (por cidade/Estado)				
São Paulo (SP)	Rio de Janeiro (RS)	Belo Horizonte (MG)	Ceará (CE)	Goiás (GO)
Diversus F.C. Natus Unicorns Brazil Bulls Football SP Real Centro Bárbaros (Taubaté)	Beescats Alligaytors	Predadores F. C. Inconfidentes Pride Felinos	Estrelas ITA Cangayceiros	Barbies F.C.
Porto Alegre (RS)	Florianópolis (SC)	Curitiba (PR)	Salvador (BA)	Belém (PA)
Magia Sport Club* Maragatos	Dinosaurs	Taboa Capivara Esporte Clube	Dendê	Barcemonas

\* organizadores do torneio

<b>RESULTADO</b>	<b>GRUPO A:</b> A1. ALLIGAYTORS A2. DINOSAURS A3. PREDADORES A4. DENDÊ
	<b>GRUPO B:</b> B1. TABOA N2. UNICORNS B3. MARAGATOS B4. ESTRELAS
	<b>GRUPO C:</b> C1. BARBIES C2. BÁRBAROS C3. FELINOS C4. CANGAYCEIROS
	<b>GRUPO D:</b> D1. BULLS D2. CAPIVARA D3. DIVERSUS D4. BARCEMONAS
	<b>GRUPO E:</b> E1. BEESCATS E2. MAGIA E3. INCONFIDENTES E4. NATUS E5. REAL CENTRO

18 e 19  
NOVEMBRO  
Porto Alegre/RS

Figura 54: Divisão de grupos, Instagram LiGay (nov./2023)

Da primeira fase, alguns jogos devem ser comentados do ponto de vista do nivelamento técnico-tático. O jogo entre a equipe dos BeesCats, do Rio de Janeiro, e Natus, de São Paulo, teve como resultado um placar de 6x0, em favor dos cariocas. Jogadas marcadas, nas quais os jogadores do Natus não conseguiam se articular. Este placar “elástico” e outros que ocorrerão mostram que começa a existir propostas distintas para os mesmos “futebóis”. O BeesCats, em que pese manterem um discurso de inclusão e respeito, usam e abusam de palavrões, pressões sobre a arbitragem e, inclusive, de xingamentos depreciativos. Não foi a primeira vez que ouvi de jogadores do time coisas do tipo.

Ao final do jogo, uma pessoa ligada ao time carioca, assim se expressou em relação ao adversário: “(...) parece que o Natus é o único time que continua com proposta de festival, de uma participação no futebol de forma bastante descompromissada” (sic). Fiquei pensando quando ouvi isso, se era o Natus que mantinha uma prática esportiva “descompromissada” ou se seus adversários naquele jogo queriam ganhar a qualquer custo, incluindo ostensiva provocação via xingamentos.

Houve um caso, já nas quartas-de-final, em que ofensas do BeesCats chegaram a ser cogitadas pela arbitragem para sua eliminação do torneio. A tabela ficou paralisada, até que o presidente da LiGay retornasse de um compromisso, e se decidisse o que o corpo arbitral faria. Não houve represália, eles acabaram terminando em 1º lugar e nada aconteceu. Situações de ofensas relativas à sexualidade ou identidade de gênero são inadmissíveis – e manifestações posteriores e tardias em redes sociais não minimizam os ocorridos.

Eu perambulava de quadra em quadra, de jogo em jogo, fazendo anotações em um caderno brochura, cor vermelha, de 48 páginas, fácil de manejar. Quando o momento assim me exigia, seja por um lance polêmico ou uma bonita jogada, eu escrevia nele. Se estava com o celular na mão, anotava no celular e, quando pudesse, transcreveria no caderno. Como já disse em algum momento, anotações analógicas e digitais fazem com que não se percam informações do campo. Confesso que consegui ver muitas jogadas bonitas, daquelas em que qualquer amante de futebol/esportes fica impressionado. Mas perdi os *timings* de captura com o celular ou a câmera fotográfica, meus dois instrumentos de registro.

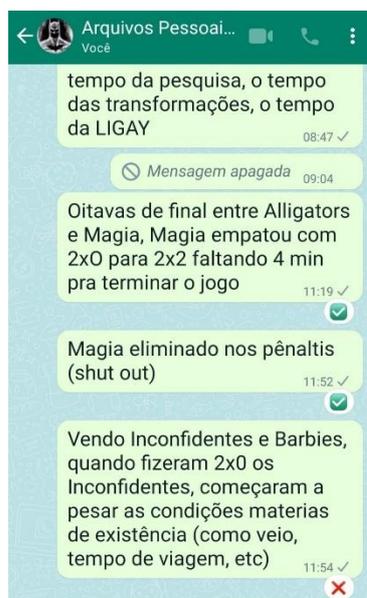


Figura 55: Anotações próprias, no *whatsapp* (nov./2023)

Para minha surpresa, dois outros pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) estavam também desenvolvendo observações sobre os jogos e conversando com alguns atletas. Eram William Gomes, sociólogo iniciante no mestrado e Bruna Pontes, graduanda em Educação Física, que está desenvolvendo seu TCC. Em que pese Vieira (2023) ter escrito em sua tese que fez campo etnográfico no evento de Belo Horizonte em 2019, não encontrei este pesquisador enquanto eu lá estava. Nesta edição de Porto Alegre foi a primeira vez que encontro outros investigadores.



Figura 56: pesquisadores em campo.  
Foto: William Gomes

No entanto, como outros eventos amadores e voltados para determinados nichos (como atletas masters, com deficiência, etc.), o público não se fez presente. No segundo dia de evento, aproveitando o pequeno intervalo na tabela, circulei pela Orla do Guaíba no intuito de mapear as atividades de lazer e esportivas que estavam acontecendo na área. Para minha surpresa, algumas centenas de metros ao lado, ocorria um evento de *skate*, ou melhor dizendo, de *bowl*

*riding*, um tipo de *skate* realizado em grandes piscinas vazias, construídas em parques (como era o caso). Aquela quantidade enorme de pessoas, no entanto, não sabia dos jogos de futebol *society* nas quatro quadras adjacentes.

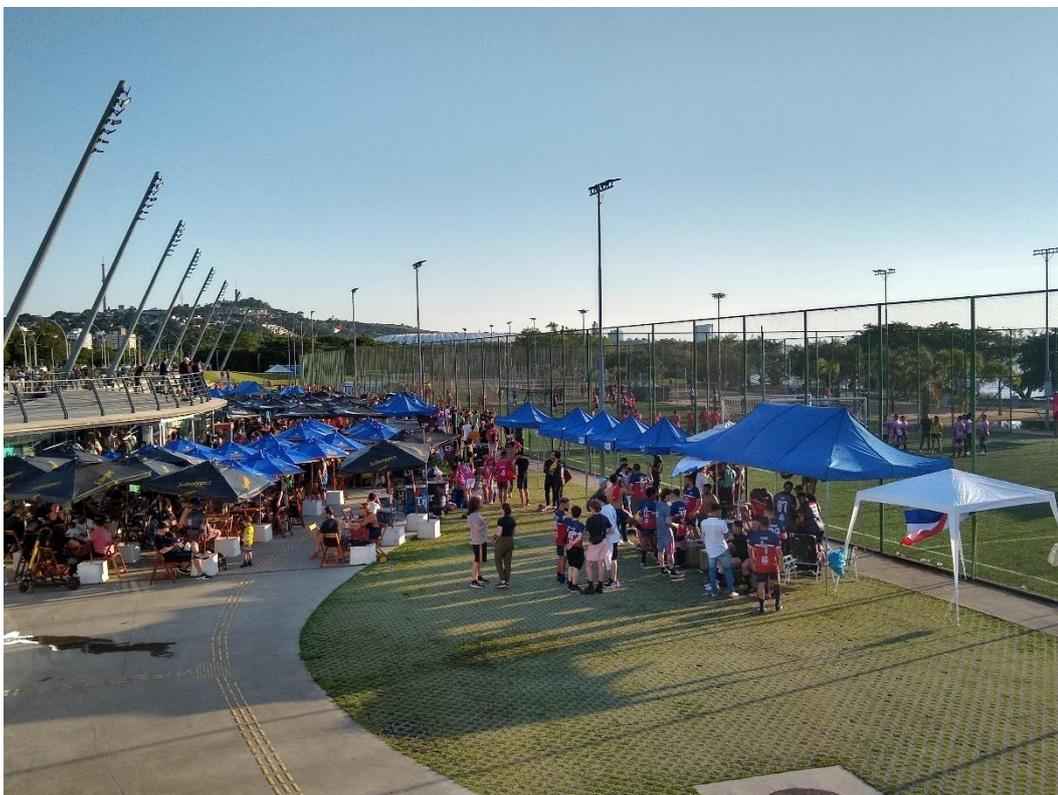


Figura 57: Vista aérea sobre bar e quadras. Público rarefeito (nov./2023)  
Foto ao autor.

O time organizador do torneio, o Magia, tinha um bom escrete, com um capitão que se destacava no grupo. Apesar disso, e de não deixar que os placares fossem elásticos, o Magia caiu nas oitavas de final. O jogo entre ele e o Alligaytors foi tenso durante todo o tempo: a equipe do Rio conseguiu manter a pressão e a diferença de 2x0 até os últimos 5 minutos, quando uma reviravolta começou a ocorrer. O Magia conseguiu empatar em 2x2 em poucos minutos, numa sequência alucinante de assistências e chutes ao gol adversário. No entanto, na prorrogação, o time gaúcho acabou eliminado nos *shut outs* (pênaltis).

Conforme a tabela avançava era nítida a diferença de condições físicas (particularmente de resistência) de algumas equipes em relação a outras. Além disso, tinha a questão do deslocamento até Porto Alegre, que começava a afetar alguns grupos. Vi isso acontecer no caso de determinados jogos, por exemplo, com equipes que tinham vindo de ônibus de lugares mais distantes, como Minas Gerais, Goiás e Bahia. Apesar do Dendê Futebol Clube, oriundo de

Salvador/BA, ter se deslocado desta maneira até o Rio Grande do Sul, ficou entre os três melhores colocados.

Dadas minhas conversas prévias, particularmente via *whatsapp*, com entrevistados e outros jogadores ao longo das etapas regionais, que ocorreram nas 5 regiões brasileiras (de abril a agosto de 2023), eu cheguei na 7ª *Champions* querendo ver como ocorria, na prática, o tal “futebol inclusivo”. Tal termo havia se tornado bastante comum em falas sobre o futebol que jogavam, em entrevistas e mesmo em resenhas futebolísticas, notadamente quando falavam de si para outrem. E constatei que a diversidade tinha encolhido, em comparação com o que vi até 2019.

Não havia muitas pessoas trans; não havia mulheres jogadoras. Na *Champions LiGay* de Porto Alegre apenas encontrei a Ytally Martins, uma mulher *trans*, maranhense, quilombola e negra, que jogava pelo time de homens *homo/bi* do Felinos, de Belo Horizonte. Em minha opinião, ela foi diferencial na campanha do time, dado seus chutes certos e fortes, além de sua boa marcação dentro de quadra.



Figura 58: Instagram Ytally, 18/09/2023.



Figura 59: Instagram Ytally, 22/11/2023.

Ytally se destacou pela campanha exitosa em todos os jogos, apesar de o Felinos não ter terminado em uma das três colocações. Ela já havia se destacado na Copa Sudeste da LiGay em abril de 2023, em que conquistou o posto de artilheira da competição. A jogadora também participou de eventos não relacionados ao público LGBTQIA+, como o campeonato mineiro de fut7, e levou sua equipe ao terceiro lugar, também em 2023.

Contudo, apesar da feminilidade que transborda em suas fotos no Instagram, Ytally “jogava como homem” (sic), como ouvi de vários torcedores, enquanto assistia aos jogos dos Felinos. Essa acusação é lamentável e eivada de preconceitos. Tal afirmação, somada ao seu estilo agressivo de jogo, acabam minando as possibilidades de compreensão dos jogadores, que na tentativa de entender o que àquele corpo significa no contexto coletivo, desferem noções de senso comum acerca de mulheres trans, notadamente àquelas que sempre estão em voga: força física descomunal, musculatura super desenvolvida e testosterona além do nível de mulheres cisgênero.

Vale dizer que, pelos regulamentos da *Champions*, por enquanto não há impeditivo de mulheres *trans* comporem equipes, nem mesmo determinação sobre o número mínimo delas num time.

### Balanço etnográfico (2022-2023)

Este biênio representou a retomada dos trabalhos com o futebol, em âmbito nacional, pela LiGay. Com nova presidência e novo corpo diretivo eleito em 2022, a entidade promoveu os campeonatos regionalizados, no intuito de retirar as “melhores equipes” para a participação na *Champions* nacional. Assim se sucedeu nos dois anos considerados (2022 e 2023). Conforme me disse o Jogador 7 em entrevista, “(...) *cada regional da LiGay não sai por menos de R\$ 100 mil*”. E com os custos aumentando, repasses para patrocinadores e parceiros se fazem necessários.

Por sua vez, a ideia de um *futebol gay* ficava cada vez mais distante, sendo que tanto os sujeitos, quando à presidência da LiGay, focavam em nomear o fenômeno como “futebol LGBTQIA+”. Mas, para mim, este “futebol guarda-chuva” marcava uma desigualdade que cada vez mais era patente: havia um incremento do futebol de homens gays e bissexuais, ao passo que o futebol de mulheres desapareceu e o de pessoas trans e não binárias permanecia à margem.

Uma tentativa de inclusão do *fut trans* pela LiGay se deu no evento nacional, de novembro de 2022, no qual quatro equipes de homens trans e transmasculinos participaram numa chave separada. Observe-se a tabela onde constam 24 equipes participantes (20 de *homens gays/bissexuais* e 4 de *homens trans/transmasculinos*):

**Tabela 8: Campeonatos Nacionais da *Champions LiGay* (2022-2023)**

Nome do evento	Cidade-Sede	Data	Clube organizador	Nº de equipes presentes
6ª Champions LiGay 2022	São Paulo/SP	19 e 20/11	Bulls F.C.	24
7ª Champions LiGay 2023	Porto Alegre/RS	18 e 19/11	Magia	20

Fonte: site e instagram da LiGay

Sobre a experiência trans, o Jogador 2 se posicionou de modo diverso duas vezes em nossos contatos. Na primeira, ainda depois da competição de 2022, ele considerou que “(...) a LiGay talvez estivesse no rumo certo”, pois havia gostado da ideia de uma chave trans num evento nacional. No entanto, ao longo de 2023 muitas coisas foram acontecendo e ele percebeu que possivelmente os *homens trans* estavam sendo deixados de lado em função da “maioria gay”, como me disse.

Eu penso que eles entenderam que existe um nicho (...) *trans* e a gente chegou para somar [*reticências*]. Somar assim, sabe. A gente foi convidado, naquele momento a T-Mosqueteiros e a TransUnited acharam que fazia sentido, um outro time de Goiânia também, só que eles nunca entregaram um campeonato à altura dos times cis. O que me fez pensar, muitas vezes, que a gente ali era só mais massa de manobra, né? Eles têm sofrido muita crítica de ser um campeonato *gay*, *gay-cis*, né? E aí tem uma chave *trans* é a escapatória [se safar] dessa situação, sabe. Então vamos chamar dois, três times, fazer um eventinho qualquer, com a melhor das intenções, mas ainda assim como uma massa de manobra mesmo, tá ligado? E aí o que aconteceu foi que eles vêm cagando com a gente faz muito tempo.

Conversa com Jogador 2, via *whatsapp*, novembro de 2023.

Essa impressão vai se disseminar e os jogadores *homens trans* vão começar a pensar em sua própria liga. O ano todo de 2023 vai se basear nas idas e vindas e nas discussões políticas sobre tal ideia. Com a definição de que a etapa nacional de 2023 seria em Porto Alegre, uma impossibilidade pairou nestes times, que acusaram não terem recursos para viajar até a capital gaúcha.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que o futebol *society* jogado por estes homens *gays/bi* tenta dialogar com o *society* convencional, sua referência e contraponto, por outro, ele segue se reinventando dia após dia, particularmente por meio das especificidades. A tensão entre amadorismo e profissionalismo entra aqui, um binômio que desvelarei na parte B adiante.

A estrutura regionalizada de seleção das equipes se consolida em 2023, com maior apelo por parte de prefeituras e estados da federação (grande parte do dinheiro público usado nestes eventos advém destes órgãos). Enquanto assim se desenvolve o chamado *futebol LGBT* ou *futebol LGBTQIAPN+*, a liga começa a angariar desafetos, particularmente pela sua centralização de poder e pouco diálogo com grupos menos representados.

**Tabela 9: Etapas Regionais da *Champions LiGay* (2023)**

Nome do evento	Cidade-Sede	Data	Clube organizador	Nº de equipes presentes	Atletas Participantes
Etapa Sul	Porto Alegre/RS	25/03	Magia	6	116
Etapa Sudeste	São Paulo/SP	07 e 08/04	Bulls	13	299
Etapa Nordeste	Fortaleza/CE	20 e 21/05	Cangayceiros	5	100
Etapa Centro-Oeste	Goiânia	24/06	Barbies	3	65
Etapa Norte	Belém/PA	05/08	Barcemonas	5	100

Fonte: Site e Instagram da LiGay

Segundo dados oficiais da LiGay, em números, os participantes flutuaram entre 50 jogadores (etapa Norte) para quase 250 (etapa Sudeste) em 2023. O público assistente ainda é baixo, seja nas etapas regionais ou na nacional. O discurso da LiGay de transformar o *futebol LGBT* num produto ainda carece de certa materialização – e possivelmente de investimento.

Uma observação de Vieira (2023) vale ser destacada: quando o autor analisa o número expressivo de equipes mapeadas pela LiGay em 2023, em comparação com àquelas existentes em 2018 (82 equipes nacionais comparadas com 35), assim se expressa:

Isso não quer dizer necessariamente que o número de times criados nesse período tenha sido maior do que o número de times que já existia até 2018. De fato, houve a criação de muitos times de lá para cá, mas também houve a identificação de diversas equipes que já existiam, mas que a LiGay ainda não havia mapeado no período anterior (VIEIRA, 2023, p. 31).

O referido pesquisador consegue um quadro de registro, via *whatsapp*, que é bastante interessante de ser observado: nele se notam as principais equipes dos estados, em todo o Brasil. Em comparação com 2018, quando os primeiros números de equipes começaram a surgir (tabela 3), neste quadro temos muitos outros grupos, que não mais estavam sendo chamados de “times gays”, como antes – veja título “Mapeamento dos times LGBTQIA+ de futebol pelo Brasil”.

Cabe uma consideração mais detida sobre o quadro, na medida em que se destaca o montante de clubes vinculados à questão LGBTQIA+ no Nordeste: são 28 registrados nesta região, não necessariamente federados à LiGay, mas mantendo práticas esportivas, bastando, para comprovar isso, acessar suas contas digitais em alguns perfis no Instagram.

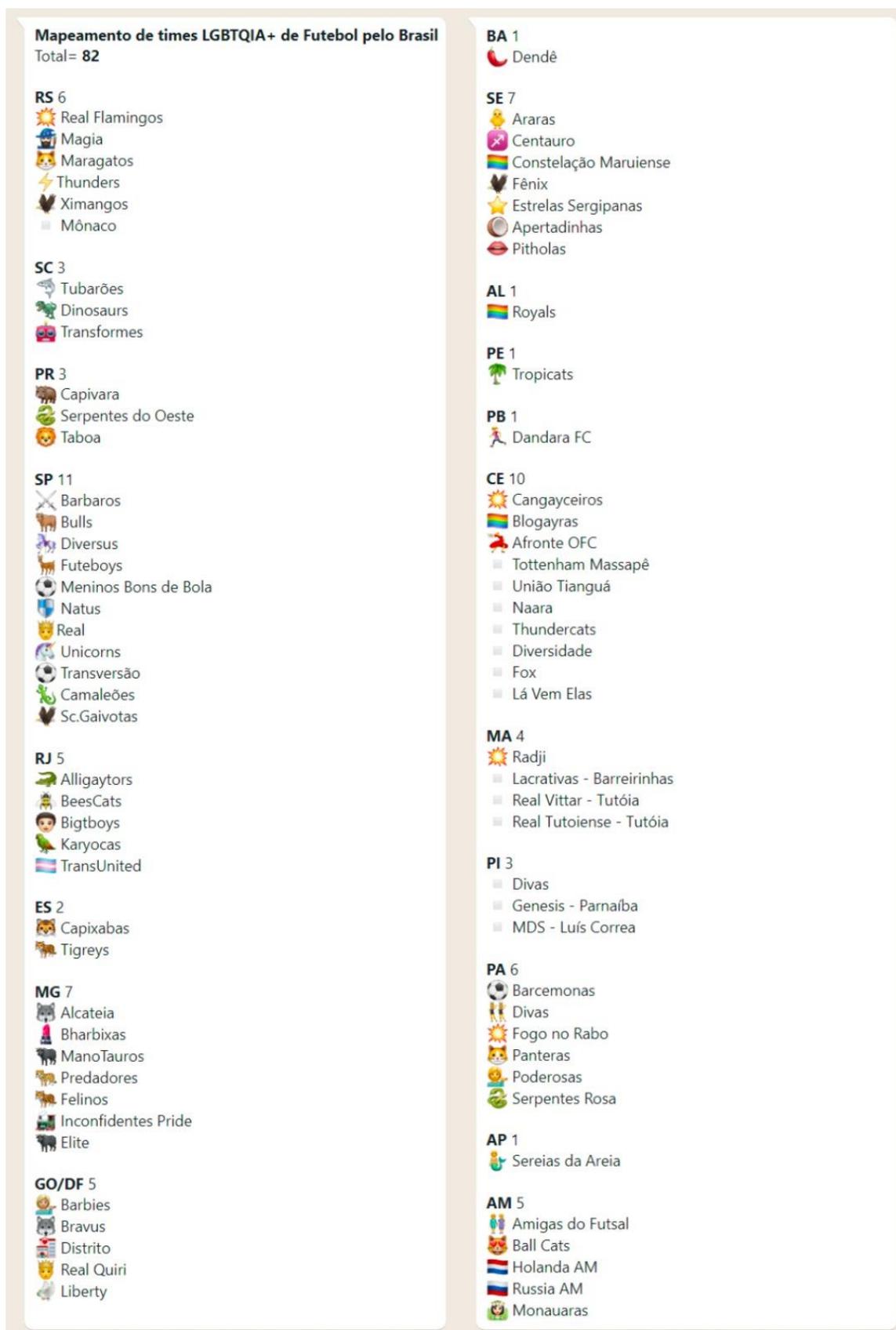


Figura 60: Mapeamento de ‘times LGBTQIA+’ de futebol pelo Brasil (VIEIRA, 2023, p. 30)

Afora o número de clubes do estado de São Paulo e Rio, considerados “origens” do fenômeno, valeria investigar mais a fundo como e de que modo ocorrem as práticas esportivas em entidades “fora do eixo” e que intenções buscam. Mais estudos pontuais como o de Vieira (2023), que analisou o caso do desenvolvimento destes futebóis em Minas Gerais, deveriam ser desenvolvidos em outros casos.

Além disso, chama a atenção muitas equipes do Nordeste e do Norte, como “Tottenham Massapê”, “Niara”, “La vem com Elas”, “Lacrativas Barreirinhas”, “Divas”, “Hollanda AM” e uma série de outras que não possuem atividade em mídias sociais, o que demandaria uma checagem *in loco* para identificar se funcionam e quais seriam seus propósitos em termos esportivos vinculados às pautas LGBTQIA+.

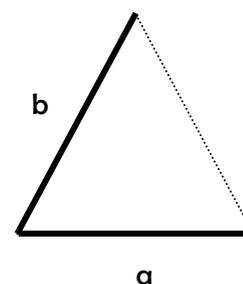
Ao final do evento encontrei o Jogador 6 cansado e um pouco desestimulado. Reclamou que não jogou bem e pedi para que ele fizesse um balanço do evento, em sua opinião:

Foi legal porque eu amo jogar futebol, conhecer pessoas novas e rever os amigos! Porém, cada edição que passa eu perco mais a vontade de participar! Por várias coisas! Na última edição que foi em Porto Alegre RS não foi muito boa por causa da estrutura... Um lugar onde tem mais de 500 jogadores não tem um vestiário para se trocar e muito menos pra tomar um banho daí fica difícil! Sem contar que não tinha nenhum lugar perto pra almoçar!!! E ainda foi em um lugar onde as passagens aéreas são muito caras! E não recebemos nenhum suporte da Ligay pra irmos no evento ‘defender’ a causa (...). Outra coisa um evento desse tamanho não pode ser apenas em um final de semana (...). A Ligay tem que se programar para fazer em um feriado estendido (...). Pois muitos trabalham e fica difícil pegarem folga! Então é por esses e outros motivos que eu estou cada vez mais sem vontade de participar!

Conversa com Jogador 6, 18/11/2023.

## Parte B: os temas

A soma dos ângulos internos do triângulo escaleno é  $180^\circ$



Esta segunda parte é uma derivação de meu olhar sobre a pesquisa de campo etnográfica, na medida em que tenta colocar em oposição os temas que centralizaram as conversas com todos os jogadores entrevistados. Eu não os induzi nas respostas e nenhum deles também foi perguntado diretamente sobre estes pontos nodais. Eu tinha uma ideia do que seria importante conversar com todos eles, mas não usei roteiro semiestruturado por entender que cada um era único nas contribuições que traria.

As conversas foram acontecendo ao longo do tempo e pude perceber um divisor de águas quando o assunto era jogar bola “como amador”. Os Jogadores 1, 2, 3, 5, e 6 se referiam a práticas que exaltassem a colaboração, o espírito de equipe e a superação de conflitos. Os demais (Jogadores 4 e 7) falam de performance atlética, do “jogar bem” e do desenvolvimento pessoal de cada um durante uma partida. Mas em suas falas e posicionamentos há também elementos que se misturam, denotando um **tensionamento** no que diz respeito ao amadorismo *versus* profissionalismo.

Algo semelhante vai acontecer as conversas giraram em torno da homossexualidade e heterossexualidade, no tocante a performances de gênero dentro e fora de quadra, ou ainda, quando conversamos sobre objetivo destes futebóis, possíveis práticas inclusivas, aceitação de estilos de jogo e formas generificadas de ser/viver em coletividade.

Disso depurei as tríades aqui propostas: amadorismo *vs* profissionalismo, homossexualidade *vs* heterossexualidade e inclusão *vs* exclusão. Assim, as opiniões, as contradições e as paradoxalidades serão trabalhadas a seguir nestes três subtópicos dentro desta parte B.

## Amadorismo *versus* profissionalismo

Mas a gente sabe que com esse receio de passar uma imagem de time militante e também não ter a oportunidade de conseguir patrocínio, que é um grande objetivo de todos os times amadores, essa opinião política, essa opinião sobre coisas ruins que acontecem em relação à comunidade sempre foi de fato deixada de lado, justamente por causa desse receio do patrocínio. **O patrocínio é importante para sair do amadorismo.**

Entrevista com Jogador 6, 23/02/2023 (grifos meus)

O entrevistado citado acima, coloca-se numa encruzilhada: manter seus comportamentos de ativista dentro de um time (o “time militante”, como chama) ou aderir a uma prática menos “engajada politicamente”, “mais técnica”, que possa, inclusive, atrair a atenção de possíveis patrocinadores. A conexão lógica entre fatores não é apenas dele, ou seja, muitos jogadores querem deixar de lado as questões LGBTQIA+ para galgarem outro patamar em termos de reconhecimento.

Dentre as falas ouvidas e trechos de entrevista durante a pesquisa com jogadores e dirigentes de clubes de futebol para pessoas LGBTQIA+ ao longo de seis anos, o que mais se fez notar foi a contraposição entre amadorismo e profissionalismo nas participações em competições. De fato, é um dilema ainda sem solução e que tem transformado, sobremaneira, as práticas futebolísticas destes sujeitos.

Comecei a pensar muito sobre isso no primeiro semestre de 2020, particularmente no contexto da pandemia e depois de ter assistido a série no *streaming* sobre as origens do futebol inglês, que mostrava um dos protagonistas sendo contratado como trabalhador de uma fábrica de algodão, mas propositalmente retirado da produção pelo dono dela a fim de que “treinasse futebol durante seu turno”.<sup>59</sup> Na minha pesquisa, se lá no começo das expressões esportivas de *jogadores gays* se falava muito sobre “participação”, “engajamento”, “socialização”. Entretanto, depois da 5ª. *Champions LiGay*, em fins de 2019, os assuntos foram migrando para o profissionalismo muito rapidamente, como nova dimensão a ser alcançada. O jogar “como hétero” ou participar em ligas de homens heterossexuais passava a ser a meta de alguns clubes. Isso estava na boca dos jogadores, porque se chegava aos ouvidos que tal equipe participou da

---

<sup>59</sup> Prática comum lá nos “primórdios” na história do futebol convencional. Acabei vendo a série toda uma segunda vez e, à luz de escritos como os de Elias e Dunning (1992), escrevi um texto intitulado “Luta de classes, dramas sociais e as origens do futebol moderno”, publicado no portal Ludopédio (CAMARGO, 2020b).

oitava divisão da sua cidade, ou outra acabou “*jogando contra um time hetero e vencendo*” (sic).

Ora, o futebol moderno é um lugar onde as fronteiras entre amadorismo e profissionalismo ficaram cada vez mais tênues desde sua sistematização e regramento na Inglaterra do século XIX. Na verdade, nas primeiras décadas do século XX vimos um dilema envolvendo estes dois modos de praticar o futebol, amplamente documentado por autores de distintas orientações teóricas (ELIAS; DUNNING, 1992; OLIVEIRA, 2012; GAMBETA, 2015). A transição de um modo a outro tem sido um processo complexo e multifacetado que afeta o jogo de futebol e responde por questões conjunturais, assentadas na sociedade, na economia e na cultura.

O amadorismo, caracterizado por uma ligação intrínseca com àquele jogo praticado nas “origens” do futebol moderno, era impulsionado pela prática desinteressada e pelo jargão do “amor ao esporte” (SILVA, 2012). Alex Oliveira (2012) e Marcelino Silva (2012) argumentam que na história do futebol sempre houve conflitos entre classes sociais, desde terras inglesas até os rincões nacionais – em que pese o segundo autor aponte que não é possível identificar tais dicotomias com exatidão em todos os lugares. De um lado, o amadorismo era defendido por uma camada elitista, para quem o esporte era prazer, desfrute. De outros, a classe trabalhadora começou a ver o futebol como forma de subsistência.

Em grande parte dos discursos acadêmicos, jornalísticos e artísticos sobre a história do futebol brasileiro, o conflito entre o povo e as elites ocupa um lugar preponderante, emulado muitas vezes por outras dicotomias análogas, como as que opõem negros e brancos, ricos e pobres, centro e subúrbio etc. (SILVA, 2012, p. 85).

O antropólogo Pablo Alabarces (2018) relatou que, mesmo antes dos processos de institucionalização da profissionalização entre jogadores de futebol, aconteciam “pagamentos ilegais” a atletas, que não podiam jogar de modo amador. Era o que se conhecia pelo termo “amadorismo marrom”, uma prática que envolvia equipes amadoras que recebiam benefícios financeiros (ou mesmo pagamentos em dinheiro) para participarem de competições esportivas/futebolísticas. Há que se lembrar de que, em grande parte do século XX, a prática frívola, amadora, desinteressada de esportes era fomentada pelo olimpismo (HOBSBAWN, 1995).

A profissionalização no mundo esportivo representou uma quebra na distinção que o esporte estabelecia entre as diferentes classes sociais. Joanna Silva (2011) argumenta que a elite resistiu à adoção do profissionalismo de muitas formas, pois ele representava uma ameaça à sua posição dominante. Enquanto os trabalhadores tivessem limitações de tempo para treinar, os atletas da elite desfrutavam de vantagens competitivas. Porém, à medida que os indivíduos de classes menos favorecidas passaram a ter a oportunidade de se dedicar integralmente ao esporte, a dinâmica desigual começou a se reverter.<sup>60</sup>

Portanto, a dicotomia entre amadorismo e profissionalismo é histórica e tem moldado a cultura e prática futebolísticas (e também do esporte como um todo), inclusive de práticas “alternativas”, desses futebolis dissonantes e marginais. Importante dizer que isso tudo influencia não apenas o jogo de futebol em si, como suas estruturas organizacionais, a própria formação dos jogadores e corpos arbitrais, além das percepções sociais que circundam a prática esportiva.

O profissionalismo emergiu como uma força dominante no futebol de campo. E ele vai trazer neste processo desde a comercialização do esporte num nível nunca visto, como a criação de ligas e clubes esportivos, que sofisticam a divisão do trabalho relativa à modalidade, com avanços consideráveis na preparação física, técnica, tática e mental dos atletas (homens), até a atual mercadorização dos jogadores de futebol (GIGLIO; RUBIO, 2013).<sup>61</sup>

Atualmente a relação entre amadorismo e profissionalismo no “mundo do futebol” é bastante intrincada. Embora o profissionalismo seja fundamental para a competitividade e para “elevar” o nível do jogo, ainda persistem resquícios do amadorismo em determinados aspectos, como a paixão de torcedoras/es, o senso de identidade comunitária e até mesmo em alguns níveis de organização do esporte – como é o caso desses “múltiplos futebolis” (*society* e futsal) praticados por sujeitos LGBTQIA+.

Em nossas primeiras conversas sobre o envolvimento com o futebol, o Jogador 2 me contou que desde muito pequeno sonhava em ser jogador. Tinha sonhos idílicos com a modalidade, num nível inimaginável para uma criança ainda em desenvolvimento. No entanto, enquanto crescia e ia sabendo mais e mais acerca do universo do futebol (dos times, das torcidas, das rivalidades, dos bons jogadores, etc.), as pessoas adultas iam lhe tolhendo o assunto e desencorajando sua prática. Ele tinha desejos de jogar profissionalmente:

---

<sup>60</sup> Há uma produção fílmica que mostra isso em detalhes: o filme “Carruagens de Fogo”. Uma leitura crítica interessante é a de Rafael Terra e Vinícius Pisani (2009).

<sup>61</sup> Este processo chega muito tardiamente às mulheres e ao futebol praticado por elas (GOELLNER, 2013; KESSLER, 2015).

Nunca entendi os motivos pelos quais não pude concretizar o sonho de jogar profissionalmente. Era tudo tão difícil, tudo tão impossível. Quando o assunto era jogar futebol era assim algo do nível do absurdo. Em dado momento eu simplesmente ignorei as variáveis e fui viver o que dava para ser vivido longe do futebol. Era difícil lidar com a ansiedade dos possíveis xingamentos antes dos jogos oficiais. Sabe [*reticências...*]. Era uma discussão homérica para ganhar uma chuteira; outra discussão para seguir os passos da minha irmã na ginástica; outra big discussão para conseguir sair e jogar bola na rua. Com a família eu acabei me acostumando a discutir, mas com as pessoas de fora, daí foi bem difícil.

Entrevista com Jogador 2, 05/02/2022.

Dentre os jogadores entrevistados, a situação que envolveu o Jogador 2 foi diferencial exatamente pela condição da transexualidade. Como trabalharei no próximo tópico, os demais sujeitos se identificavam como *gays* ou *bissexuais* e tiveram, no geral, aquela sequência de eventos muito semelhantes, qual seja, silêncio sobre sexualidade e práticas sexuais, posterior saída do armário, autoaceitação e aceitação geral das pessoas.

Sobre essa questão mais específica da distinção entre amadorismo e profissionalismo, assim se coloca o Jogador 4:

Não, não, não. Você está errado. Como eu já falei, não sei se falei direito ou se não. Mas eu jogo futebol há mais de 20 anos e é assim. Jogo é jogo. Aqui dentro é pau pra valer. Não tem essa de ‘coisa LGBT’. Isso aí é da quadra pra fora. Mesmo porque eu também já joguei em outros canto[s], fora daqui. Tem time que entra e é faca nos dente[s]. A rivalidade é extrema e a gente joga, joga e joga. Papinho é pra depois, pra depois se sobrar tempo. E é assim. Quem gosta de joga[r] futebol, joga futebol. Quem vem militar, daí é outra história.

Entrevista com Jogador 4, 12/12/2022.

Quando perguntado como fica essa dimensão da “militância de gênero” (termos meus) no contexto das práticas futebolistas de homens gays, o Jogador 4 foi taxativo. Disse-me que eu estava errado e que uma coisa é participar dos debates, das discussões, do movimento LGBTQIA+. Outra coisa, para ele “totalmente diferente”, é jogar futebol – uma prática que, segundo ele, já o acompanha de longa data.

A dicotomia entre o amadorismo da prática e o nível profissional do futebol moderno não se relaciona tão somente com o jogar, mas postula uma reflexão mais ampla e difusa (em certo sentido) acerca da intersecção entre o esporte, a cultura, a economia e a própria sociedade. Desta forma, a ideia de explorar tal relação complexa é fundamental para a compreensão do desenvolvimento do futebol e de suas implicações com outras esferas da vida, e mesmo com outros subtipos (como o *society*) derivados da prática.

Desta forma, para os jogadores entrevistados paira um incômodo. Todos estão conscientes de que uma melhor prática pode conduzir a outro nível do futebol jogado/apresentado, um nível em que a massa começa a se referir como “profissional”. Porém, para eles, se de um lado isso existe como realidade inegável, de outro alguns deles preferem se manter no amadorismo:

Eu tô me afastando do futebol LGBT por um tempo por desgosto. Fui acolhido e vivi dias maravilhosos. Até tenho nostalgia em falar disso. Sei de suas potencialidades, mas estou triste com o rumo das coisas. **Eu nem tô num nível assim, diria, profissional**, mas tem colegas que estão ultrapassando a marca do bom senso, descaracterizando nosso futebol LGBT.

Entrevista com Jogador 3, 10/08/2023 (grifos meus)

No entanto, o problema maior se coloca para atletas como o Jogador 5, que “sabe jogar bola” – essa é uma inferência dos próprios jogadores que a todo tempo ficam se referindo “*àqueles que praticam futebol e aos que sabem jogar bola*” (sic). Durante a 7ª *Champions LiGay*, o Jogador 5 não estava presente. Mas me senti impelido a perguntar via *whatsapp* porque não conseguiu ir à Porto Alegre, já que ele é um entusiasta da propagação do “futebol inclusivo”. Depois de uma troca de mensagens iniciais em que ele se dizia triste por não ter ido, ele assim se expressa:

É [reticências] meu amigo [reticências], ao mesmo tempo em que dá vontade de jogar por viver esta experiência de novo, de competir fora do estado, é [reticências] meio que não dá vontade por conta do que se tornou a Liga, do que se tornaram os jogos, sabe? Eu vendo na última edição nacional [6ª *Champions Ligay*, em nov. 2022], fratura exposta, convulsão dentro de campo [reticências] esse é o lado não me dá vontade não.

[em outro momento da conversa]

E você tocou num ponto que, lá no começo, meio que tudo mundo se conhecia, todo mundo se falava, sabe? Era uma coisa mais, diria, unificada. Agora, o pessoal só se encara de longe, os times, sabe, **focam mais no competir e ganhar a qualquer custo do que outra coisa**, do que interagir, confraternizar, sabe. Muito triste.

Entrevista com Jogador 5, 18/11/2023 (grifos meus).

Tendo acompanhado este jogador desde o auge da popularização do fut 7 de *homens gays* e *bissexuais*, entendo suas reclamações e mesmo sua falta de motivação em relação às transformações, particularmente impressas pela gestão atual da LiGay. A edição nacional de 2023, como mencionei anteriormente, deixou o “dar pinta” de lado, não fez desfiles “de fechação” na abertura e teve zero “caras e bocas”. Ele, que sempre valorizou o encontro com jogadores amigos de outros estados, para rir, confraternizar, jogar futebol e, principalmente, militar por um “mundo mais inclusivo” (como ele disse), está profundamente magoado.

Com o aumento da competitividade em nome de um “futebol mais profissionalizado”, situações de lesões, como as citadas por ele, são comuns e tendem a aumentar. Isso porque, por mais que se fale em preparação física, tática, técnica e mental, a grande maioria é composta por atletas amadores, que treinam duas, no máximo três, vezes na semana. São jogadores que têm empregos convencionais e jogam futebol como uma atividade paralela. Pelo que se sabe, ninguém ainda vive, ou obtém seus rendimentos mensais, do futebol *society* ou futsal.

Abrindo um parêntesis, enquanto assistia aos jogos da 7ª edição da *Champions* e andava de arena em arena em Porto Alegre, conversava com jogadores de variados clubes e perguntava como estava, se estava treinando ou onde estavam os demais componentes de seus clubes. Um jogador carioca, com quem conversei em 2018 em sua estreia, reclamou de ter tido lesão em um dos joelhos e de estar um pouco acima do peso. No entanto, disse-me que ele estava li “emprestado” para o time convocado para a etapa nacional e que sua equipe original estava desfalcada, com muitas lesões e por isso não compareceu ao torneio nacional.

O mais incrível é que outro jogador entrevistado, ainda em 2019, posiciona-se sobre uma tendência que ele explica ser a tônica daquele momento em diante:

O espaço de meu time é de segurança. Dois dias na semana vão os meninos lá para treinar, para competição. E outros dia[s] é reservado para jogo de recreação. Tanto num dia como no outro há total segurança em relação a ser quem você é, homem gay e tals. Mas o problema que temos hoje nem é esse

mais, e sim que **ninguém quer ir nos dias de recreação e só nos de treino**. Vai ser logo uma tendência isso aí. Acho que não superamos isso ainda nesse modelo.

Entrevista com Jogador 1, 01/02/2019 (grifos meus)

Minha hipótese é a de que já em 2019 os ânimos começavam a ficar exaltados para mostrar um futebol *society* de *homens gays* e *bissexuais* compromissado, sério e “mais profissional” – e portanto, menos recreativo. Como o Jogador 1 menciona, e eu também ouvi de outros jogadores em outras realidades clubísticas, os dias recreativos de “bater uma bola” estavam vazios, ao passo que os de treino, ficavam lotados. Esses dias em que rolava um bate-bola mais pesado eram os dias em que havia um tipo de “avaliação” do técnico sobre desempenho técnico-tático-físico e uma possível escalação para a etapa nacional (ou para outros jogos importantes, como amistosos fora do estado de origem).

O aumento progressivo da competitividade chega a ser uma afronta para a maioria dos jogadores entrevistados por mim. Até o Jogador 5, que “joga bem”, reconhece que não é mais possível sustentar a “participação de fachada”, em uma entidade que fala sobre inclusão, mas busca o mercado para vender o “futebol LGBT” como produto. São coisas inconciliáveis para eles, em que pese a entidade insistir no contrário.

Segundo Vieira (2023), um entrevistado contou que havia um jogador profissional de futebol *society* atuando em seu time: ele teria atuado na categoria de base do Cruzeiro e, tempos depois, em equipes de futebol do interior de Minas Gerais. Após este percurso, ele estava participando do Bhabixas, de Belo Horizonte. Inclusive, um fato curioso: a exacerbação da presença de alguns que sabiam jogar muito e outros que ficavam no nível da recreação foi motivo para uma “cisão”, logo depois da 1ª *Champions LiGay*.

Gostaria de finalizar este tópico com outra questão que se intercala com o tema do amadorismo vs profissionalismo, qual seja, a dependência financeira para viabilizar a prática em todas as suas instâncias.

A prática esportiva mais sistemática em prol de um jogar mais compromissado, como um “verdadeiro atleta”, também tem relação com o acesso ao próprio futebol *society* em situações de competições esportivas. Das equipes com quem conversei nos eventos da *Champions*, a maioria delas não reclamou das taxas, pois disseram que o “valor dividido não pesava para ninguém” (Diário de Campo, 3ª *Champions LiGay*, 30/10/2018, s/p). Porém, ouvi aqui e acolá na etapa nacional de Porto Alegre, em 2023, que a gestão dos recursos pagos pelas

equipes para a LiGay não está às claras. Questionamentos como este são reiterativos em todos os eventos que acompanhei.

Na *Champions* nacional de Belo Horizonte, em 2019, houve a participação dos Ball Cat's, um time representante do Norte do país. Um de seus atletas assim se expressou sobre o tema passagens/deslocamento:

Outra questão é o financiamento para vir a esse evento. Bem difícil, sabe? Não sei se tu sabe, mas a secretaria de esportes de Manaus foi extinta. E no nosso caso, cada indivíduo chegou a pagar R\$ 1.900,00 reais pela passagem até Belo Horizonte e para vir participar neste evento. Realmente muito caro, caro mesmo.

Conversa com Daniel, nov. 2019.

Ironicamente, de 2019 aos dias atuais, em virtude da pandemia do coronavírus e dos argumentos das companhias aéreas sobre suas perdas nos anos subsequentes, as passagens aéreas subiram astronomicamente de preço. Certamente isso explica a não participação dos times de *futebol trans*, como o Jogador 2 me contou, mas pode ser que explique, também, a menor participação de equipes do Nordeste e do Norte do Brasil.

De acordo com ele, “(...) tá cada vez mais caro viajar para as etapas nacionais. Não somos como essas bichas ricas, que tem dinheiro pra pagar. Os times trans são atravessados por outras questões históricas que impactam em seu poder de compra” (sic), uma constatação que vai ser partilhada também entre as equipes de *homens trans* e *transmasculinos*, que foram convidadas ao evento de Porto Alegre pela primeira vez, mas não tinham recursos para levar seus esportes. No tocante às equipes que estiveram presentes na última *Champions*, em novembro de 2023, a equipe Dendê F.C. tinha viajado de Salvador a Porto Alegre de carro, numa peregrinação de horas na estrada. Chegaram todos muito cansados.

Contudo, não é apenas isso. Há um imbróglio aí relativo a questões financeiras, que possibilitam condições para o aluguel de espaços, como quadras. Os grupos de *homens gays* que iniciaram um movimento em defesa de uma prática esportiva sabiam que arcariam com todos os custos – e tinham condições para isso. Observando as equipes que foram para a 1ª *Champions LiGay*, seus uniformes e chuteiras customizados, seus deslocamentos territoriais, as hospedagens, posso inferir que provinham de classes mais abastadas. Conforme o fenômeno foi se popularizando, muitas equipes começaram a se estruturar (do ponto de vista humano), mas sem reais recursos físicos para tocar um trabalho efetivo ou viajar longas distâncias a fim

de competirem em eventos. Por isso, é notável um discurso de “necessidades extras”, que transbordou o simples “jogar futebol”.

A maioria das equipes hoje não têm renda própria, à exceção de um patrocínio ou outro, que muitas vezes não custeiam nem parte das necessidades do agrupamento.<sup>62</sup> Muitas não possuem renda alguma e alguns membros do grupo acabam colocando do bolso certa ajuda para terceiros. Para conseguir alguma receita, os times lançam rifas, vaquinhas ou sorteios esporádicos, ou ainda se beneficiam de apoios de empresas, como a oportunidade que conseguiu o MBB, de São Paulo, para treinar numa quadra alugada pela Fundação Bradesco. Como contou o Jogador 2, em várias situações em que falou sobre isso, os jogadores *trans* começaram a jogar no Parque da Juventude (antigo presídio Carandiru) e somente se retiraram de lá porque sofreram ações discriminatórias e transfóbicas.

O espaço de uma quadra para treinar (paga ou pública) é expressão de possibilidade de agência do grupo (e da “causa”), de visibilidade (nem sempre benquista), mas não necessariamente isso se reveste de reconhecimento, pois entre a visibilidade, a representatividade e o reconhecimento público há um longo percurso, principalmente se tomarmos as questões *trans*.

Essas expressões futebolísticas têm, no limite, politizado a prática esportiva e proporcionado uma relevante crítica ao futebol espetacularizado, misógino, mercadológico, meritocrático, cisheteronormativo, homo-bi-transfóbico e corponormativo. A apropriação do futebol como uma via de expressão é uma forma de evocar também todos esses julgamentos e valores discursivos, porém não necessariamente resolvidos por eles/elas mesmos/as.

Um discurso, no entanto, instalou-se no comando da LiGay desde a última eleição de diretoria, em 2022. Ele dá a tônica da administração atual e seus planos para o futuro para esses futebóis:

(...) eu vejo a LiGay, pensando administrativamente e comercialmente, a LiGay é um grande produto, é um grande produto de ESG [Environmental, Social and Governance], é um grande produto que as empresas podem nos olhar e podem investir. Qual é o nosso intuito? Trabalhar com empresas, trabalharmos a LiGay como uma empresa que atinja o seu fim social. Qual é o fim social da LiGay? Promover **a inclusão do indivíduo e seu pleno desenvolvimento**. Para isso a gente precisa de dinheiro, para conseguir o

---

<sup>62</sup> Como é o caso dos Beescats, o maior e mais antigo clube do Rio de Janeiro, que possui patrocínio da Sauna 123 Chilli Peppers, para *homens gays*, mas que divulgou, em seu Instagram uma rifa para ajudar a pagar as passagens.

dinheiro a gente precisa mostrar uma organização e uma seriedade no projeto. E para isso a gente vai conquistar a confiança das empresas, mostrando que somos capazes de fazer uma administração independente, um projeto socialmente responsável e economicamente viável. Então a ideia de profissionalizar já vem da minha gestão, comecei um pouco na gestão anterior, quando eu era diretor financeiro, mas aí surgiu essa **vontade de tornar a parte administrativa da LiGay mais organizada, mais profissionalizada**. Então eu consegui fechar um acordo com uma empresa de marketing esportivo. A nossa marca hoje é registrada no INPI, nós temos o CNPJ que está fazendo um ano que foi aberto agora, então ela está constituída como uma associação sem fins lucrativos, temos essa empresa de marketing esportivo que está comercializando a nossa marca, nós criamos um plano de vendas de espaços publicitários nos nossos campos, nos nossos campeonatos, então são as placas indicativas, **são as ativações das empresas nos nossos campeonatos**.

Entrevista com Jogador 7, 21/09/2023 (grifos meus).

Entre a expressão vaga “inclusão do indivíduo e seu pleno desenvolvimento” e os procedimentos burocráticos da entidade como recurso necessário para ser acionada pelas empresas desejadas, resta-nos saber onde fica o tal do “futebol inclusivo”?

## Homossexualidade *versus* heterossexualidade

É assim, como vou dizer? [*reticências...*]. Eu era um guri normal, ia pra escola, fazia as tarefas, ajudava meu pai. E adorava jogar futebol. Jogava bem, jogava bem. [*riso tímido...*]. Via outros guris na escola serem zoados por não saberem jogar e por isso eram chamados de ‘viado’. Eu nunca chamei ninguém de ‘viado’ ou ‘bicha’, entende? Ficava em silêncio. Procurava não pensar naquilo e quando era pra jogar, nas aula[s] de educação física, daí eu jogava e era uma sensação muito boa, fazer gol, comemorar. Aquele lance dos ‘xingos’, das ‘zoeiras’ eu fingia que nem ouvia. Meu ‘negócio’ na aula era jogar futebol.

Entrevista com Jogador 4, 12/12/2022.

A homossexualidade, no contexto das práticas esportivas, seja no âmbito da formação escolar ou no mundo adulto, tem sido historicamente um tema delicado e muitas vezes rodeado por estigmas e preconceitos. A “cultura atlética” ou *jock culture* (SPARKES; PARTINGTON; BROWN, 2007), tradicionalmente associada à masculinidade vigorosa, agressiva, descolada, competitiva, frequentemente performada por homens cisgêneros, está impregnada por valores que exaltam a heterossexualidade em detrimento da homossexualidade.

Se, logo no início do processo, *homens gays* reiteravam o simples desejo de jogar porque haviam sido excluídos do futebol de base heteronormativa, ao longo da pesquisa fui constatando uma forte aderência e amor (ou louvor) a um espaço que desejavam ser deles – e isso a partir da imputação de outros elementos vinculados a corpos plurais, gêneros e sexualidades dissonantes. Era uma espécie de “paradoxo homoerótico” (PRONGER, 1990).<sup>63</sup>

Em que pese entender o depoimento acima como particular em relação ao jogador entrevistado, sei também que ele oferece elementos sobre toda essa problemática na formação educacional e esportiva de meninos, nas sociedades ocidentais. Muitas vezes eles (e também meninas) crescem sendo enquadrados/as nas prerrogativas do patriarcado, que estabelece normas nas quais homens são ensinados a serem superiores em movimentos de força, destreza, velocidade e meninas treinadas em finas e delicadas atividades, muitas vezes consideradas pouco importantes. A historiadora Joan Scott (1995) referiu-se a esses antagonismos sexuais

---

<sup>63</sup> Brian Pronger (1990) argumenta que, dentro de contextos de equipes esportivas, especialmente aquelas com uma forte cultura de exaltação à masculinidade hegemônica, existe uma tensão entre a homofobia aberta e o reconhecimento tácito ou a exploração do homoerotismo. O autor ressalta como, paradoxalmente, há uma aceitação do homoerotismo em certos aspectos da cultura esportiva masculina, apesar da rejeição ostensiva da homossexualidade. Isso é definido por ele como “paradoxo homoerótico”.

como socialmente estipulados e culturalmente estigmatizados. Outros sujeitos que não se identificam com o binarismo de gênero institucionalizado são excluídos, invisibilizados. Disso decorre que a condição cisgênero torna-se naturalizada (e, portanto, *pessoas trans* são mal compreendidas, excluídas e mortas) e, portanto, a heterossexualidade impera como única estética sexual possível (RICH, 2010).

A condição binária do sexo, tomado como um ‘dado’ que independe da cultura, impõe, portanto, limites a concepção de gênero e torna a heterossexualidade o destino inexorável, a forma compulsória de sexualidade. As discontinuidades, as transgressões e as subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico (LOURO, 2008, p. 81-82).

Mais do que em outras instituições sociais, no esporte essas diferenças tendem a extremos e corpos não conformes são deixados à deriva. Nele operam categorias classificatórias de sexo biológico, instituindo um lugar fixo para a competição de corpos de “homens” e de “mulheres”. Além disso, há um fator que embola o “meio de campo”, para usar uma metáfora esportiva: as valências simbólicas atreladas às masculinidades.

O conceito de masculinidade hegemônica de Raewin Connell (2005) é, de longe, o mais usado por pesquisadores, particularmente na Educação Física, para se fazer referência às performances de corpos de homens e mulheres nas arenas esportivas. Para esta autora trans australiana, tal conceito é chave para compreender as dinâmicas culturais que empossam homens em posição de supremacia sobre mulheres e outros homens. Disso decorre que há masculinidade hegemônica e masculinidades subalternizadas, dentre as quais estão as “masculinidades gays”. A homossexualidade, nesse sentido, é constantemente afrontada pela heterossexualidade.

Apesar do conceito de masculinidade hegemônica endereçar uma pluralidade manifesta nas múltiplas masculinidades, Leandro Brito (2021), acusa um problema relativo à inflexibilidade do pensamento da autora em produções mais contemporâneas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; CONNELL, 2016), nas quais defende as estruturas sociais e do

Estado como fundamentais no sustento desta masculinidade, não reconhecendo transformações advindas da linguagem e das mudanças no simbólico acerca do entendimento sobre gênero.<sup>64</sup>

E no contexto do Futebol brasileiro é onde a “masculinidade dominante” exerce seu papel mais pronunciado, particularmente via xingamentos, cânticos ritualizados, gritos machistas, ofensas misóginas, homo ou transfóbicas e racistas, entre torcidas nas arquibancadas ou ruas, e mesmo entre jogadores em campo. Gustavo Bandeira assim vai afirmar: “a masculinidade é constantemente ‘solicitada’ na cultura do futebol, o que acaba reforçando esse espaço como local privilegiado de comportamentos que remetam a um tipo de masculinidade específica” (BANDEIRA, 2019, p. 115).

No cômputo das experiências dos jogadores que entrevistei e com quem pude estabelecer o contato ao longo desta pesquisa, um deles, o jogador 2, relatou-me sua experiência num evento de 2017 entre equipes de homens cis e trans, no qual as masculinidades desses haviam sido questionadas:

Pow, mano. Assim, cê não sabe o que rolou... [reticências]. Aqueles caras lá do Rio chamaram nossa galera de ‘mulherzinha’, com o intuito de nos humilhar mesmo. Mencionaram que a gente não era ‘homem de verdade’. Cara, deram risada, sem noção (...)  
Isso é inadmissível. Estávamos nuns jogos de integração entre as letras, de união das minorias contra esse mundo cão do esporte. Ca-ra-leo (...) Essa merda não pode acontecer. A gente agilizou uma denúncia e pedimos a desclassificação das bichas.

Entrevista com Jogador 2, 10/12/2018.

O fato não ocorreu numa das etapas da LiGay, pois ainda ela nem existia, mas acabou se tornando uma premissa junto aos clubes que jogavam o *futebol gay*, ainda naqueles tempos. Como se viu através de meu relato etnográfico em jogos finais decisivos na 7ª *Champions*, em Porto Alegre, algumas equipes ainda se utilizam de ofensas homofóbicas e misóginas, que têm por função inferiorizarem e diminuírem jogadores e times adversários.

---

<sup>64</sup> Como não é um fator expressamente importante para mim no debate aqui colocado, não me aprofundarei. Um artigo recente de Roberta Pamplona e Betina Barros (2021) traz uma atualização sobre o conceito de masculinidade nas pesquisas sociológicas das Ciências Humanas no Brasil. Suspeito que o artigo de levantamento da dimensão antropológica do conceito, realizado por Miriam Grossi (2004), ainda se mantenha como grande referência sobre este tema.

Como expressa uma pesquisadora inglesa, para quem a persistência da versão mais “dura” da masculinidade aumenta as violências nos gramados e a misoginia generalizada (apesar da mulher ser cada vez mais objetificada por jogadores):

Futebol como esporte se baseia em uma dicotomia de sexo-gênero, a qual informa seu quadro regulatório e as práticas corporificadas dos praticantes. Uma versão de masculinidade, profundamente enraizada em normas tradicionais de heterossexualidade e agressão física, faz parte da cultura e práticas do futebol (WOODWARD, 2019, p. 260).<sup>65</sup>

Dos antropólogos sul-americanos que estudaram em profundidade o futebol, Eduardo Archetti possivelmente foi quem pontuou mais incisiva e marcadamente a questão de gênero relacionado aos homens, no contexto da modalidade: no cômputo de suas considerações sobre as identidades nacionais argentinas, ele assim afirma: “A través del fútbol, la Argentina se convirtió en un actor importante de la historia mundial moderna del deporte. Por lo tanto, el fútbol es una **poderosa expresión masculina** de las capacidades y potencialidades nacionales” (ARCHETTI, 2016, p. 46, grifos meus).

De qualquer forma, tais elementos simbólicos também transpassam para os futebolistas dos jogadores entrevistados nesta pesquisa. A maioria deles passou por histórias de preconceitos no tocante às suas orientações sexuais ou identidades de gênero em espaços do futebol, na infância ou adolescência. Os Jogadores 3 e 6 têm histórias muito semelhantes sobre tais vivências:

Então, na verdade, desde criança, desde o Pré até a Oitava série, eu nunca tive um relacionamento muito bom com o futebol. Justamente por causa do *bullying* sofrido na escola, por causa de minha homossexualidade. Foi uma coisa muito pesada pra mim. Até hoje eu tenho resquícios disso. [*reticências...*]. Aí, no primeiro ano do Ensino Médio, que na época era assim ainda, né, a distribuição, eu chutei uma bola, eu acertei o gol, eu chutei de novo, acertei de novo. Falei assim, nossa, eu acho que eu sou bom nisso. Aí eu fui lá e comecei a jogar bola. Comecei a ser escolhido também na escola.

Entrevista com Jogador 6, 06/02/2023.

---

<sup>65</sup> No original: “Football as a sport is premised upon a sex-gender binary, which informs its regulatory framework and the embodied practices of practitioners. A version of masculinity, which is deeply embedded in traditional norms of heterosexuality and physical aggression is part of the culture and practice of football”.

Eu não tive uma relação boa com o futebol, né. Na escola não rolava e em casa eu tinha estímulo para estudar. Meus pais sempre me incentivaram a estudar, mais nada. Não houve assim, como diz, um incentivo para eu praticar algum esporte. Ou mesmo o futebol. (...) Eu posso dizer que fui uma criança afeminada. Hoje eu tenho consciência disso. Mas sofri muito. Minha mãe me batia, porque não sei, penso que ela queria ‘me consertar’, sei lá. Havia uma ideia, eu acho, que eles [os pais] achavam que eu ia virar ‘viado’, ia virar ‘mulher’. Essa ideia preconceituosa que muita gente tem. (...) Então o futebol vai entrar muito mais tarde em minha vida, quando eu já nem achava que ele poderia ter a ver comigo.

Entrevista com Jogador 3, 02/02/2021.

A vivência da homossexualidade, principalmente quando escondida de outros, pode ter um impacto perturbador no desenvolvimento do sujeito. Ambos os jogadores citados viveram fases de segredo quanto à sua homossexualidade, mantendo-se em silêncio. É o chamado “armário” ou “closet”, um conjunto de regras e normas rigorosas, socialmente instituídas no espaço público, que legitimam a heterossexualidade e mantêm a homossexualidade devidamente enclausurada no espaço privado (GRIFFIN, 1988; SEIDMAN, 2004; SEDGWICK, 2007; MISKOLCI, 2006; MISKOLCI, 2009; CAMARGO, 2018).

O armário é uma estrutura epistemológica, um regime de controle da sexualidade que foi responsável pela “opressão gay durante o século XX” (SEDGWICK, 2007, p. 26). Segundo Eve Sedgwick, o armário participa da incessante produção da história e da cultura do Ocidente e tem feito inúmeras “vítimas”. Na comparação com o racismo ou outras opressões étnicas ou religiosas, a imagem carregada de significado do armário “(...) é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões” (SEDGWICK, 2007, p. 32).

No Futebol e em outros esportes, muitos atletas temem o estigma associado à homossexualidade e optam por se manterem no “armário” e guardarem sua orientação sexual sob segredo. A hipótese do “silêncio” sobre a (homo)sexualidade ainda é bastante adotada como explicação, tanto por acadêmicos (GRIFFIN, 1988; ANDERSON, 2005; CAMARGO, 2018), quanto por jornalistas (aqui caberiam jornalistas do mundo todo, inclusive brasileiras/os). Porém, segundo Scott Ogawa (2016), tal hipótese tem seus limites quando analisada no esporte profissional, dada a “era da internet” e as formas de engajamento nas mídias sociais, além do aumento da tolerância à diversidade sexual entre jogadores e seus times.

Em realidade, este autor parte de uma pergunta pertinente sobre onde estariam os *atletas gays* no mundo do esporte profissional, particularmente nos Estados Unidos. E, pelos dados que

levanta, não é a hipótese do “silêncio” (eles estariam nas ligas, mas em segredo), nem a hipótese da “participação” (*homens gays* escolheriam não participar do esporte) que explicam, mas sim a hipótese de “seleção”, ou seja, *homens gays* seriam menos selecionados no mundo profissional em comparação com *homens heteros* porque não alcançam padrões mínimos para isso. Ele diz que sua hipótese é polêmica, mas é a única que explica o montante faltante de atletas *gays* profissionais para completar as porcentagens populacionais, apenas nas equipes de esportes coletivos estadunidenses.

No entanto, no esporte amador (e esses futebolis de que falo entram aqui), a hipótese do silêncio ainda persiste, curiosamente. No caso dos jogadores mencionados anteriormente, houve um constante malabarismo sobre o que sentiam, como se identificavam em termos sexuais e as expectativas externas, particularmente das famílias. A negação da orientação sexual, ou mesmo da identidade de gênero, pode levar a uma busca incessante por aprovação de pessoas próximas, familiares, de amigas/os, de professoras/es, etc., enquanto a constante ocultação alimenta um sentimento persistente de isolamento social. Durante a pandemia do coronavírus, por exemplo, o Jogador 6 sofreu crises de ansiedade e depressão. E o convite de sua ex-equipe para fazer *lives* o ajudou a sair daquele estado de desânimo e tristeza.

A dualidade da situação relacionada ao gênero e à sexualidade, adotada para se adequar às normas sociais pode gerar ansiedade, conflitos internos e uma necessidade de aprovação. O Jogador 3 passou grande parte de sua vida sendo desaprovado pela mãe e pelo pai – além de ter sofrido violências domésticas também. Sua descoberta de que podia (e curtia) jogar futebol no auge de seus 30 anos, mostra tanto uma novidade tardia, quanto uma mudança de vida, como relata: “*minha vida virou do avesso*” (sic).

O Jogador 6, nesse sentido, relata a relação com o clube e como essas valências atreladas aos binômios heterossexualidade/capacidade de jogar *versus* homossexualidade/incapacidade. Em realidade, a questão que ele explicita é que a heterossexualidade seria a “condição natural” para se saber jogar bem futebol, ao passo que a homossexualidade seria a melhor condição para “dar close” (ou fazer gracejos, particularmente efeminados). Em sua opinião, são coisas incompatíveis com sua pessoa:

Porque, na verdade, o Bulls, eu tenho uma gratidão muito grande pelo Bulls, sabe? E é um time que eu inclusive me emociono quando eu falo. Por quê? Porque ele abriu muitas portas pra mim. Abriu a porta pra mim da comunicação, que eu não sabia que eu era um comunicador, já fiz muitas *lives*, inclusive depois daquele episódio do George Floyd, do *I Can't Breathe*, lá, eu

fiz várias *lives* em relação à *Black Lives Matter*. Então eu consegui conhecer esse lado que eu não tinha, né? Pude ensinar a minha mãe e minha irmã, que são a minha família hoje em dia, sobre como funciona o *futebol gay*, que minha mãe, ela tinha uma visão dos gays, que era a prostituição, a promiscuidade, então eu consegui abrir a mente da minha mãe graças ao meu time, graças à convivência que eu tive. Pude viajar pela primeira vez sozinho para outro estado, pegar avião sozinho para outro estado, graças ao Bulls, porque eu fazia parte, quando eu fui pra Porto Alegre, que foi a nossa primeira LiGay, inclusive, que nós ganhamos, mas chegou a um certo ponto que eu percebi que eu não tinha oportunidade de jogo, porque eu tenho a parte do *close*, que é muito importante pro meio LGBT, porque a essência não pode ser perdida, mas a parte do futebol, isso sempre foi muito difícil para mim (...).

Entrevista Jogador 6, 23/02/2023.

Os outros dois não vivenciaram discriminações relativas às suas orientações sexuais, na exata medida em que suas habilidades técnico-táticas relativas ao jogo os salvaguardaram de acusações. Em campo etnográfico, sempre ouvi de outras pessoas (e mesmo torcedores), que esses jogadores com quem eu estava falando “pareciam heterossexuais”. Em verdade, “mais ou menos gays” ou “mais ou menos heterossexuais” é uma falácia linguística, dentro de uma fantasia que é a identidade de gênero (BUTLER, 2009). Vale lembrar que atos performativos dentro de uma estrutura rígida conformam as sexualidades instituídas, afirmam a masculinidade do macho dominante e legitimam a hererossexualidade do “casal procriador” como padrão (FOUCAULT, 1985).

O Jogador 1, que passou por várias equipes de fut 7, assim se expressou:

Eu sempre joguei bola desde cedo, nos campinhos, na escola, em todos lugares. Era forte, chutava bem a bola. Nunca pensei, páh, em ser jogador de futebol. Meu pai sempre falava assim, óh [*reticências...*] sobre pensar no futuro e como o futebol não me daria futuro. ‘Tinha que estudar’, falava ele. Estudei, me formei, mas sempre jogando bola. Joguei nuns clube[s], nível bom. Mas nada profissional.

(...)

Ser gay no futebol... [*reticências*]. Cara. Vou te falar. Nunca fui gay no futebol. Virei gay com o tempo, é [*reticências...*], depois de um

relacionamento mal sucedido. Mas sempre fui jogador [risos]. Assim, difícil dizer [*reticências...*]. Numa hora eu vi que não era aquilo. Tava enganando a mina. Mas do futebol, desse eu nunca desisti.

Entrevista Jogador 1, 01/02/2019.

De modo similar, o Jogador 5 conta como também desvencilhava a vida privada (e a orientação sexual escondida) do jogar bola. E só vai efetivamente “sair do armário” quando descobre o *futebol gay*:

E aí, eu pensava, como é que o cara do jornalismo esportivo na faculdade vai ser gay? Assim, o pessoal não vai ter... Eu vou perder, a minha cabeça era assim, eu vou perder a minha credibilidade se isso acontecer, se o pessoal descobrir, então eu vou ter que guardar isso a sete chaves. Eu cheguei a namorar de fachada, eu cheguei a namorar mulheres de fachada nessa época pra manter o personagem, nesse nível. E assim, eu acho que eu tentava até falar pra mim, forçar pra mim mesmo isso, eu ia ficar com ela na época, eu ia assistir aula com ela no CEFETE, sabe? Eu falava, cara, o que eu tô fazendo? E aí, eu... Depois de algum tempo, eu me senti mais à vontade pra me assumir por conta do esporte LGBT+.

(...)

Porque em 2017, um amigo meu, que eu não vi há muito tempo, ele voltou a fazer contato comigo e me chamou pra... Ah, bora ir lá numa pelada só entre gays de futebol. Falei, como assim? Sério isso? Ah, ele é sério. Falei, caraca, eu quero ver como é que vai ser. Eu falava, eu quero ver como é que isso vai ser, porque eu faço questão de ir, vamo embora.

Entrevista com Jogador 5, 27/10/2022.

O Jogador 1 se engajou prontamente na estruturação de sua equipe, na capital paulista. Eu o conheci nos primeiros tempos, em que a empolgação de “fazer acontecer” fazia seus olhos brilharem. Pelo que entendi em nossas conversas, a passagem de uma heterossexualidade pública e esperada para uma homossexualidade declarada foi um processo pacífico. O futebol matizou muito o impacto, mas também porque ele sempre teve habilidades técnicas para a função. O jogador tinha bastante consciência do que significava todo o movimento que acontecia no então *futebol gay* e me lembro que, numa de nossas últimas conversas, sugeriu

inclusive, pensar em escolinhas de futebol para crianças e jovens adolescentes LGBTQIA+ num futuro próximo.

Por seu turno, o jogador 5 também jogava bola e depois que começou a participar dos treinos e de sua primeira equipe, transformou-se em ativista da causa. Rapidamente começou a falar em “futebol LGBT” e a pautar, mesmo em sua profissão, um debate mais amplo sobre inclusão. Foi dele que primeiro ouvi, em nossas conversas remotas durante a pandemia, o termo “futebol inclusivo”, um termo que se proliferou na boca e nas redes sociais de muitos clubes deste futebol *society*.

Um fato curioso chamou minha atenção, logo no início da 5ª *Champions*, em Belo Horizonte, em 2019. A equipe Maragatos, do Rio Grande do Sul, foi excluída dessa etapa porque se constatou que havia contratado jogadores heterossexuais profissionais do fut 7 para jogar. Tratei disso quanto trouxe alguns dados de campo, por ocasião da etnografia da 5ª *Champions Ligay*.

De qualquer forma, a “competência técnica” da heterossexualidade no jogo de futebol sempre vai ser algo privilegiado. Em que pese o discurso recorrente de que “*somos gays e também jogamos bola*”, quase um grito de exigência de respeito junto a uma sociedade (torcedora) discriminatória e excludente, a pertinência a um estilo “hetero” de jogar bola permanece como algo almejado, desejado.

Em tese recém-defendida, Vieira (2023) traz a história de alguns clubes de futebol *society* para pessoas LGBTQIA+ em Belo Horizonte e destaca que esta questão não é unanimidade entre os jogadores. No entanto, um depoimento vale aqui ser salientado:

E isso torna-se que, no mundo gay, *existe uma bolha* sempre. Existe essa vivência só de times LGBTs que só convive com times LGBTs, e acaba que essa *vivência dentro da bolha* faz com que as pessoas não percebam esses times LGBTs. Então, o Inconfidentes Pride também foi criado pra que disputasse competições, em Belo Horizonte. Competições essas que são heteronormativas, de padrão heteronormativo. Então, a gente disputou diversos campeonatos. (...). *Sair da bolha*. Um dos objetivos era sair dessa bolha de só futebol LGBT.

Daniel, entrevistado Vieira (2023, p. 128), grifos do autor

De acordo com os achados de sua pesquisa, participar de competições convencionais de futebol (chamados “campeonatos héteros”) daria outra dimensão para o trabalho que jogadores

LGBTQIA+ realizam no cotidiano de seus clubes. Os times de *society* investigados por Vieira (2023) já ganharam um torneio destes em 2022: a série C, do campeonato mineiro de *fut7*, do Ousadia Sport Center, ocorrido em Belo Horizonte. Quatro equipes mineiras (Manotauros, Inconfidentes Pride, Felinos e Predadores) de jogadores LGBTQIA+ se juntaram para formar um selecionado e enfrentar outros 14 adversários no torneio destacado.

Quanto aos meus entrevistados, apenas um deles se posicionou no sentido destes atletas participarem de competições externas ao circuito, particularmente entre jogadores ditos heterossexuais. Jogador 4, que joga bola há muito tempo, diz sobre isso:

A única coisa que penso é na premiação. Digo, cê sabe. Premiação sempre foi importante, até em campeonato menor ela tem que ter. Num tô falando de medalhas, lugares, pódios, essas coisas todas que o esporte tem. Isso é legal, sim, é legal, claro. Mas, não, não. Eu tô falando mesmo é de dinheiro, se é que cê me entende. Por enquanto, o campeonato LGBT não tem dinheiro, sabe? Não tem premiação em dinheiro [*reticências...*]. A competição hetera, tem. É só procurar. Veja aí os BeesCats, veja lá. Por que cê acha que os cara[s] tão sempre loco[s] pra ganhar?

Entrevista com Jogador 4, 12/12/2022.

O jogador colocou uma dimensão que eu não tinha pensado. A partir daí comecei a checar, constantemente, o Instagram da maioria dos clubes que sigo nas mídias sociais, a fim de verificar se anotavam os títulos e premiações de eventos futebolísticos convencionais. Os BeesCats competem fora do circuito específico, mas não postam na *headline* de seu perfil.<sup>66</sup> Já os Manotauros, de Belo Horizonte, relacionam todos os eventos em que participaram ou obtiveram premiação, inclusive o Campeonato Mineiro da série C:

---

<sup>66</sup> Cabe destacar que, André Machado, um dos fundadores do BeesCats, em entrevista ao site Desimpedidos durante a 3ª *Champions* de São Paulo, afirmou que o time tinha sido o primeiro a adentrar as ligas heterossexuais do Rio de Janeiro na 8ª divisão e que, naquele ano, já disputava a 6ª divisão (Site Desimpedidos <https://www.youtube.com/watch?v=rbIvKrDznq0&t=201s>, .



1.250 publicações    14,5 mil seguidores

**BeesCats Soccer Boys**

Equipe de esportes amadora  
 1º Time LGBTQIA+ de Fut7 RJ  
 GayGames Paris 2018 FR 🏆  
 Champions LiGay 🏆🏆🏆🏆  
 Taça Hornet 🏆  
 Copa Sudeste 🏆  
 Copa Ilha da Magia 🏆  
 BFEXPO CBF 🏆  
 Taça Maravilha 🏆  
[benfeitoria.com/projeto/socio-torcedor-beescat](http://benfeitoria.com/projeto/socio-torcedor-beescat)

Seguido(a) por [barcemonas\\_oficial](#), [leonardombpecanha](#), [dc](#)

Figura 61: *Headline* atualizada do clube BeesCats, em 28/01/2024.



5 publicações    164 seguidores

[Manotaurosmg.f.c](#) ❤️ 🏳️‍🌈 🇺🇵 🇧🇷

⚽ Time fut7 Lgbtqi+  
 🏳️‍🌈 Fundado 12/2017  
 🏆 Campeão da série C @wdfut7  
 🏆 1º Campeão Fem ligay BH  
 🏆 1campeão torneio inter.UFMG  
 🏆 3º Mineiro20  
 🏆 3º Copa BH19  
[linktr.ee/manotauromgfc?utm\\_source=](http://linktr.ee/manotauromgfc?utm_source=)

Seguido(a) por [fernando31clezio](#), [beescatsbr](#), [real](#)

Figura 62: *Headline* atualizada do clube ManoTauros, em 28/01/2024.

Dentre meus interlocutores que exercem alguma forma de gestão do esporte para pessoas LGBTQIA+ nenhum deles tocou no assunto de premiação em dinheiro para as categorias e para os esportes deste segmento. A lógica faz sentido se imaginarmos que muitos jogadores de futebol *society* tem um nível bom, não são parte de nenhum clube e as recompensas em dinheiro poderiam ajudá-los com a manutenção de suas vidas e/ou com compra de equipamentos esportivos. A questão que fica é: em que medida, entrando na lógica capitalista da venda de “pé-de-obra” (DAMO, 2007) e da valorização da premiação aos melhores (clubes, jogadores), estes futebóis não repetem mais do mesmo do que qualquer outro time?<sup>67</sup> E mais: fazendo isso será que não se afastariam da possibilidade de oferecer oportunidades a mais

<sup>67</sup> Quando ouvi três histórias de jogadores de futsal/*society* que deixaram o Brasil depois da pandemia, pensei logo no que Arlei Damo fala sobre jogadores de futebol de campo: “se o mercado para pés-de-obra no Brasil é escasso, eles encontram boas chances de jogar no exterior” (DAMO, 2007, p. 102). Em duas dessas histórias os jogadores já criaram times de futebol nos respectivos lugares em que vivem.

peças em jogar futebol? Onde ficaria a “dimensão da inclusão”, tão propalada por muitos? Existe inclusão no alto rendimento? E como fica essa discussão por quem dirige a federação Ligay? Observe-se o discurso institucional por onde passa:

A Ligay começou com um movimento muito festivo, muito de boa. Só que, a partir do momento que você vai agregando mais equipes, nós começamos com oito. Hoje, o campeonato de futebol, ele tem em torno de 52, 54, o restante é vôlei e handebol, das equipes que são filiadas a gente, né? Então, quando você tem 54 equipes, cada equipe aí com 30 atletas, vamos colocar, é muita gente, né? E aí você não consegue mais controlar todo mundo. Você não tem aquela camaradagem que era lá de antigamente. **O esporte, ele é competitivo. O esporte, ele premia quem é o melhor, né?** E ninguém quer ser o último colocado no rolê. Então, as pessoas começam a ficar com os nervos, a flor da pele, a competição. O pessoal toma gosto por competir, toma gosto por ganhar, toma gosto por vencer. Apesar de que todo mundo ganha a mesma premiação. Deixa fechado aqui. Apesar de que todo mundo ganha a mesma premiação, a gente entrega medalha pra todo mundo, [mas só isso].

Entrevista com Jogador 7, 02/11/2023 (grifos meus).

De minhas experiências de campo e minhas andanças por estes grupos e pelas competições esportivas percebi que, desde 2019, havia uma espécie de “fantasma” rondando o futebol *society* destes homens quando os primeiros casos de contratação de jogadores homossexuais vieram à tona. Eles serviriam, ao que parece, para engrossar as seleções e vencer jogos em competições.

Com a pandemia e um tempo para pensar sobre isso, além da troca da presidência da LiGay, parece que essa ameaça foi se dissipando, quando os sujeitos e seus coletivos começaram a se indagar se isso tinha sentido. No entanto, outra começou a se avizinhar, qual seja, o “canto da sereia” de ter que participar em competições convencionais de futebol de quadra. A ideia pode parecer atraente e talvez seja um impasse com o qual as equipes que apresentam alto nível esportivo neste futebol tenham que lidar no curto-médio prazo.

Quero finalizar evocando Paul Preciado e sua explanação sobre a figura do dildo, ou pênis de borracha. Para este autor espanhol, o dildo não é apenas um objeto físico, que funciona como um “fetiche” para o sexo biológico, mas simbolicamente representa a subversão das normas tradicionais de gênero e da estruturação do poder relacionada às identidades sexuais.

Se, para ele, a lógica da heterossexualidade é o dildo, aqui inverte essa assertiva e digo que a lógica do *futebol gay* é a heterossexualidade.

O dildo é a prótese, que descolada do corpo, tudo pode: dildo-cabeça, dildo-tronco, dildo-braço, dildo-perna, etc. Segundo Preciado, o dildo “traí o órgão anatômico deslocando-se para outros espaços de significação (orgânicos ou não, masculinos ou femininos), que vão ser ressexualizados por proximidade semântica” (PRECIADO, 2014, p. 81). A partir daí, tudo é dildo!

Ao endereçar à heterossexualidade tamanha importância para legitimar um futebol amador homossexual, deslocando-a dela mesma e a usando como prótese potente, o *futebol gay* (ou LGBT ou LGBTQIA+) transforma a heterossexualidade em prótese *gay*. Logo, tudo é heterossexualidade: o jogador mais habilidoso para ganhar o jogo, a premiação do campeonato convencional, o/a melhor treinador/a a ser contratado/a, e assim por diante. No entanto, ao contrário do dildo que subverte “o jogo” e questiona o sexo naturalizado, a heterossexualidade no *futebol gay* faz com que tudo se pasteurize e fique na mesma, num mesmo círculo vicioso de esforço-mérito-reconhecimento/fracasso-frustração-recomeço.

E tudo isso pode aparecer disfarçado de “inclusão”. Afinal, “tem hetero aí?. Temos, sim, senhor!”.

The image shows a screenshot of an Instagram post from the account 'bulls.sp'. On the left is a red graphic with the Bulls logo (a bull's head) and the text 'BLOG BULLS' and 'Héteros no Bulls?? Temos, sim!'. Below the graphic, it says 'Já teve essa dúvida? Contamos tudo, confira!'. The main text of the post reads: 'bulls.sp "Em mais de uma oportunidade, o Bulls já foi contestado em campeonatos LGBT sobre a orientação sexual de alguns jogadores. [...] Homens "GBT" são pessoas, e como tais, têm diferentes personalidades, jeitos de ser e de se portar, e não apenas aquele padrão de gay militante e 'closeiro''. Below this, it says: 'Neste novo post do Blog do Bulls, esclarecemos essa questão recorrente sobre como o Bulls lida com a entrada de jogadores héteros no nosso time e porque tanta gente do meio do futebol LGBT vê isso como um problema. E você, o que acha sobre héteros treinando em times inclusivos? Deixe sua opinião.' and 'O post já está disponível no site do Bulls, leva menos de 5 minutos pra ler e prometemos acabar com essa dúvida de uma vez por todas. Link na Bio!'. At the bottom, there are icons for likes, comments, and shares, and a caption that says 'Curtido por luudgerio e outras 222 pessoas' and '8 de dezembro de 2020'.

Figura 63: *Post* da equipe Bulls F.C. sobre a participação de jogadores heterossexuais.  
Fonte: Instagram Bulls, 08/12/2020.

## Inclusão *versus* exclusão

Nossos eventos primam sempre pelo respeito dentro dos eventos, pela inclusão, pela participação das famílias, são eventos *pet friendly*, são eventos *gay friendly* e sempre tem coisas associadas a isso. Então, aqui em Porto Alegre, nós estamos pensando em **colocar uma tenda multiuso ao lado das quadras para que a gente faça discussões sobre a inclusão no esporte, sobre o preconceito no esporte, sobre temas relacionados ao esporte e alguns assuntos excludentes ao esporte**. A gente quer trazer essa discussão para mais perto do esporte, normalmente ela fica muito centrada dentro dos bancos escolares, dos bancos das universidades, e isso não vem para o grande público.

Entrevista com Jogador 7, 21/09/2023 (grifos meus).

*Vai, viadinho, vai, tu não sabe jogar bola. Vai se fuder!*

Grito de jogador dentro de campo.  
Diário de Campo, 18/11/2023.

O primeiro excerto é da entrevista com um dos diretores da LiGay, que organiza os campeonatos da chancela *Champions LiGay*. O segundo, uma exclamação homofóbica em jogo decisivo pela liga, no evento nacional ocorrido em Porto Alegre, em novembro de 2023. Essa e outras expressões homofóbicas paralisaram a tabela do referido evento, pois a arbitragem não sabia o que fazer.<sup>68</sup>

A proposta deste tópico é tratar de “inclusão” no campo destes futebolis, um tema caro aos entrevistados, aos seus clubes esportivos de/para pessoas LGBTQIA+ e à própria federação nacional. Falar de “inclusão” pressupõe pensar não apenas em si, mas no entorno. É ter consciência de que alguém pode estar “de fora”, do assunto, da conversa, do grupo de amigos/as, da prática esportiva. Inclusão refere-se à prática de entender o outro, “estranho”, “diferente”, “alijado”, acolhendo-o, além de valorizar a diversidade em todas as suas formas, seja relacionada a corpos, gêneros, orientações sexuais, origens étnicas, habilidades ou capacidades, seja entre outros aspectos que compõem os grupos humanos.

---

<sup>68</sup> A tabela ficou paralisada por mais de duas horas esperando que o presidente da LiGay retornasse ao local de competições para se posicionar sobre o ocorrido. Em geral, quem decide sobre questões como essa é o comitê disciplinar, formado no congresso técnico. A LiGay não tem por procedimento compor tal comitê em seus eventos.

Ao menos nas sociedades contemporâneas do Ocidente, a busca por inclusão se tornou um princípio fundamental, que molda ações e valores de grupos ao redor do mundo.<sup>69</sup> A importância da inclusão não reside apenas na ideia de “equidade”, mas é algo que opera nas bases da criação de comunidades mais justas, respeitosas e resilientes.

O Brasil tem um histórico de pensar na inclusão no âmbito do esporte há mais de 40 anos, particularmente no que se refere às pessoas com deficiência. A Lei Agnelo Piva, aprovada em 2001 e retificada em 2015, funciona como um mecanismo que institucionalizou o repasse de recursos das loterias federais para os Comitês Olímpico Brasileiro (COB) e Paralímpico Brasileiro (CPB). Distribuindo cerca de 10% da arrecadação bruta das loterias, originalmente cabia ao COB 85% dos recursos e ao CPB 15% deles. Em 2016, o percentual do CPB mudou para 37,04% em virtude tanto da maior arrecadação das loterias quanto da projeção dos esportes paralímpicos em circuitos internacionais (FONTANELLE, 2016).<sup>70</sup>

Em geral se pensa a inclusão como “coexistência pacífica” entre pessoas e grupos, como se, quando juntos, uma mágica acontecesse e múltiplas interconexões se estabelecem. Como expressam esses autores:

Por fim, ressaltamos que o discurso inclusivo, tão presente na fala dos participantes da Ligay, pôde ser observado também **por meio da presença de outras minorias durante o torneio**. Duas treinadoras e duas árbitras participaram da competição, bem como varixs performers e *drag queens* animaram os intervalos entres os jogos (ANJOS; SILVA JR., 2018, p. 227, grifos meus).

De meu ponto de vista, de um pesquisador no Ensino Superior e um praticante/ativista no esporte, penso que se compreende muito superficialmente a inclusão em esferas mais competitivas das práticas esportivas. A ideia de inclusão deveria ser encarada como uma prática dinâmica, que demanda esforços contínuos para superar estereótipos, discriminações e barreiras constantemente colocadas e que marginalizam determinadas pessoas, mesmo no alto nível

---

<sup>69</sup> A Declaração de Salamanca, oriunda de uma conferência internacional ocorrida na Espanha, em junho de 1994, é prova disso. O encontro foi promovido UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), em parceria com o governo espanhol e inúmeras outras entidades, e tratou de princípios, políticas e práticas na área da então chamada educação especial. Sugiro o artigo de Fabiane Breitenbach, Cláudia Honof e Fabiane Costas (2016) para analisar os impactos (e confusões) que algumas destas decisões tiveram no cenário político-educacional brasileiro.

<sup>70</sup> Vale dizer que os recursos, no caso paralímpico, começaram a ser sistematicamente também empregados no incentivo a práticas esportivas em campeonatos infanto-juvenis de circuitos locais/regionais e mesmo no que se começou a chamar de “Paralimpíadas escolares”.

esportivo. Vejo ainda esforços muito tímidos nos locais educacionais e em arenas esportivas, particularmente de pessoas excluídas por discriminações.

Neste subtópico pretendo trazer as opiniões, posturas e reflexões sobre inclusão que possuem os jogadores entrevistados. Mais do que elaborar um conceito teórico para poder aplicar na realidade etnografada, o que seria um absurdo numa tese no campo da antropologia, busquei perguntar aos sujeitos o que pensam sobre esta inclusão e este “futebol inclusivo” do qual sempre se referem. Posso dizer também que a noção de inclusão deles foi mudando com o tempo, nesses últimos seis anos de conversas e entrevistas. E o termo “futebol inclusivo” começou a aparecer com mais insistência, particularmente, depois da pandemia.

O Jogador 1, ainda naqueles anos de início e estruturação do então *futebol gay*, certa vez me explicou o que entendia por tudo aquilo que estava acontecendo:

Assim, óh, a gente recebe as pessoas que querem jogar bola. Para nós não importa muito a origem social ou o bairro de onde ela vem. Ela tem que ser acolhida. Nosso trabalho é de receber e colocar para jogar, mesmo com diferentes habilidades. Todo mundo pode jogar. Todo mundo pode aprender. Eu fiquei sabendo do clube (...) que tem feito critério para admissão. Só entra quem é bonito e quem sabe jogar. (...) Isso é um absurdo.

Entrevista com Jogador 1, 01/02/2019.

As opiniões sobre inclusão e o que significava àquele movimento esportivo nascente eram realmente diferenciais para este jogador, nos idos de 2017-2018. Ele já enxergava possibilidades interessantes para àquelas pessoas que estavam ávidas por participar coletivamente de jogos de futebol. Sua ideia (e de seu clube até certo tempo) era de possibilitar que isso acontecesse. Neste momento histórico ainda não se falava em “futebol inclusivo”.

O assunto trazido por ele na entrevista realmente foi algo perturbador no início do *futebol gay*. Corriam nas conversas entre pessoas nas arenas que principalmente dois clubes da capital paulista mantinham critérios de seleção de “homens bonitos” para seus esportes. Eu conversei com vários jogadores sobre isso para averiguar a informação e havia uma indignação generalizada. Na verdade, pelo que apurei, não precisava saber jogar bola, mas apenas “ser bonito”. Pessoas que sabiam jogar bola, mas não atingiam os “critérios de admissão”, não passavam do primeiro treino. Com expliquei anteriormente, figuras públicas ou *influencers*, como Bernardo Villas Bôas e seu time corroboravam tais impressões (talvez sem a pretensão).

O Jogador 1 sempre foi contra isso e atuou em seu clube, incisivamente, para que esse acolhesse o maior número possível de “jogadores rejeitados”, como me explicou, por outros clubes da capital paulista. Pelo que percebi, isso tudo logo se dissipou, mesmo porque houve uma pulverização das ações de alguns clubes no sentido de terem uma palheta de práticas esportivas. Então, não era mais “só” o futebol. Com a entrada de outros esportes, como corrida, voleibol, esgrima, exercícios funcionais, etc., os clubes “mais restritivos” (termos meus) vão acolher um número cada vez maior de pessoas.

Tudo isso se explica bem possivelmente porque o *futebol gay* começou entre amigos, num núcleo muito próximo de amizade, afetividade e até, talvez, de trocas sexuais. Com a amplificação do impacto de práticas esportivas para *homens gays, bissexuais* e mesmo outras pessoas da sigla LGBTQIA+, os clubes foram obrigados a se expandir e a alocar, em outro lugar, os diferentes.

Entretando, nem todos os clubes se tornaram “multiesportivos”. Alguns subdividiram seus times de futebol em A, B, C, numa lógica oriunda do esporte convencional, na qual o selecionado A é melhor técnico-taticamente do que os demais e assim por diante. Para mim, esta foi a primeira ação mais sistemática em direção a uma tentativa de homogeneizar àquele futebol, assimilando-o ao de matriz espetacular. Outros coletivos, bem como o clube do Jogador 1, simplesmente aceitam e começam um trabalho sistemático.

E desses outros coletivos que vem histórias diferentes, que não passaram apenas por este crivo de seleção. Há vivências distintas, que mostram outra face do fenômeno. O Jogador 3, por exemplo, narra seu processo de encontro com um time de futebol que o acolheu e a quem ele será eternamente grato:

Eu mesmo, nos primeiros meses, eu mesmo me boicotava. O NATUS joga todo sábado depois do almoço. Isso é assim desde que começou (...). Então eu ia todo sábado, com a convicção que eles iam falar pra mim não voltar mais [risos]. Eu tinha isso claro. Mas ninguém nunca disse isso pra mim (...). Até que, num momento, daí eu pirei. Eu acho que tinha tanta expectativa que isso fosse acontecer, e não aconteceu, que olha o que eu fiz. Eu fiquei muito mal depois de um treino em que eu errei bastante (...) eu sai do treino, mandei um áudio dizendo que eu ia aprender a jogar futebol, entrar numa escolinha e, depois, quando tivesse aprendido, eu voltava pros treinos. E desliguei o whats(sapp), fiquei fora do ar fim de semana chorando muito, vários momentos de choro, aflorando as coisas dentro de você. E, quando religuei o whats na segunda-feira, várias mensagens de apoio, e o que me chamou a

atenção foram alguns surpresos, perguntando ‘por que vc tá agindo dessa forma?’, ‘como assim, não existe isso de aprender e depois voltar’. Eles foram muito acolhedores, a gente fala assim que é o ‘DNA’ do time: **‘vem junto, a gente tá criando lugar, tá criando espaço, ocupa também com a gente este espaço’**. Essa é a ideia deles. Eles não falam com essa clareza toda, mas isso tá no comportamento deles, tá na prática.

Entrevista com Jogador 3, 02/02/2021 (grifos meus).

O clube deste jogador (o NATUS) estava na última 7ª *Champions*, em Porto Alegre. Não foi muito bem na tabela e nem ficou numa boa colocação final. No alambrado assistindo ao jogo deste time e conversando com um *staff* do clube que conquistaria, no dia seguinte, o campeonato, ele me disse: “*Olha aí. Tá aí a diferença entre um futebol-brincadeira e o futebol-vencedor*” (sic).

Esta conversa à beira da quadra apenas constatou duas observações que já havia feito sobre o campo etnográfico: a) as pessoas participantes deste fenômeno que se tornou o “futebol LGBT” subjetivam-no de forma distintiva, independentemente de estarem agregadas no acrônimo LGBTQIA+; b) as expectativas quanto a que lugar tal futebol vai chegar são bastante altas para alguns indivíduos, tanto os que jogam, quanto os que dão suporte. E não se trata de colocar este futebol como uma expressão menor, minoritária ou excluída dentro do “universo do Futebol”, pois os sujeitos se expressam como se se tratasse do futebol profissional e midiático.

O Jogador 3 não está mais participando de competições oficiais da LiGay com seu clube, apenas de treinos semanais. Assim como outros jogadores, ele também se decepcionou com algumas posturas relativas ao tensionamento “participação” vs “competição”.

O NATUS e outras equipes, como o Bharbixas, de Belo Horizonte, o Barcemonas, do Pará, dentre outras, mantêm práticas inclusivas em seus futebóis, mas constantemente vivem tensões intragrupo quanto aos objetivos (ANTONIAZZI, 2023; GONZALES, 2023; VIEIRA, 2023). O time de futebol do Bharbixas deu origem a outros grupos de futebóis, numa fractalização do grupo, que é tratada como “cisão” pelas pessoas do campo. Os times-fractais surgidos cada vez mais amoldam-se num futebol próximo do profissional, midiático, vencedor.

O Jogador 4, por sua vez, também participava deste último torneio etnografado. Seu time, em que pese tenha alcançado uma boa performance nas seletivas classificatórias, acabou caindo nas oitavas-de-final. Ele se lamentou e pouco falou comigo depois da desclassificação.

A fase de euforia tinha passado com a derrota e uma decepção se abateu sobre ele. Busquei rever/ouvir, ainda no decurso do campeonato, sua entrevista.<sup>71</sup>

A gente acolhe as pessoas que não sabem jogar. Nosso clube faz um trabalho bem legal de incluir e tal. Nossos treinos são assim, vai todo mundo e a gente joga. O duro é quem não sabe jogar direito (...). Opa, pera, corrigindo. Não sabe[m] o tempo do futebol. Assim, né, o como fala? O *timing*, já ouvi falar assim. O maior problema é esse. Não é não saber jogar, mas não saber que em dado momento não pode entrar, num carrinho (...), num pode chutar a canela, num pode, sabe (...) **coisa complicada esse lance de entrar gente que não sabe jogar**. Sabe nesse sentido, entende?

Entrevista com Jogador 4, 12/12/2022 (grifos meus).

A lamentação pela derrota, silenciosamente colocada na fatura de “quem não sabia jogar”, deu-me a impressão de que há uma linha tênue entre os jogadores que participam destas competições oficiais da LiGay. De um lado estão os muito habilidosos, aqueles que jogam também em ligas convencionais de futebol de quadra, que estão na ativa para além dos clubes esportivos LGBTQIA+. O Jogador 4 é um desses. De outro, estariam os que tomam tal prática futebolística como uma forma de entretenimento, socialização grupal, de possibilidade de viajar para fora de seus estados e, possivelmente, um modo de estar entre “iguais” – inclusive para encontros afetivo-sexuais casuais. Nas duas entrevistas que fiz com o Jogador 4, em momento algum aparece menção à palavra (ou conceito) inclusão. Ou mesmo “futebol inclusivo”. Ele sempre afirmou e reafirmou que “*futebol é futebol, ponto final*” (sic).

A não ser que se tenha por propósito, os clubes não conseguem separar os sujeitos e encaminhá-los para seus reais interesses, com participação ou competição. Mas separar em modalidades distintas ou mesmo separar em grupos A, B, C, etc. em termos de nivelamento técnico ou condicionamento físico, seria uma solução adequada? Segundo me contou o Jogador 3, seu clube demorou muito para entrar no circuito de jogos proposto pela LiGay, exatamente porque não tinha como objetivo a competição. Ele narrou que foram muitos encontros falando sobre isso e muitos posicionamentos, tanto contra, quanto a favor. No entanto, disse-me que o clube acabou entrando por entender que ali naquele espaço também se construía políticas de

---

<sup>71</sup> Parte das entrevistas realizadas estão armazenadas em meu e-mail institucional do Gmail. Então, mesmo transcritas e gravadas num computador caseiro, se pode acessá-las de qualquer lugar, bastando, para tanto, acessar o e-mail.

direito aos espaços esportivos de pessoas LGBTQIA+. São pensamentos e posturas diferentes, que certamente não respondem à questão acima.

De sua parte, o Jogador 5 sempre cresceu fascinado pelo futebol e, inclusive, cursou uma escolinha em sua fase de formação estudantil. Quando mais adulto, começou a jogar num time de futsal, no qual participa até hoje. Como o Jogador 4, ele também tem muita habilidade e traquejo com a bola. Em dado momento de sua vida, conheceu um coletivo carioca de *homens gays e bissexuais* que montou o primeiro time de futebol para LGBTQIA+. Acabou migrando de grupo, mas daqueles tempos até hoje se engajou numa luta pela “causa esportiva LGBT”, como me explicou em entrevista, unido os dois coletivos de boleiros dos quais participa:

**Jogador 5:** Eu sou um privilegiado, sabe (...) que teve uma trajetória nesse sentido que 90% não teve, sabe? E muitos anos depois, né, já militando nos partidos LGBT+, eu pensava, não é por eu ser uma exceção e ser um privilegiado que eu vou, que eu não posso militar pela causa, que eu não posso dar minha contribuição à causa só porque eu fui uma exceção e nunca passei preconceito nem homofobia dentro de campo, né? **Isso não me impede de militar pela causa, de lutar pela causa, sendo um porta-voz da causa**, já que eu tenho essa questão do jornalismo, de me posicionar, de, sabe, de ter essa questão da fala, da escrita, porque não usar isso para defender uma causa que eu acredito da qual faço parte, né? Então acabou que eu me assumi por conta do movimento. Isso me deixou mais à vontade para isso e eu só tive respostas positivas, *feedbacks* positivos de ex-alunos meus e pessoas que eu não imaginava que eu teria, inclusive o meu próprio time não LGBT, que já sabia de mim, mas ali eles confirmavam.

**Entrevistador:** Que você não está mais jogando nele agora, você...

**J5:** Estou há 13 anos já.

**E:** Ah, sim? Qual que é o time?

**J5:** O nome é [time A].

**E:** Ah, tá. E aí, paralelamente, você joga no [time B]?

**J5:** Paralelamente em [time B]. E é engraçado que eu jogo domingo duas vezes por isso, que eu treino domingo de manhã com o [time B] e jogo domingo à noite com esse time não LGBT+. Eu não posso abandonar um time de 13 anos, né, que eu tive já questões até espirituais reveladas sobre esse grupo.

Entrevista com Jogador 5, 05/10/2020 (grifos meus).

A pergunta feita por ele é bastante pertinente: por que não militar ou ser um porta-voz da causa de inserir cada vez mais pessoas dentro futebol praticado por pessoas LGBTQIA+? Seria possível ser jogador de futebol e ativista ao mesmo tempo? Um primeiro “nível” de inclusão é justamente o acolhimento, o recebimento de uma pessoa que quer jogar bola em um clube que se diz praticar políticas afirmativas LGBTQIA+. Parece que a grande maioria dos clubes pratica isso. A partir daí, há outros “níveis” de inclusão, que nem sempre estão claros para os clubes, muito menos eles têm esses “níveis” por metas a serem efetivadas. O jogador 5 não é apenas um defensor da inclusão nesses futebolis, como é o principal divulgador dessa ideia de “futebol inclusivo”.

Quando a inclusão não é pensada como processo, algo que começa e deve se desenvolver ao longo do tempo (e, possivelmente, sem prazo para terminar), ela tende a morrer no primeiro nível, ou seja, naquele momento acolhedor, que acaba se caracterizando como falho, interrompido. Situações como as que se passou com o Jogador 6 podem ser ilustrativas disso:

E num belo dia, no primeiro treinamento de 2021 ainda pelo [time paulista], foi bem em janeiro, no final do treino, já tinha um alinhado que a **inclusão seria deixada um pouco de lado**, que a parte competitiva ia ser muito mais evidente, e isso o treinador falava olhando para mim diretamente, porque eu sempre pontuei, eu sempre briguei por isso, que a gente não poderia perder nossa essência e infelizmente o meio está perdendo [...]

Entrevista com Jogador 6, 23/02/2023 (grifos meus).

E aí, após isso um dos diretores virou para mim e falou assim: ‘olha eu sei que você emagreceu...’, porque nesse período eu perdi 22 quilos, porque eu fiz um *checkup* no corpo, enfim, eu precisava realmente correr atrás. Aí esse diretor chegou até mim e falou assim, ‘olha, eu sei que você perdeu peso, eu sei que você está melhorando, mas o seu nível é time X e time Y, mas continua se esforçando quem sabe um dia você consiga jogar no nosso time B’.

Entrevista com Jogador 6, 23/02/2023.

Tal jogador não esconde de ninguém que tem problemas com seu peso, mas apesar disso, gosta muito de jogar futebol. Ele já transitou entre dois clubes, um deles “do coração” e o outro “que o acolheu”, segundo me contou. A realidade árida da situação acima exposta é até embaraçosa de ser comentada, dentro do contexto em que estou analisando. Para ser

potencialmente aceito como num nível razoável dentro da equipe de segunda categoria de um dos clubes (justamente o do “coração”), o Jogador 6 deveria perder peso e apresentar melhora em sua capacidade técnica em seu futebol.

O mais inusitado desta demanda imposta a ele é que a mesma veio de um técnico do clube em um momento que o mundo inteiro ainda vivia as agruras de uma inusitada pandemia, em meados de 2021. Pelos fatos cronológicos relativos a ela, bem sabemos que houve muitos picos de contaminação e muitas mortes ao longo daquele ano.<sup>72</sup>

Mesmo tendo perdido cerca de 22 quilos, como narrou, o Jogador 6 deveria se enquadrar dentro de uma condição corpórea “melhor”, para talvez, conseguir suprir as expectativas do time de segunda categoria deste clube. Com a frustração pela impossibilidade de atingir isso, ele mudou de volta para o outro clube, que o acolheu pela segunda vez. Os dois clubes por onde passou competiram a última *Champions LiGay* e, para se ter uma ideia da diferença de nível técnico, tático e de entrenabilidade, o clube dele “do coração” (mas que o excluiu) ficou entre as três primeiras colocações e o seu time atual (o “do acolhimento”) caiu nas oitavas-de-final.

Realmente isso que aconteceu com tal jogador não é raro, nem nada novo – quando falamos de esporte profissional, de alto nível. Mas é uma situação complexa para o caso em questão. Ao que parece, as mesmas práticas de inclusão e exclusão estão operando simultaneamente nestes futebolis. Em realidade, talvez tenha que se entender que o “futebol inclusivo” tenha várias faces, ou distintas dimensões, por vezes contraditórias, que se combinam a todo instante.

O Jogador 5 joga futebol muito bem e é um grande entusiasta do “futebol inclusivo”. Ele atualmente está decepcionado com o andamento do rumo que as políticas que a diretoria da LiGay tem tomado. Segundo me contou, as dimensões não estão apartadas, ou seja, é possível ter o futebol de competição e também “trazer pessoas” para uma experiência inclusiva:

Então, assim, existe um **grande benefício de você trazer pessoas que não tinham contato com o futebol para dentro do futebol competitivo**, de viajar, concentrar junto e ver experiências incríveis com os colegas de equipe, ao mesmo tempo você tem uma segregação de pessoas que, ah, ‘não é bom o suficiente’, e aí o próprio treinador fala, ‘eu vou ter que, vocês querem que eu

---

<sup>72</sup> De acordo com um levantamento do Instituto de Estudos para Pesquisas da Saúde (IEPS), 21,5% de brasileiros/as adultos/as estavam obesos ao final de 2020, muito em decorrência do sedentarismo oriundo do primeiro ano pandêmico. Os dados concernentes a tal índice foram obtidos da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), coordenada pelo Ministério da Saúde. Disponível em <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/01/18/brasileiros-beberam-mais-e-engordaram-mais-no-primeiro-ano-da-pandemia-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em 18 mar 2022.

decida pelo nível técnico ou pela inclusão?'; 'É pra todo mundo ter o mesmo tempo de jogo ou é pra eu fazer as escolhas tecnicamente falando, fisicamente falando?'. Então, isso é um eterno dilema, que **pra algumas equipes até não é um dilema, e sabe, *whatever*, quem quiser só se divertir vai só se divertir, mas não no campeonato. Tem equipes que pensam assim.**

Entrevista com Jogador 5, 27/10/2022 (grifos meus)

Apesar de defensor da ideia de que a inclusão pode acontecer e estar na dimensão do alto nível esportivo, ao final de suas ponderações, o Jogador 5 explica que há o dilema, mas que “*quem quiser só se divertir vai só se divertir*” (sic), porém fora do campeonato. E observe-se como tal ideia perversa de que no esporte não há outro caminho que não a demonstração de excelência e que, sobretudo, valores como participação, aquisição de experiência e divertimento estão completamente excluídos dos propósitos deste âmbito competitivo.

Ainda o Jogador 3, por seu turno, tem uma solução para a aparente tensão entre participação recreativa vs competição (ou, entendendo de outro modo, inclusão vs exclusão) de equipes, dentro da estrutura esportiva oferecida:

Eu acho que a LiGay dá muitas respostas para muitas demandas, e é maravilhoso isso. E a LiGay dá uma visibilidade enorme [*ênfase...*]. É positivo. Eu acho que existe, sim, uma tensão, mas no meu entendimento, a tensão, a gente poderia falar desta forma assim (...). Acho que não falaria assim *futebol gay vs futebol LGBT*, mas no sentido de que a tensão existe porque não tá tendo a resposta do outro lado, no sentido de [que] deveriam aparecer outros times de várzea LGBT [risos...] é essa a ideia. Acho que é isso que tá faltando e que tá criando a tensão. Então, times que têm um perfil mais de várzea, são times que vão, que gostam de competir, mas numa outra modalidade, numa modalidade de ‘quero jogar com outro time pra ver quanto eu sou bom, pra ver se eu consigo ganhar do outro time’, mas não para eles elegerem o melhor, a supremacia. Sem ser uma lógica tipo ‘Brasileirão’, grandes campeonatos tipo ‘*Champions League*’. Isso falta (...). **Os times que vão surgindo, parece que eles vão entendendo que o futebol de LGBT é a LiGay. Então para eles existirem, terem sentido, eles têm que se preparar para ir bem na Ligay, em função da LiGay. E falta essa percepção de entender que eles, por si só existindo, já são maravilhosos, a coisa tá plena.**

Entrevista com Jogador 3, 02/02/2021 (grifos meus).

Essa ideia de que apenas a existência de um coletivo esportivo, com seu trabalho estruturado junto aos associados, basta por si só é algo muito interessante para a reflexão. Por esta lógica, os futebóis de pessoas LGBTQIA+ coexistiriam em eterna harmonia, apenas praticando jogos amistosos pelo prazer de competir e não para ganhar ou se mostrar superior uns sobre outros.

Talvez, então, um dilema se instaurasse: o que fazer com quem, dentro dos referidos coletivos, quisessem competir ferrenhamente? Mudança de pensamento ou criação de outro grupo de futebóis? Eis aí o possível dilema da inclusão social neste contexto: nunca se está, de fato, totalmente incluído ou incluindo outros.

Para finalizar, quero trazer uma situação ocorrida na Etapa Sudeste de 2023 da LiGay, um evento que foi organizado em São Paulo e ocorreu em meados de abril do referido ano. Eu não estive presente, mas me chegaram várias mensagens dos interlocutores comentando o caso em si. Ao que tudo indica, uma pessoa estava na torcida e exerceu seu “direito de opinião” desferindo gritos homofóbicos (semelhantes aos que eu presenciei no campeonato nacional) e xingamentos religiosos a um jogador em campo. O clube organizador do torneio até publicou uma nota no Instagram se justificando, dizendo que tal pessoa não fazia parte de seus associados e que já havia tomados as devidas precauções para seu afastamento (segue abaixo). A LiGay também se manifestou em nota nas mídias sociais.

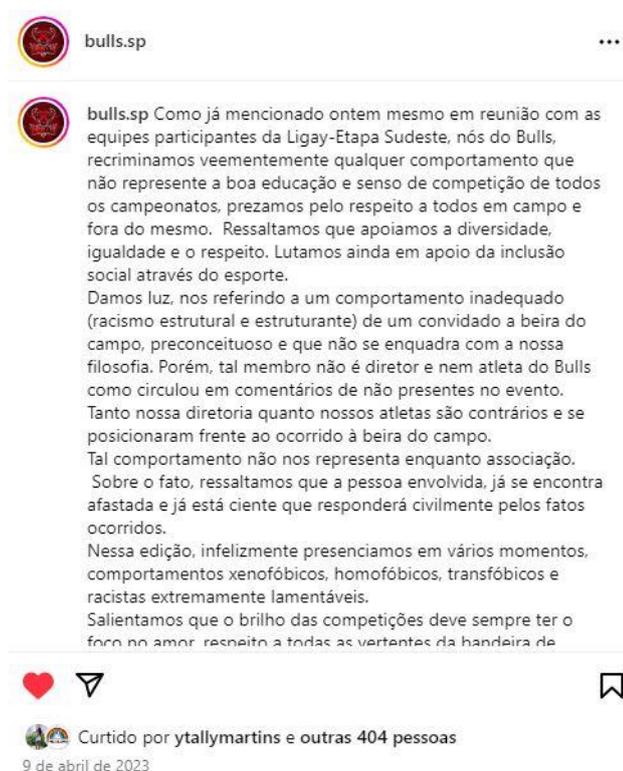


Figura 64: Nota do Bulls sobre episódio de racismo, Instagram Bulls (09/04/2023).

Penso ser providencial pensar junto com Eve Sedgwick (2007), em sua discussão sobre o armário da sexualidade. Para ela, a imagem dele é indicativa de uma violência homofóbica que não tem mesma valência para outras opressões, como racismo ou identidade religiosa. Isso nos decodifica que há neste caso de racismo e ofensa religiosa uma complexidade nas experiências vividas de pessoas que enfrentam múltiplas formas de marginalização. Obviamente isso não é uma desculpa que justifique o comportamento violento do sujeito, porém, no caso em questão, mesmo que ele se reconhecesse como homossexual, e ainda imbuído pelos recentes ventos direitistas de “direito de expressão”, não conseguiria sobrepor as opressões de modo a entender que aquele evento esportivo é um espaço de luta de excluídos, que são atravessados pelas ofensas que ele desferiu. Por isso, as abordagens que problematizam gênero, religião, classe social e racismos, por exemplo, são importantes elementos formativos da consciência destas pessoas.

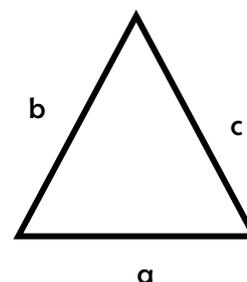
O Jogador 2, uma pessoa transmasculina, e que desde nossas primeiras conversas fala em propostas de “outros futebóis” a partir dos coletivos de luta LGBTQIA+, sempre entendeu a inclusão como uma política do cotidiano, a ser aplicada em cada movimento, desde a aceitação de sujeitos por parte dos clubes. Poucas vezes se referiu ao “futebol inclusivo”, pois acha o termo um pouco midiático e meio vazio em seu emprego atual. Trago sua opinião a seguir como um posicionamento contundente acerca do modelo de competição instaurado pela LiGay, desde que ela surgiu e iniciou um trabalho de propor um circuito de competições para clubes esportivos de pessoas LGBTQIA+:

Eu acho que tem que botar tudo abaixo e recomeçar do chão. Primeiro esse estereótipo de corpo saudável, que muitas vezes é associado à prática esportiva, principalmente no futebol normativo e particularmente nesse cenário de *homens gays*, cisgêneros e brancos (...). A segunda coisa que se repensa muito pouco, e que é um pensamento predominante no futebol *mainstream*, é essa coisa que eu vou chamar de competitividade tóxica, né, que você precisa sempre ou humilhar o outro time ou mesmo a pessoas que joga[m] em seu próprio grupo (...). Esses dois são elementos que nos faria avançar, e muito.

Entrevista com Jogador 2, 15/08/2021

## Parte C: os múltiplos futebóis

Os triângulos escalenos não são polígonos regulares e nem possuem eixo de simetria



A antropologia como disciplina independente nasceu mais tarde e era, parece-me, a consequência inevitável de uma série de temas muito universais no século XIX: o evolucionismo inspirado por Darwin e pelos então evidentes fatos da história europeia, bem como a incorporação de povos muito estranhos no mundo acessível. O evolucionismo (...) via na evolução e no progresso as noções-chave para a interpretação da vida humana (...). Com efeito, **a antropologia nasceu como a ciência máquina-do-tempo.**

(GELLNER, 1981, p. 20, grifos meus)

Evoquei este trecho de um texto clássico de Ernst Gellner, na introdução de um livro sobre história do pensamento antropológico, que li quando estava na graduação em Ciências Sociais. Nunca me esqueci dele, exatamente na medida em que a ideia de uma antropologia como “máquina do tempo” me fascinou naqueles anos em que ainda discutíamos produções cinematográficas como *De volta para o futuro* e se os robôs dominariam os humanos com os avanços da inteligência artificial.

Gellner foi um antropólogo (também filósofo e pensador social) que morreu na década de 1990 e deixou grande contribuição à área. Teve sua importância como um teórico da sociedade moderna, pensando as diferenças que distinguiam tal sociedade de outras precursoras. Passou pelo Brasil e tem uma razoável produção de textos na língua portuguesa. No fim da vida discutia nacionalismos e sociedade islâmica, temas que não interessam aqui.

No excerto acima evocado, o autor reflete que o estrondoso avanço do pensamento ocidental antropológico acerca das diferenças entre os grupos humanos está na capacidade de pensar-se a si mesmo de modo crítico e, a partir deste movimento, refletir sobre os (des)dobramentos dessas diferenças ao longo do tempo – um “tempo cronológico”, diga-se de

passagem. Apesar do evolucionismo enquanto marco referencial ter sido superado, as engrenagens da “máquina-do-tempo” científica da antropologia continuaram funcionando.

O conceito de tempo a que estamos acostumados na sociedade dita moderno-complexa industrial não tem a ver com o tempo estudado em algumas sociedades indígenas. Em muitas dessas, o tempo não é apenas linear, mas ligado à natureza, aos ciclos sazonais, às ritualizações e a outros eventos significativos, apresentando-nos outras perspectivas de mundo. O antropólogo Oscar Sáez (2006) produziu uma obra interessante sobre o povo Yaminawa, que vive no Acre, do tronco etnolinguístico Pano.

Não sou versado nas discussões da etnologia, mas o autor descreve uma realidade surpreendentemente complexa, que consiste numa dinâmica de repetições de nomes e, conseqüente manutenção de uma cadeia curta entre duas gerações ascendentes e duas descendentes. A matriz de interpretação do tempo Yaminawa oferece elementos além da compreensão da linearidade e circularidade. O que me interessa desta discussão é que o autor identifica a fractalidade como uma estrutura temporal, que estabelece um diálogo entre circularidade e linearidade. Como menciona:

Trata-se de um sistema fractal, no qual cada unidade é idêntica à outra, a estrutura das unidades maiores equivale a das menores, e o valor diferencial dos lugares (rio acima, rio abaixo, ribeira ou mato adentro) só existe sob um ponto de vista particular (SÁEZ, 2006, p. 359).

Ora, os futebóis de jogadores LGBTQIA+ mudaram e justamente o tempo linear e cronológico me fez buscar outra referência para compreender suas transformações. Quero usar a teoria dos fractais (o conceito de fractal e o tempo fractal) para tratar desses “múltiplos futebóis” como fractais do Futebol (em maiúsculo, como campo hegemônico de práticas e de produção/reprodução de conhecimentos e ações), que não aparecem/brotam/emergem por um tempo linear, mas sim fractal.<sup>73</sup> Quero lançar mão da linguagem matemática para tentar compreender/explicar as relações de confluência e disjunção entre “múltiplos futebóis” e Futebol.

---

<sup>73</sup> Segundo Ana Carolina Pereira (2011), a obra de Sáez é lacônica para pensar o tempo fractal, apesar de ainda seguir como importante referência. Usando conceitos da Antropologia, História e Matemática, a autora conclui que “(...) a matriz de interpretação do povo Yaminawa caracteriza-se por acrescentar uma terceira forma de percepção do tempo e obedece a uma estrutura, simultaneamente, linear, circular e fractal. Esta realidade evidencia um grau de complexidade que (...) não pode ser compreendida com o auxílio das categorias ‘tempo histórico’ e ‘consciência histórica’, sem antes passar por uma crítica teórica” (PEREIRA, 2011, p. 6).

Portanto, utilizo a noção de fractal porque ela é muito mais intuitiva do que objetiva (BAPTISTA, 1998), um conceito relativamente recente, da década de 1970, que foi introduzido pelo matemático francês de origem judaico-polonesa, Benoît B. Mandelbrot. Tal conceito já contribuiu com várias áreas do conhecimento, como a Física, Computação, Artes Visuais e até mesmo a Antropologia, como citei. “Fractal” significa fragmentado e a intenção do teórico era entender como esses pequenos objetos geométricos e complexos podiam exibir semelhança com estruturas geradoras, mas em escalas diferentes (MANDELBROT, 1983). Ao se observar um fractal isolado, ele se assemelha a estrutura completa e, ao mesmo tempo, produz distinção em relação a ela:

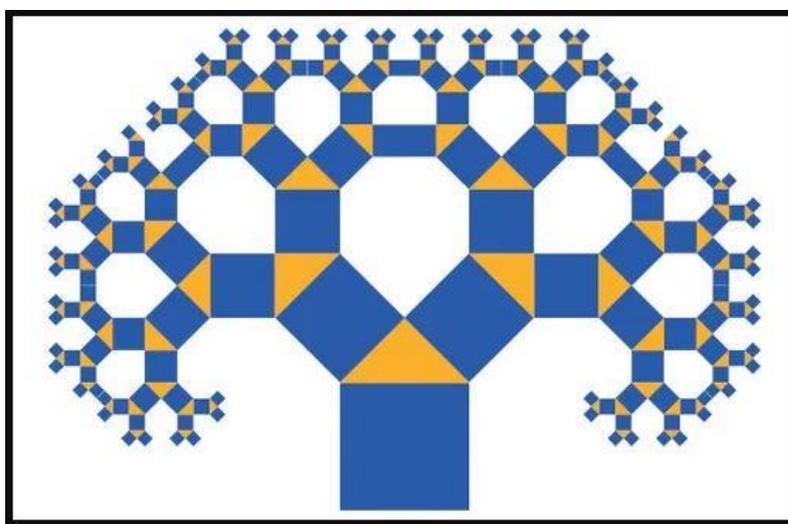


Figura 65: Árvore de Pitágoras

A “Árvore de Pitágoras” poderia ser uma delas. Ela tenta colocar em movimento (uma pena que a imagem acima seja bidimensional e estática) esses fractais. A partir de um corpo comum, o tronco da árvore como metáfora, brotam múltiplas expressões que vão se originando da matriz. Elas reproduzem em menor/outra escala a matriz; porém também modificam a forma principal e os propósitos, conforme se conformam e ao mesmo tempo em que se proliferam.

A “Árvore de Pitágoras” coloca em relação as três partes de um triângulo que o teorema traz: a hipotenusa  $h$ , o cateto  $a$  (adjacente) e o cateto  $b$  (oposto): o quadrado da hipotenusa é igual a soma dos quadrados dos catetos. Isso pensando em um triângulo retângulo, sistematização de Pitágoras, onde necessariamente um ângulo é de  $90^\circ$  e os lados são números inteiros.

Possivelmente essa igualdade baseada em quadrados não consiga, exatamente, reproduzir a sequência de espirais que produzem novos fractais. Ou, se conseguirem, os produziram na base da linearidade métrica, um equívoco se pensar na “geometria fractal”, segundo Mandelbrot (2003).

Quando descreveu os fractais, o matemático francês já havia analisado vários modelos matemáticos anteriores, mas nenhum deles conseguia atingir, de fato, a dimensão desejada. O citado anteriormente era um deles. Ele explica num livro em que foi convidado a escrever sobre a beleza dos fractais:

Meu livro cita inúmeros matemáticos famosos que trabalharam no período de 1875 a 1925, incluindo Poincaré, Cantor, Peano, Hausdorff, Sierpinski. Acreditaria eu, no entanto, que a geometria fractal foi ‘inventada’ há cem anos? De forma alguma! Minhas razões para citar esses autores combinam, invariavelmente, elogios intensos com críticas igualmente fortes. O elogio foi por eles terem inventado certas construções que eventualmente pude conectar e descobrir como sendo inestimáveis. A crítica foi por eles não terem percebido e desenvolvido **uma relação de parentesco entre seus modelos** e por terem tratado cada uma delas como um ‘monstro’ ou um conjunto ‘excepcional’, o que ignorou completamente sua verdadeira importância (MANDELBROT, 1986, p. 159, tradução livre, grifos meus).<sup>74</sup>

Levando o trecho anterior a sério e pensando em estruturas que possam me oferecer “parentesco” entre formas e considerar a importância disso para pensar os “múltiplos futebóis”, vasculhei esses matemáticos citados e encontrei o Triângulo de Sierpinski como sugestivo. Ele foi descrito em 1915 pelo teórico polonês Waclaw Sierpinski, que contribuiu sobremaneira com a área de estudos da teoria dos conjuntos e da geometria fractal (CALISTO, 2013):

---

<sup>74</sup> No original: “My book quotes innumerable famous mathematicians who worked in the period 1875-1925, including Poincaré, Cantor, Peano, Hausdorff, Sierpinski. do I think, therefore, that fractal geometry was ‘invented’ a hundred years ago? Not at all!! My reasons in quoting these authors invariably combine strong praise with strong blame. The praise was for their having invented certain constructions that eventually I was able to link together and found to be invaluable. The blame was for their having failed to see and develop a kinship among their constructions, and for having handled each of them as a ‘monster’ or an ‘exceptional’ set, which thoroughly missed their true significance.”

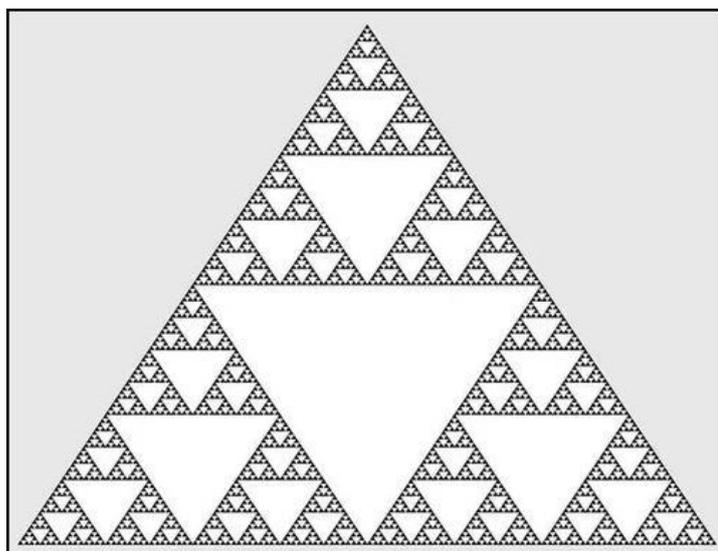


Figura 66: Triângulo de Sierpinski

O Triângulo em questão produz uma subdivisão infinita de outros pequenos triângulos (chamados subtriângulos), criando uma estrutura fractal notável com padrões autossemelhantes, em diferentes escalas. Podem ser triângulos escalenos, que não são polígonos regulares. Para Mandelbrot (1983) a autossimilaridade escalar é uma característica dos fractais, formas cujas dimensões não se alteram em razão da escala.

Observe-se que os triângulos dentro dos triângulos também se conformam dentro de outras formas triangulares, que se relacionam entre si como fractais em comunhão. O Triângulo de Sierpinski traz a forma, mas também possibilita que as pequenas formas fractais a mudem: na estrutura interna e na conformação.

De acordo com Javier Camargo e Rafael Ysaacs (2012, p. 4), tal triângulo “(...) é um dos espaços mais importantes e emblemáticos da geometria fractal”.<sup>75</sup> Tais autores, ao estudarem a forma triangular (chamada T) e seus fractais, propuseram uma construção indutiva para construir um contínuo que, além de preservar a propriedade de autossemelhança, oferece compreensões alargadas sobre outras formas topológicas interessantes. Observe-se a decomposição que fizeram do modelo, ao perceberem os fractais derivados:

---

<sup>75</sup> No original: “El triángulo de Sierpiński, que denotamos por T, es uno de los espacios más importantes y emblemáticos de la geometría fractal”.

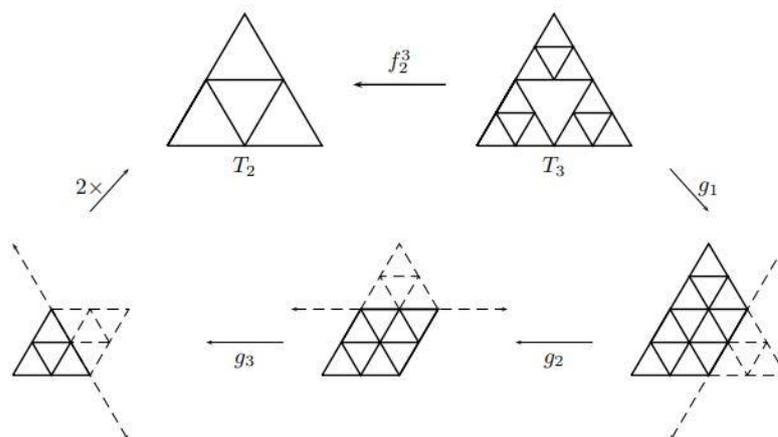


Figura 2. La función  $f_2^3$  paso a paso.

Figura 67: Modelo extraído de Camargo & Isaacs (2012, p. 6)

Enfim, vou aplicar o modelo na tessitura de uma explicação acerca das transformações no Futebol moderno que, além das matrizes já tratadas na literatura (DAMO, 2007), geraram (e continuam gerando) os “múltiplos futebóis”. Em minha pesquisa aqui, o futebol *gay* foi uma fractalização do Futebol convencional. O que se seguiu (e ainda segue) são fractalizações das fractalizações, que produzindo novos times boleiros em uma perspectiva mais fragmentada dos chamados “múltiplos futebóis” (*futebóis LGBTQIAPN+*). Para exemplificar de modo bastante simples e ilustrativo, vou emprestar o esquema elaborado de Vieira (2023) em sua tese de doutorado e, a partir dele, expando argumentos:

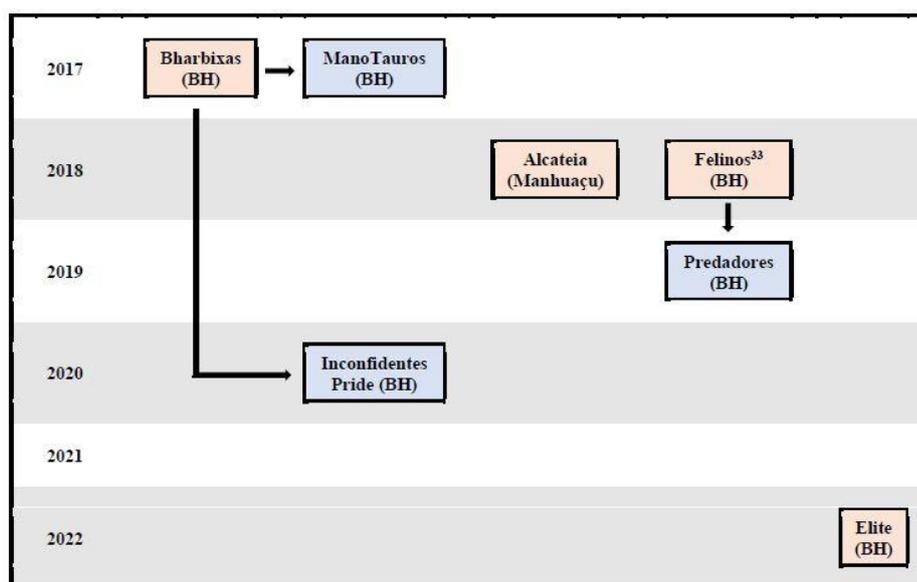


Figura 68: modelo explicativo extraído de Vieira (2023, p. 60)

O gráfico traz um tipo de genealogia do caso mineiro que mostra, de 2017 a 2022, como se comportou a formação de clubes esportivos de pessoas LGBTQIA+ que praticam futebol *society* no estado em questão. Neste caso específico, foco do estudo do autor, os times Bharbixas e Manotauros, ambos de Belo Horizonte, foram fundados em 2017. Eles já seriam fractais desfragmentados de uma estrutura maior, o próprio de quadra (futsal ou *society*), que é fractal do Futebol. Suas origens “brotam” deste Futebol, pois esse não consegue contê-los em si – e talvez nem se os contivesse, eles possivelmente se desgarrariam.

Em 2018, mais duas equipes aparecem no cenário mineiro (estou isolando o estado em relação ao país): Alcateia (da cidade de Manhuaçu) e Felinos (também da capital Belo Horizonte). Ambos são exemplos de fractais desgarrados da estrutura, mas o Felinos poderia ser “de dentro”, e o Alcateia, “da aresta” do triângulo (Futebol). Buscando traços dentro dos triângulos do Triângulo, esboço uma explicação:

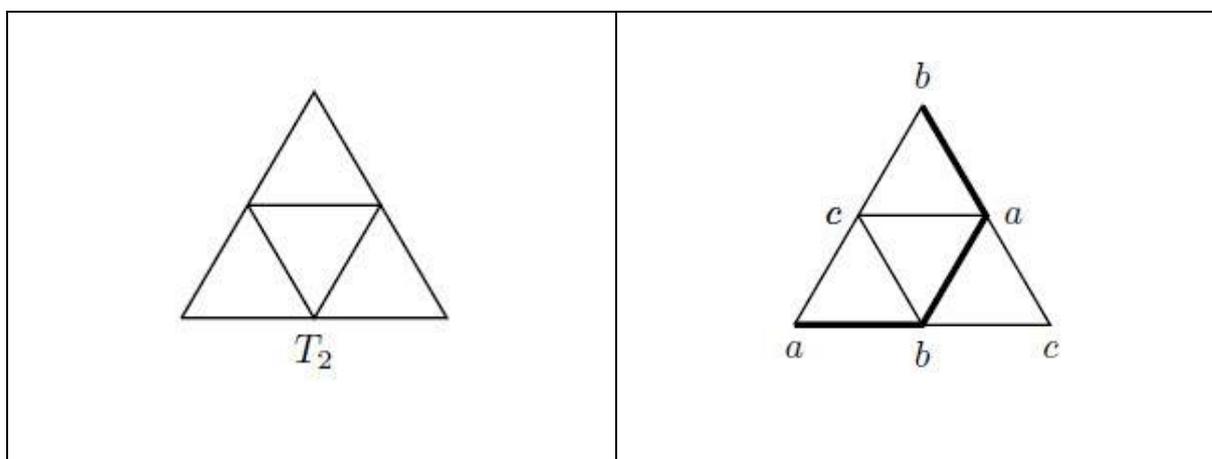


Figura 69: Triângulo de Sierpinski segmentado

Seguindo com a fragmentação, em 2019, o Predadores se origina do Felinos e o Inconfidentes Pride, do Bharbixas – esse último criado em 2017. Vieira (2023) trata tais processos como **cisões**, isto é, separação de um grupo que estava insatisfeito dentro do grupo maior. Pelo que tento explicar aqui, penso que não é somente isso. Quando olhamos para os processos de formação dos “múltiplos futebolis”, vemos mais do que simples decisões de separar e formar outro grupo. Por exemplo, equipes que resgatam a masculinidade dentro da homossexualidade; outras que enfocam nas capacidades de *pessoas trans* em construírem seus futebolis; outras ainda, que discordam dessas últimas, propõem times de pessoas *transmasculinas*, que não seriam “homens” *stricto sensu*, nem “transexuais” *stricto sensu*.

Discordo do pesquisador acima porque a cisão é um processo unidirecional, estanque, ou seja, uma vez ocorrida, se cessa. Tomar a formação de “múltiplos futebóis” como dinâmica, mostra-nos que a geração de pequenos fractais (ou outras equipes, em nossa analogia), nunca vai cessar, independente de questões internas – que, no caso, o pesquisador nomeou como “desagravos” ou “discordâncias ideológicas” entre jogadores-membros.

Os novos clubes “brotam” da estrutura como fractais e, por mais semelhança que tenham em relação à matriz (mesmo a matriz do tal *futebol gay*), são novas entidades resultantes. Por mais que o “tempo cronológico” dos humanos explique uma criação ou desaparecimento de um grupo, aqui ou acolá, o “tempo fractal” não é ordenado por esta lógica. Novos fractais brotarão da estrutura ou de suas subestruturas espontaneamente, aleatoriamente, e quando houver forças que assim os facilitem.

Por fim, note-se que a fractalidade no caso mineiro continua sua formação, com o aparecimento do clube Elite, em 2022 – que está distante da criação do Bhabixas, em 2017, e não tem vínculos com outros times do estado. Não é possível tentar prever que em um ou dois anos, dependendo da realidade observada, uma equipe de futebol vinculada à pauta LGBTQIA+ vá aparecer, porque o “tempo cronológico” não comanda o “tempo fractal”. Isso está completamente equivocado, como se constata na genealogia dos clubes (início da parte A), um time pode dar origem a outros, continuando o processo de fragmentação, ou ele ou outros podem entrar em estado de latência e, simplesmente, desaparecer(em) – o caso dos Sereyos, de Florianópolis, mostra isso. Não há linearidade, muito menos regularidade, neste processo de novas formações. Assim, importante tomar os movimentos que criam os clubes destes futebóis a partir da noção de “tempo fractal”, cujas regras são próprias e desreferencializadas em relação ao “tempo cronológico”.

Mas, em que pese o modelo servir ao nosso propósito, ele não consegue explicar o “beco sem saída” em que ficam os sujeitos quando, após criado um clube de futebol, ou entram no esquema do formato de competição estabelecido pela LiGay, ou correm o risco de extinção e possível nova fragmentação. E, num nível mais geral de análise, isso mantém a insatisfação que afeta a todos sobre o que querem esses futebóis e para onde vão?

Traçando um paralelo com nossa história contatada aqui, Mandelbrot (1983) passou por questões semelhantes quando repensava os padrões de seus fractais: eles se repetiriam infinitamente em escalas diferentes e sempre de modo autossemelhante? E foi quando ele se lembrou de um modelo matemático de Gaston Julia, apresentado a ele ainda na adolescência por seu tio, Szolem Mandelbrojt, um professor de matemática do Collège de France.

Mandelbrot releu àquelas anotações dos anos 1920 e adicionou a elas computação gráfica, percebendo que Julia tratava de estruturas fantásticas. O grupo de pesquisa do teórico alemão Hubert Cremer o ajudou a perceber onde queria chegar o modelo de Julia<sup>76</sup>:

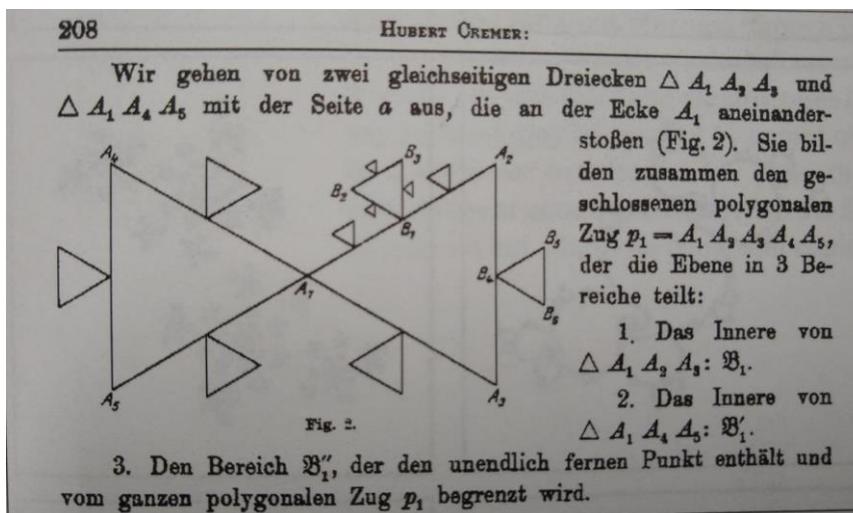


Figura 70: Primeira visualização do modelo de Gaston Julia (PEITGEN; JÜRGENS; SAUPE, 2004, p. 121).

Mandelbrot, portanto, percebeu que “rodando” o modelo de Julia, certamente as estruturas autossemelhantes se faziam presente, porém havia transformações não lineares, disruptivas, distintas da forma original. Observe-se na figura pequenos triângulos fractais fora do modelo. Como Peitgen, Jürgens e Saupe (2004, p. 123) concluem:

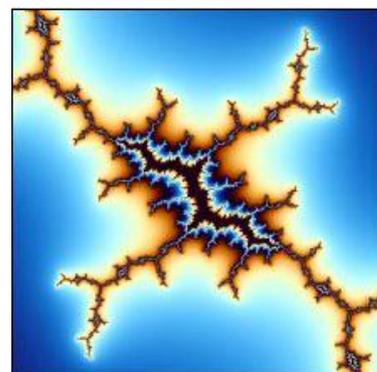
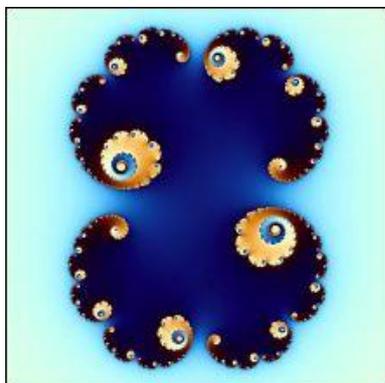
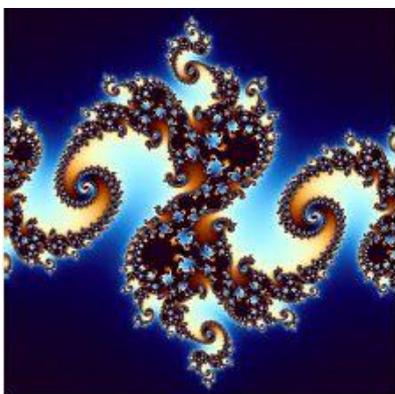
Há autossemelhança no modelo de Julia? (...) parece óbvio que existem estruturas que se repetem em diferentes escalas. De fato, qualquer conjunto de Julia pode estar repleto por cópias de si mesmo, mas essas cópias são obtidas por **transformações não lineares**. Portanto, a autossemelhança dos conjuntos de Julia é de natureza muito diferente se comparados com o modelo de Sierpinski, que é composto por cópias reduzidas, mas de forma idênticas a si mesmo (PEITGEN; JÜRGENS; SAUPE, 2004, p. 123, grifos do autor, tradução livre).<sup>77</sup>

<sup>76</sup> O professor Hubert Cremer havia organizado um seminário na Universidade de Berlim em 1925, que congregou os mais proeminentes matemáticos daqueles anos. Na ocasião, não apenas o modelo de Julia fora analisado, como se constatou que ele apresentava padrões bastante distintos para operações polinomiais complexas (PEITGEN; JÜRGENS; SAUPE, 2004).

<sup>77</sup> No original: “Is there self-similarity in the Julia sets? Already from our first crude figure it seems obvious that there are structures that repeat at different scales. In fact, any Julia set may be covered by copies of itself, but these copies are obtained by nonlinear transformation. Thus, the self-similarity of Julia sets is of a very different nature as compared to the Sierpinski gasket, which is composed of reduced but otherwise copies of itself”.

Mandelbrot (2003) descobriu a “beleza dos fractais”, descritos como “erráticos” por ele, termo que, segundo explicou, tinha valência fraca. A descoberta necessitava de um nome mais apropriado (“geometricamente caóticos”), que vem anos depois. A “geometria caótica dos fractais”, que contrasta a autossimilarança ordenada e o caos desordenado está em estruturas na natureza, no mundo vivo, ao nosso redor.

Portanto, a proliferação de fractais “dentro” da estrutura respeita a autossimilaridade da forma-mãe, dada em sua “origem”, ou em sua “base”. Mas, a proliferação caótica e disruptiva dos fractais oferece outras formas e configurações possíveis, na maioria das vezes imprevisíveis e inimagináveis:



Figuras 71: A proposta de Julia aplicada ao modelo de Mandelbrot (Disponível em <https://fractalsaco.weebly.com/julia-set.html>).

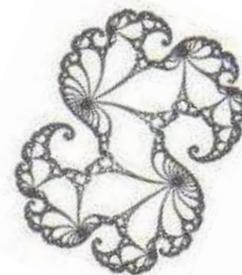
Eis que, olhando para a realidade dos fatos e de volta a nossa preocupação aqui, temos uma proliferação de múltiplos futebóis, e não somente relacionados aos coletivos LGBTQIA+. No espectro da alteridade, temos os futebóis de mulheres (cis, trans, lésbicas, negras, periféricas, etc.), os futebóis adaptados (futebol de cegos, de paralisados cerebrais, de amputados, de síndrome de down, etc.), os futebóis de indígenas (futebóis xikunahity, kunhãmuká, bakatá, huka-huka) e os futebóis dos coletivos mencionados, alguns dos quais nem bem se definiram seus contornos ainda (como o nascente futebol de mulheres trans ou de pessoas intersexo).

Todos eles, sem exceção (inclusive os indígenas citados) são variações do Futebol de homens, com pouca ou nenhuma mudança nas regras, que sim, possuem suas próprias agências no jogar, mas não abdicam do modelo excludente que os expurgou. Entendo isso de dois pontos de vista: a) como estratégia de reinserção ou luta pelo reconhecimento (como o futebol de mulheres cis e o *futebol gay*, por exemplo); b) como forma de diálogo com um linguajar que é comum, ordinário, está “inscrito” na cultura.

A pergunta que fica para estas expressões futebolísticas, e particularmente para àquelas relacionadas aos futebóis de grupos LGBTQIA+, é a seguinte: até quando seguir perseguindo repetir padrões autosssemelhantes, em processos lineares de reprodução de um modelo já esgotado?

## Considerações finais

A beleza dos fractais reside na questão de serem totalmente imprevisíveis



### 1º tempo

Como não seria diferente, dado a lógica da estruturação do trabalho até aqui, estas considerações finais estão divididas em três partes, que se complementam. Nesta primeira, quero tentar amarrar pontos sobre o que foi falado e trazido ao longo das sessões anteriores. Na segunda, ousou uma comparação entre o *futebol gay* e *trans*, numa espécie de ensaio pseudo-filosófico sobre a relação de referência e rejeição de ambos e, por fim, na última discuto um pouco o “futuro” do sentido político da existência destes “múltiplos futebolis” de pessoas LGBTQIA+.

Espero que tenha ficado claro que tentei narrar o processo etnográfico de três modos distintos. A ideia da tríade envolta nesta narração não é apenas um recurso estilístico, muito menos um delírio didático. As três partes marcam a ideia de que na tríade não há consenso e, portanto, nenhuma leitura ali feita é melhor do que a outra. E nenhuma delas se sobrepõem à outra. São leituras, que se complementam e também se afastam. Na somatória, formam partes do fractal (no caso, triângulo) eleito para explicar figurativamente as derivações que são esses futebolis.

Faço o *mea culpa* se em algumas partes que tomei parte dos sujeitos. Sei que, em dados momentos, assumir o “lugar de denúncia” na fala e nos posicionamentos do antropólogo faz com que a controvérsia seja eliminada e a análise pasteurizada. Porém, sendo também esportista, homem cis homo-orientado e preocupado com o futuro das práticas de esporte/futebol destes grupos, talvez resquícios de envolvimento tenham ficado pelo caminho. Este meu alerta já é uma tentativa de corrigir o “efeito bias” que possa interferir nas reflexões e conclusões sobre o tema investigado. Mas, de fato, esta tese está longe de ser “militante”.

Quis mostrar também que nos envolvimento com seus futebolis, no clube ou nos eventos esportivos, os processos de subjetivação dos sujeitos que se pensam e pensam o jogar

bola e aqueles ambientes competitivos desdobram-se em processos de diferenciação, uns dos outros, tanto no que diz respeito aos futebolis estrito senso, quanto nas performances que envolvem as sexualidades. A insistência no termo *gay* para classificar o futebol, as relações, o orgulho funciona como elemento de distinção em relação a outros, e, notoriamente, às pessoas *trans*.

Na **parte A**, portanto, resgato o “tempo cronológico” das etnografias que marcam o percurso da pesquisa. Ainda que tenha salientado que não acredito em “origem histórica” do surgimento destes futebolis, houve um movimento anterior de ações e tentativas em efetivar práticas esportivas para coletivos LGBTQIA+ e isso, certamente não se iniciou em 2015. Talvez, o que possa dizer é em 2015 houve condições materiais, políticas e institucionais para que uma iniciativa fosse concretizada e seu modelo acabou se popularizando. Contudo, como já disse, penso que as articulações de quem influenciou quem devem fazer parte de outra pesquisa, mais localizada e em detalhes. Procurei ainda, nesta parte, mostrar como o futebol destes grupos foi sofrendo fractalização e mudando sua própria nomeação, sendo que o dito *futebol LGBTQIA+* funciona apenas como uma capa semântica, nada real, que esconde um forte *futebol gay* dominante em relação a outros futebolis ainda nascentes. Os “balanços etnográficos” não serviram apenas para fechar as sessões da parte A, mas para mostrar, inclusive, uma maior racionalização e burocratização deste futebol de cunho identitário a partir de sua criação.<sup>78</sup>

Por sua vez, a **parte B** objetivou trabalhar com as tensões estabelecidas entre os sujeitos e seus futebolis. Aglomerei-as em polos opostos que perpassaram as comunicações entre mim e os entrevistados: amadorismo vs profissionalismo, homossexualidade vs heterossexualidade e inclusão vs exclusão. Vale destacar que o tensionamento colocado entre amadorismo e profissionalismo remete, guardadas as devidas proporções, à própria história do esporte e do Futebol convencionais. De outra parte, a homossexualidade e a heterossexualidade são embates permanentes no jogo destes sujeitos, que invariavelmente atrelam a performance esportiva a uma ou outra, com implicações neste movimento. De 2017 a 2023 muitos *homens gays* “melhoraram seu jogo” (termos deles) no intuito de jogar (e vencer) jogadores em ligas compostas de homens heterossexuais, e os *jogadores trans* têm ido pelo mesmo caminho. Para ambos os grupos, a heterossexualidade (ou o jogar como heterossexuais) passa a ser a “prótese” de sobrepujança destes futebolis. Por fim, os debates sobre inclusão rondam o fantasma da

---

<sup>78</sup> Allen Guttmann (2004) mostra que o processo de racionalização da ação social envolve uma demanda crescente por cálculo, padronização, controle e mensuração, além da burocratização excessiva (organização institucional do esporte com centralização) são duas categorias que moldam o esporte moderno. Nesse sentido, parece que a parte proeminente destes futebolis quer o alinhamento com os valores modernos do futebol, não transmodernos (SOUZA JR.; CARVALHO; PRADO, 2023). Sobre este último aspecto, comento na terça parte destas considerações finais.

exclusão, sempre presente, porém escamoteada nas relações. O “futebol inclusivo” é uma miragem para a maior parte dos entrevistados desta pesquisa e apenas sobrevive, de fato, no discurso ideal, tanto deles, quando da entidade-mãe.

Finalmente, na **parte C** elaboro um esforço teórico para tentar explicar a matriz dos múltiplos futebóis e sua máquina de produção incessante. Fazendo uma meta-análise de modelos matemáticos que explicam a existência e surgimento dos fractais, consigo relacioná-los com a produção e reprodução dos futebóis, dentro de uma matriz múltipla. A partir disso, mostro que as chamadas “cisões” que dão origem a outros grupos dentro do espectro LGBTQIA+ destes futebóis são, em realidade, fragmentações que originam novos fractais (clubes ou equipes). E com esta discussão/teorização pretendi mostrar que, ao se “desgarrar” da matriz, o modelo não precisa copiá-la exatamente para se efetivar como possibilidade. Toda essa reflexão embasa, igualmente, propostas mais concretas e pedagógicas de formação de “outros futebóis”, desvinculados na forma de jogo, estilo e objetivo do Futebol convencional.

Em todo o trabalho procurei ir menos atrás dos discursos e sim busquei observar como eles são produzidos, seus contextos e enunciações. Além disso, trouxe imagens (figuras) em todo o texto, não de modo a ilustrar o que falava, mas para mostrar que as próprias imagens diziam por si, ou seja, as imagens funcionam também para pensar a constituição da subjetividade destes sujeitos e expressar suas emoções humanas, por meio de ações, registros, intencionalidades e mesmo memórias.

## 2º tempo

Durante o trabalho aqui desenvolvido, evitei falar de “futebol LGBTQIA+” porque, em realidade, o futebol observado é majoritariamente performado por *homens gays*, como se chamam. De meus entrevistados, cinco se consideram “homens gays”, um deles se designa “pessoa transmasculina” e o outro se autointitula “bissexual”, tendo admitido para mim, *off record* (fora do contexto da entrevista), que suas práticas sexuais e afetivas são mais homo do que bissexuais. Por isso, a fim de não invisibilizar ninguém, nomeei meu objeto de *futebóis de homens gays e bissexuais*, e vez ou outra, tratei do *futebol trans*. Confesso que quero trazer algumas considerações comparativas aqui, em que pese do “lado trans” não tenha condições de responder problemáticas complexas levantadas em quadras esportivas por jogadores *trans* e transmasculinos, que não foram interlocutores desta pesquisa em número suficiente. Por isso, minhas especulações neste subtópico são mais da ordem do antropólogo reflexivo do que do etnógrafo, neste caso.

A única pesquisa de monta que tomei contato nos últimos tempos e que teve esse cuidado analítico acerca da composição interna do acrônimo LGBTQIAPN+ é a de Vieira (2023). Assim como eu, ele encontrou em campo sujeitos semelhantes, porém sua investigação se circunscreveu ao estado de Minas Gerais. Como ele afirma: “dessa forma, vê-se que os antigos ‘times gays’ migraram, ainda que **somente na nomeação**, para ‘times LGBTQIA+’. Mas os times transmasculinos não mudaram sua configuração – nem mesmo na nomeação” (VIEIRA, 2023, p. 142, grifos meus). No entanto, talvez em nome de uma militância (saúdavel, diga-se de passagem), tal pesquisadore comete o equívoco de chamar tudo de “futebol LGBTQIAPN+”, não reconhecendo que não há representantes de algumas siglas nestes futebóis e, além disso, há fractalizações em curso – como o emergente futebol de sujeitos transmasculinos.

Sem dúvidas, seria necessário investigações mais profundas para entender não apenas como esses homens, cis e trans, subjetivam suas práticas relativas aos seus futebóis, mas como conseguiríamos colocá-los num plano comparativo, por meio de um método de investigação apropriado. O método comparativo em antropologia recebeu ferrenha crítica de Franz Boas, o pai da disciplina, já em 1896: “o método comparativo somente pode ter a esperança de atingir os efeitos pelos quais tem se empenhado quando basear suas investigações nos resultados históricos de pesquisas dedicadas a esclarecer as complexas relações de cada cultura individual” (BOAS, 2004, p. 38).

Portanto, mesmo como um exercício arriscado, quero pôr em marcha uma comparação ainda provisória e ensaísta sobre os futebolis de *homens gays/bi* e *trans/transmasculinos*, que tive oportunidade de ver acontecer. Penso esta comparação em dois momentos, quais sejam, a identificação das semelhanças e diferenças entre os elementos que caracterizam estes futebolis e uma apreciação sobre as características no cruzamento de informações.

Afinal, como afirmam David Kaplan e Robert Manners (1975, p. 276), “as categorias cognitivas do antropólogo como antropólogo, por outro lado, são designadas para outro fim; elas não são destinadas a reproduzir a ‘realidade cultural’, mas a mantê-la compreensível numa estrutura comparativa”.

Levando em considerações categorias de pensamento traçadas pela antropologia, e não exclusivamente pelos “nativos”, quero compreender como o futebol de jogadores autodeclarados *homo/bisexuais* funciona como **relação de referência e rejeição** ao futebol de jogadores *trans* no cômputo da inteligibilidade dos “múltiplos futebolis” – que, por conseguinte, envolvem todos os subtipos em pauta aqui como fractais múltiplos da estrutura F(utebol).

Eu poderia tratar das expressões futebolísticas dissonantes separadas umas das outras. Porém, quero tecer uma comparação entre os dois futebolis ao mesmo tempo (ou talvez os quatro futebolis, se tomar que o futebol de *homens bi* e de *homens transmasculinos* são diferentes, ou operam de modo distinto, dos outros dois em pauta). A comparação nesta díade (ou tétrade) serve para colocar sob a mesa a pauta potente de cada expressão futebolística em específico e ainda para elencar elementos em comum. Serve, outrossim, para que no jogo das comparações, nenhuma vertente se sobreponha sobre a outra e que as duas/quatro possam coexistir em espaços esportivos, oferecendo iluminações a nós, antropólogas/os.<sup>79</sup>

O *futebol gay* existe na medida em que muitos jogadores se referem aos seus jogos de bola dessa maneira, ainda atualmente. Basta pesquisar nos *hashtags* do Instagram, como #gaysport, #gaypride, #soccerboys, #futgay, #futebolgay, #gayfootballer, etc. O termo que designa este futebol “pegou”, por assim dizer, porque quer nomear um fenômeno distinto (o *futebol gay*), dentro das expressões futebolísticas possíveis, fractais do futebol e também nas redes sociais.

Neste sentido, num primeiro nível está a distinção deles em relação a outros homens, que jogam bola e estão nas mídias sociais. As *hashtags* têm a função de agregar, colocar em contato, em qualquer parte do planisfério, via *likes* e perfis. São homens “gays”, de um lado,

---

<sup>79</sup> Confesso que, no entanto, vou reduzir e homogeneizar as categorias como *futebol gay* (acerca dos futebolis gay/bi) e *futebol trans* (sobre os futebolis trans/transmasculino) para que alguma comparação seja possível.

que praticam futebol e “buscam” outros *homens gays*, que joguem bola ou gostam de futebol. É uma tentativa de caracterização da homossexualidade no mundo futebolístico.

É o que ocorre com os “instaboys”, em geral *homens gays*, que encontram outros via rede social e os seguem. A busca e as *hashtags* também operam a favor desses sujeitos, que querem demarcar posicionamento contrário a outros que jogam o Futebol convencional e para os quais a sexualidade nunca parece ser uma questão – aliás, como se referiu certa vez um torcedor que assistia a uma pelada comigo, “*esses jogadores que nem sabe se são, de fato, héteros*” (sic).

Num segundo nível de diferenciação está a intenção clara de se colocar num patamar outro, diferente, de outros sujeitos inseridos na sigla LGBTQIA+. E, assim como se passa na sociedade, *homens gays* querem afirmar suas diferenças com outras minorias sexuais, mesmo sendo considerados eles próprios uma minoria dentre elas.

Na era das redes sociais, particularmente neste momento do Instagram, a referência com o termo *gay* por parte dos #gayboys, nada tem a ver com a caricatura feita pelo senso comum de jogadores desmunhecando em quadra, ou vestidos de rosa, com adereços de plumas e paetês. Aliás, longe disso. Como Luciene Dias e Lázaro Gomes Jr. registraram sobre a postura “educativa” do árbitro Clésio Moreira, que ficou famoso como “Margarida” porque vestia rosa e fazia alusão a ser *gay* no Futebol, “(...) comportamentos como o de Clésio Moreira dos Santos, pelas lentes que iluminam nossa escrita, contribuem sobremaneira para fortalecer não só a homofobia como também a misoginia no futebol.” (DIAS; GOMES JR., 2020, p. 244).

Por isso, talvez as *hashtags* de identificação deste grupo tenham permanecido, mas seus registros fotográficos mudaram ao longo do tempo: isto é, se no início do *futebol gay* mais performances efeminadas aconteciam como demonstração de liberdades ou de práticas zombeteiras, contrárias à estrutura excludente destes sujeitos (o Futebol, com maiúsculo), agora a estética predominante nas fotos e perfis é o do *gay* esportista macho, sexualizado, amante de Futebol.



Figura 72: Performance Unicorns, *Champions LiGay* Brasília.  
Fonte: Instagram Unicorns (abril 2019).



Figura 73: Formação do time Unicorns, *Champions LiGay* Porto Alegre.  
Fonte: Instagram Unicorns (novembro 2023).

Possivelmente, então, exista um “estilo gay” de jogar bola no Brasil: sisudo, determinado, rígido com seu corpo e seu sexo (ou orientação sexual), inclinado a “mostrar serviço” no jogo dos pés com a bola de futebol. Isso salvaguarda esses indivíduos em relação à

ocupação do espaço do Futebol que querem capturar e, ao mesmo tempo, os diferenciam em relação ao “restante” da sigla, que parece ainda engatinhar na proposta “esportiva” e, para os gays, ainda permanecem no âmbito da “recreação”. Aliás, para os inseridos neste *futebol gay* mais competitivo e agressivo, alguns times que não avançam na tabela e nem jogam bem estão, inevitavelmente, num nível ainda muito amador e recreativo. Como me afirmou o Jogador 5, “*estou aqui pra jogar*” (sic).

Pelo que tenho identificado em quadras de grama sintética país afora, o “estilo de jogo gay” quer vir para ficar, para mostrar que, em termos de futebol, homens heterossexuais não têm mais a primazia do bom jogo, das belas jogadas, das formas mais inusitadas de fazer gol, dos treinamentos fortes e resistentes em relação à modalidade. *Homens gays* querem mostrar que também dominam a arte de manejo da bola, dos voleios, dos chapéus, das jogadas emblemáticas, dos gols encaixados.

O *futebol gay* foi amortecido publicamente pelo peso do acrônimo LGBTQIA+. Em realidade, percebo que meus interlocutores querem continuar falando em *futebol gay*, jeito *gay*, características *gays*, e assim por diante. No entanto, se controlam e se contornam neste desejo, racionalizando a fala. Portanto, praticam o que nomeiam *futebol LGBT*. Mas esse futebol não é tão plural quanto se mostra na linguagem. Não há travestis jogando; pouquíssimos homens se consideram bissexuais, não há lésbicas vinculadas com seus times de futebol à LiGay, não se permite mesclas com *jogadoras trans*.<sup>80</sup> Então, o *futebol LGBT* ou *futebol LGBTQIA+*, como quer Vieira (2023), não existe pela ausência de si mesmo. É uma entidade fantasma, vazia em si mesma.

Na fatura do *futebol gay* teve origem e vem se desenvolvendo o *futebol trans*. O “T” representativo de transexuais, travestis e de transgêneros, ou pessoas trans, recentemente começou a ser apropriado por pessoas transmasculinas e transfemininas. Alguns sujeitos que se designam como transmasculinos não aderem ao estereótipo cis-heteronormativo de homens e mantêm dubiedades no tocante à sua sexualidade. E sim, as pessoas trans começaram um movimento de dentro da LiGay para terem seus times jogando a *Champions*: em 2022 houve quatro equipes, em uma chave separada. A fractalização do fractal gerou o *futebol trans*. Por mais que para nós, acadêmicas/os, o *futebol trans* seja entendido como uma “prática futebolística de corpos trans”, esses sujeitos classificam seu próprio jogo de *futebol trans*.

O *futebol trans*, numa curta temporada em 2022 foi “de dentro” da LiGay, e em 2023 ensaiou o “de fora”, situação ainda não definida. O estar “de fora” da LiGay vai gerar outra

---

<sup>80</sup> Como mencionei, Ytally Martins é uma exceção na equipe Felinos e, segundo um de meus entrevistados, “joga como homem”.

fractalização, outro fractal dos “múltiplos futebóis”. Possivelmente uma “Liga Trans”, ainda não criada, na qual o *futebol trans* será distinto do *futebol transmasculino*, jogado por pessoas transmasculinas.

O *futebol trans* tem, então, essa estreita relação de referência com o *futebol gay*, porque só foi possível para ele existir em função do *futebol gay* que veio antes e abriu as portas do conhecimento social sobre o que eram pessoas da sigla LGBTQIA+ jogando bola. Porém, ao mesmo tempo, o *futebol trans* constrói um vínculo de rejeição, na medida em que procura seu próprio caminho, se afastando da estrutura de onde “saiu”, digamos assim. O *futebol trans* é plural, o *futebol gay* é singular. Num primeiro nível, o *fut trans* quer ser o avesso do *fut gay*, particularmente quando afirma sua legitimidade sem referência anterior, sua independência nas quadras, suas formas de ser e jogar, por exemplo, ser um “*jogador com peitos dentro de campo*”, como disse o Jogador 2.

No entanto, com o passar do tempo e a aquisição da passabilidade<sup>81</sup>, o *fut trans* quer fagocitar o *futebol gay*, quer tomar-lhe o lugar – não na consideração de *homens gays* e *bissexuais*, ou em seus modos de se relacionar socialmente, mas no lugar de projeção (inclusive midiática), que o primeiro conquistou. Além disso, quer o lugar de proximidade com a heterossexualidade, com a qual flerta o *futebol gay*. O que não seriam os rasgos de machismo que se pode presenciar entre esses jogadores e as mulheres cis que orbitam seus jogos? O que não seriam as próteses penianas debaixo de seus calções? O *fut trans* materializa, de fato, a ideia de heterossexualidade como prótese gay.

Portanto, o *fut trans* é o novo *fut gay*: seus praticantes querem “jogar bem e cada vez melhor”, querem se destacar, querem ser artilheiros, querem ter um corpo dentro dos moldes da masculinidade-padrão (afinal, um *homem trans* com “perfeita passabilidade” não se distingue de um *homem gay* belo ou de um heterossexual desejado). Estão aí os perfis de instagramers famosos, como do esportista Bailan Buschbaum, do boxeador Patrício Manuel e do artista Rhys Ernst para comprovar.

Elus querem fazer jogadas que transcendam a transexualidade – desculpem a aliteração. Aliás, como me afirmou num torneio certa vez um jogador (homem) trans: “*eu sou homem e sou jogador de futebol, ponto*” (sic). Pelo que percebi, para ele a transexualidade foi um estágio

---

<sup>81</sup> Conceito êmico (do campo) que se refere a um corpo em transição quase finalizada de gênero, que é visualmente percebido por outras pessoas como pertencente ao gênero com o qual se identifica. Como neste trecho trazido por um homem negro e trans: “Comecei a ver que as pessoas na rua, principalmente as mulheres cis, ao notar minha presença sentiam-se ameaçadas e passavam a andar mais rápido, segurar suas bolsas, entrar em estabelecimentos, correr. São nesses momentos que consigo perceber que alcancei a tal da passabilidade cis, ou seja, passar despercebido, sem ter o gênero questionado pela sociedade” (SANTANA, 2019, p. 99-100).

anterior, que já ultrapassou e no qual ele não mais se encontra. Agora ele “habita” os universos da cisgeneridade e da heterossexualidade.

Esse futebol identitário poderia ir além e ser indicativo de práticas de empoderamento (SARDENBERG, 2012), particularmente desses homens, que buscam espaço contra discriminações de várias ordens em relação a seus corpos. Ambos os futebolis poderiam ser práticas de liberdade em prol de coletivos oprimidos.

Contudo, nem todos/es jogadore/es *homens trans* e transmasculinos têm claro questões de empoderamento a que podem lançar mão e do quão perniciosas são as estruturas postas de um esquema emprestado do mundo esportivo cisheteronormativo. O *futebol trans* poderia ser feminista, anti-patriarcalista, anti-meritocrático, antirracista, anticapitalista. O *futebol gay*, também poderia ser isso tudo e muito mais.

O tensionamento *trans* dentro do *fut gay* gera melhorias nos estilos de jogo dos dois grupos, certamente. Homens *gays* não querem jogar como pessoas trans (e os episódios transfóbicos em quadras, relatados aqui e acolá, mostram isso). Para eles, o “jogar como trans” é deficitário, é defeituoso, não gera dividendos. Então querem jogar como héteros e, inclusive, com *homens heteros*. *Homens trans* não querem jogar com *homens gays*, acusando-os de transfóbicos, egocêntricos, fúteis. Mas o jogo do *fut gay* acaba sendo o espelho, a referência refutada. Portanto, *homens trans* querem jogar como *héteros*, porque daí sim conseguem ganhar de *homens gays*.

Ao passo que jogadores *trans* dizem não querer jogar como *gays*, por entenderem que esses são cópias mal feitas de um “original”, o *homem hétero*. O que *homens trans* não se atentam para o fato que *homens gays* são cópias de uma outra cópia, pois não existe original, porque ele só pode existir como delírio, ou como invenção.<sup>82</sup>

Vale dizer que não é a participação nos campeonatos que garante maior visibilidade, mais importância às suas causas, ou um maior reconhecimento. Trata-se de disputa política por “algum lugar” dentro das formas de resistência colocadas nos transbordamentos fractais a partir do Futebol convencional. É essa operação em perpétuo movimento que configura a existência dos “múltiplos futebolis”. É a constante fractalização.

O termo “empoderamento” tem sido proferido, vez ou outra, como estratégia discursiva para exigir pertencimento no campo mais amplo destes futebolis discriminados, especialmente por *homens trans/transmasculines*, que, importante lembrar, foram designadas mulheres no nascimento e que convivem(conviveram) com isso durante boa parte da vida. Portanto, tem aí

---

<sup>82</sup> A ideia que reproduzo aqui resumidamente é a de Jean Baudrillard (2009).

(ou deveria ter) uma causa comum das lutas feministas contra o poder masculino incrustado no esporte. Nesse sentido, o *fut trans* deveria olhar o *futebol gay* pelo retrovisor e se afastar dele o máximo possível.

O empoderamento reúne um agregado bastante díspar de experiências que, no caso destes sujeitos *homens trans*, vão de uma transição corpórea-sexual inicial a um estado de “passabilidade” final, a partir do qual todos reconhecem aquele corpo como de um *homem cis(gênero)*. Mesmo que sujeitos busquem a passabilidade, o *fut trans* tem que operar na transição: isto é, o corpo pode estar desvinculado da prática e o *futebol trans* deveria mostrar uma prática desvinculada do corpo.

Percebo que o termo empoderamento tem sido utilizado como recurso discursivo por parte destes jogadores *homens trans*, mas a partir do “espaço conquistado” e de uma situação corporal acomodada, homogeneízam-se as demandas, caem-se por terra as lutas e seus futebolis imperam como Futebol.

Onde se encontra o conjunto bem diverso de experiências de inserção desses sujeitos futebolistas nas quadras de futsal ou futebol *society*, dadas as ambivalências e conflitos inscritos nesses corpos e nos processos de subjetivação que os envolvem?

Para terminar, quero expor um caso recente para mostrar as considerações que pairam ainda nesses tensionamentos entre o *fut gay* e o *fut trans*. Em novembro de 2023, na tentativa de propor “uma opção” para *times trans* que não compareceriam ao evento nacional em Porto Alegre, a LiGay ofereceu uma co-parceria com a Prefeitura de São Paulo, na organização da Virada Esportiva da capital paulista e se responsabilizaria com um amistoso entre três equipes de *homens trans*. O Jogador 2, falando comigo pós-evento sobre tudo o que havia se passado, assim se expressou:

(...) Aí essa Virada Esportiva de São Paulo agora, eles [times trans] entraram como convidados (...) e foi bizarro, porque assim (...) o presidente da LiGay foi embora antes porque o avião dele foi adiantado, ele não delegou o trabalho dele absolutamente para ninguém (...) os juízes foram embora e a gente não conseguiu fazer os últimos dois jogos do evento, ficou um climão entre todos os times trans. O MBB aceitou as medalhas como se eles tivessem sido campeões e depois ficaram lá se defendendo, enfim, o caos. O caos porque não tinha ninguém da organização que respondesse pelo evento, a Virada Esportiva jogava para a LiGay, a LiGay jogava para a Virada Esportiva,

enfim, um *show* de horrores. E aí, um dos meninos jogadores fez um vídeo de denúncia da LiGay e aí (...) quiseram falar, chamar a gente pra conversar. (...) e isso fala muito sobre essa **perspectiva centralizadora enquanto diretor e como a LiGay é rígida com uma burocracia que ela mesma se estipulou** e que ao invés de implodir essa burocracia, fica fazendo ela ser a verdade absoluta (...).

Entrevista com Jogador 2, 06/11/2023 (grifos meus).

Na mesma semana, coincidentemente, ouvi o outro lado. Sem perguntar diretamente, o Jogador 7, homem autodesignado *gay*, acabou entrando no assunto para concluir seu raciocínio sobre o que pensa do *futebol trans*:

A última foi no final de semana passado, em São Paulo, mas a gente fez uma competição em São Paulo que não era feita (...). A gestão não era feita pela Liga. A gestão era feita pela Prefeitura de São Paulo (...). A gente só convidou as equipes e levou as equipes para participar. Mas faltam condições para eles virem, né? É um público diferenciado que a gente tem que fazer atendimento com algumas especificidades, com dificuldades maiores ainda do que o pessoal cis tem para participar. (...) **O ideal mesmo, na minha opinião, seria que os times trans tivessem o seu próprio caminho, tivesse a sua própria liga**, se quiserem ficar com a liga e até amadurecer, tranquilo. Mas eu acho que eles têm que tomar as decisões deles, né? Acho que, assim como no futebol feminino, acho que a gestão das equipes trans e das equipes femininas, elas têm que ter o olhar de quem tá lá, né?

Entrevista com Jogador 7, 02/22/2023 (grifos meus).

No limite, o *futebol trans* não pode ser apêndice do *futebol gay*. E, nesta disputa de narrativas, enquanto estiver presente na liga, e sob as determinações de seus líderes, possivelmente ainda viva momentos como este, nos quais a rejeição seja disfarçada de tolerância mascarada. E, então resta a questão: entre o *fut gay* e o *fut trans*, onde está o “futebol inclusivo”?

### 3º tempo

Eu acho que a entrada, né, eu participei de um time exclusivo de homens transexuais, e ali naquele momento de entrada nesse time, tava muito tempo afastado do futebol (...) esse dia eu nunca me esqueço, tava lá no Parque da Juventude, um espaço público, né, porque tem aí outros atravessamentos desses corpos que são desviantes e que são dissidentes dos locais que eles vão ocupar como seres dissidentes (...) E me lembro como se fosse hoje: éramos, acho que, aquele dia de treino devia ter uns 5 meninos no máximo, né, mas todos transmasculinos, numa variação entre homens trans e transmasculinos, e foi como se fosse a minha primeira vez, a minha primeira conexão (...) Foi uma ode mesmo, assim, um apogeu, quase, de entender que aquele corpo transmasculino tinha direito a praticar futebol, tinha direito a se reconectar com uma paixão tão antiga e profunda mesmo, muito mais afetiva do que efetiva, nesse sentido.

Entrevista com Jogador 2, 05/02/2019.

Separei este trecho do Jogador 2, oriundo de nossa segunda entrevista, para abrir este tempo final, no sentido de refletir, a partir de tudo o que foi visto e do *input* dele sobre este futebol como um espaço idílico e acolhedor, de que modo pensar junto com estes entrevistados um futebol possível, ou o que alguns deles chamam de “futebol inclusivo”.

De fato, pelo que percebi, as práticas inclusivas destes múltiplos futebolis tendem a parar no primeiro nível, qual seja, o do acolhimento (quando muito). Depois disso, e aí caberia pesquisas em profundidade sobre cada clube, as práticas esportivas vão se definindo, os times se formando, alguns jogadores participam em dias mais festivos, outros preferem os dias de treino pesado e poucos deles vão para o campeonato oficial da *Champions*, sejam os regionais ou a etapa nacional.

Pelo que constatei em campo, nenhum dos clubes dos entrevistados “escapou”, por assim dizer, de entrar na lógica competitiva da *Champions LiGay*. Nem as equipes dos jogadores 2 e 3, possivelmente com propostas mais plurais, deixaram de participar dos eventos oficiais da LiGay, participando de suas iniciativas.

Mas refletir sobre este processo não é tarefa corriqueira. Não há respostas fáceis, muito menos simples. Nem sei se esta tese tem essa função, mas pensando nos processos de subjetivação destes sujeitos, ou como pensam, refletem e problematizam esses futebolis que

jogam, considero que seria um exercício necessário esta reflexão. Boaventura de Souza Santos, em busca do “conhecimento prudente para uma vida decente”, assim se expressa:

Por um lado, só existe conhecimento em sociedade e, portanto, quanto maior for o seu reconhecimento, maior será a sua capacidade para conformar a sociedade, para conferir inteligibilidade ao seu presente e ao seu passado e dar sentido e direcção ao seu futuro (...). Por outro lado, o conhecimento, em suas múltiplas formas, não está equitativamente distribuído na sociedade e tende a estar tanto menos quanto maior é o seu privilégio epistemológico (SANTOS, 2006, p. 17).

Pensando nisso é que retorno à experiência que algumas dessas equipes tiveram nos Jogos da Diversidade, ocorridos em 17 junho de 2017, um dia antes da Parada LGBT da cidade. Foi uma primeira experiência imersiva no que se pode chamar de “inclusão” entre grupos LGBTQIA+ da cidade de São Paulo, não antes oficialmente acontecida entre tais pessoas. A ideia de um campeonato multiesportivo já estava em gestação pelo Comitê Desportivo LGBT (o CDG Brasil) desde, pelo menos, o ano de 2012. Seu presidente, Érico Santos, não apenas trabalhava para viabilizar competições esportivas para tais grupos, como empenhava-se, ele mesmo, em convocar pessoas interessadas em formar clubes/equipes de vários esportes. Há o depoimento de Antoniazzi (2023, p. 304) que confirma esta minha versão:

O NATUS foi concebido por iniciativa do CDG Brasil (Comitê Desportivo LGBT), que era conduzido pelo Érico Santos, e hoje, infelizmente, está inativo. O CDG era uma entidade que incentivava a inserção da comunidade LGBT+ no mundo dos esportes. Os esforços eram no sentido de aproximar os LGBT+ desse universo e dar visibilidade às pessoas da comunidade que já praticavam atividades esportivas, independentemente de quais fossem.

Esses jogos reuniram mais de 350 praticantes de esportes em torno de algumas modalidades como natação, futsal, voleibol e um jogo denominado “gaymada”. Eu me voluntariei para trabalhar no evento, visto que queria ver de perto uma experiência brasileira, pois apesar dos jogos serem nomeados “da cidade de São Paulo”, eles tinham caráter nacional

– e talvez até internacional –, dado que a Parada na capital paulista é já considerada um “megaevento global”.<sup>83</sup>

Como toda primeira vez, houve percalços, notadamente sobre como cada grupo se via e enxergava os demais. O caso de preconceito com *homens trans* foi algo que gerou bastante estresse, como o Jogador 2 narrou em outro momento, mas foi também um episódio que fez com que os coletivos ali participantes se repensassem quanto à agenda esportiva destas pessoas. Quero destacar aqui a atividade que passou meio à margem dos outros esportes, talvez pela pouca importância que lhe atribuíram. Enquanto os ginásios estavam ocupados com o vôlei e com o futsal e a piscina com a natação, na pista de atletismo rolava a “gaymada”.

Era uma experiência digna de ser replicada. Enquanto me aproximava para entender o que se passava, ouvi várias pessoas debatendo as regras de quando e onde a bola podia ou não bater para queimar. Mas tais regras, no fim das contas, eram apenas convenções de modo a não causar lesões ou injúrias físicas em participantes. Além disso, tinha um procedimento de “salvar a/o coleguinha” de uma bola que a/o tivesse queimado, como diziam. E havia a turma da remixagem do som, pois a atividade era coreografada com música.



Figura 74: Jogo de *gaymada* na pista de atletismo do Ibirapuera, junho 2017.  
Foto do autor.

Enquanto se organizava todo o coletivo (não havia times fechados), escolhiam quem ia apitar e quem já começava como uma espécie de “anjo”, para figurar como salvador/a inicial. O alto falante de próximo da borda da pista dava o tom da música dançante e, quem observava,

<sup>83</sup> Obviamente não entro no mérito de classificar a Parada segundo os critérios que a encaixariam em um megaevento, como faz a literatura (DAMO; OLIVEN, 2013), mas é sabido tanto pelos meios de comunicação (que entrevistam sempre estrangeiros presentes no evento), quanto entre a comunidade LGBTQIA+ internacional, que a Parada atrai muitos turistas gays do hemisfério norte.

acabava com uma enorme vontade de participar daquele movimento todo. Perguntei ali na ocasião e me disseram que é uma atividade recorrente, que acontecia no Largo da Batata, na capital paulista e que, além de ser um evento aberto a quem se interessasse, não excluía idosos ou crianças.

Apesar de naqueles tempos já pairar uma ameaça sobre os destinos políticos da nação, ter visto os Jogos da Diversidade acontecerem e todo o esforço empregado para agregar, num mesmo local, um contingente menosprezado e excluído do esporte convencional, foi algo que rememoro com grande prazer. A fórmula deste evento é eficaz, em tese, porque proporciona uma visibilidade ímpar de gêneros e sexualidades divergentes e de corpos dissonantes em relação à matriz cisheteronormativa, além de postularem que o esporte pode ser um espaço de co-existência e co-participação reais de muitos sujeitos pretos, pardos, “não heterossexuais”, “não hábeis” e marginais.

Em termos de futebol, há algumas iniciativas na mesa que problematizam e repensam o futuro deste esporte, e elas estão sendo discutidas por profissionais da área de Educação Física. Chama a atenção um livro, anteriormente mencionado, de organização de Souza Júnior, Carvalho e Prado (2023), no qual em sua terceira parte propõem sugestões para o que chamam de “futebóis transmodernos”.<sup>84</sup>

Dentre elas estaria pensar o futebol de cegos ou paralisados cerebrais como elemento inclusivo em aulas de educação física, os projetos de incentivo do futsal para mulheres nas escolas, a dialogicidade sobre a diversidade sexual e de gênero no contexto futebolístico e o incremento da participação, com mudanças nos moldes da mesma, pelo que nomeiam de *futebol callejeiro*, ou futebol de rua, uma metodologia que se iniciou na Argentina e se tornou um sucesso nos últimos tempos. Todas propostas muito boas e de um mérito louvável àquelas que estão em vigor, nas mais diferentes instituições de ensino.

Além da proposta generificada na escola, o *futebol callejeiro* poderia ser uma alternativa interessante para aplicação no caso de coletivos LGBTQIA+: surgido num contexto de demandas por democratização da sociedade portenha, este futebol “(...) consiste em uma proposta de resignificação da estética e da ética do futebol convencional, no sentido de configurá-lo como uma experiência de Educação Popular” (VAROTTO; GRIFONI; SOUZA JÚNIOR, 2023, p. 334). Segundo tais autores, o *futebol callejeiro* envolve promover uma

---

<sup>84</sup> Segundo os autores, o conceito de transmoderno vem de Enrique Dussel, um filósofo argentino. Se entendi bem, a ideia é justamente a de olhar a alteridade a partir de outro lugar ou da própria experiência cultural, possivelmente por um esforço analítico decolonial (SOUZA JR.; CARVALHO; PRADO, 2023, p. 11).

reflexão sobre o processo do “ganhar a qualquer custo” e propõe uma autorregulação do jogo por parte de seus próprios praticantes.

A *metodologia callejeira* prega os princípios do respeito, da cooperação e da solidariedade, elementos que gerariam resultados bastante positivos, dado o cenário de relações que os sujeitos desta pesquisa estabelecem em espaços de práticas esportivas dos futebóis *society* e de quadra. De acordo como sumarizam os autores mencionados, o *futebol callejeiro* envolveria um trabalho com equipes mistas, sem elemento arbitral do jogo (mas com a figura de uma pessoa para mediação), partidas divididas em três tempos (sendo o primeiro para estabelecimento das regras comuns, o segundo para jogar bola propriamente e o terceiro para um diálogo coletivo) e um consenso sobre os pilares que sustentam a intercomunicação grupal (respeito, cooperação e solidariedade).

A preocupação pedagógica de tais autores é construir essa metodologia com o tempo e aplicando em casos concretos, ou em escolas da rede pública de onde atuam. Para eles, a historicização da construção desta metodologia de trabalho,

(...) revela um processo dialógico demarcado pela incorporação gradual e genuína de valores e atitudes como a construção coletiva das regras, a mediação de conflitos pelo diálogo, a desconstrução da separação de gêneros no jogo, a escuta atenta, a importância da palavra e da exposição de argumentos, a centralidade dos valores humanos (...) em detrimento dos valores esportivos” (VAROTTO; GRIFONI; SOUZA JÚNIOR, 2023, p. 346-347).

Sem dúvidas, o *futebol callejeiro* ou também chamado *futebol inclusivo* (FERNANDEZ; LEGUIZA; MENDES-BELMONTE, 2023) se apresenta como uma saída para possíveis armadilhas, como as que se encontram meus interlocutores. Numa analogia simples, os jogadores envolvidos nas práticas do *futebol gay* e *trans* parecem mais pequenas moscas aturdidas, ao redor de uma luz brilhante e incandescente. Talvez encontrem o caminho? Possivelmente. Desde que revisem seus pontos de vista sobre a alteridade que os constituem.

Quando ventilo essas possibilidades que estão aí à disposição tenho certeza que há meios para a mudança. Tais coletivos deveriam refletir, portanto, nos propósitos políticos de seus atos, mesmo dentro das quadras de futebol *society*. O ato de jogar, independentemente se com amigos e frivolamente, é um ato social, dado entre outros, em lugares abertos (públicos) e com **propósito político**.

E por “político” refiro-me aqui a um refinamento do sentido, porque penso que ocupando os espaços e falando em nome do *futebol LGBT* eles já estão sendo políticos. Porém, qual é o propósito político de suas práticas e esportivas ali? Em termos de circuitos competitivos, os clubes esportivos e a LiGay (porque a liga é composta pelos eles), deveriam pensar espaços para reflexão sobre as práticas corporais e físicas destes múltiplos futebóis e de suas fragmentalizações. Dos times *standard* do *futebol gay* aos times *trans/transmasculinos*, caberia os questionamentos: “o que são essas práticas futebolísticas que estamos fomentando?” e “qual o propósito político delas?”.

No momento, quais são os propósitos políticos destes futebóis que estão aparecendo e se fractalizando? Dentre outros, eles seriam: mostrar a capacidade das homo/bi/transsexualidades no manejo da bola, copiar a estética heterossexual, reproduzir valores consumistas do Futebol mercadológico convencional, empregar lógicas da sociedade capitalista de consumo.

Por isso, para se pensar num futuro utópico ou revolucionário, há que se pensar no propósito político. Mas isso é uma operação interna, destes grupos. Ativistas, acadêmicas/os, gestores *outsiders* do esporte podem somente acompanhá-las/os. Aliás, antes disso ainda: tem-se que fazer um *brainstorm* coletivo junto aos sujeitos desta prática esportiva se haveria intenções de mudar o rumo de como as coisas estão organizadas.

Decidido o rumo, talvez devessem discutir se a LiGay, de fato, representa o interesse destes coletivos. Se não, então que se criem outras estruturas. Se sim, o que precisaria mudar no trabalho que tem sido feito? Se paira uma insatisfação no ar para parte dos jogadores e das equipes que participam das etapas competitivas, então talvez algo não vai bem.

A LiGay deveria ser um órgão esportivo, como o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), por exemplo. Se a sigla é heterônoma e plural, a LiGay deve ter coordenações esportivas dentro dela para chefiar demandas de cada sigla. Excetuando-se o fato de que o CPB começou a receber dinheiro do governo federal poucos anos depois de sua criação (a tal Lei Piva, que comentei), ele nasceu do mesmo jeito que a LiGay: com força de trabalho voluntária, de um monte de gente que queria fazer acontecer. Digo isso porque eu compunha as fileiras deste conjunto de pessoas.

Mas, independentemente de “ter nascido” desprovido de fundos autofinanciáveis – como a LiGay –, o CPB foi criado com uma estrutura mínima, organizada, dividida em área executiva e esportiva e com propósitos bem delimitados. A LiGay nem diretoria técnico-esportiva tem, muito menos coordenador de modalidade.

Os ciclos de administração dos presidentes foram irregulares desde a criação em 2017. O primeiro presidente, André Machado, organizou a liga de modo ainda provisório e quando conheceu o modelo *Gay Games*, considerou aplicá-lo ao fut 7. No entanto, depois de sua participação nos *X Gay Games* de Paris-2018, deixou o comando da entidade. O segundo, Josué Pernambuco Jr., teve o mérito de pensar na subdivisão dos campeonatos regionais, contudo não os conseguiu implantar devido à pandemia, e acabou imigrando do país. O terceiro presidente, que assume interinamente em 2021 e legitima-se no cargo em 2022 encampa essas transformações no formato da franquias competitiva da *Champions LiGay*, propõe um discurso “inclusivo” e defende um *futebol LGBT* como “produto”, mas despreza a inclusão quando sugere que “*peçoas trans têm que ter a própria liga*” (sic)

A primeira necessidade seria conhecer bem (e melhor) a população com que se trabalha. Portanto um *survey híbrido*, com perguntas abertas e fechadas, deveria ser feito pela LiGay para todas as equipes, de A à Z, de *homens gays, bi, trans* ou *transmasculinos*, de mulheres bi, lésbicas e pessoas não binárias. Um senso nacional sobre práticas esportivas praticadas por pessoas LGBTQIA+ (e os futebolis dentro delas):

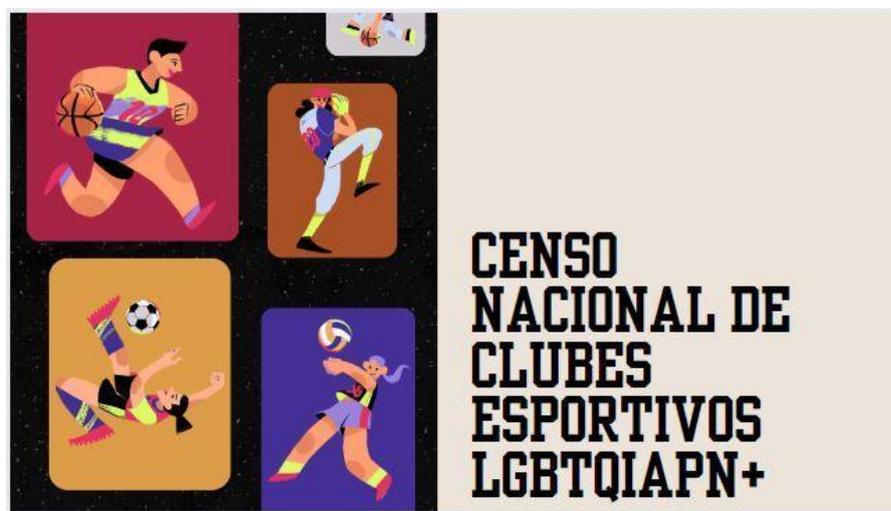


Figura 75: Proposta de senso nacional de clubes LGBTQIA+ (título).  
Elaborado pelo autor com Canva.

# SUGESTÃO PERGUNTAS

<p><b>SOBRE A EQUIPE</b></p> <p><b>QUEM JOGA?</b></p> <p><b>QUEM COMANDA?</b></p> <p><b>ONDE E COMO JOGA?</b></p> <p><b>CONTATO</b></p>	<p><b>Questões ABERTAS</b></p> <p>Nome da equipe? Quando foi fundada? Tem uniforme próprio?</p> <p>Número de componentes? Quando ativos? Quanto recreativos? Idades: mais novo, mais velho?</p> <p>Técnico/técnica? Qual gênero ou orientação? Qual é a forma de vinculação?</p> <p>Qual é o local em que a equipe treina? Tem patrocínio?</p> <p>Nome completo contato? vinculação com clube?</p>	<p><b>Questões FECHADAS</b></p> <p>Redes Sociais: SIM/NÃO Se sim, listar várias no formulário</p> <p>Quem joga? ( ) homens cis ( ) mulher cis ( ) homens trans ( ) Mulheres trans...</p> <p>Há equipe técnica estendida? ( ) Sim ( ) Não Quantas pessoas envolvidas?</p> <p>Deslocamento para local treino? ( ) carro próprio ( ) a pé ( ) transp. púb. ( ) carona ( ) Uber/Táxi</p>
---	--	--



Figura 76: proposta de senso nacional de clubes LGBTQIA+ (questões).  
Elaborado pelo autor com Canva.

Com os resultados, traçar políticas que respondam aos anseios de corpos plurais, de gênero e sexualidade divergentes, e que tais estudos indiquem inter-relações entre “marcadores sociais da diferença”, como classe social, religião, etnia, geração, etc (SAGGESE *et. al.*, 2018), não repetindo o que se tem encontrado em estudos sobre questões de gênero no contexto dos esportes, isto é, “que as categorias *homem* e *mulher* ainda estão prevalentemente circunscritas aos contextos urbano, cristão, branco, heterossexual e jovem” (GOELLNER, 2013, p. 51).

E, sobretudo, propor políticas de trabalho apartado com os coletivos, de modo a entender o “guarda-chuva LGBTQIA+” como separado, pois atletas gays, lésbicas, bissexuais, trans/transmasculinos e não binários enfrentam distintos problemas ao participar (ou não conseguir participar) de eventos esportivos organizados (BRAUNMÜLLER; MENZEL; HARTMANN-TEWS, 2020). Exemplos de casos assim não faltam: Caster Semenya, Chris Mosier, Duty Chamd, Thomas Hitzlsperger, etc.

A potência destes futebolis está exatamente em suas fractalizações, ao contrário do que se possa considerar. A proliferação expansiva e caótica de células cancerígenas mata, com o tempo, um organismo vivo. De modo análogo, a proliferação caótica e desordenada de fractais dos múltiplos futebolis podem ter a força de destruir a matriz que os originou. Basta para isso, se desreferencializarem.

## Epílogo

### Etnografias do movimento em movimento em competições esportivas

Este é um texto ensaístico, portanto ainda provisório. Nele vinculo dois pontos de minha trajetória antropológica, a saber, minhas etnografias em contextos esportivos internacionais e estas etnografias nas competições de futebol *society* sobre as quais acabei de tratar. Pretendo, assim, esboçar ideias sobre etnografias em eventos esportivos, algo que vejo como novidadeiro nas discussões da produção antropológica em esportes e práticas esportivas. Minha aposta é deslocar o foco para o *movimento em movimento*, que desafiaria a concepção convencional de pesquisa de campo ao incorporar a mobilidade como parte do processo. Desenvolvo a ideia a seguir.

Talvez não seja exatamente correto afirmar que a mobilidade entra “em jogo”, porque senão, caio na associação imediatista de que para fazer este tipo de etnografia tem que estar em movimento junto com o objeto. Seria como correr junto com o corredor, jogar junto com o jogador, patinar com o patinador, e assim sucessivamente. Em minhas etnografias nos eventos esportivos do Norte global eu cheguei a isso, quando participei de algumas modalidades ou de circuitos festivos/esportivos por convite de atletas amadores entrevistados. E isso já foi muito bem feito, inclusive por outros trabalhos renomados (WACQUANT, 2002). Porém, suponho que é possível pensar além desta simples e imediata associação. Penso no processo reflexivo de “observação da participação” (TEDLOCK, 1991), num deslocamento de si e do que está em jogo nas arenas esportivas no que dita o movimento.

Da relação entre antropólogos/os e sujeitos, bem como da relação entre teoria antropológica e pesquisa de campo, emerge uma forma de produção de conhecimento sobre a vida humana que é o trabalho de campo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996), fundamental em inúmeras situações em que antropólogos/os se envolvem para desenvolverem suas pesquisas e, igualmente, é elemento crucial em espaços de competições esportivas.

O trabalho de campo é elemento central da etnografia e componente fundamental da construção do conhecimento antropológico. Como sistematizou Peirano (1995), etnografia não é uma técnica de pesquisa, mas modo de conceber conhecimento na disciplina. Ser somente uma técnica empobreceria muito o que a etnografia pode oferecer. Tal autora ainda acrescentaria, anos mais tarde: “Se é boa etnografia, será também contribuição teórica; mas se for uma descrição jornalística, ou uma curiosidade a mais no mundo de hoje, não trará nenhum aporte teórico” (PEIRANO, 2014, p. 383).

Para fazer etnografia tem-se que ir a campo em busca do que nos afeta e que nos provocará ou impulsionará a conhecer os afetos do outro (FAVRET-SAADA, 2005). O “ser afetado” não implica identificar-se com o ponto de vista de “nativos” e nem explicitar seu narcisismo, mas

Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível (FAVRET-SAADA, 2005, p. 13).

Este talvez seja o primeiro ponto de atenção em minha proposta, qual seja, a identificação com o esporte pesquisado, na simples acepção de que não entende o movimento quem não sabe do movimento. As práticas esportivas para mim sempre foram uma aventura e me afetaram sobremaneira. Mas como antropólogo entendo que há aí uma responsabilidade em tentar verter a experiência prazerosa do envolvimento em debate problematizador – essa missão é a comum de antropólogas/os e o será também no âmbito das práticas esportivas. O *know how* sobre tais práticas tem que conduzir à percepção (visão + outros sentidos) na identificação fina de detalhes do que a realidade observada apresenta. O campo é parte fundamental de ajuda para a construção desse conhecimento – assim como mostrou Wacquant (2002) com sua participação nos treinamentos de boxe de Didi, no *gym* em Woodlawn.

Desenvolver pesquisa etnográfica em evento esportivo envolve muitos desafios e aqui estaria o segundo deles: o diferenciar o saber “de esportes” do saber “sobre esportes”. Isto é, saber “de esportes” sugere um conhecimento superficial ou muito básico de uma modalidade ou de realidades esportivas. Saber “sobre esportes” é ter conhecimento detalhado e só engendra algum sentido se a profundidade do conhecimento for maior do que a informação acerca dele. O saber de esportes é o ouvir falar. O saber sobre esportes é o conhecer.

O cuidado, então, deve-se apontar para as fontes. Pode ser errada a inferência de que alguém conhece “sobre esportes” porque estudou os mesmos. E também equivocado é pensar que “saber de esportes” estaria associando pessoas de senso comum, que nunca os estudaram. E aí o importante é se atentar para quem emite a informação/conhecimento. O hábito de ouvir a “contação de histórias” de interlocutoras/es é algo de praxe da antropologia. Muitas/os pesquisadoras/es já fizeram isso, com inúmeras práticas esportivas, do Futebol ao jogo de

malha, agregando dimensões da prática e da experiência (MAGNANI, 2009). A proposta, então, deve ser diferente.

Nela há que compreender o movimento do campo de movimentos e há, igualmente, que identificar informações nas arenas competitivas, mesmo onde não se espera que elas estejam. Talvez este seja mais um desafio: os códigos cifrados do campo “interno” dos esportes. Para alguém que não frequenta os bastidores de uma pista de atletismo, por exemplo, fica difícil entender ou identificar onde circulam as informações que não estão “publicadas” em sites ou em redes sociais. Decodificá-las ainda é uma outra questão:



Figura 77: Resultados para técnicos/atletas, pista de aquecimento, categoria mulheres (Women), por idade. Gay Games 2010. Foto do autor.

Das minhas participações em eventos esportivos, quaisquer lugares que tenha ocupado (membro da estrutura, suporte ou coordenação, ou voluntário, ou atleta ou espectador) nunca foi suficiente para me oferecer uma “visão” total – como nunca será. Por isso, vale a regra de participar novamente de outras edições do certame, de modo a calibrar o olhar e as impressões a partir de experiências passadas, pois mesmo sendo diferentes das anteriores, há repetição e reiteração de fatos e procedimentos – e são esses que contribuem para uma certa noção de

“totalidade” (MAGNANI, 2002), como dizem antropólogas/os.<sup>85</sup> Coloco aspas em “totalidade” porque em que pese haver aí o sentido de uma compreensão mais profunda e contextualizada das complexas interações sociais e culturais que caracterizam dado grupo humano e sua cultura, tal termo me parece um tanto totalizador em ser usado nos sistemas dinâmicos nas sociedades contemporâneas, particularmente os esportivos.

Possivelmente mais do que o redimensionamento dos problemas de ordem teórico-metodológica dos anos 1970-1980, que se impuseram a antropólogas/os de modo que saíssem de suas zonas de conforto para pesquisar grupos sociais com práticas políticas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1997), as práticas esportivas trazem desafios de outra ordem: etnografar agentes e suas histórias/trajetórias dentro do movimento, no campo de movimentos.

Nos contextos etnográficos apresentados nesta tese, o objetivo de etnografia era operar com a ideia de “circulação” entre os espaços esportivos, de torcida (quase sempre acessível) e de jogo/competição ou treino, quando possível. Este é um desafio desta proposta, isto é, estar em circulação, num movimento que enreda o movimento de observados. Nestes espaços se extrai mais de quem você deseja conhecer, mais do que na própria entrevista. Lembro-me de um jogador que, numa conversa enquanto colocava gelo no tornozelo após torção em jogo, contou-me da relação dele com a mãe na infância e de como o pai o destratava, chamando-o de “bichinha” ou “mulherzinha” por não enfrentar perigos, como os de beber ou carregar objetos pesados. Em suas palavras, o “corre para jogar bola” e ganhar dinheiro com isso era para mostrar ao pai sua capacidade como homem e jogador, já que o Futebol era uma entidade sagrada para o patriarca da família.

É bem possível que eu consiga acessar o atleta do lado da quadra com o gelo no tornozelo, um ou outro jogador que se escora num canto para assistir a uma partida vibrante, ou ainda, acessar outros ambientes de circulação destas pessoas porque se trata, obviamente, de uma esfera totalmente amadora. Seria impensável, por exemplo, acessar lugares de competição, ou locais privados de concentração e descanso (como fisioterapias e tratamentos) de atletas ou jogadores profissionais, a não ser por meio de um contato efetivo “de dentro” e, mesmo assim, para um período restrito. Carmen Rial (2008) relatou sua pesquisa com jogadores do circuito futebolístico internacional, baseados na Europa, mas em conferências e palestras expôs várias vezes as longas horas de espera e mesmo os calotes recebidos.

---

<sup>85</sup> O autor explica que essas totalidades “São, portanto, resultado do próprio trabalho etnográfico, que reconhece os arranjos “nativos”, mas que os descreve e trabalha num plano mais geral, identificando seus termos e articulando-os em sistemas de relações” (MAGNANI, 2002, p. 20).

A ideia de “circulação”, mais do que apenas uma palavra aleatória ou jargão estilístico, confere um contorno mais substancializado à etnografia. Em minhas pesquisas com atletas LGBTQIA+ nas competições do Norte global circulei entre práticas esportivas (eventos oficiais, como campeonatos e torneios), mas também em suas festas temáticas e nos clubes de sexo onde iam em grupo com amigos. Essas ocasiões outras me davam outra dimensão do esportista que via em pistas, ginásios e piscinas. Era outro movimento, paralelo ao movimento esportivo oficial, e que o continuava em outra localidade e dimensão temporal.

Dentro dessa noção de “circulação” pelo movimento, há que se saber por onde circular na tessitura dos movimentos em ação. Essa é uma questão fundamental, inclusive para saber onde se pode ou não entrar, nas zonas cinzentas (tanto de lugares, quanto de assuntos) permitidas ou interditas. A curiosidade jornalística de Lisa Olson levou-a ao vestiário masculino do *New England Patriots*, nos anos 1990, no futebol americano, mas ela acabou sofrendo assédio ostensivo por parte de três jogadores da equipe enquanto lá estava (CAMARGO, 2017b). Olson adicionou mais movimento do que o movimento de seus objetos de investigação, entrando numa zona interdita da cultura masculinista.

Intuitivamente reconhecendo os *códigos de gênero* do vestiário masculino (lugar de trânsito de atletas homens, num ambiente masculinizado e virilizado), ela não se atentou para os *códigos sexuais* naqueles ambientes (corpos nus, alguns pênis eretos e ânimos exaltados pela serotonina e o prazer de uma vitória, por exemplo) (HALBERSTAM, 2008), o que fez com que fosse assediada por jogadores concentrados naquele recinto, os quais, simulando atos masturbatórios e cópulas, não se importaram em objetificar seu corpo.

Os jogadores *gays* e *bissexuais* brasileiros com quem tive longo contato são bastante estritos quanto a seus códigos sexuais e de gênero, em que pese, penso que tais códigos apareçam cifrados no campo de jogo porque são, justamente nesse lugar e nesse momento, menos importantes (para eles). No entanto, sinais como ajeitar o pênis na bermuda, usar um calção que marque os glúteos, andar sem camisa fora de quadra ou mesmo exibir o namorado são códigos do campo, que são produtos do universo masculino e não se resumem a esta experiência propriamente dita, porém compõem o cenário observado. Interessante perceber que as namoradas de atletas bissexuais não desfilam nos bastidores como os namorados de jogadores *gays*. Em realidade, elas nem aparecem.

Por sua vez, os vestiários esportivos são um tema à parte e recomendo a discussão citada anteriormente sobre tais espaços, que na minha opinião, são locais fundamentais para compreender não apenas as dinâmicas da modalidade esportiva investigada (do entra e sai, do corpo vestido e desnudo, das cuecas usadas, dos meiões e das chuteiras, etc.), mas para tomar

contato com intimidades (opiniões, posicionamentos, silêncios, mágoas, xingamentos e outros) não reveladas em outras partes de arenas esportivas (CAMARGO, 2014b). Eu diria, inclusive, que a entrevista no vestiário com o mesmo atleta é outra, talvez uma segunda parte, complementar à primeira. Ou talvez tal entrevista seja única, porque alocada numa outra dimensão que o vestiário confere. Conversar com corpos nus, suados, extenuados, mal cheirosos oferece outra característica às informações gerais coletadas.<sup>86</sup> E se antropólogas/os se dispuserem a praticar o esporte e depois a estarem também nuas/nus ou seminuas/us no vestiário com quem se entrevista, a relação estabelecida será outra – e as informações de outro nível.

O etnografar o movimento em movimento exige que você circule, não se contentando apenas com o movimento do sujeito em quem você está interessado, mas também se colocando em movimento em amplo sentido, acompanhando-o, se possível. Muitas/os antropólogas/os e pesquisadoras/es já fazem algo semelhante quando vão aos estádios de futebol, às torcidas organizadas e entorno desses locais, aos clubes pesquisados (TOLEDO, 1996; GASTALDO *et. al.*, 2005; TOLEDO, 2013b; KESSLER, 2015; TOLEDO, 2022). Ou outras/os pesquisadoras/es ainda que correm junto com seus/suas interlocutores/as (TICIANELLI, 2015), ou ainda mesmo quando participam de eventos esportivos.

Porém, a diferença está na concepção da coisa: não basta estar junto, no sentido de acompanhar e registrar o momento ou o que se observa, com celulares e câmeras super potentes ou filmadoras. O desafio é o *feeling* ou *timing* de quando entender quando o movimento é importante dentro do contexto do movimento e quando ele não o é. É sacar, quando em movimento do outro como *movimento* ou como *paisagem*. Ou ainda, se o movimento é um movimento de ser acompanhado em conjunto porque se estabelece como movimento ou se o movimento é uma paisagem, que mesmo estática fará sentido. Penso que há uma diferença aí.

Por exemplo, no fisiculturismo. Eu acompanhei três dias de provas deste esporte nos idos de 2014, em Cleveland, Estados Unidos. Não publiquei minhas notas e observações porque não me senti suficientemente capaz de tratar os dados. Um amigo que trabalhava na competição disse-me que me colocaria na “preparação dos corpos”, como ele se referiu, mas não tinha ingressos oficiais para as demonstrações dos atletas, quando prontos. Na verdade, ele me ofereceu uma oportunidade única, que eu não teria se comprasse os ingressos e fosse ver os “desafios” daqueles candidatos.

---

<sup>86</sup> Recentemente reli minhas anotações etnográficas feitas durante um ano em um clube de sexo berlinense à luz dos cheiros que lá encontrei. Escrevi um texto ainda ensaístico, mas que me pareceu promissor (CAMARGO, 2023).

Vi os corpos sendo “preparados”, untados com produtos lubrificantes, óleos essenciais, bronzamento artificial, durante longas horas antes das apresentações ao público. Ouvir comentários sobre os meses de treinamento, ou a importância que os atletas conferiam aos detalhes de contorno de suas musculaturas, histórias e receitas sobre comidas ou dietas e situações que afetavam aqueles homens nos longos meses prévios me mostrou um “movimento” por trás de um esporte que, quando aparece em público, quase não interessa do ponto de vista analítico. Os “movimentos de entumescimento” do corpo me foram mais instigantes para pensar do que as poses estáticas depois, que consegui por meio de imagens de meu contato.

Portanto, esta é a pergunta no que diz respeito a este desafio: quando o movimento é importante na etnografia e quando ele não é? E mais: que movimento dentro do movimento é essencial ser capturado?

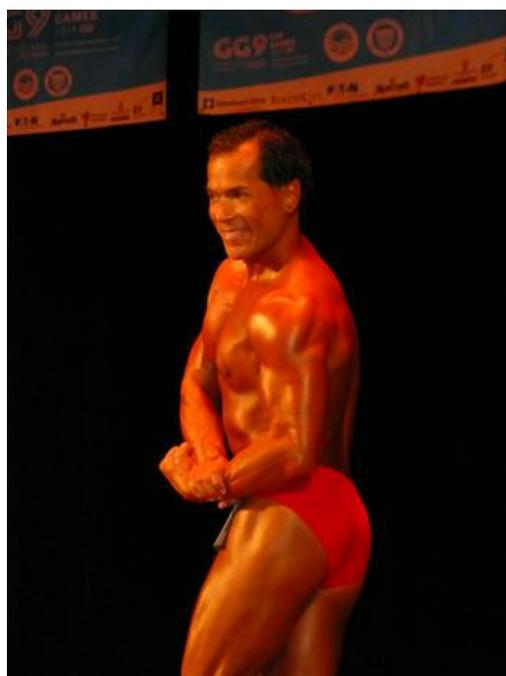


Figura 78: Atleta do fisiculturismo. Gay Games 2014. Foto de Lynn Lynch.

E outro problema ou desafio de ordem prática é o da materialização do evento esportivo: ele, no geral, é de ocorrência rápida, materializa-se em poucos dias e logo se finda. Eu fui privilegiado nos campeonatos internacionais das franquias *Gay Games* e *OutGames*, pois ocorriam de sete a dez dias, o que oferece a pesquisadores a chance de planejamento e tempo de execução. E, em que pese o tempo curto dos eventos, o parar para registrar conversas, dados,

desenhos, e afins deve ser algo também planejado. Neste caso, pesquisadoras/es ficam em movimento acompanhando o movimento, mas, em dado momento, devem parar e sistematizar os movimentos observados em escrita, para o registro. É, então, que o movimento corporal passa para o movimento das ideias, do fluxo da vivência/experiência para o fluxo mental. Desta forma, fazer etnografia em Jogos Olímpicos ou Paralímpicos, que também se estendem por dias em sequência, é diferente do que fazer etnografia num autódromo de Fórmula 1, num único dia de competição.

Atrelado a isso há o *tempo* do movimento destas práticas. Pesquisar num estande de tiro com arco ou ver/assistir determinadas práticas esportivas de pessoas com deficiência intelectual ou pessoas indígenas implica em tempos distintos da velocidade dos tempos de competições esportivas ocidentais. As velocidades e os tempos destes esportes conferem tempos distintos também nos registros etnográficos específicos. Apenas consegui fazer este desenho em meu diário de campo porque a prova de cabo de força, nos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em 2015, teve uma ritualização para se iniciar e de desenrolar:

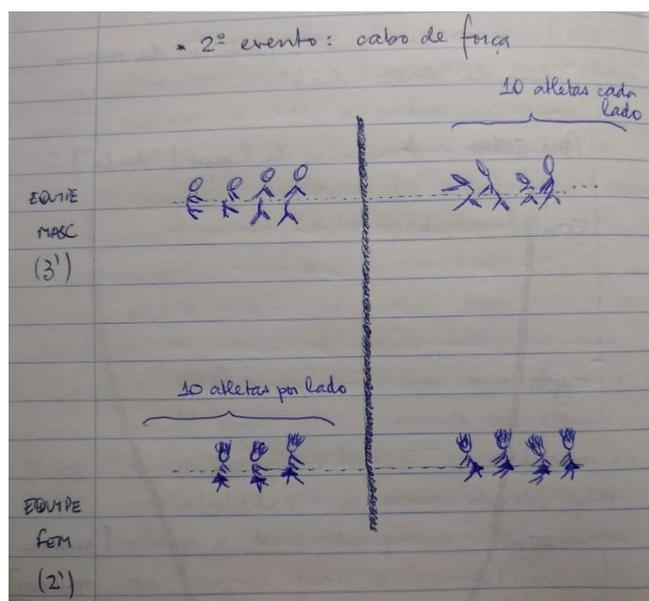


Figura 79: Desenho esquemático Cabo de Guerra, Jogos Mundiais Povos Indígenas-2015  
Foto do autor.

Portanto, sempre que possível, e para que os *insights* não se escapem, importante ter uma estação de trabalho instalada no local da etnografia, inclusive numa arena esportiva. O local fixo não quebra a fluidez do momento, mas ajuda a sistematizar informações nas paradas entre uma prova e outra (por exemplo, no atletismo) ou entre um jogo e outro (no Futebol, tênis e outros esportes coletivos). Em minhas pesquisas nos campeonatos multiesportivos do Norte

global, ou ao lado da pista de atletismo, num ginásio de *wrestling*, na arquibancada da natação, numa sala de imprensa ou ainda à beira da quadra de voleibol, sempre conseguia montar uma miniestação de trabalho de modo a ter tudo o que precisava a mão:

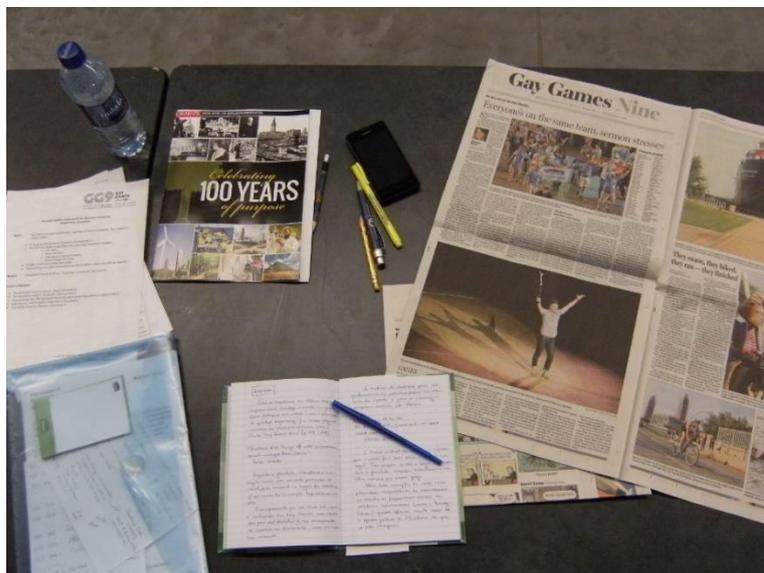


Figura 80: Estação de trabalho, ginásio de voleibol em Colônia, Gay Games- 2010  
Foto do autor.

Nos eventos da *Champions LiGay* tive mais dificuldade em achar lugares para isso, haja visto as localizações precárias ou falta de equipamentos (como mesas e cadeiras) à disposição. Os espaços, em geral nos bares e cantinas ao redor das quadras sintéticas, estavam disponíveis apenas para consumo rápido de comidas, para pouca ou nenhuma parada e para socialização de pares – e, nesse sentido, lugares com alta “falação”, bastante ruidosos.

A estratégia adotada por mim era estar sempre com o celular em punho, para filmar, fotografar, registrar, gravar um depoimento em áudio, como já destaquei. O celular, que não exclui as anotações em papel no diário de campo, virou um “diário de campo em formato digital”. Ele promove essa fluidez de captura, dentro da proposta da etnografia do movimento em movimento. Ao chegar em Porto Alegre para a 7ª *Champions*, em novembro de 2023, criei um grupo de *whatsapp* “comigo mesmo”, chamando-o de “Arquivos Pessoais”. Ali seriam depositadas todas as informações, registros, fotos, áudios e filmagens da competição que ocorreria.

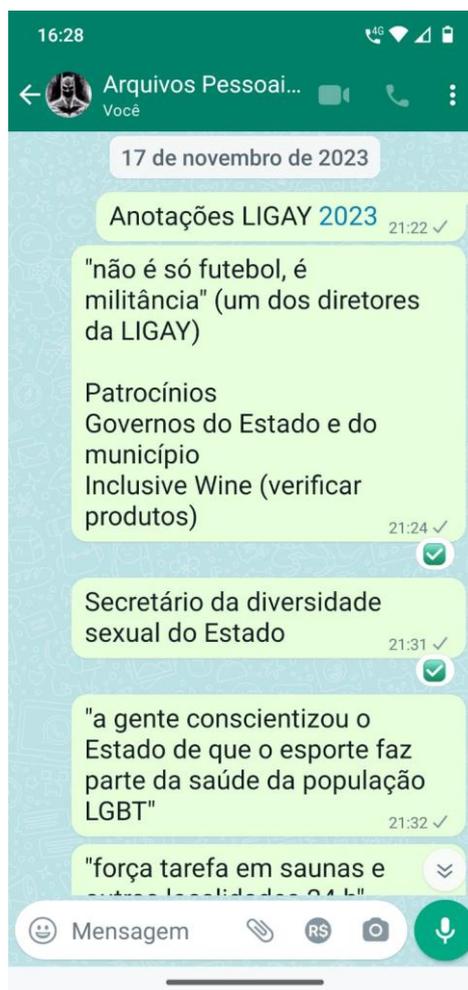


Figura 81: Anotações em celular ajuda na fluidez do registro etnográfico  
Foto do autor.

Por fim, a noção de movimento também se relaciona ao *lugar físico* em que se etnografa uma competição esportiva – lugares esportivos concebidos no *virtual/digital* colocam possivelmente outra noção de movimento como desafio. Eventos de esporte ocorrem em cidades diferentes (no país e no exterior) e vale se organizar previamente para trabalhar etnograficamente em cada uma delas. O planejamento não evita equívocos de rotas, mas os minimiza. A chegada a e permanência em uma cidade que sedia uma competição devem ser planejadas cuidadosamente.

O trabalho de campo em eventos esportivos de grande porte, como nas etapas nacionais da *Champions LiGay* (1<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup>) nesta pesquisa, todos foram esquematizados certa cautela, com cálculos de risco sobre hospedagem (por causa dos custos), deslocamentos urbanos para locais de competição, tipos de transporte disponíveis (aéreos ou terrestres) e acesso à alimentação. Isso é tão mais importante a depender da prática esportiva etnografada: para uma

prova internacional de maratona, certamente é algo mais urgente alinhar os fatores do que para uma modalidade que ocorrerá no mesmo ginásio durante dias a fio.

O que quis frisar neste último aspecto é a ideia de desenvolver um senso dinâmico sobre locais associados à etnografia esportiva, em cidades dentro ou fora do país. Muitas vezes a incursão pelos espaços urbanos, com vistas a usufruir de seus serviços e equipamentos, a partir dos trânsitos e arranjos de atores sociais em investigação, parte de uma proposta de olhar de perto e de dentro, como defende Magnani (2002). A cidade (ou circuito urbano) não deve ser menosprezada no cômputo das ações do campo etnográfico: “(...) a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise” (MAGNANI, 2002, p. 18).

Para uma etnografia de esportes, ou práticas esportivas, em lugares urbanos, a cidade não é apenas um contexto; é também elemento constituinte do objeto investigado, particularmente em se tratando de eventos de esportes. Obviamente que falo aqui de esportes urbanos e não rurais ou equestres, outra seara de investigação etnográfica para a antropologia das práticas esportivas. No limite, a cidade interfere diretamente no movimento do movimento e, por conseguinte, na captura etnográfica do movimento em movimento.

\*\*\*\*\*

## Referências Bibliográficas

- AKIE, Mayara. FAIR PLAY – parte I (websérie). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HfxuO2VaNaA>. Acesso em 05 jan. 2024.
- AKIE, Mayara. FAIR PLAY – parte II (websérie). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sDXKDRvqzFk>. Acesso em 05 jan. 2024.
- AKIE, Mayara. FAIR PLAY – parte III (websérie). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DAZ3FLDlibs>. Acesso em 05 jan. 2024.
- AKIE, Mayara. “Fair Play: o futebol LGBT”. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis (Org.). *Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2023. p. 255-271.
- ALABARCES, Pablo. “A pátria das chuteiras”. In: ALABARCES, Pablo. *Historia mínima del futbol en América Latina*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018. p. 86-103.
- ALABARCES, Pablo. “El fútbol y el deporte como política: la Fundación Simoni”. In: CAMARGO, Wagner Xavier; PISANI, Mariani da Silva; ROJO, Luiz Fernando (Orgs.). *Vinte anos de Diálogos: os esportes na Antropologia Brasileira*. Brasília: ABA Publicações. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.
- ALTMAN, Dennis. *Global sex*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2001.
- AMARAL, Flávio Cavalcanti Pinto do. “Pioneirismo em cenário adverso”. *Cores do Esporte Blogspot.com*. 11 outubro 2021a. Disponível em <https://coresdoesporte.blogspot.com/>. Acesso em 12 out. 2021.
- AMARAL, Flávio Cavalcanti Pinto do. “Homenagem concretizada em representatividade”. *Cores do Esporte Blogspot.com*. 18 outubro 2021b. Disponível em <https://coresdoesporte.blogspot.com/>. Acesso em 12 out. 2021.
- AMARAL, Flávio Cavalcanti Pinto do; BUENO, Victor Pimenta. “Midiatizando performances da representatividade: a abordagem do futebol gay pelo GloboEsporte.com”. *Anais do VII Seminário de Pesquisas em Mídia e Cotidiano*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2018. p. 253-266. Disponível em <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/site/wp-content/uploads/2018/10/Artigos-Completo-GT2-Anais-PPGMC-2018.pdf#page=44>. Acesso em 25 jan. 2024.
- ANDERSON, Eric. *In the game: gay athletes and the cult of masculinity*. New York: State University of New York Press, 2005.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos; SILVA JÚNIOR, José Aelson da. “Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro”. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 214-231, 2018. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/74071/73212>. Acesso em 11 jan. 2024.
- ANTONIAZZI, Alexandre. “Nunca imaginei que eu também pudesse jogar”. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis (Org.). *Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2023. p. 301-310.

- BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Uma história do torcer no presente. Elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol*. Curitiba: Ed. Appris, 2019.
- BAPTISTA, Humberto Rosseti. *Teoria dos fractais*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/45/45132/tde-20210729-020035/publico/BaptistaHumbertoRosseti.pdf>. Acesso em 29 ago. 2023.
- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BLANCHARD, Kendall. *The Anthropology of Sport: an introduction* (a revised edition). Connecticut/London: Bergin & Garvey, 1995.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. São Paulo: Jorge Zahar Ed., 2002.
- BOAS, Franz. “As limitações do método comparativo em antropologia”. In: *Antropologia Cultural*. Trad. e org. Celso de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 25-39.
- BRASIL SEM HOMOFOBIA. Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual. Ministério da Saúde, 2004. Disponível em [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf). Acesso em 20 fev. 2021.
- BRAZ, Camilo A. “Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 175-206, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/ghhsYvNKXNBnsjJS7VtVTTF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 jan. 2024.
- BRAZ, Camilo A. *À meia luz...: uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Goiânia: Editora UFG, 2012.
- BREITENBACH, Fabiane Vanessa; HONNEF, Cláucia; COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. “Educação inclusiva: as implicações das traduções e das interpretações da Declaração de Salamanca no Brasil”. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 24, p. 359-379, 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/WGRRYtXpZDHDNmM6XXhGzf/?lang=pt#>. Acesso em 03 fev. 2024.
- BULLÉ, Jamille. Respeito, tolerância e equipe afeminada campeã marcam a Champions LiGay. *Globo Esporte* (online), 26/11/2017. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/respeito-tolerancia-e-equipe-afeminada-campea-marcam-a-champions-ligay.ghtml>.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. “Performatividad, precariedad y políticas sexuales”. *Revista de Antropología Iberoamericana*, Madrid, v. 1, n. 3, p. 321-336, set./dez. 2009. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4934440>. Acesso em 10 dez. 2023.
- BRAUMÜLLER, Birgit; MENZEL, Tobias; HARTMANN-TEWS, Ilse. “Gender Identities in Organized Sports – Athletes’ Experiences and Organizational Strategies of Inclusion”. *Front. Sociol.*, v. 5: 578213, 29 October 2020. p. 1-17. Disponível em <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fsoc.2020.578213/full>. Acesso em 02 jan. 2024.

BRITO, Leandro Teófilo de. “Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte”. *Revista Estudos Feministas*, n. 2, v. 29, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/cNwyVKFqHbkqkrb3kcbsvQc/>. Acesso em 18 nov. 2022. p. 1-14.

CALISTO, Rodrigo. *Geometria Fractal*. Monografia de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação em Matemática, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Campo Mourão, 2013.

CAMARGO, Wagner Xavier. “Desafios de uma pesquisa no escuro em gay clubs berlinenses”. In: Carmen Silvia de Moraes Rial; Caroline Soares de Almeida. (Org.). *Pesquisando além-mar: dilemas metodológicos de campos realizados no exterior*. Brasília: ABA Publicações, 2023, p. 9-433.

CAMARGO, Wagner Xavier; AMARAL, Flávio Cavalcanti. “Ball Cat’s e sua trajetória no futebol do norte do Brasil”. In: Felipe Carlos Damasceno e Silva; Aline Meriane do Carmo de Freitas; Luciney Araújo Leitão. (Org.). *Futebóis do Norte: setor Norte – futebol e ciência*. Belém: RFB, 2022a, v. 1, p. 57-73.

CAMARGO, Wagner Xavier. “Notas de pesquisa sobre o ‘futebol LGBT’ no Brasil”. In: Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) (Org.). *Corpos e campos plurais: a diversidade no futebol*. São Paulo: ID Brasil Cultura, Educação e Esporte, 2022b, v. 1, p. 33-41.

CAMARGO, Wagner Xavier. “Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento”. *Revista Estudos Feministas*, n. 2, v. 29, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/bStFmpJKX4kKcjCcyjwxN3w/?lang=pt>. Acesso em 18 nov. 2022. p. 1-17

CAMARGO, Wagner Xavier. “Dimensões de gênero e os múltiplos futebóis no Brasil”. In: PRONI, Marcelo W.; GIGLIO, Sérgio S. *O futebol e as ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020a. p. 589-604.

CAMARGO, Wagner Xavier. “Luta de classes, dramas sociais e origens do futebol moderno”. *Ludopédio*, São Paulo, v. 131, n. 6, 2020b. Disponível em <https://ludopedio.org.br/arquivancada/luta-de-classes-dramas-sociais-e-origens-do-futebol-moderno/>. Acesso em 10 dez. 2023.

CAMARGO, Wagner Xavier. “O armário da sexualidade no mundo esportivo”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 26(1): e42816. 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/HxGRvfHDhZ45v8JrSYxpGSM/?lang=pt>. Acesso em 11 dez. 2023. p. 1-18.

CAMARGO, Wagner Xavier. “Jogos da Diversidade de São Paulo”. *Ludopédio*, São Paulo, v. 96, n. 25, 25 jun. 2017a. Disponível em <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/jogos-da-diversidade-de-sao-paulo/>. Acesso em 08 jan. 2021;

CAMARGO, Wagner Xavier de. “Caso Lisa Olson e o futebol americano”. *Ludopédio*, São Paulo, v. 94, n. 17, 17 abr. 2017b. Disponível em <https://ludopedio.org.br/arquivancada/caso-lisa-olson-e-o-futebol-americano/>. Acesso em 22 jun. 2022.

CAMARGO, Wagner Xavier. Uma história diferente: os Gay (Olympic) Games e sua origem. *Revista Homium*, v. 1, p. 36-54, 2014a. Disponível em [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34331420/GayGames Uma Historia Diferente-libre.pdf?1406810759=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DUma Historia Diferente os Gay Olympic Ga.pdf&E](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34331420/GayGames%20Uma%20Historia%20Diferente-libre.pdf?1406810759=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DUma%20Historia%20Diferente%20os%20Gay%20Olympic%20Ga.pdf&E)

[xpries=1715021662&Signature=Dyvs1PrFezdN2NqWJxp7rVEECmCIIR6VZqWcTh3~pneZb8BB~NEkNRyED5-IyctqFrE-GqpQL0dS7eL5gcY2b0TGGi4NmOcZQ-5IIuZnEDI3ndXOGvIy3e55onBbXmbWZvTINuo6PV80iLJ-ucC0sodxCDgXw2LLqVW6kTE77rf81xIdfPw5S4XwQ59DHAES0b1SgSv0fZ5iCHP5lai3mM7RrBeChP3BwT69g7dcGa71L-GruThgzOsSZmpw3DCJGtRutv4M7L9cuHMn-CBhDEwPqzg0kbrW2Wd0SWQKEN01xqWcaenpd5pFGXA5VQBF4CiAdgpigF7UiDRzpk5Q &Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://www.proquest.com/docview/2418937787/fulltextPDF/54C1844C371D456EPQ/1?accountid=8113&sourcetype=Scholarly%20Journals). Acesso em 13 nov. 2023.

CAMARGO, Wagner X. “Notas Etnográficas sobre Vestiários e a Erotização de Espaços Esportivos”. *Revista Ártemis*, v. 17, p. 61-75, 2014b. Disponível em <https://www.proquest.com/docview/2418937787/fulltextPDF/54C1844C371D456EPQ/1?accountid=8113&sourcetype=Scholarly%20Journals>. Acesso em 13 nov. 2023.

CAMARGO, Wagner Xavier. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

CAPI, André Henrique C.; MARCELLINO, Nelson Carvalho. “Clubes Social-Recreativos: lazer, associativismo, atuação profissional”. *Journal of Physical Education*. Maringá, v. 20, n. 3, p. 465-475, 2009. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/5414/4880>. Acesso em 01 nov. 2023.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (Org.). *A aventura antropológica – teoria e pesquisa*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, 1996. p. 13-37. Disponível em [https://www.jstor.org/stable/pdf/41616179.pdf?refreqid=fastly-default%3A95fef77a90bff182a1280b0bb39b1569&ab\\_segments=&origin=&initiator=&acceptTC=1](https://www.jstor.org/stable/pdf/41616179.pdf?refreqid=fastly-default%3A95fef77a90bff182a1280b0bb39b1569&ab_segments=&origin=&initiator=&acceptTC=1). Acesso em 11 jan. 2024.

CASTRO, Gustavo Henrique Carvalho; SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares. “Vão achar que é uma piada, mas, para nós, não!”: discursos de resistência em clubes brasileiros de futebol gay.” *Cadernos Ebape*. BR 18 (2021): 1058-1070. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cebape/a/NnJWYYx6ckgGGB3BkLhy6Gz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 jan. 2024.

CLELAND, Jamie; DIXON, Kevin; KILVINGTON, Daniel. “Investigating the online world”. In: *Online Research Methods in Sport Studies*. London/New York: Routledge, 2020. p. 92-112.

CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998. p. 17-62.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

CONNELL, Raewyn. *Maculinities*. 2<sup>nd</sup> edition. Berkley/Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHIMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-280, 2013. Disponível em <https://bit.ly/3hDgvzh>. Acesso em 20 nov. 2023.

CONNELL, Raewyn. *Gênero: uma perspectiva global*. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

- DAMATTA, Roberto. *Carnaval, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1979.
- DAMATTA, Roberto. “Esporte e sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. In: *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982.
- DAMATTA, Roberto. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DAMATTA, Roberto. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. *Revista USP*, n. 22, São Paulo, jun.-ago., 1994. p. 10-17.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão*. São Paulo: Hucitec, 2007.
- DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. “O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios”. *Horizontes antropológicos*, v. 19, p. 19-63, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/qHQfBXnjGPgWc4VrbTDcBJs/>. Acesso em 15 mar. 2016.
- DAMO, Arlei Sander. “Vai ter Copa no Brasil”. *Novos Debates: fórum de debates em antropologia*. v. 1, n. 2, julho/2014a. Disponível em [http://abant2.hospedagemdesites.ws/novos\\_debates/numeros-anteriores-2/](http://abant2.hospedagemdesites.ws/novos_debates/numeros-anteriores-2/). Acesso em 29 mar 2020.
- DAMO, Arlei Sander. “Del opio de los pueblos a la Antropología de lo Obvio: lectura crítica de los escritos de Roberto DaMatta sobre futbol”. *Lúdicamente*, v. 3, n. 6, 2014b. p. 1-12. Disponível em <https://publicaciones sociales.uba.ar/index.php/ludicamente/article/view/4262>. Acesso em 10 set. 2023.
- DAMO, Arlei Sander. “Futebóis - da horizontalização epistemológica à diversidade política”. *FuLiA/UFMG*, v. 3, n. 3, set.-dez. 2018. p. 33-66. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/15211/1125612315>. Acesso em 28 mar 2020.
- DAMO, Arlei Sander. “Futebóis e palavras”. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis (Org.). *Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2023.
- DAVIDSON, Jayne. The necessity of queer shame for gay pride: the gay games and cultural events. In: Caudwell, J. (Ed.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge, 2006. p. 90-105.
- DIÁRIO de Campo *Floripa Diversity Games*, 10/09/2008. 36 p.
- DIÁRIO de Campo, *Evento Museu LGBT*, 30/06/2017. 36 p.
- DIÁRIO de Campo. *Evento Pacaembu*, agosto 2017. 48 p.
- DIÁRIO de Campo, *1ª Champions LiGay*, novembro 2017. 36 p.
- DIÁRIO de Campo, *3ª Champions LiGay*, out./nov. 2018. 48 p.
- DIÁRIO de Campo, *5ª Champions LiGay*, novembro 2019. 48 p.
- DIÁRIO de Campo, *7ª Champions LiGay*, novembro 2023. 48 p.
- DIAS, Luciene de Oliveira; GOMES JR., Lázaro Moreira. “Margaridas e as masculinidades no futebol”. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 13, p. 233-246, 2020. Disponível em

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/35345/21734>. Acesso em 02 jan. 2024.

*Diversidade & inclusão no esporte: estudos sobre as conquistas e os desafios da comunidade LGBTQIA+ no Brasil*. São Paulo: NIX Diversidade e Economia Social, 2022. Disponível em [https://nixdiversidade.org/wp-content/uploads/2023/06/230623\\_NikeNix\\_estudo-LGBTQIAano-esporte-edicao2-KS2.pdf](https://nixdiversidade.org/wp-content/uploads/2023/06/230623_NikeNix_estudo-LGBTQIAano-esporte-edicao2-KS2.pdf). Acesso em 28 mar. 2023.

DURHAM, E. R. *A dinâmica da cultura: ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1987.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação: esporte e lazer no processo civilizador*. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

ENTREVISTA SIMONI LAHUD GUEDES PARTE II. São Paulo: Equipe Ludopédio, v. 8, n. 10. 22/5/2013. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/entrevista/simoni-lahud-guedes-parte-2/>. Acesso em 20 fev. 2024.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres,(homo) sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/427789>. Acesso em 05 de nov. 2019.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares. Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Tradução Paula Siqueira. Revisão Tânia Lima. *Mimeo*. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/3476/serafetado.pdf?sequ>. Acesso em 15 ago. 2020.

FERNANDEZ, Florencia J.; LEGUIZA, Fernando Miguel F.; MENDES-BELMONTE, Maurício. “Futebol participativo: da ideia ao campo”. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis (Org.). *Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2023. p. 389-399.

FERREIRA, Noah Kyon B. C.; GARCIA, Rafael Marques. “Homens trans no esporte: o futebol como ferramenta de inclusão social”. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 37-47, jan./abr. 2023. Disponível em <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/3539/2031>. Acesso em 15 dez. 2023.

FLEISCHER, Soraya; BONNETTI, Aline (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

FONTANELLE, André. “Aprovada em 2001, Lei Piva acabou com carência de dinheiro no esporte olímpico”. *Agência Senado/Senado Notícias*. 01/08/2016. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/08/01/aprovada-em-2001-lei-piva-acabou-com-carencia-de-dinheiro-no-esporte-olimpico>. Acesso em 03 fev. 2024.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 7ª. ed. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

- FURTADO, Tatiana. “Rio recebe primeiro campeonato brasileiro apenas com homossexuais”. *O Globo* (online), 19/11/2017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/esportes/rio-recebe-primeiro-campeonato-brasileiro-apenas-com-homossexuais-22085485#:~:text=Enquanto%20isso%2C%20desfila%20seu%20talento,25%2C%20na%20Barras%20da%20Tijuca>. Acesso em 05 jan. 2018.
- GAMBETA, Wilson. *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol*. 1895-1916. São Paulo: SESI-SP Ed., 2015.
- GAMMARO, Victor. “Champions Ligay: Rio recebe o primeiro campeonato brasileiro gay de futebol”. *Correio Braziliense*, 25 nov. 2017. Disponível em <https://bit.ly/2D8Zz1I>. Acesso em 03 jan. 2018.
- GASTALDO, Édison Luis *et al.* “Futebol, mídia e sociabilidade: uma experiência etnográfica”. *Cadernos iHU ideias*, v. 43, p. 1-20, 2005. Disponível em <https://comunicacaoesporte.com/wp-content/uploads/2010/10/futebol-midia-e-sociabilidade-uma-experiencia-etnografica1.pdf>. Acesso em 13 jan. 2024.
- GASTALDO, Édison. “Dossier DaMatta: Roberto DaMatta y el universo de la Antropología del fútbol en Brasil”. Buenos Aires, *Lúdicamente*, v. 3, n. 6, 2014. p. 1-3. Disponível em <https://publicaciones sociales.uba.ar/index.php/ludicamente/article/view/4262>. Acesso em 10 set. 2023.
- GEERTZ, Clifford; CARDÍN, Alberto. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós, 1989.
- GHAZIANI, Amin. *Sex cultures*. Cambridge/Malden: Polity Press, 2017.
- GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Kátia. “Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 27, p. 387-400, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/cRC6wZ8XFCbKv3wzKK87zwz/#>. Acesso em 16 out. 2022.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. “A produção cultural do corpo”. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 28-40.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 19(2), 2005. p. 143-151. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>. Acesso em 11 fev. 2020.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. “Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades”. *Tempo*, v. 19, p. 45-52, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tem/a/vbn6CksZ5vyDDpKrCZPwMhS/?lang=pt&format=html>. Acesso em 13 fev. 2021.
- GONZALES, Bernardo. “O lixo vai falar e numa boa”. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis (Org.). *Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2023. p. 273-292.
- GRIFFIN, Pat. “The culture of the closet: identity-management strategies of lesbian college coaches and athletes”. In: GRIFFIN, Pat. *Strong Women, Deep Closets: Lesbian and Homophobia in Sports* Massachusetts: Human Kinetics, 1988. p. 133-156.
- GUTTMANN, Allen. *From ritual to record: The nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 2004.

- HALBERSTAM, Jack. “Una introducción a la masculinidad femenina”. *Masculinidad sin hombres*. In: *Masculinidad femenina*. Trad. Javier Sáez. Madrid: Egales, 2008. p. 23-66.
- HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.
- HISTÓRICO DA FEDERAÇÃO. Federação Paulista de Futebol 7 Society, 2012. Disponível em <http://www.fpfs.com.br/detalhe.asp?id=52>. Acesso em 02 mar 2021.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- JESUS, Diego Santos Vieira. “‘Futebol é coisa para mano, mana e mona’? A LiGay Nacional de Futebol Society”. *Periódicus*. n. 10, v. 1, 2019. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/26521/17159>. Acesso em 13 abr 2020.
- KAPLAN, David; MANNERS, Robert A. *Teoria da Cultura*. Trad. Zilda Kacelnik. Revisão Técnica Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1975.
- KESSLER, Cláudia S. *Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/131770/000980499.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 23 jan. 2024.
- KESSLER, Cláudia S. (org.). “Futebol ou futebóis: é plural ou singular?”. In: *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016. p. 21-41.
- KIMMEL, Michael. “Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero”. *Revista Equatorial*, v. 3, n. 4, 2016. p. 97-124. Disponível em <https://periodicos.ufm.br/equatorial/article/view/14910/pdf>. Acesso em 11 jan. 2024.
- LEVINE, Martin P. ‘It’s raining men: the Sociology of Gay Masculinity’. In: Levine, M. P. *Gay macho: the life and death of homosexual clone*. New York: New York University, 1998. p. 10-29.
- LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; DE FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 29, n. 2, p. e181821-e181821, 2020.
- LOURO, Guacira Louro. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1ª ed./1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- LUDGÉRIO, Mohammad. “Futebol: o reencontro de mim mesmo”. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis (Org.). *Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2023. p. 311-314.
- MAGNANI, José Guilherme C. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 jan. 2024.
- MAGNANI, José Guilherme C. “Etnografia como prática e experiência”. *Horizontes antropológicos* v. 15, n. 32, 2009. p. 129-156. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/6PHBfP5G566PSHLvt4zqv9j/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 jan. 2024.
- MANDELBROT, Benoît B. *The fractal geometry of nature*. New York: W. H. Freeman, 1983.

MANDELBROT, Benoît B. “Fractal and the rebirth of interation theory”. In: PEITGEN, Heinz-Otto; RICHTER, Peter H. (Eds.). *The beauty of fractal: images of complex dynamical systems*. Berlin/Heidelberg: Springer-Verlag, 1986. p. 151-160.

MANDELBROT, Benoît B. *La geometría fractal de la naturaleza*. 2.ed. Barcelona: Tusquets, 2003.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. “Etnografia on e off-line: cybercafés em Trinidad”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n.21, p.41-65, 2004.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MISKOLCI, Richard. “O Segredo de Brokeback Mountain ou o amor que ainda não diz seu nome”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 561-564, maio/ago. 2006. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v14n02/v14n02a20.pdf>. Acesso em 11 jan. 2024.

MISKOLCI, Richard. “O Armário Ampliado - notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet”. *Revista Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2: p. 171-190, jan./jun. 2009.

OGAWA, Scott. “100 missing men: participation, selection, and silence of gay athletes”. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric. (Eds.). *Routledge handbook of sport, gender and sexuality*. London/New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2016. p. 291-299.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. “Origem do futebol na Inglaterra no Brasil.” *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 4, n. 13, p. 170-174, set./dez. 2012. Disponível em <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/154/139>. Acesso em 20 dez 2023.

PAMPLONA, Roberta S.; BARROS, Betina W. “As masculinidades à brasileira: um balanço das produções sobre o tema nos periódicos científicos”. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB*, São Paulo, n. 95, p.1-20, 2021. Disponível em <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/115/108>. Acesos em 13 jan. 2024.

PEIRANO, Mariza. “Etnografia não é método”. *Horizontes Antropológicos*, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>>, acesso em 24 Jan. 2019.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEITGEN, Heinz-Otto; JÜRGENS, Hartmut; SAUPE, Dietmar. (Eds.). “Classical fractals and self-similarity”. In: *Chaos and Fractals – new frontiers of science*. 2<sup>nd</sup> ed. Bremen: Springer, 2004. p. 61-128.

PEREIRA, Ana Carolina B. “Teorizando o tempo fractal: um diálogo entre Teoria da História, Antropologia e a teoria dos fractais”. *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH)*, v. 24, 2011. p. 1-10. Disponível em [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/58868865/teorizando\\_o\\_tempo\\_fractal20190411-64810-6zpey2-libre.pdf?1555037681=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DTeorizando\\_o\\_tempo\\_fractal.pdf&Expires=1705344685&Signature=U3d-szqx-SMVPProvV3ifoZN~cN~gr62yA2RRio9-zyU9Z4kKRQKmrXpK1WpMJZdCTYKIE4OobFZxmRyu7Uu~jJZp37cNMRLD98otIHJoAXRXCHI9vapUiNXxLhe7nCS556jYqoRiLaOLtLqVMK3SR39NL6~lNifhzm9kKpfSUEygm6YoU7U94KDBY7H06SAvTF6pr1Vxy4veSiJ~CAbsZ33Mp41xU8AWF2SQPG4lFiCfImPaVzgagI9UX55zE819aKtDq1jZbBbKbIfQx0Y8tbAHXtJLwHK0dtB-RGsIKTErA0~XRkZJS5tRvTxs---ZlJSr9QThrjQGVjoOe8gw\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/58868865/teorizando_o_tempo_fractal20190411-64810-6zpey2-libre.pdf?1555037681=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DTeorizando_o_tempo_fractal.pdf&Expires=1705344685&Signature=U3d-szqx-SMVPProvV3ifoZN~cN~gr62yA2RRio9-zyU9Z4kKRQKmrXpK1WpMJZdCTYKIE4OobFZxmRyu7Uu~jJZp37cNMRLD98otIHJoAXRXCHI9vapUiNXxLhe7nCS556jYqoRiLaOLtLqVMK3SR39NL6~lNifhzm9kKpfSUEygm6YoU7U94KDBY7H06SAvTF6pr1Vxy4veSiJ~CAbsZ33Mp41xU8AWF2SQPG4lFiCfImPaVzgagI9UX55zE819aKtDq1jZbBbKbIfQx0Y8tbAHXtJLwHK0dtB-RGsIKTErA0~XRkZJS5tRvTxs---ZlJSr9QThrjQGVjoOe8gw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em 30 ago. 2023.

PINTO, Maurício Rodrigues. “Futebol, disputas sexuais e o orgulho LGBTQI+”. *Ludopédio*, São Paulo, v. 132, n. 64, 2020. Disponível em <https://ludopedio.org.br/arquibancada/futebol-disputas-sexuais-e-o-orgulho-lgbtqi/>. Acesso em 21 fev. 2022.

PINTO, Maurício Rodrigues; MARTINS, Raphael Henrique; ALMEIDA, Heloisa Buarque de. “Meninos Bons de Bola: gênero, transmasculinidades e demarcação de espaços no campo futebolístico”. *Anais do X Congresso Internacional de Diversidade Sexual, Étnico-Racial e de Gênero*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2021. p. 1223-1240.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. “Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico”. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. 2, e79331, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/pv3nPKDzSztWrTcfP9pJbgv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 jan. 2024.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

QUITZAU, Evelise Amgarten. *Educação do corpo e vida associativa: as sociedades ginásticas alemãs em São Paulo (fins do século XIX, primeiras décadas do século XX)*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

RÉGIS, Dóris; DONA, Ligia. “Diversidade em campo: futebol LGBTQIAP+”. In: Centro de Referência do Futebol Brasileiro (Org.). *Corpos e campos plurais: a diversidade no futebol*. São Paulo: ID Brasil Cultura; Educação e Esporte, 2022. p. 19-31.

RIAL, Carmen Silvia. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/syLR3VK3QkmbTK8xJJtjpw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 jan. 2024.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Raphael Rajão. “Futebol amador: história, memória e patrimonialização”. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. p. 1-17. Disponível em [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502747265\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH2017-RaphaelRajao.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502747265_ARQUIVO_ArtigoANPUH2017-RaphaelRajao.pdf). Acesso em 19 out. 2022.

SÁEZ, Oscar Calavia. *O nome e o tempo dos Yaminawa: etnologia e história dos Yaminawa do rio Acre*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza et. al. (Orgs.). *Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica*. São Paulo: Terceiro Nome/Editora Gramma, 2018.

SANTANA, Bruno. “Pensando as transmasculinidades negras”. In: SOUZA, Henrique R. da Costa; SOUZA, Rolf Malundo (org.). *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Introdução”. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente – um ‘discurso sobre as ciências’ revisitado*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 17-56.

SARDENBERG, Cecília Maria B. “Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista”. *Mimeo*, 2012. Disponível em

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>. Acesso em 12 dez. 2023.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. “A epistemologia do armário”. *Cadernos PAGU* Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/>. Acesso em 16 dez. 2023.

SEIDMAN, Steven. *Beyond the closet: the transformation of gay and lesbian life* New York: Routledge, 2004.

SILVA, Daiane Mendes Machado. “Entre o *ethos* aristocrático e o associativismo: futebol amador e competência esportiva na cidade de São Paulo (1920-1930)”. *História UNISINOS*, vol. 19, n. 3, 2015. p. 292-302. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/5798/579866787004.pdf>. Acesso em 11 nov. 2023.

SILVA, Joanna Lessa. “Futebol: amadorismo em tempos de profissionalismo”. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 42, n. 1, p. 64-76, jan./jan. 2011. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8437014>. Acesso em 11 nov. 2023.

SILVA, Marcelino Rodrigues. “Picadinho de raposa com sopa de galão”. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da (Orgs.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 67-90.

SILVESTREIN, Julian Pegoraro; VAZ, Alexandre Fernandez. “Transmasculinidades no esporte: entre corpos e práticas dissonantes”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, e79366, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/6FNtVTcZdTrR6nvTjznKkBR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05 jan. 2024.

SILVESTREIN, Julian Pegoraro; VAZ, Alexandre Fernandez. “Meninos Bons de Bola: transmasculinidades em quadra”. *CSONLINE (UFJF)*, v. 1, p. 153-167, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30498>. Acesso em 05 jan. 2024.

SOUZA, Renan B. *et al.* “Do jogo ao esporte: notas sobre o futebol Society”. *Revista Carioca de Educação Física*, v. 13, n. 1, 2018. p. 112-116.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis (Org.). *Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2023.

SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo; GIGLIO, Sérgio Settani. “Por uma (nova) agenda de pesquisa sobre práticas esportivas”. In: *Entre Jogos e Copas: reflexões de uma década esportiva*. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2016.

SPARKES, Andrew. C.; PARTINGTON, Elizabeth; BROWN, David. H. K. “Bodies as bearers of value: the transmission of jock culture via the ‘Twelve Commandments’”. *Sport, Education and Society*, 12(3), 2007. p. 295–316. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13573320701464150?needAccess=true>. Acesso em 12 out. 2023.

SYMONS, Caroline. *The Gay Games: a history*. New York: Routledge, 2010.

TACCA, Fernando. “Fotografia e cinema: intertextualidades”. *Studium*, n. 27, p. 35-64, 2008. Disponível em <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12345/7629>. Acesso em 10 set. 2023.

TEDLOCK, B. “From participant observation to the observation of participation: the emergence of narrative ethnography”. *Journal of Anthropological Research*, v. 47, n. 1, p. 69-94, 1991. Disponível em <https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1086/jar.47.1.3630581>. Acesso em 11 mar. 2022.

TERRA, Vinícius Demarchi S.; PISANI, Rafael. “Esporte moderno e educação burguesa: imagens do caráter esportivo no filme Carruagens de Fogo”. *RECORDE – Revista Brasileira de História do Esporte*. V. 2, N. 1, junho de 2009. p. 1-29. Disponível em [https://www.researchgate.net/profile/Vinicius-Terra/publication/28300646\\_Esporte\\_moderno\\_e\\_educacao\\_burguesa\\_imagens\\_do\\_carater\\_e\\_sportivo\\_no\\_filme\\_carruagens\\_de\\_fogo/links/54a155260cf256bf8baf67cb/Esporte-moderno-e-educacao-burguesa-imagens-do-carater-esportivo-no-filme-carruagens-de-fogo.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Vinicius-Terra/publication/28300646_Esporte_moderno_e_educacao_burguesa_imagens_do_carater_e_sportivo_no_filme_carruagens_de_fogo/links/54a155260cf256bf8baf67cb/Esporte-moderno-e-educacao-burguesa-imagens-do-carater-esportivo-no-filme-carruagens-de-fogo.pdf). Acesso em 03 jan. 2024.

TICIANELLI, Giovanna Garcia. *Corrida de rua e mulheres: corpos percorrendo uma revista e as ruas*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas. Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Futebol e Teoria Social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002)”. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica - BIB*, São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001. Disponível em <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/241/232>. Acesso em 29 dez. 2023.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “O espetáculo de um show: experiência multiesportiva na televisão brasileira – o caso do Show do Esporte da TV da Bandeirantes”. In: TOLEDO, Luiz Henrique de, SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia dos; HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). *Olho no Lance. Ensaios sobre esporte e televisão*. Rio de Janeiro: Ed. Sete Letras, 2013a, v. 1, p. 99-119.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora”. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), v. 1, p. 149-184, 2013b. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/7Xb4gdZFLrz7GSjCWfSjmbb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05 jan. 2024.

TOLEDO, Luiz Henrique de; CAMARGO, Wagner Xavier de. “Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol”. *FuLiA /UFMG*. v. 3, p. 93-107, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14646/11843>. Acesso em 02 jan. 2024.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no Futebol: releituras*. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

VAROTTO, Nathan R.; GRIFONI, Tiago; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. “Futebol callejeiro: processos educativos emergentes de uma metodologia de educação popular”. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis (Org.). *Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2023. p. 331-349.

VAZ, Alexandre Fernandez. “DaMatta: o futebol como drama e mitologia”. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo Figueiredo. *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 139-164.

VAZ, Alexandre Fernandez; SILVESTRIN, Juliano Pegoraro; CAMARGO, Wagner Xavier; SILVA, Keo. “De Bruce a Caitlyn Jenner: esporte, celebridade, transgeneridade”. *Revista Gênero*, v. 21, n. 1, p. 167-189, 2020.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. *O futebol das bichas e dos manos: manifestação de gênero e reflexividade na formação de times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2023.

VOGEL, Carlos Guilherme. “Close certo na telona: o futebol gay e os festivais de cinema como elementos na luta contra a homofobia”. *Rebeca-Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, v. 11, n. 1, p. 93-119, 2022. Disponível em <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/786/504>. Acesso em 20 nov. 2023.

VOGEL, Carlos Guilherme. “BeesCats Soccer Boys: a luta contra a homofobia entra em campo”. *Esporte e Sociedade*, n. 32, 2021. p. 1-16. Disponível em <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/49486/28780>. Acesso em 20 nov. 2023.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.